

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PÂMELLA ALVES PEREIRA

**NÃO em formações nominais no português:
morfologização e gramaticalização**

Belo Horizonte

2012

PÂMELLA ALVES PEREIRA

**NÃO em formações nominais no português:
morfologização e gramaticalização**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística – B

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Viegas

Belo Horizonte
Faculdade de Letras - UFMG
2012

**NÃO em formações nominais no português:
morfologização e gramaticalização**

Pâmella Alves Pereira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Viegas

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada por:

Prof^a Dr^a Maria do Carmo Viegas (orientadora)

Prof^a Dr^a Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim (UFOP)

Prof^o Dr^o José da Silva Simões (USP)

.Prof^o Dr^o Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG)

Prof^o Dr^o César Nardelli Cambraia (UFMG)

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2012

Para meus queridos pais

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Maria do Carmo Viegas, pela confiança depositada em mim desde minha primeira tentativa em iniciar uma pesquisa de doutorado em uma instituição diferente daquela onde fiz a graduação e concluí o mestrado. Agradeço pela forma atenciosa e paciente com que me conduziu nesse percurso longo e trabalhoso. Agradeço por tudo que aprendi sobre análise linguística, sobre rigor e sobre autonomia.

Aos professores Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim, José da Silva Simões, Lorenzo Teixeira Vitral e César Nardelli Cambraia, por gentilmente aceitarem compor a banca que avaliou esta tese.

À professora Sueli Coelho, pela disponibilidade e boa vontade. Agradeço pelas excelentes contribuições que deu a este trabalho.

Aos professores Lorenzo Teixeira Vitral e Maria Luiza Braga que se dispuseram a participar da banca de meu exame de qualificação. Todas as considerações e sugestões apresentadas foram muito enriquecedoras.

Aos professores Jânia Ramos, Maria Antonieta Cohen, Evelyne Dogliani e Seung Hwa Lee pelos conhecimentos transmitidos.

Ao meu irmão Rodolfo, por ter feito, pacientemente, o programa para a aplicação de um dos testes realizados nesta pesquisa.

A todos que me ajudaram na busca de informantes para a realização dos testes aplicados na cidade do Rio de Janeiro.

Aos informantes, sem os quais parte deste trabalho não teria sido possível.

Aos meus primos, tios, amigos e à minha querida avó Maria, pelo apoio e carinho demonstrados.

Aos meus irmãos, Leonardo e Rodolfo, por serem meus grandes e melhores amigos e por torcerem por mim em cada uma das minhas conquistas.

Ao meu esposo Fabio, por ter se feito presente em momentos importantes da minha vida, em especial, durante toda a realização do doutorado. Agradeço pelas noites em que ficou acordado, acompanhando meu desespero, pela preocupação, pelo interesse, pelo carinho, pelas concessões. Agradeço por ter comemorado comigo cada uma de minhas conquistas como se fossem suas e por continuar caminhando comigo em busca de novas comemorações.

Aos meus pais, pelo apoio demonstrado em todos os sentidos para a conclusão deste trabalho. Agradeço pela educação que me deram, pelo amor incondicional, por todo esforço que fizeram para que meu sonho do doutorado tenha se tornado realidade.

RESUMO

Esta tese analisa o NÃO anteposto a nomes no português. NÃO seria um prefixo? Ou parte de um composto? Para respondermos essas perguntas, consideramos os pressupostos da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982) e postulamos, inicialmente, outra questão: as formações com NÃO (**não + nome**) estariam localizadas no nível morfológico ou no nível pós-lexical (componente sintático)? Silva e Miotto (2009) propõem que as formações **não + nome** seriam sintaticamente transparentes, isto é, aceitariam a concordância negativa e, por isso, o NÃO não poderia ser um prefixo nem membro de um composto, pois essas formações atuariam no nível pós-lexical. Fizemos uma coleta no *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006-) e constituímos um *corpus* com dados do século XIV ao XX. Constatamos que as formações com NÃO mostraram-se mais produtivas no século XX, e os casos de **não + substantivo** foram os que tiveram aumento mais significativo nesse século. Realizamos testes envolvendo as formações com NÃO e a concordância negativa que nos mostraram serem mais transparentes as estruturas com participio, e mais opacas algumas formações com substantivo. Fizemos, então, uma coleta na base de dados *Google* de estruturas **não + substantivo deverbal** e observamos que o tipo de nominalização interfere no uso da concordância negativa. Assim, detectamos dois tipos de estrutura: uma mais opaca, localizada no nível morfológico, em que o NÃO constituiria um prefixo composicional (SCHWINDT, 2000), e outra mais transparente que estaria no nível pós-lexical. Entendemos que as formações mais opacas podem ser consideradas um processo de morfologização que não implica necessariamente em gramaticalização. Analisamos, ainda, a expressão NÃO OBSTANTE separadamente, considerando a hipótese de que tal construção teria passado por um processo de gramaticalização no português, conforme Hopper e Traugott (1993). Na análise do NÃO OBSTANTE em diferentes épocas da língua, encontramos evidências das etapas da gramaticalização da construção, constituída, inicialmente, por um elemento de negação mais o participio presente do verbo OBSTAR e, depois, reanalisada como locução conjuntiva concessiva, selecionando exclusivamente verbos no subjuntivo. Utilizamos os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972) para a análise da competição entre o NÃO OBSTANTE em função mais gramatical e o item EMBORA desempenhando essa mesma função. Foi possível observar que a variação entre tais estruturas interferiu no processo de gramaticalização do NÃO OBSTANTE. Concluímos, considerando várias épocas, que existem dois processos atuando nas formações **não + nome** no português: morfologização e gramaticalização.

Palavras-chave: não + nome; morfologização; NÃO OBSTANTE; gramaticalização

ABSTRACT

This thesis analyzes the word *NÃO* (“non/not”) prepended to names in Portuguese. Would the word *NÃO* be a prefix? Or would this word be a member of a compound? To answer these questions, we consider the assumptions of Lexical Morphology and Phonology (KIPARSKY, 1982) and propose another question: would formations with the word *NÃO* (**não + nominal**) be located on a morphological level or post-lexical level (syntactic component)? Silva & Mito (2009) propose that formations like **não + nominal** would be syntactically transparent; that is, this type of formation accepts negative agreement and, therefore, the word *NÃO* could not be a prefix or a member of a compound, since these formations would act at the post-lexical level. We collected data on the *Corpus do Português* website by Davies & Ferreira (2006-), and formed a *corpus* with data from the fourteenth century to the twentieth. We found that formations with the word *NÃO* were more productive in the twentieth century, and the cases of **NÃO + noun** were increase in this century. We conducted tests involving the formations with the word *NÃO* and negative agreement, and these tests showed us that the structures with participle are more transparent, and certain structures with noun are more opaque. After that, we collected at the Google database formations like **não + noun** and observed that the type of nominalization interfere with the use of negative agreement. Thus, we detected two types of structure: one is more opaque, located on the morphological level, where the word *NÃO* constitute a compositional prefix (SCHWINDT, 2000), and another that is more transparent and it would be at the post-lexical level. We understand that more opaque formations can be considered a process of morphologization that does not imply in grammaticalization. We realized also the structure *NÃO OBSTANTE* (“although”) separately, considering the hypothesis that such a construction would have gone through a process of grammaticalization in Portuguese, like Hopper and Traugott (1993). In the analysis of *NÃO OBSTANTE* in different periods of time, we found evidence of grammaticalization stages of the construction *NÃO OBSTANTE*, initially formed by a negation particle plus the present participle of the verb *OBSTAR*, and then re-analyzed as concessive conjunctive expression, selecting only verbs in the subjunctive. We used the theoretical assumptions of the Theory of Variation and Change (LABOV, 1972) for the analysis of competition between *NÃO OBSTANTE* in more grammatical function and the item *EMBORA* performing the same function. It was observed that the variation between these structures interfered with the process of grammaticalization of *NÃO OBSTANTE*. We conclude by considering several times that there are two processes acting in formations like **não + nominal** in Portuguese.

Key words: não + noun; morphologization; NÃO OBSTANTE; grammaticalization

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	Sintaxe de consulta no <i>Corpus do Português</i> (Davies e Ferreira, 2006-) -----	88
FIGURA 2:	Busca do lema [não] no <i>Corpus do Português</i> (Davies e Ferreira, 2006-) -----	90
FIGURA 3:	Sintaxe de consulta das formações com NÃO com hífen no <i>Corpus do Português</i> (Davies e Ferreira, 2006-) -----	91
FIGURA 4:	Formulário de cadastro do programa para aplicação do teste de aceitabilidade -----	159
FIGURA 5:	Código para futuro acesso ao programa do teste de aceitabilidade -----	159
FIGURA 6:	Instruções do teste de aceitabilidade -----	160
FIGURA 7:	Avaliação da frase no programa do teste de aceitabilidade -----	161
FIGURA 8:	Tela inicial das atividades sobre as frases avaliadas no programa do teste de aceitabilidade -----	163
FIGURA 9:	Atividade de interpretação da frase avaliada como aceitável ---	164
FIGURA 10:	Atividade de interpretação da frase avaliada com não aceitável	165

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	Trajectoria do NÃO referente a nomes na história do português	103
GRÁFICO 2:	Trajectoria de não + particípio, não + adjetivo e não + substantivo , considerando a frequência ponderada em 10.000.000 de palavras.	105
GRÁFICO 3:	Percurso de NÃO OBSTANTE concessivo e adversativo ao longo da história da língua	230
GRÁFICO 4:	Percurso de NÃO OBSTANTE seguido por um SN simples ao longo da história do português	233
GRÁFICO 5:	Percurso de NÃO OBSTANTE seguido por oração (sem o elemento QUE) com verbo no infinitivo ao longo da história da língua	235
GRÁFICO 6:	Percurso de NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE ao longo da história da língua	236
GRÁFICO 7:	Percurso de NÃO OBSTANTE seguido por oração (sem o elemento QUE) com verbo no modo subjuntivo ao longo da história da língua	239
GRÁFICO 8:	Percurso de NÃO OBSTANTE em posição destacada, com possível mobilidade na sentença, ao longo da história da língua	241
GRÁFICO 9:	Ocorrências do item APESAR DE ao longo da história do português	253
GRÁFICO 10:	Ocorrências do item NO ENTANTO ao longo da história do português	254

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1:	Aplicação dos traços que definem alguns candidatos a prefixos. Extraído de SILVA & MIOTO (2009, p.10)	26
QUADRO 2:	Exemplos de itens lexicais e seus processos de antonímia (Adaptado de Campos,2002	40
QUADRO 3:	Correlação de parâmetros da gramaticalização (adaptado de Lehmann, 1995 [1982], p. 164)	57
QUADRO 4:	Formas lexicais e formas gramaticais: quadro comparativo ...	61
QUADRO 5:	Divisão e classificação dos prefixos conforme análise de Schwindt, 2000	78
QUADRO 6:	Banco de Dados do <i>Corpus do Português</i> (Davies e Ferreira, 2006-)	86
QUADRO 7:	Sufixos presentes no substantivo da formação não + substantivo no <i>Corpus do Português</i>	116
QUADRO 8:	Tipos de formação não + substantivo	122
QUADRO 9:	Gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes	141
QUADRO 10:	Ordem das frases do teste de aceitabilidade	162
QUADRO 11:	Esquema do critério semântico para análise da expressão NÃO OBSTANTE	213
QUADRO 12:	Esquema do critério sintático relacionado ao critério semântico para análise da expressão NÃO OBSTANTE.....	218

LISTA DE TABELAS

TABELA 1:	Total de palavras do <i>corpus</i> apresentado no banco de dados e o total com alteração, considerado na análise	101
TABELA 2:	Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes em relação ao número total de palavras em cada século	102
TABELA 3:	Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes em 10.000.000 de palavras	103
TABELA 4:	Ponderação da frequência de não + particípio, não + adjetivo e não + substantivo em 10.000.000 de palavras ...	105
TABELA 5:	não + particípio e não + adjetivo em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	106
TABELA 6:	não + particípio e não + substantivo em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	107
TABELA 7:	não + adjetivo e não + substantivo em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	108
TABELA 8:	Ponderação da frequência de não + substantivo , considerando a estrutura do substantivo em 10.000.000 de palavras	117
TABELA 9:	Ponderação da frequência de não + substantivo deverbal e não + substantivo não deverbal em 10.000.000 de palavras	118
TABELA 10:	não + substantivo deverbal e não + substantivo não deverbal: teste <i>qui-quadrado</i>	119
TABELA 11:	Ponderação da frequência de não + substantivo considerando o tipo de verbo entre o NÃO e o substantivo deverbal e entre o substantivo não deverbal	123
TABELA 12:	Ponderação da frequência de não + substantivo considerando o tipo de verbo entre o NÃO e o substantivo	124
TABELA 13:	não + substantivo com verbos SER/ESTAR elípticos e não + substantivo com verbo Haver elíptico: teste <i>qui-quadrado</i> ...	125
TABELA 14:	Ponderação da frequência de não + nome nem e de não + nome + preposição + nenhum/ninguém em 10.000.000 de palavras	127
TABELA 15:	Ponderação da frequência de não + nome nem , considerando a classe gramatical do nome, em 10.000.000	

	de palavras	128
TABELA 16:	Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes, considerando, separadamente, os casos com e sem hífen, em 10.000.000 de palavras	130
TABELA 17:	NÃO referente a nomes considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	131
TABELA 18:	Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes, considerando, separadamente, os casos com e sem hífen e a classe gramatical do nome a que o NÃO antepõe-se	133
TABELA 19:	Estrutura não + particípio considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	134
TABELA 20:	Estrutura não + adjetivo considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	134
TABELA 21:	Estrutura não + substantivo considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	135
TABELA 22:	Ponderação da frequência dos casos com e sem hífen das formações não + substantivo considerando o tipo de verbo que estaria elíptico entre o NÃO e o substantivo	136
TABELA 23:	Estrutura não + substantivo com verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e o substantivo considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	136
TABELA 24:	Estrutura não + substantivo com verbo Haver elíptico entre o NÃO e o substantivo considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	137
TABELA 25:	Resultado do teste de comandos	167
TABELA 26:	Resultado do teste de comandos considerando o gênero dos informantes	171
TABELA 27:	Resultado do teste de comandos considerando a faixa etária dos informantes	172
TABELA 28:	Resultado do teste de comandos considerando a escolaridade dos informantes	174
TABELA 29:	Resultado do teste de avaliação e interpretação de frases	175

TABELA 30:	Resultado do teste de avaliação e interpretação de frases considerando o gênero dos informantes	178
TABELA 31:	Resultado do teste de avaliação e interpretação de frases considerando a faixa etária dos informantes	180
TABELA 32:	Resultado do teste de avaliação e interpretação de frases considerando a escolaridade dos informantes	182
TABELA 33:	Ocorrências de não + substantivo + de e não + substantivo + de nenhum(a)	195
TABELA 34:	Concordância negativa em relação às nominalizações com <i>-mento, -ura</i> e derivação regressiva – teste <i>qui-quadrado</i>	196
TABELA 35:	Concordância negativa em relação às nominalizações com <i>-ção, -ura</i> e derivação regressiva – teste <i>qui-quadrado</i>	196
TABELA 36:	Ocorrências de não + (verbo) + nenhum(a)	198
TABELA 37:	Frequência de ocorrência da expressão NÃO OBSTANTE ao longo dos séculos XV ao XX	210
TABELA 38:	Ponderação da frequência de NÃO OBSTANTE em 10.000.000 de palavras	211
TABELA 39:	Ponderação da frequência de NÃO OBSTANTE concessivo e adversativo em 10.000.000 de palavras	229
TABELA 40:	Comparação das ocorrências de NÃO OBSTANTE concessivo e adversativo ao longo dos séculos	229
TABELA 41:	Ponderação da frequência de NÃO OBSTANTE em 10.000.000 palavras considerando aspectos sintáticos	232
TABELA 42:	Ponderação da frequência de NÃO OBSTANTE f.Lex+ e f.Lex- em 10.000.000 de palavras	247
TABELA 43:	NÃO OBSTANTE em f.Lex+ e f.Lex-. valor ponderado em 10.000.000 de palavras –teste <i>qui-quadrado</i>	248
TABELA 44:	Ponderação da frequência de NÃO OBSTANTE f.Lex- e o item EMBORA em 10.000.000 de palavras	250
TABELA 45:	NÃO OBSTANTE em f.Lex- e o item EMBORA. Valor ponderado em 10.000.000 de palavras – teste <i>qui-quadrado</i>	250
TABELA 46:	Frequência ponderada de NÃO OBSTANTE com sentido de apesar de e da expressão APESAR DE em 10.000.000 de palavras	253
TABELA 47:	NÃO OBSTANTE com sentido de apesar de e o item APESAR DE.	254

Valor ponderado em 10.000.000 de palavras. – teste *qui-quadrado*

TABELA 48:	Frequência ponderada de NÃO OBSTANTE com sentido de no entanto e da expressão NO ENTANTO em 10.000.000 de palavras	255
TABELA 49:	NÃO OBSTANTE com sentido de no entanto e o item NO ENTANTO. Valor ponderado em 10.000.000 de palavras. – teste <i>qui-quadrado</i>	255

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	PROBLEMATIZAÇÃO	24
2.1	Impasse na definição de prefixo	26
2.1.1	Base e afixo	29
2.1.2	A questão da produtividade	31
2.1.3	A questão prosódica	32
2.2	Formações com o elemento NÃO	34
2.2.1	Frequência das formações com NÃO	34
2.2.2	Polissemia das formações com NÃO	36
2.2.3	Gramaticalização do NÃO	37
2.2.3.1	NÃO como clítico	38
2.2.3.2	NÃO como prefixo	39
2.3	Considerações finais	45
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	50
3.1	Gramaticalização	50
3.1.1	Breve histórico	51
3.1.2	Conceito	52
3.1.3	Princípios de gramaticalização	54
3.1.3.1	Estratificação	54
3.1.3.2	Divergência	55
3.1.3.3	Especialização	55
3.1.3.4	Persistência	56
3.1.3.5	Descategorização	56

3.1.4	Parâmetros de gramaticalização	57
3.1.5	Gramaticalização e combinação de orações	59
3.1.6	Abordagem formal	61
3.1.7	Critérios para identificação do fenômeno de gramaticalização..	63
3.1.7.1	Critério sintático	64
3.1.7.2	Critério morfofonético	64
3.1.7.3	Critério semântico	66
3.1.7.4	Critério de frequência	67
3.2	Mecanismos de mudança	68
3.2.1	Reanálise	69
3.2.2	Analogia	72
3.3	Morfologização	73
3.3.1	Gramaticalização <i>versus</i> morfologização	74
3.3.2	Morfologia e Fonologia Lexical	75
3.4	Teoria da Variação e Mudança e gramaticalização	80
3.4.1	Teoria da Variação e Mudança	80
3.4.2	Os princípios da gramaticalização e sua relação com a Teoria da Variação e Mudança	82
3.5	Considerações finais	84
4	TRAJETÓRIA DO NÃO EM FORMAÇÕES NOMINAIS NO PORTUGUÊS ..	85
4.1	O Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006-)	85
4.2	Coleta e seleção dos dados	88
4.3	Critérios de organização dos dados	92
4.3.1	não + participio	93
4.3.2	não + adjetivo	94
4.3.3	não + substantivo	95

4.3.4	não + nome + preposição + nenhum/ninguém	96
4.3.5	não + nome + nem	97
4.4	Trajetória do NÃO referente a nomes no português	101
4.4.1	Análise comparativa da frequência total dos casos de NÃO referente a nomes	102
4.4.2	Análise comparativa da frequência dos dados considerando a classe gramatical do nome a que o NÃO refere-se	104
4.5	Análise da estrutura não + nome	108
4.5.1	não + participio	110
4.5.2	não + adjetivo	111
4.5.3	não + substantivo	116
4.5.4	não + nome + nem e não + nome + preposição + nenhum	126
4.6	Uso do hífen em formações não + nome	129
4.7	Considerações finais	138
5	OS TESTES	139
5.1	Seleção dos informantes	140
5.2	Objetivos e hipóteses	141
5.3	Elaboração e aplicação dos testes	145
5.3.1	Teste de comandos	149
5.3.2	Teste de avaliação e interpretação de frases	155
5.4	Análise dos testes	166
5.4.1	Análise dos resultados do teste de comandos	166
5.4.2	Gênero, faixa etária e escolaridade no teste de comandos	170
5.4.3	Análise dos resultados do teste de avaliação e interpretação de frases	175
5.4.4	Gênero, faixa etária e escolaridade no teste de avaliação e interpretação de frases	178
5.5	Considerações finais	183

6	ANÁLISE DE DADOS CONTEMPORÂNEOS COLETADOS DA INTERNET	185
6.1	Formações não + substantivo	186
6.2	Constituição de um <i>corpus</i> com dados da internet	189
6.3	Análise dos dados	195
6.4	Considerações finais	199
7	A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE: GRAMATICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS	201
7.1	A expressão NÃO OBSTANTE	202
7.1.1	OBSTANTE	205
7.1.2	Proposta de gramaticalização da expressão NÃO OBSTANTE	208
7.2	Coleta e organização dos dados de NÃO OBSTANTE	209
7.2.1	Critério semântico	211
7.2.1.1	NÃO OBSTANTE com sentido concessivo	213
7.2.1.2	NÃO OBSTANTE com sentido adversativo	215
7.2.2	Critério sintático	217
7.2.2.1	NÃO OBSTANTE seguido por SN simples (apesar de) ...	218
7.2.2.2	NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no infinitivo (apesar de)	220
7.2.2.3	NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE (apesar de)	222
7.2.2.4	NÃO OBSTANTE seguido por uma oração com verbo no subjuntivo (embora)	222
7.2.2.5	NÃO OBSTANTE em posição destacada e com possível mobilidade (no entanto)	223
7.2.2.6	NÃO OBSTANTE antecedido por ISSO ou ISTO (apesar disso)	224
7.2.3	Critério de frequência	225
7.2.4	Critério morfofonético	228
7.3	Análise dos dados	228

7.3.1	Aspectos semânticos	229
7.3.2	Aspectos sintáticos	231
7.3.2.1	NÃO OBSTANTE seguido por SN simples	233
7.3.2.2	NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no infinitivo	234
7.3.2.3	NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE	236
7.3.2.4	NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no modo subjuntivo	238
7.3.2.5	NÃO OBSTANTE com possível mobilidade na sentença..	240
7.3.2.6	NÃO OBSTANTE antecedido por ISSO ou ISTO	242
7.3.3	Reanálise de NÃO OBSTANTE	243
7.3.4	Frequência	247
7.4	Considerações finais	256
8	CONCLUSÃO	259
	REFERÊNCIAS	264
	ANEXOS	271

1 INTRODUÇÃO

Esta tese propõe um estudo das formações em português em que há a anteposição do elemento NÃO a uma base nominal como NÃO-AGRESSÃO, NÃO-VERBAL e NÃO-ALINHADO (atestados em FERREIRA, 1986) ou NÃO AGRESSÃO, NÃO VERBAL e NÃO ALINHADO (grafia encontrada em <http://www.corpusdoportugues.org>).

A motivação inicial para o desenvolvimento desta pesquisa encontra-se no interesse em ampliar o estudo das formações com o elemento NÃO iniciado por Pereira (2006) na dissertação de mestrado intitulada *Para uma distinção entre radical e prefixo: será “não-composto” um composto ou um derivado?* Esse trabalho teve como objetivo a distinção entre os processos de derivação prefixal e composição e, para isso, foram analisados os elementos MAL, NÃO e CONTRA, em exemplos como MAL-FERIDO, NÃO-ALINHADO e CONTRA-REVOLUÇÃO (FERREIRA, 1986). Para lidar com questões que dizem respeito à estrutura interna da palavra, seguiu-se, naquele trabalho, a proposta teórica de uma morfologia baseada em lexemas (MATTHEWS, 1991). Os resultados mostraram que, segundo os critérios morfológicos, tais elementos deveriam ser classificados como bases, e não como prefixos, ou seja, MAL-FERIDO, NÃO-ALINHADO e CONTRA-REVOLUÇÃO seriam palavras compostas, e não derivadas. Argumenta a autora, dentre outros aspectos, que, se o elemento CONTRA pode ocorrer como raiz em uma formação como CONTRÁRIO (FERREIRA, 1986), ele deve ser considerado membro de um composto morfológico, e não um prefixo. Da mesma maneira é possível afirmar que o elemento MAL em MAL-AMADO, MALCHEIROSO e MAL-FELIZ (FERREIRA, 1986) pode ser classificado como base, e não como prefixo, ao se considerar, também, que ele ocorre como raiz em MALÉFICO e MALÍCIA (FERREIRA, 1986), por exemplo. Quanto ao elemento NÃO, Pereira (2006) considerou-o um elemento de composição morfológica, no entanto, trata-se de uma classificação que merece um estudo mais aprofundado, já que o NÃO não serve de base para outras formações.

O elemento NÃO anteposto a nomes no português apresenta características que não permitem uma classificação imediata de seu estatuto gramatical, isto é, parece não haver critérios que sejam suficientes para caracterizá-lo como uma base

e, por outro lado, se o elemento NÃO não é base, ele seria um afixo? E se analisarmos o NÃO nesse tipo de formação como sendo uma negação sintática, negando um verbo que estaria elíptico entre o NÃO e o nome a que ele antepõe-se? É possível verificar, ainda, que esse tipo de formação com NÃO apresenta-se grafado ora com hífen ora sem hífen, principalmente se considerarmos os dados até a reforma ortográfica que passou a vigorar no Brasil a partir de 2009. O que estaria motivando essa variação quanto ao uso do hífen?

Assim, diante dessas questões, este trabalho propõe uma análise das formações com NÃO a fim de verificarmos a estrutura dessas formações em sua trajetória em várias etapas da língua portuguesa. Para isso, utilizamos, principalmente, o banco de dados de Davies e Ferreira (2006-) – *O Corpus do Português*. Fizemos, também, testes e análise de dados contemporâneos oriundos da internet, mais especificamente, da base de dados *Google*. Propomos, aqui, um estudo no âmbito da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982).

Durante a pesquisa das formações com NÃO, verificamos nos dados coletados a ocorrência da expressão NÃO OBSTANTE que, a princípio, compunha os casos em que a partícula NÃO antepõe-se a um adjetivo. No entanto, reconhecemos o NÃO OBSTANTE nos dias atuais como uma locução que não apresenta exatamente as mesmas características de outras formações do tipo **não + adjetivo**. O NÃO OBSTANTE parece ser uma forma fixa na língua, sem flexão, que pode desempenhar diferentes funções e, ainda, apresenta dois sentidos distintos, a saber, concessão e adversidade. Seria um caso de gramaticalização da estrutura constituída pelo NÃO seguido do particípio presente do verbo OBSTAR em locução conjuntiva concessiva? Poderíamos falar que essa locução é mais gramatical que a locução adversativa? Consideramos, nesse estudo, os pressupostos da gramaticalização, segundo Hopper e Traugott (1993).

As seguintes hipóteses nortearam este trabalho:

- As formações em que o NÃO antepõe-se a um nome no português apresentam dois tipos de estrutura. Uma seria sintaticamente transparente e estaria, pois, no nível pós-lexical. Seriam casos que não poderiam ser analisados como

formações prefixais nem mesmo como compostos morfológicos. Outro tipo de estrutura seriam os casos de **não + nome** mais opacos, localizados, portanto, no nível morfológico. O NÃO, nessas formações, constituiria um prefixo composicional, conforme Schwindt, 2000.

- A construção NÃO OBSTANTE teria passado por um processo de gramaticalização no português. A estrutura constituída pelo NÃO seguido do particípio presente do verbo OBSTAR teria passado por um processo de reanálise ao longo da história da língua e assumido a função de locução conjuntiva concessiva;
- Há indícios de que esse processo de gramaticalização venha sofrendo interferência de um processo de variação, conforme Labov (1972).
- Existem dois processos distintos atuando nas formações **não + nome** no português: um processo de morfologização, considerando as estruturas que seriam mais opacas morfológicamente, e um processo de gramaticalização, considerando o processo em que a construção NÃO OBSTANTE esteve envolvida.

A presente tese organiza-se, portanto, em 8 capítulos. O capítulo 1 constitui esta introdução. O capítulo 2 apresenta uma revisão dos estudos sobre o NÃO e a problematização do objeto de análise. No capítulo 3 serão discutidos os pressupostos teóricos considerados neste trabalho. O capítulo 4 é dedicado à descrição da coleta e organização dos dados extraídos de *O corpus do Português* (DAVIES & FERREIRA, 2006-) e à análise das formações em que o NÃO antepõe-se a uma base nominal, com ou sem hífen, em várias etapas da língua. No capítulo 5 será feita a descrição metodológica de testes desenvolvidos e aplicados durante este estudo, e também será apresentada a análise dos resultados. No capítulo 6 serão analisados os dados contemporâneos extraídos da internet, ou seja, dados atuais da língua em uso, nos quais buscaremos indícios que confirmem ou não os resultados obtidos nas análises feitas nos dois capítulos anteriores. Já o capítulo 7

apresenta uma análise específica da expressão NÃO OBSTANTE em vários períodos do português. Por fim, no oitavo e último capítulo, serão feitas as considerações finais desta tese.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

A partícula NÃO, no português, quando está relacionada a nomes (doravante formações do tipo **não + nome**¹), pode fazer referência a um particípio² (doravante **não + particípio**), a um adjetivo (doravante **não + adjetivo**) ou a um substantivo (doravante **não + substantivo**), e definir o estatuto gramatical dessa partícula nesse tipo de formação não é banal, já que nem todos compartilham da mesma opinião quanto à classificação de NÃO SÓCIO, por exemplo: ora é classificada como um composto, formado por duas bases (NÃO + SÓCIO), conforme Cunha e Cintra (2001) e Pereira (2006), por exemplo, ora como uma palavra formada a partir de um prefixo anteposto a uma base (*não-* + SÓCIO), conforme Alves (1992;1993) e Campos (2002), por exemplo. Villalva (2009), em seu artigo intitulado *Palavras complexas complicadas*, apresenta o seguinte:

A categorização dos constituintes não é (...) completamente isenta de problemas. Alguns, por exemplo, se em alguns casos são claramente prefixos (cf. [in]justo), noutros são unidades autónomas (cf. [não]alinhado) e noutros ainda têm uma óbvia semelhança com os radicais neoclássicos (cf. [mega]manifestação). (VILLALVA, 2009, p. 1-2)

Vale ressaltar que vamos tomar a noção de base conforme Villalva (2000:116):

Em Português, os processos de formação de palavras seleccionam como formas de base unidades lexicais semanticamente interpretáveis, portadoras de informação relativa à categoria sentáctica e pertencentes a diversas categorias morfológicas, ou seja, radicais (cf. *cert*_{RADJ} *certeza*_N), temas (cf. *organiza*_{TV} *organização*_N) ou palavras (cf. *papéis*_N *papezinhos*_N). (VILLALVA, 2000, p.116)

De acordo com essa proposta, a noção de base englobaria, portanto, radicais, temas e palavras:

¹ Entre as formações **não + nome**, consideramos apenas os casos em que o NÃO antepõe-se a um substantivo, a um adjetivo ou a um particípio. Não tratamos, aqui, de formações como NÃO-EU e NÃO-ME-TOQUES.

² Estamos considerando, aqui, o particípio passado do português.

os radicais são aqui definidos como unidades lexicais pertencentes a uma categoria sintáctica principal (i.e. radical adjectival = RADJ, radical nominal = RN, radical verbal = RV).

(...)

O Tema é definido como uma estrutura morfológica formada pela adjunção do constituinte temático (CT) – designação que utilizo para referir conjuntamente a vogal temática e o índice temático – ao radical, do qual herda a categoria sintáctica e a informação morfológica e morfo-sintáctica.

(...)

Por último, palavra é definida como uma estrutura morfológica formada pela adjunção da flexão morfológica (FM) ao tema. Trata-se, pois, de estruturas morfológicas cujas propriedades morfo-sintáticas estão plenamente especificadas e realizadas. (VILLALVA, 2000, p. 117-120)

Nesse sentido, a questão se resume em o que é ser uma unidade lexical: o NÃO seria uma unidade lexical ou gramatical? Trata-se de uma forma que serve de base para outras palavras? A resposta para essa última pergunta parece ser não. Mas se não é base, ele seria um prefixo?

Segundo Silva e Mioto (2009), a prefixação caracteriza-se através de cinco critérios:

1. afixação ao lado esquerdo da base (LEB);
2. o prefixo não é uma base N (nominal), V (verbal) ou A (adjetival) (NVA);
3. a recorrência (REC)
4. a identidade fonética, semântica e funcional (FSF) associa os prefixos a preposições, numerais ou advérbios³ e
5. a propriedade de ser uma forma presa (PRE).

Silva e Mioto (op. cit) apresentam, então, um quadro em que são aplicados a alguns candidatos a prefixos esses traços que, segundo os autores, definiriam a prefixação. Veja a seguir:

³ A identidade fonética semântica e funcional (FSF), segundo Silva e Mioto (2009), associa os prefixos a preposições, numerais ou advérbios, mantendo-os distanciados das bases N, V ou A. Na tradição gramatical, o ponto de partida para a definição de prefixo era exatamente o fato de os prefixos serem listas de morfemas gregos e latinos que não podiam ser enquadrados em N, V ou A e que eram identificados como mais ou menos funcionais, semelhantes a preposições (CONTRA, ANTE), a numerais (TETRA, AMBI) e a advérbios (QUASE).

Traços	agronegócio	sempre-viva	Porquê	extrapor	compor	não-fiel	infiel	reler
LEB	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
NVA	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
REC	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
FSF	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
PRE	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM

QUADRO 1: APLICAÇÃO DOS TRAÇOS QUE DEFINEM ALGUNS CANDIDATOS A PREFIXOS. EXTRAÍDO DE SILVA & MIOTO (2009, p.10)

Os únicos elementos, entre aqueles apresentados no quadro 1, que contemplam todos os traços de um prefixo são *in-* e *re-*. E, no quadro 1, também observamos que a classificação do NÃO como prefixo é discutível.

Vejamos alguns trabalhos que tratam da problemática distinção entre os processos de prefixação e os processos de composição.

2.1 Impasse na definição de prefixo

Não é consenso entre gramáticos e linguistas a questão do enquadramento da prefixação. Os elementos considerados prefixais são incluídos ora entre as formações derivadas, ora entre as formações compostas. Em Monteiro (1987, p. 127-8) encontra-se o seguinte:

Em breve confronto entre as duas posições, constatamos uma tendência acentuada⁴ para se incluir a prefixação no mecanismo da derivação. Com efeito, dos autores consultados cerca de 60% são dessa opinião, muitos de autoridade indiscutível, segundo se vê pela discriminação abaixo:

- Evanildo Bechara (1963:216)
- Celso Pedro Luft (1971:68)
- Domingos P. Cegalla (1976:56)
- Leodegário de Azevedo Filho (1975:67)
- Pilar Cuesta e M. Albertina da Luz (1971:270)
- Celso Cunha (1972:94)
- Hildebrando André (1974:44)
- de Almeida Torres (1973:12)
- Cecília de Souza e Silva e Ingedore Koch (1983:35)

⁴ Embora Monteiro (1987:127) caracterize como acentuada a tendência para se incluir a prefixação no mecanismo de derivação, é importante ressaltar que a diferença percentual não é tão discrepante, visto que aqueles que têm opinião oposta (40%) representam quase a metade dos autores consultados. Trata-se de um levantamento que mostra, na verdade, a complexidade da questão.

- Francisco Savioli (1983:227)
- Gilberto Francesconi (1983:178)
- J. Domingues Maia (1982:51)
- Luiz A. Sacconi (1982:212)
- Rocha Lima (1972:173)
- Antenor Nascentes (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Brunot (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Dauzat (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Meyer-Lübke (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Nyrop (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Grandeant (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Sweet (apud Rocha Lima, 1972:173)
- J. N. Figueiredo e A. Gomes Pereira (1979:314)
- Gladstone Chaves de Melo (1970)
- Mansur Guérios (s/d:187)
- M. Said Ali (1966:229)

Há, porém, gramáticos e lingüistas de renome entre os que incluem os prefixos no processo da composição. Eis os consultados:

- J. Rebouças Macambira (1978:69)
- Mattoso Câmara Jr. (1968:292)
- Gaspar de Freitas (1956:106)
- Carlos Góes e Hebert Palhano (1960:30)
- Real Academia Española (1959:21)
- Napoleão Mendes de Almeida (1973:363)
- Marques da Cruz (1957:279)
- Bourciez (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Garcia de Diego (apud Rocha Lima, 1972:173)
- J. J. Nunes (apud Rocha Lima, 1972:173)
- Ribeiro de Vasconcelos (apud Rocha Lima, 1972:173)
- João Ribeiro (1900:129)
- Eduardo Carlos Pereira (1932:219)
- Clóvis Monteiro (apud Bessa, 1978:100)
- Rodrigo F. Fontinha (s/d:141)
- Pires de Castro (1943:130)
- Ismael de Lima Coutinho (1976:175)
- Francisco da Silveira Bueno (1968:88)

Mesmo diante dessa divergência classificatória, em formações como DESCONFIANÇA, INFELIZ e ANORMAL, as partículas *des-*, *in-* e *a-* são tidas como prefixos, sejam essas palavras consideradas derivadas ou compostas.

No português, os prefixos modificam o sentido da base a que se adjungem: a ideia transmitida em FELIZ é modificada pelo acréscimo do prefixo *in-* em INFELIZ. Além disso, os prefixos não apresentam a função de relacionar o vocábulo ao restante da frase, ou seja, não indicam as marcas flexionais. Trata-se, portanto, de um processo de criação de novos vocábulos semelhante à composição, considerando-se esse critério. Vejamos:

Na derivação se forma uma palavra de outra e o processo implica determinações de ordem gramatical: gênero, número, classe de palavra. Assim, do adjetivo **justo** se deriva o substantivo **justiça**, palavra do gênero feminino e do número singular. Já num caso como **prever**, o verbo é o mesmo do ponto de vista gramatical. Apenas a idéia contida no radical foi modificada, isto é o prefixo contém simplesmente uma idéia geral menor em relação ao tema, sem implicações de ordem gramatical. Na técnica lingüística se diz: o prefixo é um semantema, enquanto o sufixo é um morfema. (SILVIO ELIA, 1960, p. 235-236)

Vejamos, agora, o critério de independência das palavras:

A prefixação tem seu lugar entre a sufixação e a composição. Parece-se a certos respeitos com uma, e a outros respeitos com a outra. Parece-se com a composição por unir duas ou mais palavras independentes, a fim de representar uma idéia nova. A independência das palavras que costumam servir de prefixos, não é todavia absoluta. Maior e positiva nos advérbios (**bom, mau**, reduzido a **má, gran, sant, recem**, etc.) ela é menor e quase nula nas preposições. Por isso mesmo, por êsses elementos serem apenas secundários, acessórios, (...) ela parece-se com a sufixação. (VASCONCELOS, 1946 p. 86 *apud* SCHWINDT, 2000, p.78)

Para Basílio (1989), o que diferencia a composição da prefixação é o fato de a primeira apresentar a união de duas bases e de a segunda estruturar-se a partir de um afixo anteposto a uma base:

O processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. Por exemplo, as formas *retratista* (*retrato + ista*), *livreiro* (*livro + eiro*), (...) *reler* (*re + ler*) e *predispor* (*pre + dispor*) são formas derivadas: em todas verificamos a estruturação base + afixo, que se concretiza em base + sufixo (como em *retratista*) ou em prefixo + base (como em *reler*). (BASÍLIO, 1989, p. 26)

O processo de composição se caracteriza pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma base é composta sempre que esta apresenta duas bases. Por exemplo, palavras como *guarda-chuva* (*guarda + chuva*), *luso-brasileiro* (*luso + brasileiro*), *sociolingüístico* (*sócio + lingüístico*) e *agricultura* (*agri + cultura*) são compostas, isto é, formadas pela junção de duas bases, sejam estas formas presas – isto é, formas que dependem de outras para sua ocorrência, como *agri-* em *agricultura* – ou livres, como *chuva*, *brasileiro*, e assim por diante. (BASÍLIO, 1989 : 27)

Como distinguir, então, base e afixo?

2.1.1 Base e afixo

De acordo com a definição de Bloomfield (1926, p. 27) para forma livre e forma presa, os afixos encontram-se entre as formas presas que, diferentemente das formas livres, não funcionam como comunicação suficiente, ou seja, funcionam apenas quando associados a outro elemento. O prefixo seria, portanto, um constituinte de palavras, opondo-se à base. Esta, por sua vez, poderia ser uma forma livre, como FLOR ou como BEIJA (em BEIJA-FLOR) ou, ainda, uma forma presa, como *lique-* (em LIQUEFAZER). Observa-se, assim, que somente o estatuto de forma presa não é suficiente para distinguir um afixo de uma base.

Segundo Câmara Jr. (1991, p.198), são três os casos de prefixo no português.

1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex. **predizer** = **pre** + **dizer**; **desconsolo** = **des** + **consolo**); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (**permitir**, cf. **meter**); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex. **colisão**, **elisão**). Fora disso, a palavra é, do ponto de vista descritivo, de radical simples, embora historicamente se depreenda algum prefixo (cf. **exemplo**, **início**, **achar**, em que há historicamente os prefixos *ex-*, *in-*, *ad-*, respectivamente). (CÂMARA JR., 1991, p. 198)

Para o autor, há prefixos que se ligam a bases em formação e a palavras prontas. Além disso, há prefixos de identificação sincrônica e prefixos de identificação diacrônica.

Na proposta de Basílio (1989), o processo de prefixação envolve uma estrutura que consiste em um afixo anteposto a uma base, sendo esse afixo um elemento estável e com função semântica determinada, como o prefixo *pré-* em PRÉ-FABRICADO, que indica a ideia de anterioridade; e o prefixo *re-*, em RELER, que indica a ideia de repetição.

Em outra obra, Basílio (1974) apresenta os conceitos de núcleo e periferia:

- RACIONALIZAÇÃO: *racionaliza-* = núcleo / *-ção* = periferia
- RACIONAL: *racion-* = núcleo / *-al* = periferia

Conforme sua análise, um composto seria uma formação com a presença de, pelo menos, dois núcleos, e a derivação seria uma formação com apenas um núcleo cercado de elemento(s) periférico(s). O núcleo mínimo é também chamado raiz e, para definir raiz, Basílio apresenta os seguintes critérios operacionais:

- 1º - São raízes os elementos mórficos passíveis de ocorrência isolada.
- 2º - São raízes os elementos que servem de base para a formação de derivados.

Assim, um prefixo não poderia atender a esses critérios, uma vez que prefixos, como qualquer afixo, são periféricos, enquanto as raízes são núcleos.

Há, no entanto, certos elementos que podem ser reconhecidos como prefixos, frequentemente presentes na formação de palavras, mas que também podem ser considerados raízes, tais como algumas preposições e advérbios (e.g. CONTRA-ACUSAÇÃO, CONTRA-ATAQUE). A palavra CONTRA pode ser classificada como preposição, existe independente na língua e serve de base para a formação de outras palavras, como em CONTRÁRIO.

Nesse sentido, seriam as palavras CONTRA-ACUSAÇÃO e CONTRA-ATAQUE, por exemplo, formações compostas ou formações prefixais? A preposição CONTRA, considerada uma raiz, seria o mesmo *contra-* recorrente na formação de palavras?

Sandmann (1989) prefere analisar o *contra-* recorrente na formação de palavras como prefixóides, assim como também seriam analisadas as formas *bem-*, *mal-* e *não-* em BEM-AVENTURADO, MAL-AMADO e NÃO-SÓCIO, por exemplo. Segundo Sandmann, essas formas não seriam raízes quando fazem parte da formação de palavras por desempenharem uma função distinta daquela desempenhada como forma livre, ou seja, para o autor, trata-se de duas formas que apresentam significantes iguais, mas funções diferentes.

Assim, diante da falta de consenso quanto à classificação de certas formas como prefixos ou elementos de composição, surge a tentativa de inseri-las em uma categoria intermediária, denominada prefixóides (ou pseudoprefixos).

Na análise de Pereira (2006), o elemento CONTRA, e também as formas MAL e NÃO, em exemplos como CONTRA-REVOLUÇÃO, MAL-AMADO e NÃO-FICÇÃO, foram considerados membros de uma composição. Baseando-se na noção de lexema de

Matthews (1991), Pereira (2006) analisou as formas MAL, NÃO e CONTRA como lexemas simples que se antepõem a outros lexemas na formação de palavras compostas. Assim, MAL e CONTRA seriam formas livres (lexemas simples), que servem de base para a formação de lexemas complexos, como MALÉFICO ou CONTRÁRIO. As formações com o elemento NÃO também foram analisadas como formações compostas, já que o NÃO, a princípio, poderia ser entendido como um lexema simples: trata-se de um advérbio, uma forma livre na língua. No entanto, o elemento NÃO não serve de base para a formação de outras palavras como ocorre com as formas MAL e CONTRA, e não há consenso ao caracterizá-lo seja como base seja como prefixo.

2.1.2 A questão da produtividade

Segundo Alves (1990, p. 15), “não há uma unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais”. A autora considera como prefixos as partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma base, podem se manifestar de maneira recorrente, em formações em série.

Esse critério, no entanto, é criticado por Bessa (1986, p. 225): “Adotando-se o critério da produtividade, poderíamos, igualmente, dizer que o elemento *porta-*, em *porta-bandeira*, se comporta como prefixo, porque recorre em número razoável de palavras do mesmo tipo.” Basílio (1991) também apresenta uma ressalva quanto a essa questão:

(...) aspectos como produtividade – refletidos em critérios de ocorrência numa lista fixa de elementos disponíveis ou a alternativa da possibilidade de ‘formação em série’ – não servem para decidir a questão prefixo/forma de composição, já que qualquer formação regular tem potencial indeterminado de recorrência e a frequência de uso, portanto, não pode se constituir em critério sólido de caracterização de unidades e fronteiras lexicais. (BASÍLIO, 1991, p. 7)

Observa-se, com isso, que apenas o fato de um elemento poder ser recorrente na composição de palavras não justifica sua classificação como formativo lexical, no entanto, esse critério da produtividade não parece ser dispensável quando se propõe uma definição de prefixo.

2.1.3 A questão prosódica

Formações consideradas prefixais⁵, como DESALINHAR, RELER, INFELIZ, apresentam, no âmbito prosódico, apenas um acento, ao passo que uma típica formação composta, tal como BEIJA-FLOR, há dois acentos bem definidos, um em cada base. Sendo assim, questiona-se se o caráter de sílaba pretônica poderia ser um critério para distinguir os prefixos.

Segundo Câmara Jr. (1976, p. 38), “o vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de tonicidade possíveis, antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico à forma livre de Bloomfield.” Essa forma livre é também denominada vocábulo formal ou palavra morfológica (Câmara Jr., 1971, p. 37). A palavra morfológica é um conceito que diz respeito aos nomes, adjetivos, verbos e às palavras funcionais (segundo denominação de Câmara Jr.) como preposição, conjunção e determinantes. Palavra fonológica, por seu turno, refere-se à distinção entre palavras com acento e sem acento.

Para identificar a palavra fonológica, Câmara Jr. (1971, p. 35) propõe uma pauta prosódica delineada em termos de algarismos. O linguista indica os números 3 e 2 para acentos fortes, 1 para a pretônica e 0 para átonas após o acento. Um vocábulo fonológico será identificado pela presença das tonicidades 2 ou 3. Assim, a palavra fonológica pode ser identificada como na palavra INTERESSE a seguir:

INTERESSE

1 1 3 0

⁵ CUNHA & CINTRA (2001), SILVA & MIOTO (2009).

No português, a palavra fonológica pode ser menor, igual ou maior que a palavra morfológica, conforme Câmara Jr. (1971). Na palavra INTERESSE, apresentada anteriormente, temos a correspondência exata entre uma e outra, no entanto a palavra fonológica pode ser menor que a palavra morfológica quando estamos diante de sequências como *fala-se* ou *o livro*, em que dois morfos formam uma só palavra prosódica. E é maior em compostos por justaposição, por exemplo, em que dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal. (Câmara Jr., 1971, p. 36).

Justaposição é definida por Câmara Jr. (1977, p. 151) como “a reunião de duas formas linguísticas num vocábulo mórfico, quando, ao contrário da aglutinação, cada forma se conserva como um vocábulo fonético distinto, em virtude da pauta acentual.”

Os prefixos se comportam ora como palavra independente, ora como uma típica forma presa. Observando as palavras DESALINHAR e INFELIZ a seguir, os prefixos *des-* e *in-* comportam-se como sílabas pretônicas, isto é, juntam-se à palavra seguinte, formando com ela uma só palavra fonológica. Já nas palavras PRÉ-VESTIBULAR, PÓS-GUERRA e ANTIDERRAPANTE, as formas *pre-*, *pos-* e *anti-*, que são consideradas prefixos segundo Cunha e Cintra (2001), mostram-se autônomas, como se fossem membros de um composto.

DESALINHAR	INFELIZ
1 1 1 3	1 1 3

PRÉ-VESTIBULAR	PÓS-GUERRA	ANTIDERRAPANTE
2 1 1 1 3	2 3 0	2 0 1 1 3 0

A palavra composta por justaposição e formações prefixais PRÉ-VESTIBULAR, PÓS-GUERRA, ANTIDERRAPANTE e RECÉM-NASCIDO são semelhantes no sentido de que cada membro do composto é um domínio do pé que projeta seu acento individual, assim como o prefixo e a base a que ele se agrega. Em outras palavras, trata-se de dois vocábulos fonológicos constituindo um só vocábulo formal. Nesse sentido, esse

critério fonológico mostra-se, sozinho, também, insuficiente para distinguir prefixação e composição.

2.2 Formações com o elemento NÃO

Passemos, então, à discussão do elemento NÃO especificamente. As formações do tipo **não + nome** exemplificam a dificuldade da classificação do prefixo. Como dissemos, Cunha e Cintra (2001), por exemplo, consideram as formações **não + nome** palavras compostas, Alves, 1992;1993 e Campos 2002, por outro lado, afirmam que, nesse tipo de formação, o NÃO seria um afixo, e não um advérbio de negação, pois o elemento NÃO poderia estar referente a substantivos, e os advérbios não modificam substantivos. Há, ainda, a caracterização do NÃO como prefixóide, segundo Sandmann (1989). E, finalmente, temos Silva e Miotto (2009) que não o consideram nem prefixo nem composto, mas uma estrutura sintática.

Diante disso, trataremos a seguir de características das formações com NÃO no português.

2.2.1 Frequência das formações com NÃO

É importante considerar o fato de que as palavras constituídas pelo elemento NÃO anteposto a uma base nominal não são formações novas no português, mas parecem ser, recentemente, mais produtivas. Observamos que o número de registros em dicionários aumentou de edições mais antigas para outras mais atuais. Quando se trata do uso de NÃO referente a um substantivo, encontra-se o seguinte:

(...) Gonçalves Viana (1931) só registra *não-filho* s.m. e *não-me-deixes* s.m. 'planta ornamental'; Rebelo Gonçalves (1956) registra nove vocábulos com essa formação, todos substantivos masculinos, o V.O. (1981) registra mais de 50 vocábulos com essa formação, incluindo substantivos masculinos,

substantivos femininos e adjetivos; a explosão, em português, dessa averbação é seguramente provinda da prática que está modernamente ocorrendo (depois de 1945) em francês e inglês, em que o elemento *non* é vivido como prefixo latino, sem conexão semântica e morfológica com os recursos de negação das línguas em causa (...) (HOUAISS, 2001)

Alkmim (2002), analisando as estruturas negativas nos anúncios publicados nos jornais do século XIX, observou que, além do NÃO ter escopo sentencial, já que, no que concerne ao elemento negativo NÃO, a autora verificou a sua ocorrência na posição pré e pós-verbal, além de interpolada entre o verbo e o clítico, os dados do século XIX mostraram, também, que ele pode negar outros constituintes, formados por sintagma preposicional e por adjetivo. A negação de constituintes nominais, entretanto, não é atestada pela autora no material analisado, o que a levou a concluir que se tratava de um indício de que construções como NÃO-PAGAMENTO fossem inovações linguísticas que remetem ao século XX.

A produção de formações do tipo **não + nome** foi verificada por Pante (2003) na análise de um *corpus* formado por palavras retiradas do dicionário *Novo Aurélio Século XXI*, do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, textos do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Veja*. A autora constatou que nem todas as palavras em que o NÃO antepõe-se a uma base, encontradas nas edições dos textos jornalísticos, estão registradas em um dos dicionários analisados.

Campos (2002) também analisou o NÃO em exemplares do jornal *A Tarde* de 2000 e no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, das edições de 1979 e de 1999. Esse autor observou, da mesma forma que Pante (2003), um maior número de ocorrências das formações com NÃO no texto jornalístico do que no dicionário e verificou, ainda, um aumento no número de ocorrências na edição mais nova do dicionário analisado em relação à edição mais antiga. Trata-se, portanto, de constatações que podem sugerir uma crescente produção das formações com o elemento NÃO.

Conforme a pesquisa histórica das formações do tipo **não + nome** aqui realizada, verificamos registros desse tipo de formação em textos de língua portuguesa desde o século XIV, de acordo com o banco de dados denominado *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006-). No entanto, parece ser o século

XX o período de maior produção da estrutura **não + nome**, principalmente quando se trata dos casos de **não + substantivo**, como veremos posteriormente.

2.2.2 Polissemia das formações com o NÃO

Quando o elemento NÃO refere-se a um substantivo, Pante e Menezes (2003) apontam para sua polissemia. Segundo as autoras, o NÃO, analisado como prefixo, confere à base a que é anteposto outros significados além do negativo, e essa expansão de sentido deve-se não somente ao significado do elemento NÃO, mas também ao significado da base no momento em que é formada a expressão do tipo **não + nome**: “o valor da base é que vai reger, muitas vezes, a idéia resultante na formação.” (PANTE & MENEZES, 2003, p.55). As diferentes acepções apresentadas pelo NÃO em formações do tipo **não + nome** são: falta/ausência, oposição, negação e falha.

Pante e Menezes (2003, p. 53-5) analisaram dados retirados de dicionários – *Novo Aurélio Século XXI* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* – e afirmam que, anteposto a um adjetivo, o NÃO forma palavras que estabelecem um sentido de negação, uma ideia contrária, permitindo paráfrases do tipo *que não é ou não está X* (NÃO-CONTÁVEL/*que não é contável*).

Quando anteposto a um substantivo, porém, o NÃO apresenta, além da negação, outros sentidos⁶:

- **Negação:** NÃO-FICÇÃO e NÃO-EXISTÊNCIA podem ser parafraseadas, respectivamente, como *que não é ficção* e *que não apresenta existência*.
- **Ausência/falta:** NÃO-COOPERAÇÃO pode ser parafraseada por *falta/ausência de cooperação*; NÃO-SOFRIMENTO pode ser o mesmo que *falta/ausência de sofrimento*.

⁶ Esses sentidos para o elemento NÃO foram determinados pelas autoras.

- **Oposição:** NÃO-AGRESSÃO, NÃO-VIOLÊNCIA apresentam a paráfrase *agir contrariamente à, recusa-se à: agressão (agredir); à violência (violiar/praticar violência)*;
- **Falha:** NÃO-DISJUNÇÃO foi o único exemplo encontrado pelas autoras apresentando a ideia de falha: em Citologia, significa falha na separação adequada de duas cromáticas, ou de dois cromossomos homólogos, durante a divisão celular, ou seja, o esperado é que ocorra a disjunção/separação, mas isso não acontece, ocorrendo, então, a falha.

Importa, aqui, a constatação de que o NÃO anteposto a substantivos, especificamente, não apresenta, necessariamente, o sentido de negação inerente ao advérbio. Entre LINGUISTA e NÃO-LINGUISTA, MÉDICO e NÃO-MÉDICO, por exemplo, a relação não parece ser exatamente de negação, mas de exclusão, isto é, o NÃO, nesses exemplos, pode não apresentar a função adverbial de negar o sentido do nome a que se antepõe, mas sim de excluir a classe designada pelo nome, abarcando, assim, todas as outras classes. Em NÃO PAGAMENTO, por exemplo, o sentido do NÃO parece ser de falta/ausência: não haveria, nesse exemplo, a negação do pagamento, mas sim falta de pagamento.

2.2.3 Gramaticalização do NÃO

Segundo Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização refere-se ao processo em que itens tornam-se mais gramaticais através do tempo e pode ser esquematizado como segue:

a. item lexical > b. item gramatical > c. clítico > d. afixo

Estudos envolvendo a negação sintática no português do Brasil (VITRAL, 2006b; RAMOS, 1996 e SOUSA, 2007) apresentam a hipótese de análise

do NÃO como clítico. Nesse caso, a gramaticalização do NÃO envolve a passagem do estágio (b) para o estágio (c), conforme o esquema apresentado anteriormente.

Em relação a **não + nome**, poderíamos propor as seguintes questões: estaria havendo um movimento do NÃO partícula de negação em direção a prefixo? Seria esse um processo de gramaticalização? Seria um caso de morfologização?

2.2.3.1 NÃO como clítico

Nos estudos sobre a negação sintática do português, há a proposta de gramaticalização do NÃO, cuja hipótese é a de que o NÃO apresentaria propriedades de clítico.

Vitral e Ramos (2006) apontam três tipos de construções que se distinguem conforme a posição do NÃO na sentença e, também, conforme o número de partículas negativas. Esses tipos são:

Uma partícula pré-verbal (1); uma partícula pós-verbal (2); e duas partículas, sendo uma pré-verbal e outra pós-verbal (3), conforme exemplificado abaixo.

(1) e se eu **não** sou formada hoje (E28)

(2) **acredito não** (E30)

(3) que eu **não** concordava com aquilo **não** (E09) (VITRAL & RAMOS, 2006, p. 119)

O NÃO que antecede o verbo nos exemplos (1) e (3) da citação de Vitral e Ramos acima é classificado como negação com propriedades de quase-clítico.

Para Ilari et al. (1991:131-133), a construção mais habitual da negação em português poderia justificadamente ser caracterizada como uma construção quase-clítica, uma vez que (i) sua posição precede imediatamente o verbo (ou o clítico pronominal quando este está presente); e (ii) o item não pode ser reduplicado. (VITRAL & RAMOS, 2006, p.120)

Ramos, 1996 (*apud* VITRAL, 2006b, p. 154) apresenta evidências a favor da cliticização do NÃO, registrando as realizações plena e reduzida do item,

respectivamente, *não* e *num*. Reforçam a hipótese dessa autora do estatuto clítico de *num*:

- 1) *num* não aparece antes de pausa, o que indica uma contigüidade estrita entre esta forma e o verbo;
- 2) *num* liga-se ao constituinte à direita e não ao constituinte à esquerda, o que é compatível com a ausência de ênclise no português brasileiro falado;
- 3) *num* não recebe acento contrastivo;
- 4) *num* é favorecido quando há um NP quantificado numa posição pós-verbal, o que permite identificar uma correlação entre a presença de reforço e a redução fonética na posição pré-verbal;
- 5) levando-se em conta a faixa etária dos falantes, confirma-se que a variante *num* é inovadora;
- 6) as orações subordinadas desfavorecem a variante *num*, o que é coerente com seu caráter inovador. (RAMOS, 1996, *apud* VITRAL, 2006b, p. 154)

Vitral (2006b, p. 154) acrescenta que o fato de *num* não poder aparecer junto ao adjetivo; não poder funcionar como resposta a uma pergunta; nem aparecer topicalizado ou numa posição pós-verbal confirmam o estatuto clítico dessa partícula: também um clítico pronominal não ocorre nestes ambientes. Trata-se, portanto, de uma partícula que sofreu redução fonética (*num*, *nu*) e tem características de clítico.

No estudo realizado por Sousa (2007), observou-se a existência de redução gradual da partícula *NÃO* para *num* e *nu*. A autora verificou que a presença de formas reduzidas em estruturas com dupla negativa, como “Eu não sei não”, é quase categórica e parece indicar que há uma relação entre o aparecimento do segundo *NÃO* e a redução da negação pré-verbal.

Essa cliticização, envolvendo as partículas *não* e *num*, estaria relacionada à passagem do estágio (b) para o estágio (c), conforme esquema do processo de gramaticalização apresentado anteriormente.

2.2.3.2 *NÃO* como prefixo

Campos (2002), em sua dissertação de mestrado, retrata a trajetória do *NÃO* de advérbio a prefixo através do processo de gramaticalização com enfoque funcionalista. Foi apresentada em sua dissertação a análise dos seguintes *corpora*:

exemplares do jornal *A Tarde* de 2000 e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, edições de 1979 e de 1999. Os dados levantados constituíram substantivos, adjetivos e participios modificados pelos prefixos *a-*, *des-* e *in-*, e também antecidos pelo elemento NÃO.

Como hipótese inicial, o autor supôs que o NÃO estaria passando por um processo de gramaticalização ao ser empregado como prefixo, e esse processo de mudança determinaria, sincronicamente, uma variação entre o NÃO e os prefixos tradicionais de negação: *a-*, *des-* e *in-*. Para atestar tal hipótese, Campos (2002) comparou o uso do NÃO na formação de antônimos ao processo de construção de antonímia a partir dos prefixos tradicionais de negação no português (*a-*, *des-* e *in-*), e também à antonímia lexical. Vejamos no quadro a seguir alguns exemplos extraídos de Campos (2002, p. 89-91):

FORMA BÁSICA	ANTONÍMIA POR PREFIXAÇÃO	ANTONÍMIA LEXICAL	ANTONÍMIA PELA PREFIXAÇÃO DO NÃO
igual	desigual	Diferente	não-igual
definido	indefinido	Genérico	não definido
perecível	imperecível	perdurável, eterno	não-perecível
alfabetizado	analfabeto	-	não-alfabetizado
execução	inexecução	-	não-execução
formal	informal	-	não-formal
declarado	-	Omitido	não declarado
descartável	-	Reutilizável	não-descartável
desperdício	-	Economia	não-desperdício
adventista	-	-	não adventista
agrícola	-	-	não-agrícola
alimentício	-	-	não-alimentício

QUADRO 2: EXEMPLOS DE ITENS LEXICAIS E SEUS PROCESSOS DE ANTONÍMIA (ADAPTADO DE CAMPOS, 2002)

Os resultados quantitativos da análise do texto jornalístico mostraram que, em um total de 1.097 ocorrências do processo de antonímia, registraram-se apenas 199 ocorrências de uso do NÃO como prefixo, o que corresponde a apenas 18% do total de ocorrências.

A recolha de dados, caracterizou-se por um levantamento lexical, tendo sido recolhidas as primeiras ocorrências de cada item lexical, portador de um dos PT's e/ou precedido do *não*. Acreditou-se que esse tipo de levantamento poderia possibilitar uma visão da variação entre o uso dos PT's e do *não* como prefixo.

O quadro 9, a seguir, apresenta o resultado da quantificação global do emprego do *não* como prefixo, em confronto com os processos tradicionais de antonímia, ou seja, antonímia lexical e antonímia com os PT's.

QUADRO 9: FREQUÊNCIA DO EMPREGO DO *NÃO* EM POSIÇÃO PREFIXAL CONFORME OS PROCESSOS TRADICIONAIS DE ANTONÍMIA

CONTEXTOS	N.º DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
FBs ⁷ com antônimos lexicais e antônimos formados com PTs ⁸	05/255	02 %
FBs que não dispõem de antônimo lexical, mas possuem antônimos formados por um dos PTs	31/675	05%
FBs dispõem de antônimo lexical, mas não possuem antônimos formados com PTs	09/09	100%
FBs que não dispõem de antônimo lexical nem de antônimos com PTs	154/154	100%
TOTAL	199/1.093	18%

A hipótese inicial era a de que o *não* estaria substituindo os PT's. Ao invés disso, como se pode observar a partir desse quadro geral, o *não* está ainda sendo mais empregado junto a formas que não possuem antônimos com PT's, nem dispõem de antônimo lexical.

As 199 FB's, antecedidas de *não*, encontradas no *corpus*, distribuem-se da seguinte maneira:

- 154 ou 77,4 % de casos do *não* empregado como prefixo, junto a FB's que não possuem antônimos com PT's e nem dispõem de antônimos lexicais;
- 31 ou 15,6 % de casos do *não*, prefixal, junto a FB's que possuem antônimos, formados com PT's, mas não dispõem antônimo lexical;
- 09 ou 4,5 % de casos do *não* prefixal, junto a FB que não possuem antônimos formados com PT's, porém dispõem de antônimos lexicais;
- apenas 05 ou 2,5 % de casos do prefixo *não* junto a FB's que possuem os dois tipos de antônimos.

(CAMPOS, 2002, p. 94-95)

⁷ A sigla FBs significa formas básicas, conforme Campos (2002).

⁸ A sigla PTs significa prefixos tradicionais, especificamente os prefixos *des-*, *in-* e *a-*.

De acordo com esse resultado, Campos (2002, p.103) supõe que o emprego do NÃO como prefixo esteja sendo estendido aos itens lexicais que aceitam algum dos prefixos tradicionais por analogia. Segundo o autor, a gramaticalização do NÃO seguiria uma lógica funcional.

Pode-se supor que, empregado, preferencialmente, com FB's que não dispõem de antônimos de qualquer espécie, o emprego do *não* como prefixo esteja se estendendo aos itens lexicais que aceitam algum dos PT's por analogia, ou por algum processo de generalização do uso lingüístico, observando-se, entretanto, uma escala decrescente, que obedece a uma lógica funcional, na medida em que o *não* como prefixo é menos empregado com FB's que possuem os dois tipos de antônimos (apenas 2,5 % do total), do que com as formas que possuem apenas o antônimo formado pelo processo tradicional de prefixação, que correspondem a 15,6% do total. (CAMPOS, 2002, p. 98)

Na análise apenas da presença ou ausência do NÃO anteposto a um nome, Campos observou que, no texto jornalístico, seu uso é maior junto a um particípio, e menor quando se antepõe a um substantivo. Trata-se de um escala percentual decrescente que levou o autor a apresentar as etapas da gramaticalização como no esquema a seguir:

NÃO em orações desenvolvidas > NÃO em orações reduzidas de particípio >
NÃO + particípio > NÃO + adjetivo > NÃO + substantivo

Observa-se que o emprego do *não* prefixal ocorre com maior freqüência junto aos particípios – 61 ocorrências em 224 registros, o que representa 27% do total de ocorrências, correspondendo a um peso relativo de .69; em seguida, com os adjetivos – 85 ocorrências em 491 registros, ou seja 17% do total, chegando-se a um peso relativo de .50. Os substantivos constituem a classe mais refratária ao emprego do *não* prefixal, com apenas 14% de freqüência absoluta (53 ocorrências em um universo de 382), o que se reflete no peso relativo de .38, considerado desfavorecedor.

Esses valores se ajustam perfeitamente à visão subjacente à proposição dessa variável uma vez que se previa uma escalada na gramaticalização do *não* como prefixo. No ponto de partida do processo, o *não* é empregado como advérbio normalmente em orações subordinadas adjetivas desenvolvidas, como ilustrado no exemplo abaixo:

(1) *veículo era dirigido por pessoa QUE NÃO ERA HABILITADA*

O passo inicial (e talvez decisivo) do processo ocorre com a forma reduzida dessas orações subordinadas adjetivas, que se realizam com a forma verbal do particípio. A forma reduzida da oração apresentada em (30) pode ser observada em (31) abaixo:

(31) O veículo era dirigido por pessoa NÃO-HABILITADA (1/404)

Nesse estágio crucial, os limites entre a forma livre do advérbio e a forma presa do prefixo ambos representados pelo item lexical *não* se enfraquecem perigosamente, criando uma área de intersecção entre as duas categorias propostas. O passo seguinte é a extensão do uso do *não* – agora efetivamente como uma partícula anteposta, ou um prefixóide (cf. 1.4 e 1.5) com os adjetivos, como exemplificado em:

(32) NÃO SATISFEITOS, alguns fiscais investiram contra os estudantes. (1/151)

Porém, junto a um adjetivo, o *não* ainda pode ser analisado como um advérbio, já que a essa categoria gramatical se atribui também a função de modificar o sentido de um adjetivo. Embora a gramática tradicional estabeleça que o advérbio é a *palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio*, em se tratando do advérbio de negação, a incidência é sempre sobre o verbo da oração. Assim, nesse caso, o *não* já pode ser interpretado como prefixo negativo. a extensão do uso do *não* com os substantivos, como exemplificado em (33) abaixo:

(33) A NÃO-OCORRÊNCIA de acidentes pode ser creditada à sorte. (1/22)

Nesse momento, não se sustenta mais a análise tradicional do *não* como advérbio, já que, normalmente, o escopo de atuação dessa categoria não inclui os substantivos. Caracteriza-se, assim, a gramaticalização do *não* como prefixo. E o emprego do hífen nada mais é do que a chancela que a escrita aporta à mudança em curso na língua oral.

Os valores das freqüências e pesos relativos dessa variável refletem bem o processo acima descrito. Os participios, por onde se teria iniciado o processo apresentam os maiores índices de emprego do *não*. Seguem-se os adjetivos, que representam o estágio intermediário. Por fim, os substantivos exibem a menor freqüência e probabilidade de emprego do *não*, exatamente por constituírem o estágio final de consumação do processo, um estágio ainda em andamento. (CAMPOS, 2002, p. 104-6)

Nos dados do *Dicionário da Língua Portuguesa*, em comparação aos dados dos textos jornalísticos, o número de formações com o elemento NÃO foi menor. Entretanto, na comparação das duas edições do dicionário, observou-se um aumento de registros do NÃO anteposto a um radical da edição de 1979 para a de 1999. Campos interpretou esse resultado como um reforço à hipótese de gramaticalização do NÃO, tendo em vista a observação de Bybee e Pagliuca (1985, p. 72 *apud* HEINE CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, p. 17) de que um item em processo de gramaticalização é caracterizado pela freqüência e generalização de seu uso.

Campos (2002, p. 150) aponta como um fator importante entre os responsáveis pela gramaticalização do NÃO, a Lei do Menor Esforço. Segundo o

autor, torna-se mais difícil e exige mais esforço dizer *que não seja democrática* do que dizer, simplesmente, NÃO-DEMOCRÁTICA. No entanto, há questões que precisam ser respondidas. Em se tratando de menor esforço, como explicar o uso de NÃO-SATISFEITO (CAMPOS, 2002), quando existe INSATISFEITO (FERREIRA, 1986)? O uso de NÃO-PLURAL (CAMPOS, 2002) quando existe SINGULAR (FERREIRA, 1986)?

Campos observa, ainda, que, um dos motivos que levam ao emprego do NÃO anteposto a um particípio, a um adjetivo ou a um substantivo diz respeito a uma necessidade pragmático-discursiva ou semântico-funcional. Considere os seguintes exemplos apresentados pelo autor (p.149):

(57) Beneficiários deixarão de levar em suas carteiras a informação ANALFABETOS.

(...)

(58) Beneficiários deixarão de levar em suas carteiras a informação NÃO ALFABETIZADOS. (CAMPOS, 2002, p. 149)

A preferência pela sentença (58) do exemplo de Campos, ocorreria devido ao fato de NÃO ALFABETIZADOS abrandar o impacto da expressão, ou seja, trata-se de uma opção estilística que mostra uma cautela do emissor diante da necessidade de um eufemismo. No entanto, podemos afirmar que o uso de formações do tipo **não + nome** ocorre, também, quando não há a intenção de se usar um eufemismo, como é o caso de NÃO-PLURAL, que não nos parece apresentar um impacto mais brando em relação à palavra SINGULAR.

Por fim, Campos (2002) considera uma “explicação plausível” (p.151) para o emprego do NÃO como prefixo o esvaziamento da carga semântica dos prefixos tradicionais (*a-*, *des-* e *in-*). Trata-se de um argumento que precisaria de um estudo mais amplo em relação aos prefixos de negação no português de Brasil para tentar provar esse esvaziamento semântico e, assim, estabelecer sua relação com o uso do NÃO como prefixo. Além disso, Campos concluiu que o NÃO, na condição de prefixo, começa a ser preferido em relação aos prefixos tradicionais, tendo em vista o registro por ele encontrado da forma NÃO-CONFORMIDADE, mesmo havendo os registros DESCONFORMIDADE e INCONFORMIDADE no dicionário. Esse fato, porém, precisa ser melhor investigado, pois os resultados quantitativos mostrados pelo próprio autor em relação aos dados do texto jornalístico apontaram o uso do NÃO,

preferencialmente, quando a palavra a que ele antepõe-se não apresenta um antônimo formado por um dos prefixos tradicionais de negação, nem um antônimo lexical. Seria interessante uma pesquisa em vários períodos da história da língua.

Outra análise do NÃO como prefixo foi feita por Namiuti (2010). A autora não considera esse um caso de gramaticalização, como podemos ver a seguir:

(...) não apostamos em um processo de gramaticalização da palavra 'não' no PB, pois, entendemos 'gramaticalização' como o processo de transformação de uma *categoria lexical* para uma *categoria gramatical* (funcional, na terminologia gerativista), e há várias evidências para supormos que a palavra 'não' sempre foi um elemento funcional na língua portuguesa, desde sua origem testemunhada no século XIII. (NAMIUTI, 2010, p. 39)

2.3 Considerações finais

Segundo Silva e Mito (2009), a prefixação caracteriza-se através de cinco critérios, conforme já apresentamos. Vejamos novamente:

1. afixação ao lado esquerdo da base (LEB);
2. o prefixo não é uma base N (nominal), V (verbal) ou A (adjetival) (NVA);
3. a recorrência (REC)
4. a identidade fonética, semântica e funcional (FSF) associa os prefixos a preposições, numerais ou advérbios e
5. a propriedade de ser uma forma presa (PRE).

Nas palavras dos autores, esses critérios justificam-se pelo seguinte:

Estabelecer que a prefixação é uma afixação ao lado esquerdo da base (LEB) concorre para distinguir este processo de todos os outros que envolvem sufixação. Afirar que o prefixo não é uma base N, V ou A (NVA), distingue a prefixação da composição. A recorrência (REC) discrimina o processo de prefixação de outros que assistemáticamente adjungem um morfema antes da base. A identidade fonética, semântica e funcional (FSF) associa os prefixos a preposições, numerais ou advérbios, mantendo-os distanciados das bases N, V ou A. A propriedade de ser preso (PRE)

mantém os prefixos dentro da classe dos afixos, distinguindo-os das formas livres.” (SILVA E MIOTO, 2009, p. 10)

No quadro 1, como vimos no início deste capítulo, Silva e Miotto aplicam esses critérios a alguns candidatos a prefixo: *agro-*, *sempre-*, *por-*, *extra-*, *com-*, *não-*, *in-* e *re-* em palavras como **AGRONEGÓCIO**, **SEMPRE-VIVA**, **PORQUÊ**, **EXTRAPOR**, **COMPOR**, **NÃO-FIEL**, **INFIEL** e **RELER**.

A partir desses exemplos e dos critérios estabelecidos para a caracterização do prefixo, é possível identificar quatro grupos de palavras: um compreende o caso de **AGRONEGÓCIO**, em que os traços +NVA e -FSF o distinguem dos demais casos. Outro grupo é aquele que compreende as palavras **SEMPRE-VIVA** e **PORQUÊ**, já que o advérbio **SEMPRE** e a preposição **POR** apresentam o traço -REC, diferente dos demais. Os prefixos *in-* e *re-* contemplam todos os traços que caracterizam um prefixo e, por isso, foram considerados pelos autores os únicos prefixos genuínos dentre os analisados. E as formas **EXTRA**, **COM** e **NÃO** distinguem-se de *in-* e *re-* apenas por não se apresentarem como formas presas na língua e, por isso, segundo Silva e Miotto (2009, p.11-12), são excluídas da classe dos prefixos.

São prefixos, como apresentam Silva e Miotto, apenas as formas presas, monossilábicas e que se agregam à esquerda de uma base que tem existência como palavra. Assim, o *re-* de **REPRIMIR** não seria um prefixo, uma vez que **primir* não existe, sincronicamente, como uma palavra no português.

Os autores apresentam como critério para excluir da prefixação as formações com **NÃO** referente a um nome, além da questão do **NÃO** ser uma forma livre, o fato de que esse tipo de formação não se dá exclusivamente no nível da morfologia, já que é possível perceber uma relação entre a formação da palavra e a sintaxe. Na negação sentencial, há um processo sintático de licenciamento de palavras negativas como **NINGUÉM** ou **NENHUM**: o **NÃO** c-comanda essas palavras negativas na sentença. Quando se trata de formações do tipo **não + nome**, Silva e Miotto (2009) apresentam os seguintes exemplos:

Considero o João **não-fiel** a ninguém.

*Considero o João **infiel** a ninguém. (p. 11)

Conforme comentam os autores, o NÃO é capaz de licenciar a palavra negativa NINGUÉM após o adjetivo FIEL, tornando gramatical a primeira frase dos exemplos apresentados anteriormente. Já a segunda frase é agramatical porque o prefixo *in-*, como qualquer prefixo legítimo não atua no componente sintático e, portanto, não c-comanda a palavra NINGUÉM. Esse licenciamento de uma palavra negativa seguinte, mantendo o sentido negativo, chama-se, concordância negativa (CN).

Em nota de rodapé, Silva e Mioto (2009, p.12) afirmam ainda que, devido ao fato de formações do tipo **não + nome** atuarem no componente sintático, elas não poderiam, sequer, ser classificadas como formações compostas, porque estas também seriam opacas. Mas será que toda formação com NÃO não teria opacidade morfológica?

Além da concordância negativa envolvendo as formações **não + nome**, é importante considerar os casos em que há a coocorrência das formações com NÃO e a palavra NEM (doravante **não + nome + nem**). O NEM com função de conjunção coordenada aditiva poderia ser interpretado como *e não* ou como *e não + (verbo da oração anterior)*. Assim, uma estrutura como *não americano nem europeu* pode ser equivalente a *não é americano e não (é) europeu*, ou seja, o NEM implica a existência de um verbo entre o NÃO e adjetivo AMERICANO para que haja o paralelismo sintático na estrutura em questão. Os casos de **não + nome + nem** constituem, portanto, mais um indício de que as formações **não + nome** seriam estruturas sintáticas, e não exatamente formações morfológicas.

Adotando os níveis da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982), temos como proposta a análise das formações do tipo **não + nome** como constituídas de dois elementos que passaram separadamente por toda derivação no léxico e, depois, no nível pós-lexical, começaram a ser usados em forma de uma única expressão e podem passar para o nível lexical ou não.

O sintagma formado no nível pós-lexical pelo elemento NÃO e o nome a que ele se refere apresenta uma relação sintática que é fortemente refletida na interpretação do composto. Entendemos que há a elipse de um verbo entre o NÃO e o nome. Em alguns casos, o elemento NÃO estaria mais próximo da negação

sintática do que de um afixo e, por isso, certas formações com NÃO seriam formações ainda no componente sintático, por hipótese.

Conforme os argumentos de Silva e Mioto (2009), essas formações não parecem mostrar opacidade para as descrições e operações sintáticas, ou seja, seriam sintaticamente transparentes. Faremos, então, testes envolvendo a concordância negativa e as formações com NÃO, e também as estruturas como **não + nome + nem**; analisaremos dados de diferentes épocas do português; e dados contemporâneos extraídos da internet em busca de evidências a favor da nossa hipótese de que algumas formações com NÃO estariam no nível pós-lexical, e que outras apresentariam uma estrutura diferente e seriam mais opacas. Além disso, pesquisaremos as diferenças das formações **não + nome**, considerando a classe gramatical a que o NÃO antepõe-se, o tipo de verbo que estaria elíptico entre o NÃO e nome, o uso ou não do hífen em várias épocas e, ainda, a relação verbo-nome e o tipo de formação do nome a que o NÃO antepõe-se em busca de respostas para as seguintes questões:

- Poderíamos analisar todas as formações **não + nome** da mesma maneira?
- Seria possível falar em gramaticalização nesses casos?
- Poderíamos falar em morfologização, segundo Joseph (2001)?

Seria interesse analisar, também, qual a relação entre as formações com o elemento NÃO e as formações com prefixos negativos como *in-*, *des-* e *a-*: observar as ocorrências de NÃO FELIZ e INFELIZ, por exemplo, em várias épocas do português e identificar a trajetória das formações com NÃO em comparação com a trajetória das formações com prefixos negativos no português. As formações com NÃO estariam em um processo de variação com as formações prefixais negativas? Como isso teria ocorrido na história da língua e como estaria ocorrendo atualmente? Essas questões não serão respondidas neste trabalho, mas seriam interessantes para uma análise futura.

A estrutura NÃO OBSTANTE, especificamente, constitui um caso de NÃO anteposto a um adjetivo no português que, no entanto, apresenta diferenças em

relação a outras formações do tipo **não + nome**: o NÃO OBSTANTE mostrou-se bastante recorrente na coleta de dados em diferentes épocas do português feita nesta pesquisa e mostrou, ainda, propriedades que não nos permitem analisá-lo da mesma maneira que outras formações do tipo **não + adjetivo**, como NÃO VERBAL por exemplo.

Nesse sentido, pretendemos mostrar que o NÃO pode integrar construções que, por hipótese, parecem ter passado por um processo de gramaticalização ao longo da história da língua, como na expressão NÃO OBSTANTE, que teria, a princípio, um elemento de negação seguido do adjetivo OBSTANTE, vindo do particípio presente do verbo OBSTAR, e depois se tornaria locução conjuntiva concessiva NÃO OBSTANTE. Em relação a esse processo, podemos perguntar:

- Temos evidência da gradualidade do processo de gramaticalização?
- Poderíamos falar em reanálise do percurso da gramaticalização do NÃO OBSTANTE?
- Seria a reanálise motivada por um processo de metonímia?
- Teríamos evidências dos princípios da gramaticalização nesse processo em que a construção NÃO OBSTANTE esteve envolvida.
- A possível gramaticalização do NÃO OBSTANTE como locução conjuntiva concessiva, isto é, uma estrutura de hipotaxe, confirmaria a proposta da trajetória *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação* relacionada ao *cline* de gramaticalização?

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a análise das formações em que o NÃO refere-se a um nome no português serão considerados os níveis da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982). Para a análise da expressão NÃO OBSTANTE, utilizamos os pressupostos teóricos da gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Para a classificação do que é lexical ou gramatical, utilizamos critérios de modelos de análises mais formais. Adotamos também os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança para análise do NÃO OBSTANTE e suas formas variantes.

3.1 Gramaticalização

A gramaticalização é tratada na literatura dentre os diversos processos de mudança linguística⁹ e realiza-se quando uma expressão adquire, ao longo do tempo, uma natureza mais gramatical. Vejamos:

(...) it is usually accepted that some kind of distinction can be made in all languages between 'content' words (also called 'lexical items', or 'contentives'), and 'function' words (also called 'grammatical' words). The words *examples*, *accept*, and *green* (i.e., nouns, verbs, and adjectives) are examples of lexical items. Such words are used to report or describe things, actions, and qualities. The words *of*, *and*, *or*, *it*, *this*, that is, prepositions, connectives, pronouns, and demonstratives, are function words. They serve to indicate relationship of nominals to each other (prepositions), to link parts of a discourse (connectives), to indicate whether entities and participants in a discourse and already identified or not (pronouns and articles), and to show whether they are close to the speaker or hearer (demonstratives). Frequently it can be shown that function words have their origins in content words. When a content word assumes the grammatical characteristics of a function word, the form is said to be 'grammaticalized'. Quite often what is grammaticalized is not a single content Word but an entire construction that includes that word, as for example Old English *pa hwile pe* 'that time that' > *hwile* 'while' (a temporal connective). (HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.4)

⁹ Vitral (2008) trata de inovação e não de mudança.

3.1.1 Breve histórico

Embora os estudos acerca da passagem de um item de uma categoria para outra não sejam novos,

Estudos iniciais passíveis de ser identificados como de gramaticalização datam do século X na China e continuam a se desenvolver no século XVII, com Condillac e Rousseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra); e, no século XVIII, com Boop, Schlegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whittney (nos Estados Unidos).” (GONÇALVES et al., 2007, p.19)

apenas no século XX foi formalizado um nome para esse tipo de estudo: gramaticalização – termo estabelecido pelo linguista francês Antoine Meillet. Esse autor foi o primeiro a reconhecer a importância da gramaticalização nos estudos da mudança linguística. No seu artigo *L'évolution des formes grammaticales* (1912), Meillet descreve como novas formas gramaticais surgem e, segundo o autor, são dois os processos envolvidos: analogia, ou seja, surgimento de novos paradigmas através da semelhança formal com paradigmas já estabelecidos, e gramaticalização, isto é, “*the passage of an autonomous word to the role of grammatical element*” (MEILLET, 1912, p.131 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.22).

Nesse sentido, Meillet reconhece a importância da analogia no processo de mudança linguística, mas não a considera, exatamente, responsável pela criação de novas palavras. Este papel, conforme Meillet apresenta, é desempenhado pelo processo de gramaticalização. E quando o autor aborda as causas da gramaticalização, ele aponta para a perda de expressividade: a repetição do uso de um item linguístico desgasta sua expressividade. Essa perda/desgaste seria acompanhada por um suposto enfraquecimento da forma fonológica e do significado concreto do item.

Após a abordagem sobre gramaticalização feita por Meillet, os estudos sobre esse tema ficaram em um segundo plano, dando lugar aos trabalhos estruturalistas de natureza sincrônica. Apenas a partir da década de setenta, a gramaticalização voltou a fazer parte dos estudos linguísticos.

A partir daí podem ser citados vários lingüistas que, mais aprofundadamente, começaram a desenvolver pesquisas sobre gramaticalização, principalmente na Alemanha (Lehmann, Heine, Claudi, Hünemeyer) e na Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros).

Todos esses estudiosos partilham o mesmo pensamento no que concerne a dois pontos:

- i. Fazem a distinção entre itens lexicais, signos lingüísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos lingüísticos 'vazios', classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;
- ii. consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras. (GONÇALVES et al., 2007, p.19)

Givón (1971) considerou a gramaticalização como um processo motivado pelo discurso. Trata-se de um estudo feito em uma perspectiva sincrônica.

Segundo Hopper e Traugott

Gramaticalization likewise has been studied from these two perspectives. The chief perspective is historical, investigating the sources of grammatical form and the typical steps of change they undergo. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic change whereby a lexical item or construction in certain uses takes on grammatical characteristics, or through which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use. (HOPPER & TRAU GOTT, [1993] 2003, p.2)

Adotamos, aqui, o termo gramaticalização tal como está em Hopper e Traugott (1993). Segundo esses autores, a gramaticalização é um processo através do qual itens lexicais e construções em certos contextos lingüísticos passam a exercer funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver funções mais gramaticais ainda.

3.1.2 Conceito

Dentre as diversas formas de se expressar o conceito de gramaticalização, apresenta-se, aqui, a maneira como Hopper e Traugott (1993) definem o termo:

The term 'grammaticalization' has two meanings, one to do with research framework within which to account for language phenomena, the other with the phenomena themselves. (...) As a term referring to a research framework, 'grammaticalization' refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions. This research framework is also concerned with characterizing the subset of cross-linguistically recurring correlations across time among semantic-pragmatic, morphosyntactic, and (sometimes) phonological changes. (...) As a term referring to actual phenomena of language, 'grammaticalization' refers most specially to the steps whereby particular items become more grammatical through time. Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions. (HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.1-2.)

A partir dessa definição, é importante retomar a questão do que sejam termos mais ou menos gramaticais. Conforme Hopper e Traugott ([1993] 2003, p.4), os termos menos gramaticais seriam as palavras lexicais, e os itens mais gramaticais seriam os itens funcionais da língua. Assim, são itens lexicais aqueles cujas propriedades fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades, já os itens funcionais são aqueles cujas propriedades tratam de organizar os elementos de conteúdo no discurso, ligar palavras, orações e partes do texto, marcar noções de tempo, aspecto, modo etc. E, ao se considerar o processo de mudança linguística em que o item passa a desempenhar uma função mais gramatical ao longo do tempo, Hopper e Traugott admitem que esse item em processo de gramaticalização segue um percurso de mudança, como o seguinte esquema:

content item > grammatical Word > clitic > inflectional affix
(HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.7)

No esquema, o item mais a direita é mais gramatical que o item à esquerda, e a “[g]rammaticalization as viewed from diachronic perspective is hypothesized to be prototypically a unidirectional phenomenon.” (HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.99), isto é, a mudança que se verifica em decorrência desse processo apresenta uma direção única que não pode ser revertida: é o que se chama princípio da unidirecionalidade.

Sobre esse princípio, Hopper e Traugott explicam que a passagem de categoria lexical para gramatical não é direta, mas que, dentro do processo, o item deve, primeiramente, ser semanticamente mais geral e cumprir funções necessariamente discursivas. Ele, então, torna-se sintaticamente mais fixo e, posteriormente, pode vir a constituir um morfema. Nas palavras dos autores:

The lexical items that become grammaticalized must first be semantically general and serve commonly needed discourse functions. They then become syntactically fixed (they become constructions), and may eventually amalgamate morphologically, say, as stem and affix. The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what meant by unidirectionality. (HOPPER & TRAUOGOTT, [1993] 2003, p. 100)

3.1.3 Princípios de gramaticalização

Quando a mudança linguística é decorrente de um processo de gramaticalização, podemos afirmar que se trata de um processo contínuo, composto por diferentes estágios. Hopper (1991) propõe cinco princípios que caracterizam o início de um processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

Os princípios a seguir propostos por Hopper (1991) “acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados graus de ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizados” (GONÇALVES et al., 2007, p.79).

3.1.3.1 Estratificação

O princípio da estratificação diz respeito à emergência de novas formas a partir de outras sem que as formas antigas deixem de existir. Essas novas formas são semelhantes ou até mesmo idênticas a outras e, num primeiro momento, coexistem. Assim, a partir desse princípio, tem-se como um dos efeitos da

gramaticalização a convivência de formas concorrentes num mesmo recorte sincrônico.

Ilustra o princípio da estratificação o caso da forma *a gente*, que passou a competir gramaticalmente com a forma *nós*, determinado, assim, a regra variável do pronome de 1ª pessoa do plural em português. (cf. GONÇALVES et al.; 2007, p.79)

3.1.3.2 Divergência

O princípio da divergência refere-se aos casos em que um item lexical dá origem a um processo de gramaticalização em determinado contexto, levando ao surgimento de um item gramatical, mas não se gramaticaliza em outros contextos, mantendo suas propriedades lexicais originais. Isso mostra, portanto, que quando uma forma sofre gramaticalização, ela não perde sua autonomia. Assim, itens com mesma etimologia passam a existir na língua com funções diferentes.

Retomando o exemplo da forma A GENTE, temos, de um lado, o substantivo GENTE que permanece na língua como item autônomo, e também temos, por outro lado, a forma gramaticalizada da construção A GENTE, que não pode mais ser analisada como a união de um artigo a um substantivo. Essas duas formas coexistem num mesmo recorte temporal.

3.1.3.3 Especialização

O princípio da especialização está relacionado à redução de formas variantes¹⁰ que ocorre à medida que uma forma começa a ocupar mais espaço no desempenho de determinada função mais gramatical. Um indício dessa

¹⁰ Não estamos usando, neste subitem, o termo *variantes* necessariamente como na Teoria da Variação e Mudança Linguística.

especialização é o aumento da frequência de uso de dada forma que estaria num estágio mais adiantado do processo de gramaticalização.

Sobre a regra variável do pronome de 1ª pessoa do plural, Gonçalves et al, (2007, p.82-3) mostram-nos que, segundo o trabalho de Omena e Braga (1996), a forma A GENTE apresenta uma frequência de uso maior que a forma NÓS, indicando, assim, uma possível especialização de uso da forma gramaticalizada.

3.1.3.4 Persistência

O princípio da persistência prevê a manutenção de traços lexicais em formas gramaticalizadas. O sintagma nominal A GENTE e o pronome de 1ª pessoa do plural A GENTE, por exemplo têm em comum o carácter coletivo de traço [+humano], ou seja, a forma pronominal gramaticalizada mantém a ideia de coletividade do substantivo.

3.1.3.5 Descategorização

Quando um item deixa uma categoria plena, como nomes e verbos, por exemplo, ele abandona as marcas morfológicas e sintáticas características dessa classe e passa a adquirir características gramaticais de categorias secundárias, como conectivos, pronomes, auxiliares etc. Assim, o princípio da descategorização relaciona-se à perda de traços mais lexicais e ao ganho de marcas das categorias secundárias, mais gramaticalizadas.

Voltando ao exemplo da forma A GENTE, verifica-se que, em sua função pronominal, a construção não permite que se substitua o determinante nem admite a presença de um modificador à sua direita. Trata-se de processos morfossintáticos que se aplicam à forma gramaticalizada A GENTE, assim como a outros itens vinculados à categoria de pronome, mas que não se aplicam ao sintagma nominal A GENTE.

3.1.4 Parâmetros de gramaticalização

Lehmann (1982) propõe seis parâmetros que visam medir o grau de autonomia de um item. A autonomia relaciona-se à gramaticalização na medida em que quanto mais autônomo um item, menos gramaticalizado, e quanto mais dependente, maior o grau de gramaticalização. Vejamos, primeiramente, esses parâmetros distribuídos no quadro a seguir:

	Parâmetro	GR incipiente	Processo	GR avançada
Eixo paradigmático	Integridade (peso)	Item possivelmente polissilábico, com muitos traços semânticos	Atrição	Item geralmente monossilábico, com poucos traços semânticos
	Paradigmaticidade (coesão)	Participação “frouxa” do item em um campo semântico	Paradigmaticização	Item integra paradigma pequeno, altamente integrado
	Variabilidade paradigmática (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as intenções comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
Eixo sintagmático	Escopo (peso)	Relação do item com constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica a palavra ou a raiz
	Conexidade (coesão)	Justaposição do item independentemente	Coalescência (união)	Item é afixo ou traço fonológico
	Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

QUADRO 3: CORRELAÇÃO DE PARÂMETROS DA GRAMATICALIZAÇÃO (ADAPTADO DE LEHMANN, 1995 [1982], p. 164)¹¹

O quadro 3 relaciona os aspectos peso, coesão e variabilidade aos dois eixos de distribuição – eixo paradigmático e eixo sintagmático. Para ser autônomo, um item deve ter certo peso no paradigma e no sintagma de que participa (integridade vs. escopo). Essa autonomia diminui à medida que o item passa a apresentar certas relações de coesão com outros itens (paradigmaticidade vs. conexidade), e também diminui quanto menor for sua variabilidade ou mobilidade.

¹¹ Quadro extraído de Gonçalves et al. (2007, p.71).

- **Integridade:** refere-se ao tamanho substancial de um item que lhe permite manter a identidade. Segundo Lehmann, esse tamanho diz respeito tanto a questões semânticas quanto morfológicas. Esse parâmetro pode ser considerado sob suas perspectivas: a da atrição fonológica e a da dessemantização ou *bleaching* semântico.
- **Paradigmaticidade:** refere-se ao grau com que um item se conecta a outro. Conforme o grau de gramaticalização avança, o grau de conexão também avança. Assim, existem conexões de justaposição, num primeiro momento, até, numa última instância, a fusão de um item ao outro.
- **Variabilidade paradigmática:** refere-se à possibilidade de escolha de um signo dentro de um paradigma. É nesse momento que uma forma pode passar a competir com outra, 'vencendo' essa competição em um dado contexto. De acordo com Lehmann (1982), a liberdade de escolha do item é inversamente proporcional ao avanço do processo de gramaticalização, ou seja, à medida que o processo avança, o item passa a ser cada vez mais obrigatório em determinado paradigma.
- **Escopo:** refere-se à extensão da construção que um item ajuda a formar. Segundo Lehmann, quanto mais gramaticalizado, menor o escopo de um item.
- **Conexidade:** refere-se à coesão de um item com outro e se manifesta por meio de processos de justaposição, cliticização, aglutinação e fusão.
- **Variabilidade sintagmática:** refere-se à mutabilidade posicional que um item tem em relação a outro dentro do sintagma. A exemplo também da variabilidade paradigmática, a sintagmática diminui à medida que o processo de gramaticalização avança, ou seja, há uma tendência à ordem fixa dos constituintes em alto grau de gramaticalização.

3.1.5 Gramaticalização e combinação de orações

O estudo dos conectivos que ligam as orações num período sob o prisma da gramaticalização ocorre a partir da análise de itens lexicais que adquiriram a função de complementizador, de pronomes relativos ou de conjunções. Outra perspectiva de estudo seria a combinação de orações em si tratada no âmbito da gramaticalização: se a gramaticalização, de forma geral, engloba o desenvolvimento de estruturas gramaticais e suas motivações, então, os processos de articulação de orações também poderiam ser enquadrados em seu domínio.

As orações em um período composto podem ser classificadas da seguinte forma: elas podem funcionar como um sintagma nominal (SN), desempenhando o papel de complemento; podem funcionar como um modificador de um SN no período, desempenhando o papel de oração relativa, e podem ter uma função adverbial, atribuindo circunstâncias de tempo, causa e condição. A combinação de orações sob o ponto de vista sincrônico, enquadradas no âmbito da gramaticalização, poderia ser analisada, na proposta de Hopper e Traugott (1993), considerando um *cline* unidirecional que vai da justaposição à subordinação.

To simplify, we can think initially of a cline with three 'cluster points' as follow (the cline is based on discussion by Matthiessen and Thompson 1988; C. Lehmann 1988, 1989b; Langacker 1991):

- (a) 'Parataxis,' or relative independence, except as constrained by the pragmatics of 'making sense' and relevance.
- (b) 'Hypotaxis' or interdependency, in which there is a nucleus, and one or more clauses which cannot stand by themselves, and are therefore relatively dependent. However, they are typically not wholly included within any constituent of the nucleus.
- (c) 'Subordination,' or, in its extreme form, 'embedding,' in other words, complete dependency, in which a margin is wholly included within a constituent of the nucleus.

These cluster points can be characterized by a 'cline of clause combining':

parataxis > hypotaxis > subordination
(HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.177)

Considerando os traços dependência e encaixamento, Hopper e Traugott [1993] (2003, p.178) apresentam o seguinte esquema:

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependente		+ dependente		+ dependente
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento

Verifica-se que a subordinação e a hipotaxe compartilham uma propriedade – dependência – e diferenciam-se pelo traço encaixamento: apenas a oração subordinada é um argumento oracional de outra oração. Vejamos a seguir o esquema¹² apresentado por Hopper e Traugott (1993) sobre a caracterização das orações considerando os critérios de dependência, integração e tipo de ligação:

Parataxe	_____	Hipotaxe	_____	Subordinação
(independência relativa)		(interdependência)		(dependência)
Núcleos	_____		_____	Margens
Integração mínima	_____		_____	Integração máxima
Elos maximamente explicitados				Elos minimamente explicitados

Nesse esquema, verificamos que a parataxe caracteriza-se pela relativa independência e integração mínima entre as orações, a hipotaxe apresenta uma interdependência e um grau intermediário de integralização, e a subordinação caracteriza-se por total dependência e integração máxima entre as orações, ou seja, a margem é encaixada a um constituinte da oração-núcleo.

Considerando, assim, a trajetória parataxe > hipotaxe > subordinação, e também o que foi apresentado por Hopper e Traugott (1993) sobre o *cline* de gramaticalização de itens linguísticos, verifica-se o seguinte, segundo Gonçalves *et al.*:

- (i) o padrão oracional à direita é mais gramatical do que o outro à sua esquerda;
- (ii) a mudança de um tipo de oração complexa para outro se dá de um ponto à esquerda para outro ponto à direita, o que remete ao princípio de unidirecionalidade no processo de combinação de orações. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.55)

Segundo essa proposta, existe uma correlação entre dependência e integração e o grau de gramaticalização: quanto maior a integração sintática e a

¹² Adaptação do esquema de Hopper e Traugott ([1993] 2003, p. 179) extraída de Pereira, Braga e Paiva (2010, p.175).

dependência, maior o grau de gramaticalização da construção. Assim, na análise do NÃO OBSTANTE, podemos partir do pressuposto que essa estrutura, ao desempenhar a função de conectivo subordinativo concessivo (hipotaxe), selecionando verbo especificamente no subjuntivo, passa a apresentar maior grau de gramaticalização.

3.1.6 Abordagem formal

Embora os estudos acerca da gramaticalização tenham crescido sobre o âmbito funcionalista, e apesar de haver, ainda hoje, muitos estudos nessa perspectiva teórica, existem também propostas de conceber a gramaticalização a partir de uma abordagem formal. Como apontam Vitral e Ramos (2006), “o que fizemos então foi ‘interpretar’ propriedades da gramaticalização a partir dos pressupostos de um modelo formal que, no nosso caso, é o da gramática gerativa” (p. 19).

Nesse sentido, a distinção entre formas lexicais e formas gramaticais é feita, na perspectiva formal, da seguinte maneira: fazem parte da categoria lexical os nomes (N), os verbos (V), os adjetivos (A) e as preposições (P), e a categoria gramatical (ou melhor, funcional, conforme o gerativismo) compreende os complementizadores (C), as flexões (I), os determinantes (D) e os auxiliares (Aux) (Vitral, 2006:172; Mioto, Silva e Lopes, 2000, p. 56-61). E, nessa perspectiva teórica, a gramaticalização seria um processo responsável pela mudança de categoria de uma forma, que passaria de lexical para gramatical. É importante ressaltar que essa distinção do âmbito formal não coincide exatamente com aquela feita por Hopper e Traugott (1993).

	FORMAS LEXICAIS	FORMAS GRAMATICAIS
Hopper e Traugott (1993)	nomes, verbos, adjetivos	preposições, conectivos, pronomes, demonstrativos
Perspectiva Formal	nomes, verbos, adjetivos, preposições	complementizadores, flexões, determinantes, auxiliares

QUADRO 4: FORMAS LEXICAIS E FORMAS GRAMATICAIS: QUADRO COMPARATIVO

Vitral e Ramos (2006) explicam que

Sob o rótulo da gramaticalização, têm sido tratados dois tipos distintos de processos: aquele em que um item lexical é recategorizado como gramatical e aquele em que um item lexical ou permanece como item da mesma categoria lexical ou passa a funcionar como um item de uma outra categoria também lexical. Este último processo é representável como : lexical > lexical. Trata-se de casos, por exemplo, como os seguintes:

- (4) a. redondo (adjetivo) > redondo (advérbio)
- b. braço (substantivo) > braço de cadeira (substantivo)

No caso de fenômenos como (4), é bastante relevante a discussão acerca do papel de mecanismos cognitivos subjacentes à metáfora e à metonímia e da dicotomia concreto/abstrato na sua criação e descrição semântica. Tais casos são certamente mais bem nomeados de processos de lexicalização, devendo, portanto, ser distinguidos dos processos de gramaticalização nos quais, como dissemos, um item pertencente a uma das categorias lexicais passa a funcionar como um item das categorias gramaticais. (p. 22-23)

Vitral (2006, p.157) apresenta uma versão estendida do esquema que representa o processo de gramaticalização:

- A. a. Lexical > b. Gramatical
- B. a1. p. máxima > b1. p. máxima > b2. núcleo > b3. clítico > b4. Afixo

O autor admite, então, que o processo de gramaticalização funciona em paralelo levando em conta os eixos A e B da citação acima e que, além disso, o componente computacional distingue os estágios previstos no eixo B. Haveria, portanto, uma gradualidade dentro das classes funcionais, segundo Vitral (op. cit.)

No âmbito funcionalista, por outro lado, o estudo da mudança relaciona as formas linguísticas às funções que desempenham no processo comunicativo.

Como diz Givón, ao abrir sua obra *Funcionalismo e linguagem* (Givón, 1995), todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A gramática funcional, aponta Nichols (1984, p.97), embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. (NEVES, 1997, p.3)

Nesse sentido, a gramaticalização dentro do enfoque funcionalista é entendida como um processo de criação da gramática através da necessidade

discursiva: uma forma perde autonomia e alcança um caráter mais gramatical através de um processo motivado pelo discurso.

Na perspectiva formal:

Nos processos de gramaticalização, afirma-se que as alterações da natureza dos itens incidem sobre *três aspectos gramaticais*, que tornam os fenômenos de gramaticalização distintos ou, ontologicamente, identificáveis. Assim, quando um item se gramaticaliza, sofre alterações sintáticas, muda de classe de palavra; semânticas: 'esvazia-se' semanticamente ou 'perde conteúdo'; e morfofonéticas: ocorre 'redução' ou 'diminuição' de sílabas e/ou acento. (VITRAL & RAMOS, 2006, p.19)

E as alterações da natureza de um item seriam previstas pelo ciclo formulado por Hopper e Traugott (1993).

Adotamos, a seguir, a caracterização desses aspectos gramaticais que possibilitam identificar o processo de gramaticalização. Além dos três apontados por Vitral e Ramos (2006), será abordada, ainda, a questão da frequência de uso e sua relação com a gramaticalização de um item apontada em Vitral (2006).

3.1.7 Critérios para identificação do processo de gramaticalização

Para distinguir e caracterizar os critérios que possibilitam a identificação de processos de gramaticalização lançou-se mão do trabalho de Vitral (2006). Segundo o autor, há dois conjuntos de critérios que são interdependentes: o primeiro corresponde aos critérios de natureza sintática, morfofonética e semântica, que possibilitam, a partir da caracterização do item linguístico, isolar as funções gramaticais e as lexicais. O segundo diz respeito aos critérios de frequência:

A apreciação da frequência do item l em f.Gra. e do item l em f.Lex e f.Gra¹³ e a comparação dos valores encontrados é, como veremos, o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização. (VITRAL, 2006, p.155)

¹³ Item f.Lex é o mesmo que item em sua forma lexical, e item f.Gra. é o mesmo que item em sua forma gramatical.

3.1.7.1 Critério sintático

Esses critérios permitem-nos caracterizar a distribuição sintática do Item I de forma a decidir, assim, se seu emprego o determina como item gramatical ou como item lexical. (VITRAL, 2006, p.152)

A gramaticalização, por estar relacionada à mudança da categoria de um item e considerando que cada categoria ocorre na estrutura sintática com certas delimitações, a análise da distribuição estrutural do item na sentença será determinante para se identificar sua natureza lexical ou gramatical: quanto mais gramatical, mais limitado sintaticamente será o item linguístico e mais previsível será o seu uso na sentença.

Silva (2008), em seu estudo sobre o item ONDE na perspectiva da gramaticalização, apresenta essa questão da limitação do contexto sintático em relação a uma forma mais gramatical.

Se o onde está em processo de gramaticalização, é de se esperar que as suas formas mais gramaticais estejam sintaticamente limitadas: o Onde conectivo e o Onde relativo não poderão ocorrer nos mesmos contextos sintáticos em que ocorre o Onde adverbial. Ou pelo menos terão um trânsito menos livre na sentença.” (SILVA, 2008, p.32)

Portanto, conforme aponta Coelho (2006, p.40), “à medida que o item vai se tornando mais gramatical, ele torna-se também mais regular, pois passa a sofrer as restrições impostas pela gramática.”

3.1.7.2 Critério morfofonético

No que concerne aos critérios morfofonéticos, devem-se examinar (i) a redução fônica do item, esperando-se que essa redução seja ‘visível’ quando o item I for empregado como f.Gra; e (ii) a quantidade dos tipos de formas do item. O critério (i) pressupõe, bem entendido, que a redução é um recurso de aferição de gramaticalização, que foi gestada, como se sabe, no interior da literatura sobre esses fenômenos. (...) As principais questões a serem respondidas em relação a esse critério são as seguintes: (a) como caracterizar explicitamente a redução fônica, isto é, que tipo de mudança

sonora é suficiente para afirmarmos que está a caminho um processo de gramaticalização?; e (b) que recursos dos componentes da gramática viabilizam essas reduções? (...)

Há, contudo, exemplos na literatura da redução ocorrer também com o item quando desempenha uma f.Lex. É o caso, por exemplo, da forma *tá* (redução de *está*) que pode ocorrer quando auxiliar ou enquanto verbo lexical (cf. MENDES, 1999). O que pode ser investigado em relação a esse problema é se a frequência da forma reduzida, analisada sua trajetória, é maior, ou ocorre primeiramente, quando usada como f.Gra. Se assim for, pode-se levantar a hipótese de *analogia*, ou seja, a redução do item enquanto f.Lex se deu por analogia com o item enquanto f.Gra. A dificuldade adicional de comprovação desta hipótese é a questão do acesso dos dados no *tempo real* já que a redução é saliente sobretudo na língua falada.

Em relação ao critério (ii), espera-se que, como f.Gra, o item exiba menor variação de formas. (VITRAL, 2006, p.153)

Pode-ser afirmar que, na literatura, é consenso que itens mais gramaticalizados sejam mais reduzidos que seus correspondentes plenos, fato relacionado à frequência do uso (BYBEE & PAGLIUCA, 1985, p. 72). No entanto, nem todos os itens em processo de gramaticalização sofrem redução da substância fonética. Como explica Coelho (2006), a perda fônica de uma forma “é determinada não apenas pela frequência do uso, mas também pelas características fonéticas do item. Assim, se se trata de um item monossilábico e tônico, é pouco provável que haja perda do material fônico.” (p. 39).

Vitral (op. cit.) apresentou questões sobre esse critério morfofonético e citou o caso de *TÁ* e *ESTÁ*.

(11) a. Ele *tá* bem.
b. Ele *está* bem.

(12) a. Ele *está* correndo agora.
b. Ele *tá* correndo agora. (VITRAL & RAMOS, 2006, p. 27)

Esses dois itens manifestam-se como verbo de estado: *TÁ* é semanticamente idêntico a *ESTÁ* e ambos podem ser usados em uma função lexical (11) ou em uma função gramatical (12). Trata-se de um caso que mostra, portanto, que a redução fonética não é exclusiva do uso do item numa função gramatical.

Há, no entanto, questões quanto à redução do item gramatical: quando a redução indica, de fato, gramaticalização, considerando que itens lexicais também podem se reduzir?

3.1.7.3 Critério semântico

A respeito dos critérios semânticos, que são, devidamente, os mais difíceis de apreciação quantitativa, devem-se analisar (i) o número de significados do item que foram utilizados; e (ii) quais significados são caracterizados como lexicais e quais são caracterizados como gramaticais. (...)

Além disso, na literatura sobre gramaticalização, defende-se que, nesses processos, o item que passa por esse processo adquire significado abstrato em detrimento de significado concreto. (VITRAL, 2006, p.153)

Uma forma que passa por um processo de gramaticalização sofre perda de seu conteúdo nocional e incorporação de conteúdo gramatical. Dessa forma, tem-se uma redução dos usos concretos da forma e, conseqüentemente, uma ampliação de seus usos abstratos, levando à polissemia do termo. Vejamos o exemplo extraído de Coelho (2006)

(1) “João *tem* muitos amigos, mas, ainda assim, *tem* se sentido muito sozinho ultimamente.” (COELHO, 2006, p.34)

Coelho (op. cit.), ao estudar, diacronicamente, o processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na língua portuguesa, mostra que a forma plena do verbo TER – primeira ocorrência do verbo no exemplo (1) acima – denota uma posse inalienável, já sua forma gramaticalizada de auxiliar do verbo SENTIR – segunda ocorrência do verbo TER em (1) – foi totalmente esvaziada de seu valor semântico de posse, incorporando valores gramaticais responsáveis por marcar o tempo, o número e o aspecto verbais.

A polissemia que Coelho (2006) verificou durante um determinado estágio da gramaticalização é resultado de processos metonímicos.

Outra operação cognitiva presente no processo de gramaticalização é a metonímia. Da mesma forma que a metáfora, ela também se baseia no princípio da extensão. Contudo, não se trata de uma extensão de usos, mas de uma extensão de categorias, que se processa por contigüidade, já que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto sintático. Hopper e Traugott (1993), citando Stern (1931), explicam que a metonímia ‘resulta de ‘um [ser] universal’ usado em uma frase em que a noção de algum modo conectada com seu sentido é suscetível de formar um elemento do contexto’ (p. 81, tradução nossa) Com isso, pode-se inferir que os processos metonímicos são responsáveis pela ambigüidade de

interpretação que se verifica num determinado estágio do processo de gramaticalização, pois são eles que, no contexto, induzem o falante a interpretar determinada estrutura de uma forma ou de outra. (COELHO, op. cit., p.57)

No processo de gramaticalização dos verbos auxiliares abordado por Coelho, uma mesma estrutura de superfície evoca duas estruturas profundas distintas e, cada uma, tem o seu sentido interpretado de maneira diferente.

Vitral (2006) considera o primeiro significado do item seu sentido lexical, e também o mais concreto em relação ao sentido mais gramatical. Os sentidos mais gramaticais seriam os que advierem desse primeiro e seriam considerados mais abstratos.

3.1.7.4 Critério de frequência

A apreciação da frequência de ocorrência do Item I em f.Gra e do Item I em f.Lex e fGra e a comparação dos valores encontrados é, como veremos, o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização. Eles são divididos em quatro procedimentos principais:

- *Análise da frequência do item I*: somando-se, portanto, sua ocorrência em f.Lex e f.Gra – em relação ao número de palavras de cada texto que compõe o corpus de cada período e posterior comparação dos valores encontrados nos períodos considerados.
- *Análise da frequência do item I em f.Gra em relação ao total de ocorrências do item I – isto é, somando os valores de f.Gra e f.Lex*: em cada texto que compõe o corpus de cada período e posterior comparação dos valores encontrados nos períodos considerados.
- *Análise da frequência do item I em f.Lex em relação ao total de ocorrências de I – isto é, somando os valores de f.Gra e f.Lex*: em cada texto que compõe o corpus de cada período e posterior comparação dos valores encontrados nos períodos considerados.
- *Análise da produtividade do item I em f.Gra, isto é, verificação da frequência de I em f.Gra em relação à frequência de um item gramatical que, sabidamente, desempenha a mesma f.Gra.*

De acordo com os critérios acima, se um item I está passando por um processo de gramaticalização, espera-se, comparando-se os períodos considerados, que (i) a frequência de I aumente (cf. HEINE; HEH, 1984); (ii) que a frequência de I em f.Gra também aumente; e (iii) que a frequência de I em f.Lex diminua. (VITRAL, 2006, p.155)

No trabalho de Coelho (2006), foram aferidas as ocorrências da forma TER nas funções lexical e gramatical e, nos três períodos da língua analisados (arcaico, moderno e contemporâneo), verificou-se que o total de ocorrências aumentou de um período a outro, as ocorrências da função gramatical aumentaram de um período a outro, e aumentaram, também, em relação à frequência total do item, já as ocorrências da função lexical diminuíram em relação à frequência total do item.

Assim, conforme Vitral (2006, p.155), um percurso de gramaticalização definido como prototípico apresentará um aumento gradativo da frequência do item na função gramatical e uma queda também gradativa do item na função lexical, comparativamente.

As análises do verbo TER feitas por Coelho (op. cit.) corroboram a hipótese desse percurso prototípico da gramaticalização, mas nem sempre esse percurso pode ser verificado, conforme o que se observa, no mesmo trabalho de Coelho, a respeito do verbo HAVER. Vitral, Viegas e Oliveira (2010) argumentam que o percurso prototípico pode ser interditado eventualmente por processos de variação que interfeririam no conjunto da frequência do item em gramaticalização, por exemplo.

3.2 Mecanismos de Mudança

Como é sabido, a Teoria da Variação e Mudança, desde o texto seminal de Weinrich, Labov e Herzog ((1968); cf.também Labov (1972) e (1994)), implementa, numa abordagem teórica objetiva, a idéia de que as línguas, como fatos sociais, estão sujeitas a mudanças, prevendo-se que, para tanto, sofrerão variação lingüística. Nesta visão, duas premissas são centrais: (1) a heterogeneidade que se observa nas línguas é ordenada, ou seja, é possível estabelecer princípios que as descrevam e as expliquem; (2) a produção das formas de uma língua pelos falantes pode ser variável, o que é tratado, inicialmente, por meio da noção de regra variável e tem, como consequência, a co-ocorrência de formas intercambiáveis sem que o significado que se intenta veicular seja prejudicado. De acordo com a fórmula tornada célebre, das formas co-ocorrentes e concorrentes deve ser aferido o mesmo *valor de verdade*, o que é condição imprescindível para que ocorra a mudança lingüística.

Por outro lado, como também sabemos, o fenômeno da mudança lingüística é ainda objeto de descrição e análise da perspectiva teórica que se serve da noção de Gramaticalização. Por meio desta noção, ao observar estágios diferentes de uma língua, captamos o fato de uma forma funcionar, inicialmente, como um item de natureza lexical e, em seguida, passar a

funcionar também como um item de natureza gramatical. (VITRAL, VIEGAS & OLIVEIRA, 2010, p. 201)

Segundo Hopper e Traugott (1993), há certos mecanismos que facilitam ou permitem a mudança linguística:

Reanalysis and analogy have been widely recognized as significant for change in general, most especially morphosyntactic change. In reanalysis, the grammatical – syntactic and morphological – and semantic properties of forms are modified. These modifications comprise changes in interpretation, such as syntactic bracketing and meaning, but not at first change in form. Reanalysis is the most important mechanism for grammaticalization, as for all change, because it is a prerequisite for the implementation of the change through analogy. Analogy, strictly speaking, modifies surface manifestations and itself does not effect rule change, although it does effect rule spread within the linguistic system itself or within the community. (HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p. 39)

3.2.1 Reanálise

Na definição de Langacker (1977), reanálise é a mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação de superfície.

Segundo Hopper e Traugott (2003), trata-se de um mecanismo geral de gramaticalização através do qual as propriedades gramaticais – sintáticas e morfológicas – e semânticas das formas são modificadas, constituindo mudanças na interpretação, mas não na forma, a princípio.

Cohen (2010), baseada em Harris e Campbell (1995), apresenta o seguinte:

A reanálise é assim descrita: ela muda diretamente a estrutura subjacente, que contém informações sobre: a) constituição; b) estrutura hierárquica; c) rótulos categoriais; d) relações gramaticais; e) coesão. A reanálise vai afetar pelo menos um desses aspectos da descrição sintática. (COHEN, 2010, p. 61)

Na análise de Cohen (op. cit.), o sufixo formador de advérbios modais (-mente) teria sido o resultado da reanálise do substantivo MENTE quando presente num sintagma nominal constituído de um adjetivo mais um nome (ALTA MENTE).

Nesse processo, a fronteira entre o adjetivo e substantivo deixa de ser percebida: adjetivo # *mente* > adjetivo + *mente*.

Na reanálise, a possibilidade de uma mesma estrutura de superfície evocar duas estruturas profundas distintas gera, inicialmente, uma ambiguidade de interpretação. Haveria, em um primeiro momento, a coexistência de duas análises – a da forma inicial e a da forma resultante da reanálise. No estudo de Cohen (2010), a autora verificou que, no *continuum* diacrônico da possível gramaticalização do MENTE, há registros de diferentes graus de coesão entre o adjetivo e o nome MENTE, e a coexistência de formas +coesas e -coesas pode ser entendida como um exemplo dessa ambiguidade. Analisando dados do século XVIII, Cohen (op. cit.) pode estabelecer uma escala relacionada à coesão entre o adjetivo e o nome, indo de estruturas -coesas a +coesas. Assim, as formas que estariam no extremo -coesas da escala seriam indícios da forma original latina da palavra MENTE, e as formas que estariam no extremo +coesas da escala seriam casos em que o MENTE encontrava-se já cliticizado. A autora registra, então, casos que parecem indicar uma alternância entre a forma coesa e não coesa: há, por exemplo, o registro gráfico da forma -coesa em que o MENTE não se une ao vocábulo anterior e é abreviado (ACTUAL M^{TE}), e também há o registro em que o *-mente*, +coesas, liga-se ao vocábulo anterior e é abreviado (ACTUALM^{TE}).

Um tipo de reanálise bastante encontrado no processo de gramaticalização é, conforme apresentam Hopper e Traugott (1993), a fusão, isto é, o processo através do qual dois ou mais elementos tornam-se apenas um. A reanálise de MENTE é um exemplo de fusão: tinha-se, a princípio, um sintagma formado por duas palavras independentes (adjetivo + substantivo MENTE) que perdeu a fronteira entre seus constituintes, originando, assim, uma só palavra. Gramaticalização e reanálise, porém, são dois processos independentes: nem sempre a ocorrência de reanálise pressupõe gramaticalização.

Sometimes reanalysis results in a change that has grammatical effects, but nevertheless involves a shift from grammatical to lexical structure, rather than from lexical to grammatical structure (the norm for grammaticalization). (HOPPER & TRAUOGOTT, [1993] 2003, p.58)

Um exemplo como GIRASSOL ilustra um caso de reanálise por fusão, em que ocorre a perda de fronteiras entre [GIRA] e [SOL] > [GIRASSOL], mas não constitui um caso de gramaticalização, já que SOL ou GIRA não foram reanalisados como um morfema gramatical. Gramaticalização e reanálise são, portanto, processos distintos e independentes. Nas palavras de Hopper e Traugott (op. cit.), “It is best, then, to regard grammaticalization as a subset of changes involved in reanalysis, rather than to identify the two.” (p. 58).

Para Hopper e Traugott (op. cit.), a reanálise envolve reorganização sintagmática, linear, frequentemente local, mudança de regras e forte dependência do contexto, que é o desencadeador das mudanças proporcionadas pela atuação desse mecanismo. Os autores associam, muitas vezes, a reanálise ao processo cognitivo da metonímia.

A metonímia ocorre quando um item, em determinado contexto, adquire um novo sentido relacionado ao sentido original, e esse processo ocorre a partir de uma extensão gradual do uso, ou, simplesmente, de uma reinterpretação induzida pelo contexto.

Metonymic change (...) involves specifying one meaning in terms of another that is present, even if only covertly, in the context. It is largely correlated with shifts to meanings situated in the subjective belief state or attitude toward the situation, including the linguistic one. (HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p. 92-93)

Segundo Coelho (2006):

(...) pode-se inferir que os processos metonímicos são responsáveis pela ambigüidade de interpretação que se verifica num determinado estágio do processo de gramaticalização, pois são eles que induzem o falante a interpretar determinada estrutura de uma forma ou de outra (COELHO, 2006, p.57)

Os processos metafóricos também se associam à gramaticalização:

Rather than subscribe to the idea that grammatical evolution is driven by communicative necessity, we suggest that human language uses have a natural propensity for making metaphorical extensions that lead to the increased use of certain items (BYBEE & PABLIUCA, 1985:75 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, [1993] 2003, p.85)

Conforme apresentam Heine et al. (1991), tanto os conceitos mais concretos quanto os mais abstratos se agrupam a determinadas categorias cognitivas básicas, que podem ser arranjadas em uma escala que tem a seguinte configuração:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE
(HEINE et al. 1991, p.157)

A passagem de uma categoria a outra se dá metaforicamente, partindo de conceitos concretos para abstratos, sendo que os conceitos à esquerda servem de fonte para os domínios que estão à direita. A organização das categorias é unidirecional, parte da esquerda para a direita e pode ser definida em termos de abstração metafórica, em que uma dada categoria é mais abstrata do que qualquer outra categoria que estiver à sua esquerda e menos abstrata do que qualquer uma à sua direita. Esse *cline* está de acordo com a afirmação de Heine et al. (1991) de que a gramaticalização é o resultado de uma estratégia de solução de problemas, segundo a qual conceitos que são imediatamente acessíveis à experiência humana são empregados para a expressão de conceitos menos acessíveis e mais abstratos.

3.2.2 Analogia

o termo *analogia*, em Lingüística, é empregado, conforme Lyons (1979), “no sentido mais restrito de ‘proporção’ matemática de quarta proporcional (...). Aliás, o termo *proporção* vem do lat. *proportio*, que é a tradução do gr. *analogia*.” (p. 6). Tomando por paradigma a relação proporcional estabelecida entre *canto* : *cantei*, torna-se possível conjugar analogicamente a primeira pessoa do presente do indicativo no pretérito perfeito desse mesmo modo para todos os verbos regulares de primeira conjugação. O apelo a esse expediente analógico é responsável, muitas vezes, por conjugações irregulares, como, por exemplo, quando crianças em fase de aquisição de linguagem dizem “batei”, ao invés de “bati”. Pode-se afirmar, pois, que a analogia se baseia em um tipo de raciocínio que visa à generalização de regras preexistentes com vistas a atingir uma regularidade. Ela promove, dessa feita, uma espécie de reengenharia de formas, pois opera no eixo paradigmático da língua, atraindo formas já existentes numa tentativa de expandir seus usos. Diz-se, por isso, que ela modifica as manifestações superficiais, mas não acarreta mudança de regras. (COELHO, 2006, p. 53-54)

Enquanto a reanálise refere-se à substituição de estruturas antigas por novas, a analogia, por contraste, refere-se à atração de formas preexistentes na língua a construções também já existentes. Ambos os mecanismos envolvem inovação ao longo de diferentes eixos: a reanálise, por um lado, opera ao longo do eixo sintagmático da estrutura constituinte linear, e a analogia, por outro lado, opera ao longo do eixo paradigmático, envolvendo mudança nos padrões de uso.

A analogia seria responsável por nivelar um paradigma de acordo com a regra mais produtiva. Um exemplo clássico de analogia é a regularização do plural no inglês: os plurais irregulares em *-e*, *-u*, *-a*, *-an*, e *zero* foram substituídos por *-(e)s*.

3.3 Morfologização

Como já foi visto no capítulo 2 deste trabalho, há estudos em que o elemento NÃO referente a nomes no português é analisado como prefixo (*cf.* CAMPOS, 2002 e NAMIUTI, 2010). Segundo Campos (2002), o NÃO passa por um processo de gramaticalização na língua ao apresentar-se como prefixo. Namiuti (2010), por outro lado, não conclui que tenha ocorrido gramaticalização na análise do NÃO como prefixo no português. Já Silva e Miotto (2009) falam que as formações com NÃO estão na sintaxe, e não na morfologia.

Em nossa proposta, verificamos em que nível da gramática as formações com o NÃO poderiam ser localizadas, considerando, para isso, os pressupostos da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982).

Quando uma forma passa a ser objeto de análise no âmbito da morfologia, ocorre um processo de morfologização (*cf.* JOSEPH 2001). Nem todo caso de morfologização, no entanto, pressupõe um processo de gramaticalização. A passagem de uma estrutura sintática para o nível lexical, por exemplo, isto é, da sintaxe para a morfologia, não implica, necessariamente, uma mudança do estatuto lexical para outro gramatical ou, ainda, de um estatuto menos gramatical para outro mais gramatical.

Vejamos as diferenças e semelhantes entre os processos de gramaticalização e morfologização e, ainda, os pressupostos teóricos da Morfologia e Fonologia Lexical e da caracterização do léxico em níveis.

3.3.1 Gramaticalização *versus* morfologização

A morfologização trata dos processos que consistem num conjunto de evoluções através das quais determinada forma passa, tornando-se, assim, um objeto de análise no âmbito da morfologia. Nas palavras de Joseph (2001)

morphologization”, - in a particular sense – a set of developments by which some element or elements in a language that are not a matter of morphology at one stage come to reside in a morphological component – or at least become a morphological in type – at a later stage. (JOSEPH, 2001, p. 472)

São dois os tipos de morfologização: desintaticização – ou mudança de uma forma da sintaxe para a morfologia (morfologização *from above*), e defonologização – ou mudança de uma forma da fonologia para a morfologia (morfologização *from below*). Um exemplo de morfologização *from above*, dado pelo referido autor, ocorreu com o sufixo *-mente* no português, e também em outras línguas românicas:

withing Romance linguistics it is generally agreed that the French adverb-forming suffix –ment, as in *clairement* ‘clearly’ (cf. *Clair* ‘clear/masc.sg’), is a reflex of the ablative case of the Latin feminine noun *ment-* ‘mind’ (nominative singular *mens*) as used in adjective + noun phrasal combinations serving as adverbials, for example, *clara mente* ‘with a clear mind’ (where *clara* is an ablative singular feminine form agreeing with the noun it is modifying); a reanalysis and/or shift in phrasal status to word-level status seems to have occurred, resulting in monolectal forms in French such as *clairement*. Thus what was once in Latin a matter of syntax, that is, a combination of free words forming a noun phrase that was case marked so as to function adverbially, became in French a matter of morphology, that is, the output or result of word-formation processes that yield a derived word. (JOSEPH, 2001, p.473)

Joseph fala da necessidade de distinguir morfologização de gramaticalização:

what was once in Latin a matter of syntax, i.e. a combination of free words forming a noun phrase that was case-marked so as to function adverbially, became in French a matter of morphology, i.e. the output or result of word-formation processes that yield a derived word. But this case is also a stock example of grammaticalization (see Hopper & Traugott 1993:130-1), so some differentiation between grammaticalization and morphologization is needed in order to show their distinctness (JOSEPH, 2001, p. 474)

Nem toda morfologização pressupõe gramaticalização, já que o fato de uma forma sofrer alterações em direção a uma maior participação na componente morfológica não significa, necessariamente, alteração dessa forma em direção a um estatuto gramatical ou mais gramatical.

A gramaticalização pressupõe uma mudança em direção ao estatuto mais gramatical de uma forma. Já a morfologização corresponde em um direcionamento ao componente morfológico da gramática.

Thus grammaticalization and morphologization indeed offer distinct perspective on, and represent distinct ways of viewing, changes that involve grammatical machinery and morpholexical materia. (Joseph, 2001, p.478)

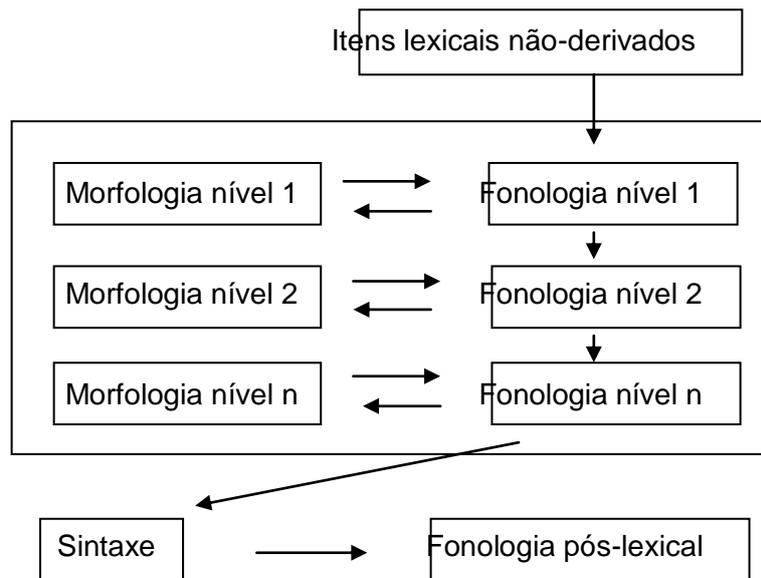
Adotaremos, neste trabalho, o conceito de morfologização apresentado por Joseph (2001).

3.3.2 Morfologia e Fonologia Lexical

A Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982) estuda a interação entre a morfologia e a fonologia, ou seja, a relação existente entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que se aplicam a essa estrutura.

Segundo essa proposta teórica, o léxico está dividido em níveis e, em cada nível, atuam regras morfológicas e fonológicas. Veja o esquema¹⁴ a seguir:

¹⁴ Esse esquema foi adaptado de Kiparsky, 1983, p. 2.



A ideia fundamental dessa estrutura é a de que há uma relação cíclica entre os componentes morfológicos e fonológicos, isto é, regras morfológicas podem ser aplicadas sobre o *output* de regras fonológicas e vice-versa, e o *output* do último estrato alimenta a sintaxe. A partir daí, outras regras fonológicas podem ser aplicadas aos vocábulos no componente pós-lexical. Assim, Kiparsky (1983, p.3-4) propõe a existência de regras lexicais e regras pós-lexicais caracterizadas, resumidamente, abaixo:

- As regras lexicais podem fazer referência à estrutura interna das palavras e as regras pós-lexicais não podem.
- As regras lexicais estão sujeitas ao ciclo apresentado acima, porque podem ser reaplicadas em outros níveis da formação da palavra, contanto que sejam seguidas suas condições estruturais. As regras pós-lexicais não estão sujeitas ao ciclo.
- As regras lexicais estão sujeitas ao Princípio de Preservação da Estrutura¹⁵, ao contrário das regras pós-lexicais.

¹⁵ O Princípio de Preservação da Estrutura proíbe a aplicação de regras das quais resultarão formas proibidas no sistema linguístico.

- As regras lexicais devem preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais.
- As regras lexicais podem ter exceções, diferentemente das pós-lexicais.
- As regras lexicais estão sujeitas à ordem disjuntiva, enquanto a regras pós-lexicais sujeitam-se à ordem conjuntiva.

Em relação ao português e de acordo com os estudos de Lee (1995), Moreno (1997) e Schwindt (2000), o léxico apresenta dois níveis ordenados: o nível 1, que é o nível da raiz, e o nível 2, que é o nível da palavra.

Em sua tese de doutorado, Schwindt estuda os prefixos do português do Brasil a partir da Fonologia Prosódica e da Morfologia e Fonologia Lexical. Segundo o autor, os prefixos podem ser divididos em dois grupos: prefixos composicionais, ou seja, prefixos que se configuram como palavras independentes, e prefixos legítimos, que são aqueles que se estruturam como sílabas átonas antepostas a uma base.

Com base nos pressupostos da Morfologia e Fonologia Lexical, da organização do léxico segmentado em níveis, a prefixação corresponde, segundo Schwindt (2000), a um processo que se divide em prefixação de nível 1 (envolve prefixos que lidam com uma base em formação e ocorre no nível 1 do léxico) e prefixação de nível 2 (envolve prefixos que lidam com a palavra pronta e ocorre no nível 2 do léxico). Assim, os chamados prefixos legítimos são inseridos como sílabas pretônicas à esquerda de uma base, e esse processo pode ocorrer tanto no nível 1 do léxico, quando no nível 2, dependendo das características da base a que se juntam. Já os prefixos composicionais estariam envolvidos apenas no processo de prefixação de nível 2. Segundo o autor, esses prefixos trilham um caminho como palavras fonológicas independentes até o nível pós-lexical, de onde sofrem um *loop*, voltando ao nível 2 do léxico para sofrerem prefixação e, conseqüentemente, ficam suscetíveis aos processos fonológicos do nível 2. Quando não há esse *loop*, a formação recebe um estatuto de composto sintático

Para delimitar os prefixos utilizados em seu estudo, Schwindt utiliza um levantamento realizado nas gramáticas de Celso Cunha (1980) e Napoleão Mendes

de Almeida (1989) e nas formações novas apresentadas por Sandmann (1989). Após análise, os dados foram divididos e classificados conforme o quadro 5 a seguir:

PREFIXOS COMPOSICIONAIS	
Dissilábicos	auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recéN-, semi-, ultra-, vice-
Monossilábicos	bem-, bi-, eS _{ant} -, não-, paN-, póS-, pré-, pró-, tri-
PREFIXOS LEGÍTIMOS	
Monossilábicos	a-, ad-, an-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS _{fora} -, iN _{dentro} -, iN _{neg} -, re-, sub-, tranS-

QUADRO 5: DIVISÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS PREFIXOS CONFORME ANÁLISE DE SCHWINDT, 2000

Schwindt (2000), então, selecionou e dividiu os processos fonológicos que estão envolvidos nas formações prefixais em dois grupos:

Processos do grupo I – ocorrem nos limites da palavra fonológica: neutralização da átona final e sândi vocálico externo.

Processos do grupo II – ocorrem no interior da palavra fonológica: neutralização da pretônica, harmonização vocálica e assimilação da nasal. (p. 113)

Os prefixos composicionais, segundo o autor, estariam sujeitos aos processos do grupo I e não suportariam os processos do grupo II, ao passo que os prefixos legítimos comportar-se-iam de maneira inversa.

Segundo Moreno (1997, p.149), as formações compostas passam por uma série de estágios de evolução, destacando-se as seguintes etapas¹⁶:

1. O germe do novo composto é formado na sintaxe, no momento em que dois elementos passam a ser usados, com grande regularidade, como um sintagma comum.
2. O composto entra no léxico: de sintagma passa a palavra sintática. Mantém intactos os dois domínios prosódicos e os dois domínios morfológicos.
3. O composto é alçado para a morfologia, no Nível do Vocábulo; ocorre a gradativa passagem dos dois domínios morfológicos a um só, transferindo a flexão, a derivação e o DIM para a direita do novo vocábulo. (MORENO, 1997, p.149)

¹⁶ DIM, na citação a seguir, refere-se a diminutivo.

Nesse sentido, os compostos, na concepção de Moreno (1997), são palavras formadas no nível pós-lexical, fora do léxico, portanto, e, por constituírem uma só unidade, a formação é alçada para o nível 2 do léxico.

Lee (1995, p.53) propõe que há dois tipos de compostos no português do Brasil: os compostos lexicais e os compostos pós-lexicais. Os compostos lexicais funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas e seriam considerados os “compostos verdadeiros”. Já os compostos pós-lexicais são palavras sintáticas reanalisadas e que permitem os processos morfológicos entre seus constituintes (são sintaticamente transparentes), por isso eles são chamados “pseudo-compostos”. Os compostos pós-lexicais seriam formados no componente pós-lexical e constituiriam uma unidade semântica, mas cada constituinte desse tipo de composto funcionaria independentemente nas operações sintáticas.

Lee (1995, p.54-56) determina, então, os tipos de compostos do português, apresentados, a seguir, resumidamente:

Compostos lexicais:	Compostos pós-lexicais
N + N → <i>rádio-táxi</i>	N + (preposição) + N → <i>pé-de-moleque / sofá-cama</i>
A + A → <i>Ítalo-brasileiro</i>	N + A → <i>bóia-fria</i>
V + N → <i>guarda-chuva</i>	A + A → <i>surdo-mudo</i>
	A + N → <i>curto circuito</i>

Assim, tendo em vista o modelo da Morfologia e Fonologia Lexical e o que foi apresentado por Schwindt (2000), Moreno (1997) e Lee (1995) sobre a prefixação e a composição, podemos concluir que uma forma com opacidade morfológica apresenta uma estrutura que não é visível pela sintaxe. Essa forma estaria localizada, portanto, no nível lexical, morfológico. Por outro lado, uma forma é considerada transparente quando é visível para regras sintáticas, ou seja, quando não mostra opacidade para as descrições e operações sintáticas. Nesse caso, a forma estaria localizada no nível pós-lexical, sintático.

A concordância negativa é um exemplo de regra sintática que não se aplica às formações com opacidade morfológica. Nesse sentido, quando Silva e Miotto (2009) apresentam que o NÃO, em uma formação do tipo **não + nome**, é capaz de

licenciar uma palavra negativa seguinte (e.g. “Considero João não-fiel a ninguém.”), os autores pretendem mostrar que os casos de NÃO referente a nomes no português aceitam a concordância negativa e são, portanto, transparentes. Tendo isso em vista, podemos afirmar que as formações em que o NÃO antepõe-se a um nome no português apresentam dois tipos de estrutura. Uma seria sintaticamente transparente e estaria, pois, no nível pós-lexical. Seriam casos em que é possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome. Outro tipo de estrutura seriam casos de **não + substantivo** em que estariam elípticos os verbos HAVER/TER. Um subconjunto desses casos de **não + substantivo** seriam casos mais opacos, localizados, portanto, no nível morfológico.

3.4 Teoria da Variação e Mudança e gramaticalização

Vejamos, a seguir, uma breve descrição da Teoria da Variação e Mudança e como um processo variação e mudança linguística relaciona-se ao processo de gramaticalização. Embora variação e gramaticalização sejam processos de natureza distinta, veremos que há pontos de interseção entre eles.

3.4.1 Teoria da Variação e Mudança

A Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), surge com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta o contexto social e os aspectos linguísticos envolvidos, ou seja, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala.

Segundo essa teoria, a língua muda com o tempo, seja por razões sociais (provenientes de diferença de: classe social, sexo, escolaridade, etnia, região, contexto situacional, nível de formalidade) ou por questões linguísticas (semânticas, sintáticas, morfológicas, fonético-fonológicas). E essa mudança deve-se ao fato de

que a língua é um fato social, é dinâmica e, por isso, apresenta variações em seu sistema. Nas palavras de Tarallo (1994):

Afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação. E constatar o vínculo entre variação e mudança, necessariamente, implica aceitar a história e o passado como reflexos do presente, dinamicamente se estruturando e funcionando (TARALLO, 1994, p.25).

Afirmar que a língua é variável significa que pode haver maneiras alternativas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto.

As formas variantes são, portanto, formas distintas que apresentam o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, e o emprego dessas formas configura um processo variável. Esse processo, por sua vez, não ocorre aleatoriamente, mas é decorrente de circunstâncias linguísticas e sociais, isto é, favorecido por fatores internos ao sistema da língua e por fatores de natureza social.

O conjunto das formas variantes de um processo variável é chamado de variável dependente, na medida em que o uso de uma ou de outra variante depende de fatores internos à língua e/ou fatores de ordem social. Chama-se variável independente¹⁷ os grupos de fatores que podem favorecer ou desfavorecer o emprego das formas variantes.

No estudo da variação e mudança linguística busca-se determinar, exatamente, os fatores que favorecem a variação e a mudança. A partir desse estudo é possível verificar se formas variantes permanecem estáveis, isto é, se continuam se alternando ao longo do tempo, ou se uma das formas tende a desaparecer, dando lugar a outra, o que configuraria uma mudança em progresso. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), a mudança ocorre

(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. (WEINREICH, LABOV & HERZOG ([1968] 2006, p.122)

¹⁷ Usa-se o termo independente pois, em principio, cada um desses grupos de fatores devem atuar independentemente.

Assim, esses autores apresentam os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística e, segundo eles, uma teoria da mudança deve fornecer respostas às seguintes questões:

- **A questão dos fatores favorecedores:** determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para que a mudança ocorra.
- **A questão da transição:** tentar descobrir o estágio interveniente que define o caminho pelo qual uma determinada forma da língua evolui para outra.
- **A questão do encaixamento:** estabelecer o entrelaçamento de uma determinada mudança com outras que ocorrem na estrutura da língua e na estrutura social.
- **A questão da avaliação:** determinar os efeitos da mudança linguística sobre a estrutura e o uso da língua.
- **A questão da implementação:** identificar as razões por que uma mudança ocorre em certa língua e numa dada época.

Diante disso, a heterogeneidade que se verifica na língua foi considerada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) como uma heterogeneidade ordenada, ou seja, as mudanças apresentam limites: nem sempre uma mudança é possível e, quando ela ocorre, é possível prever a interferência de certos fatores.

3.4.2 Os princípios da gramaticalização e sua relação com a Teoria da Variação e Mudança

A ideia de mudança linguística da Teoria da Variação pressupõe a ocorrência de, pelo menos, duas formas distintas com o mesmo valor de verdade no mesmo contexto que se alternam no uso até que uma “vença”, substituindo a forma “perdedora” e, portanto, determinando a mudança. Na gramaticalização, por outro

lado, a mudança é resultado do uso mais gramatical de uma forma lexical. Uma evidência disso seria, por exemplo, a comparação de dois períodos da língua: teríamos, inicialmente, uma forma com função lexical e essa forma com função gramatical em outro momento. Nesse sentido, temos, a princípio, processos de mudança de natureza diferente num e noutro caso. No primeiro, temos duas ou mais formas com o mesmo significado no mesmo contexto, no segundo, podemos ter uma só forma desempenhando funções distintas.

É possível encontrar alguns pontos de interseção. Na Teoria da Variação, a forma “vencedora” pode substituir a forma “perdedora” de um processo variável ou pode haver a especialização de uma das formas, o que resultaria na coexistência de ambas com funções diferentes. Esse último resultado está mais próximo da mudança verificada através do processo de gramaticalização, porque neste também não há necessidade de desaparecer a forma lexical quando surge outra de valor mais gramatical, como pudemos ver no princípio da divergência apresentado por Hopper (1991). Na gramaticalização, é possível haver uma redução fonético-fonológica da forma, havendo, assim, duas formas diferentes, com a tendência de a forma mais reduzida ser mais gramaticalizada. Se observarmos, ainda, o princípio da estratificação apresentado por Hopper (op. cit.), poderíamos, talvez, identificar aí um processo de variação segundo a Teoria da Variação: por um determinado tempo, o item gramatical gerado pelo processo de gramaticalização e outro item gramatical que desempenha a mesma função na língua coexistem. Mas nos processos de variação, isso deve ocorrer no mesmo contexto, o que nem sempre é o que ocorre com os itens envolvidos no processo de gramaticalização.

A variação pode interferir no processo de gramaticalização, como Coelho (2006) verificou em sua pesquisa sobre a formação de auxiliares TER e HAVER. Esses dois itens da pesquisa de Coelho (op. cit) caminharam, no decorrer da história da língua, para um processo de gramaticalização ao desempenharem a função de verbos auxiliares. O item TER aumentou sua frequência como auxiliar ao longo do tempo, e o mesmo não ocorreu com o item HAVER. Há indícios de interação da variação entre TER gramatical e HAVER gramatical, gerando um processo de concorrência entre as duas formas, resultando no item TER como “vencedor”. Em Vitral (2008) e em Vitral, Viegas e Oliveira (2010), isso ficou demonstrado.

Assim, devido à não competição das formas em processo de gramaticalização, diferentemente da variação e mudança em progresso:

(...) queremos propor chamar o surgimento do item gramatical a partir de sua fonte lexical de *inovação lingüística*, e não mais de mudança lingüística, uma vez que não há verdadeiramente mudança, ou seja, o item lexical que serviu de fonte e o item gramatical que se tornou o produto do processo coexistem e dão continuidade, cada um no seu percurso, à sua evolução na língua (cf. Vitral, 2006). (VITRAL, VIEGAS & OLIVEIRA, 2010)

3.5 Considerações finais

Apresentamos, neste capítulo, os pressupostos teóricos da gramaticalização. Para a identificação do que é lexical e gramatical, adotamos os critérios de uma perspectiva teórica mais formal. Apresentamos, ainda, os mecanismos de reanálise e analogia, relacionados à mudança lingüística. Estabelecemos, também, uma distinção entre gramaticalização e morfologização, distinguindo-os como dois processos distintos, embora possam estar relacionados. Para a identificação do nível da gramática em que as formações em análise nesta tese estariam localizadas, lançamos mão da Morfologia e Fonologia Lexical. Consideramos, para a análise específica da expressão NÃO OBSTANTE, a interseção da gramaticalização com a Teoria da Variação e Mudança lingüística.

4 TRAJETÓRIA DO NÃO EM FORMAÇÕES NOMINAIS NO PORTUGUÊS

Na medida em que nos interessou observar as formações ao longo da história da língua, foi necessário constituir um banco de dados de diferentes períodos do português. Nesse sentido, este capítulo destina-se, primeiramente, à apresentação e caracterização do *corpus* de Davies e Ferreira (2006-) – *O corpus do Português* – disponível no endereço eletrônico <http://www.corpusdoportugues.org>. Em seguida, são apresentados os métodos de coleta, seleção e organização dos dados de várias épocas do português. E após, são apresentadas as análises feitas em relação a essas épocas.

4.1 O *corpus* do português (DAVIES & FERREIRA, 2006-)

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram coletados dados dos séculos XIV ao XX do banco de dados de Davies e Ferreira (2006-), denominado *O Corpus do Português* (doravante CdP) que, como dissemos, está disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

Este sítio permite pesquisar fácil e rapidamente mais de 45 milhões de palavras de quase 57,000 textos em português do século XIV ao século XX. A interface permite pesquisar palavras exatas ou frases, curingas, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação destes. Proporciona também a pesquisa de palavras vizinhas (colocados) com um máximo de dez palavras de cada lado (ex. todos os substantivos perto de *cadeia*, todos os adjetivos perto de *mulher*, ou todos os substantivos perto de *girar*).

O corpus também facilita, de pelo menos três maneiras diferentes, a comparação da frequência e distribuição de palavras, frases e construções gramaticais através de textos:

- Registro: comparações entre o oral, a ficção, o jornalístico, e o acadêmico
- Dialeto: português brasileiro versus europeu no século XX
- Período histórico: comparação de séculos diferentes do XIV ao XX

Realizam-se com facilidade consultas de índole semântica no corpus. Por exemplo, a diferença de significado entre duas palavras relacionadas, pode ser determinada através da comparação e contraste das palavras vizinhas (colocados). Pode-se encontrar a frequência e a distribuição de sinônimos

de mais de 20,000 palavras e comparar esta frequência em registros ou países diferentes, ou inclusive ao longo dos séculos. Estas listas de palavras podem ser armazenadas e usadas em futuras consultas. Pode-se, além disso, criar as suas próprias listas de palavras com um parentesco semântico, e usá-las como parte da consulta. (DAVIES & FERREIRA, 2006-, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>)

Trata-se de um *corpus* constituído de cerca de: 20 milhões de palavras do século XX, 10 milhões do século XIX e 15 milhões de palavras dos séculos XIII-XVIII. No século XX, há textos de quatro gêneros – textos de ficção (6 milhões de palavras), textos de jornais e revistas (6 milhões de palavras), textos acadêmicos (6 milhões de palavras) e textos orais (2 milhões de palavras) – divididos entre textos de Portugal e do Brasil.

NÚMERO DE PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550.968	XIII ¹⁸	Portugal	-
1.316.268	XIV	Portugal	-
2.875.653	XV	Portugal	-
4.435.031	XVI	Portugal / Brasil	-
3.407.741	XVII	Portugal / Brasil	-
2.234.951	XVIII	Portugal / Brasil	-
10.008.622	XIX	Portugal / Brasil	-
3.087.052	XX	Portugal	Acadêmico
3.271.328	XX	Portugal	Notícias
3.048.020	XX	Portugal	Ficção
1.100.303	XX	Portugal	Oral
2.816.802	XX	Brasil	Acadêmico
3.346.988	XX	Brasil	Notícias
3.028.646	XX	Brasil	Ficção
1.078.586	XX	Brasil	Oral

QUADRO 6: BANCO DE DADOS DO *CORPUS DO PORTUGUÊS* (DAVIES E FERREIRA, 2006-)

A arquitetura básica desse banco de dados é a do *Corpus del Español*, de 100 milhões de palavras, criado por Mark Davies, em 2001-2. Em relação ao CdP,

¹⁸ Embora o século XIII conste nesse quadro, retirado do bando de dados *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2006-), não estão disponíveis para consulta as palavras deste século; é possível pesquisar apenas a partir do século XIV.

Michael Ferreira foi o principal responsável pela identificação e edição dos textos dos séculos XIV ao XVIII. Mark Davies foi responsável pelos textos e palavras dos séculos XIX e XX, desenhou e construiu a arquitetura do *corpus* e da interface e realizou, também, a etiquetagem de classe gramatical e lematização para os séculos XIV ao XX. Michael Ferreira fez, ainda, uma revisão geral da etiquetagem do *corpus* histórico do século XIV ao XVIII. O material que compõe o CdP veio de diferentes fontes:

- *Corpus Informatizado do Português Medieval*: textos dos séculos XIV e XV
- *Tycho-Brahe Corpus*: textos dos séculos XVI ao XVIII
- *LacioWeb*: textos brasileiros do século XX
- *Floresta Sintáctica*: jornais etiquetados do século XX (criado por Eckhard Bick e Diana Santos)
- *Elisabete Ranchhod*: o léxico básico para o português europeu
- *Jason Robinson*: entradas de sinónimos (do MS Proofing Tools para português)
- Textos do século XIV ao XIX:
 - *Corpus Lexicográfico do Português* da Universidade de Aveiro (Telmo Verdelho / João Paulo Martins Silvestre)
 - *Corpus electrónico de textos históricos do Centro de Estudos Humanísticos* da Universidade do Minho, Braga (Michael J. Ferreira e Brian F. Head)
 - *Corpus Electrónico do CELGA -- Português do Período Clássico (CEC-PPC)* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Evelina Verdelho)
 - *Corpus electrónico de forais de Vila Real e Bragança* do Departamento de Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Olinda Santana)

4.2 Coleta e seleção dos dados

Para a coleta dos dados no *Corpus do Português* (DAVIES & FERREIRA, 2006-), utilizamos a seguinte sintaxe de consulta: **não ***



FIGURA 1: SINTAXE DE CONSULTA NO *CORPUS DO PORTUGUÊS* (DAVIES E FERREIRA, 2006-)

Essa consulta no CdP significa que procuramos por todos os casos de NÃO seguido por qualquer palavra, sendo que deve haver um espaço em branco entre o NÃO e a palavra seguinte. Ao fazermos essa busca em cada século, o CdP ofereceu-nos como resultado uma lista de ocorrências, entre elas, todos os casos de NÃO anteposto a verbo, pronome, adjetivo, substantivo, enfim, todas as classes gramaticais possíveis. Interessa para nossa análise apenas os dados de NÃO referente a nomes no português, isto é, casos em que o NÃO antepõe-se a um particípio com valor adjetival (**não + particípio**), a um adjetivo (**não + adjetivo**) ou a um substantivo (**não + substantivo**).

Entendemos que as formas de **não + particípio** (particípio passado) sejam casos de NÃO referente a nome, apesar de particípio ser uma forma verbal.

O particípio do Português é herdeiro do *PARTICIPIUM* latino. Gommi (2009), com base em Palmer (1977), refere que esta forma verbal latina é incorporada no paradigma da flexão verbal a partir de um adjetivo derivado de um radical verbal por intermédio do sufixo *-TO-* (cf. *DÍC-TUS*, *DÚC-TUS*), que “não expressava necessariamente o valor temporal de passado e diátese passiva com que viria a ser integrado na conjugação verbal”. A partir da integração no sistema verbal, todos os verbos passaram a formar um particípio que podia surgir em contexto verbal, com um verbo auxiliar, e em

posição atributiva e predicativa, como qualquer adjectivo. Este participio é gerado por flexão a partir do tema verbal (cf. *LAUD-A-TUS*, *DEL-E-TUS*, *SERV-I-TUS*) e é assim chamado por 'participar' em distribuições de natureza adjectival e outras de natureza verbal. (VILLALVA, 2009)

Os participios que apresentam um carácter adjectival foram incluídos, portanto, nos casos de **não + nome**. Para distinguir a natureza adjectival e a natureza verbal a que Villalva (2009) refere-se, vejamos o seguinte:

Como é sabido, no Português a etiqueta 'participio' identifica a forma do verbo principal que participa na construção dos chamados tempos compostos, mas também a forma que ocorre nas construções passivas, a que é usada em construções predicativas, a das construções absolutivas e pode até ser usada para formas que ocorrem em posição adjectival e em posição nominal. Vejamos alguns exemplos:

- (1) a. *Todos os nossos amigos têm **casado** com mulheres estrangeiras.*
b. *O João foi **casado** por um padre franciscano.*
*Este palerma está **casadíssimo**.*
***Casados** há pouco mais de um mês, eles não param de discutir.*
*Nesta festa só podem entrar mulheres **casadas**.*
*Olhem que isto não é um jogo entre **casados** e solteiros.* (VILLALVA, 2009)

Villalva (op. cit.) distingue os casos que permitem a variação de gênero e número dos casos que não permitem. Assim, faz parte do grupo de participios de natureza adjectival aqueles que flexionam em gênero e número, como é o caso dos exemplos (1b) da citação de Villalva. E têm natureza verbal casos como o de (1a).

- (2) * *Todos as nossas amigas têm **casada(s)** com homens estrangeiros.*
* *A Isabel foi **casado** por um padre franciscano.*
* *Esta palerma está **casadíssimo**.* (VILLALVA, 2009)

Como podemos observar nos exemplos (2) apresentados por Villalva (op. cit.), as flexões de gênero e número não são permitidas numa frase como a de (1a), mas em frases como as de (1b) a flexão é obrigatória. Assim, o participio a que nos referimos na estrutura **não + participio** diz respeito aos casos como o de 1b apresentado por Villalva (2009).

Para selecionar os dados, foi necessário ler, então, exemplo a exemplo e excluir os casos que não estavam relacionados ao objetivo da pesquisa. Além disso, excluimos dados repetidos e aqueles que não estavam em língua portuguesa¹⁹.

Como estamos diante de uma análise de dados de várias épocas do português, é certo que a palavra NÃO apresenta grafias diferentes. O CdP disponibiliza dados de textos antigos do português, e encontramos, principalmente nos séculos XIV a XVIII, as seguintes grafias da palavra NÃO: *nom, non, nam, nan, nõ, nã, naõ, nao* (sem o til) e *não*. Para encontrarmos essas grafias, fizemos uma consulta no CdP por lema, utilizando a seguinte sintaxe: **[nãõ]**. Esse tipo de busca deve resultar em todas as formas da palavra consultada, incluindo suas possíveis flexões e grafias.



FIGURA 2: BUSCA DO LEMA [NÃO] NO CORPUS DO PORTUGUÊS (DAVIES E FERREIRA, 2006-)

Se buscarmos na história da formação da língua portuguesa, observaremos essa diversidade gráfica:

¹⁹ Alguns dados encontrados no CdP podem aparecer repetidamente, já que alguns textos foram incluídos no banco de dados do *corpus* mais de uma vez, porém registrados com fontes diferentes. Um exemplo disso é o texto intitulado “Máximas, Pensamentos e Reflexões” que aparece registrado uma vez com o autor Mariano José Pereira da Fonseca Maricá e uma segunda vez com o autor Marquês de Maricá: trata-se de dois registros no CdP de textos idênticos, gerando dados repetidos. Além disso, é possível encontrar no *Corpus do Português* dados escritos em outra língua, como por exemplo: [16:FMMelo:Letters] “Tristes y pocas son las ocupaciones y progresos propios deste mi triste estado. No obstante, he siempre resistido al ocio, escribiendo unos librillos de entre devoción y moralidad”.

É na segunda metade do século XVIII que se estabelecem certas tradições gráficas. (...) O til (~), sinal de abreviação, serve freqüentemente para indicar a nasalidade das vogais, que pode vir também representada por uma consoante nasal; ex.: razão, razom ou razon. Apesar das imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece com mais regular e “fonética” do que aquela que prevalecerá em português alguns séculos mais tarde. (TEYSSIER, 2001, p.29)

A partir do século XVI começaram a surgir as gramáticas do português, a começar com a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira, seguida pela *Gramatica da Lingua Portuguesa* (1539-1540) de João de Barros (TEYSSIER, 2001, p. 45). Desde então até o século XX surgiram inúmeras gramáticas e tratados da ortografia.

Para finalizar a coleta dos dados, precisávamos incluir os casos de **não + nome** com hífen e, para isso, pesquisamos no CdP a seguinte sintaxe: **não***,



FIGURA 3: SINTAXE DE CONSULTA DAS FORMAÇÕES EM NÃO COM HÍFEN NO *CORPUS DO PORTUGUÊS* (DAVIES E FERREIRA, 2006-)

Com essa consulta pretendíamos encontrar todos os casos de NÃO seguido por qualquer coisa sem o espaço em branco e tivemos como resultado, em sua maioria, casos de NÃO seguido imediatamente por hífen, e o hífen imediatamente seguido por outra palavra. Coletamos os dados e analisamos cada caso, selecionado aqueles que constituíam formações em que o NÃO refere-se a um participio, a um adjetivo ou a um substantivo no português.

Feito isso, constituímos um banco de dados do português com 6474 dados de NÃO referente a nomes, do século XIV ao XX.

4.3 Critérios de organização dos dados

Os dados coletados foram organizados da seguinte forma: dividimos os casos de **não + nome** em: NÃO referente a um particípio (**não + particípio**); NÃO referente a um adjetivo (**não + adjetivo**) e NÃO referente a um substantivo (**não + substantivo**). É importante dizer que, entre os dados de **não + adjetivo**, há os casos de NÃO OBSTANTE que foram coletados, organizados e analisados, separadamente, como veremos no capítulo 7.

Além dessa divisão baseada na classe gramatical da palavra a que o NÃO antepõe-se, identificamos, no *Corpus do Português*, todos os casos com a estrutura **não + nome + preposição + nenhum/ninguém**, como por exemplo: “até hoje **não realizada** por nenhum de os interlocutores” [19N:Br:Folha].

Fizemos, também, um levantamento dos casos em que há a coocorrência das formações com NÃO e a palavra NEM (**não + nome + nem**). Consideramos o uso do NEM como conjunção coordenativa aditiva, conforme apresentam Cunha e Cintra (2001):

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [=e não]:

Leonor voltou-se **e** desfaleceu

(G. Ramos, *I*, 81)

Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.

(F. Botelho, *X*, 41)

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 580)

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADAS SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu.**/

(G. Ramos, *SB*, 29)

Não é chuva, / **nem é gente**, /
Nem é vento com certeza./
(A. Gil, *LJ*, 24.)

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 596-7)

Vejamos os exemplos²⁰:

4.3.1 não + participio

(1) SÉCULO XIV

- a. prouguelhes muyto, pero duvidavõ de poer seu feito ã mão de hũu homen **nõ conhecido**. [título: Crónica Geral de Espanha Data: 1300-1400]

SÉCULO XV

- b. comendandosse a Deus e a sam Framçisco, foise ao touro, **nom domado** e foriosso, [Título: Crónica da Ordem dos Frades Menores. Data: 1209-1285]

SÉCULO XVI

- c. Mas põe em vida os inda **não nascidos**. Fermosas são algũas e outras feias, Segundo a qualidade for das [Título: Obras. Autor: Camões. Data: século XVI]

SÉCULO XVII

- d. conhesçendo minha ignorância o retracto, e dou por **naõ dito**, e protesto que tudo escreui com pureza de animo [Título: Insulana. Autor: Manoel Thomas. Data: 1625]

SÉCULO XVIII

- e. Da terra immensa e mar **naõ navegado** Os segredos por alta profecia, O que esta [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo. Data: século XVIII]

SÉCULO XIX

- f. O amante da verdade porém, por caminhos **não trilhados**, em tudo encontra interesse e objeto de profunda [Título: Discurso sobre a História da Literatura do Brasil. Autor: Domingos José Gonçalves Magalhães Araguaia. Data: século XIX]
- g. pediu licença para dizer algumas palavras singelas e toscas. Um murmúrio, equivalente aos **não-apoiados** das câmaras, acolheu esta declaração do orador, [Título: A Parasita Azul. Autor: Machado de Assis. Data: século XIX]

²⁰ Os exemplos com dados de NÃO OBSTANTE serão apresentados no capítulo 7, que trata exclusivamente dessa expressão.

SÉCULO XX

- h. serviço limitado, executado por estações **não abertas** à correspondência pública e destinado ao uso de pessoas físicas ou jurídicas nacionais. [Título: LEI Nº 4.117. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]
- i. Na Conferência, surgiu o bloco das « Nações **não-alinhadas** », que defendia o afastamento dos países em desenvolvimento em relação aos mundos capitalista [Título: Conferência de Bandung. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]

4.3.2 não + adjetivo

(2) SÉCULO XIV

- a. e çarrou grande parte das igrejas e outras deu aos arryanos e a outros poboos **nõ catholicos**; e levãtou tã grande persiguyçon sobre os cristããos que [Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: 1300-1400]
- b. o dicto estormento mais conpridamente era contheudo E o dicto martim gonçallvez nos disse que **nom enbargante** as dictas Jnquirioees que elle tijha cartas delRej dom denjs [Título: Chartularium Universitatis Portugalensis vol. 1. Data: 1300]

SÉCULO XV

- c. E ora nos he dicto que vossa alteza per enformaçam **nam verdadeira** a facto merçe das dictas penas que saiu nossas a huû afono balieiro aquy [Título: Cortes portuguesas. Data: 1498]

SÉCULO XVI

- d. sse jaa o fuy & posso ma rrependo Jorge daguyar. Uosso gram desconheçer vossas **nam çertas** medrãças vossas fracas esperanças faram fazer myl mudanças [Título: Cancioneiro de Resende. Autor: Garcia de Resende. Data: 1516]

SÉCULO XVII

- e. que ali se representa. Aborrece a história a solidão, e assim pede número **não breve** de figuras, nem menos infinitos, e assim terá de nove a dez [Título: Poesia e Pintura. Autor: Manuel Pires de Almeida. Data: 1635]

SÉCULO XVIII

- f. ou segundo outra interpretação, quer dizer, Vigilantes, ou **não dormientes**²¹. O primeiro instituidor desta indeficiente Psalmodia, [Título: Vocabulario portuguez, e latino A1. Autor: Rafael Bluteau. Data: 1712-1721]

²¹ As formas originadas do participio presente do Latim foram consideradas, aqui, adjetivo.

SÉCULO XIX

- g. ele ajudava o seu triste destino. Já vemos que Miloca aborrecia nele a sua **não brilhante** condição social, que era aliás um ponto de contacto entre a [Título: Miloca. Autor: Machado de Assis. Data: século XIX]
- h. uma vida inteira de espera - deu-se de modo singularmente **não-dramático**. Num segundo, o maçarico se achava comendo, numa praia, entre dúzias [Título: O Último dos Maçaricos. Autor: João Guimarães Rosa (trad). Data: século XIX]

SÉCULO XX

- i. o salário mínimo nacional (em relação ao total de trabalhadores da actividade **não agrícola** e exceptuando os serviços públicos) era de 4,7 [Título: PARCEIROS DISCUTEM AUMENTO TERÇA-FEIRA. Tipo de texto: notícia. Data: 10/01/1997]
- j. O setor de bens de consumo semiduráveis e **nao-duráveis** apresentou a mesma oscilação, com [Título: Produção industrial do país cresce menos. Tipo de texto: notícia. Data: 9/6/1997]

4.3.3 não + substantivo

(3) SÉCULO XV

- a. a farinha cozera a amargura, e o desejo da obediência excusara o exalçamento da **nom sabedoria**. Em este tempo moreo Honorio Papa. E logo sem tardança seendo discorde [Título: Sam Bernardo. Data: século XV]
- b. porque mui de ligeiro retiinha o inpeto della. Certamente maravilhava-se da **nõ-bondade** daquelles homêes, os quaaes, algûas vezes per ventura torvados, ham por agravo [Título: Sam Bernardo. Data: século XV]

SÉCULO XVI

- c. Nacturalmente aboreçem, hos pñicipes a os desleais, ainda que **naõ lealdade** mereça ha pessoa a que se
- d. a qual se fosse neçessaria tâbẽ teriamos nota ou sinal de **não aspiração**: & aulo gellio quasi o [Título: Gramática da linguagem portuguesa. Autor: Fernão de Oliveira. Data: 1536]

SÉCULO XVII

- e. sem excitar agora a questao da mente divina, digo a questao da previsao ou **nao previsao** dos seus merecimentos. Também sei que Deus pode dar a sua [Título: Cartas. Autor: José da Cunha Brochado. Data: 1690-1700]

SÉCULO XVIII

- f. o profeta Rey em seu nome, que sendo Deos, & homem, era **não homem**, quanto mais Deos, pelos tormentos de sua Payxaõ: Ego sum vermis
- g. dividir em duas classes, para nos sabermos haver prudentemente no seu uso, e **não uso**. Porque humas são tão antigas, que dellas só se [Título: Elementos da invenção e locução rhetorica, ou principios da eloquencia: illustrados com breves notas. Autor: António Pereira. Data: 1759]

SÉCULO XIX

- h. protestou logo no **não-cumprimento** da ordem real, sucedesse o que sucedesse. [Título: Histórias da Avózinha. Autor: Alberto Figueiredo Pimentel]

SÉCULO XX

- i. todo o sector segurador. « Ainda assim, mantemos uma clara liderança nos ramos **não vida** e o quinto lugar no ramo vida», afirmou o vice-presidente da Império.
- j. posição favorável o resgate de os títulos públicos, já que o programa admite o **não-pagamento** parcial de a dívida, assegurada a poupança. O PDT pretende reduzir os [Título: FOLHA:188:SEC:pol. Data: 1994]

4.3.4 não + nome + preposição + nenhum/ninguém

(4) SÉCULO XVII

- a. trazer as capitulaçoens das pazes com este Estado; findas porem athé agora **não surtido nenhum** effeito, antes tenho noticias que o Dialcão tem setecentos [16:Sarzedas:Diario]

SÉCULO XVIII

- b. luz a obrigação dos Juizes dos Orfaõs, bem conhecida de todos, e atégora **não tratada de nenhum**, e por isso de nenhum cabalmente sabida, e sobre [17:Aboym:Escola]

SÉCULO XIX

- c. só título mostra o engenho e invenção de quem tal assunto concebeu: assunto ainda **não tratado por nenhum** de tantos escritores dramáticos de [18:Garrett:Viagens]
- d. Relativamente à maternidade, Carlos Maria tinha idéias pessoais e singulares, recônditas, **não confiadas a ninguém**. Achava impudica a natureza em fazer da [18:Machado: Borba]

- e. E, se indagássemos o que fazem os hóspedes ausentes cujos quartos estão fechados e **não garantidos por ninguém**, saberíamos que todos eles [18:Azevedo:Touro]

SÉCULO XX

- f. Nada disto faz de alguém um político adepto da democracia. Uma pessoa, **não escolhida por ninguém**, cercada de outras pessoas, dei sua escolha, escolha para [19:Fic:Br:Olinto:Trono]
- g. veio, para os udenistas partidários de Juarez Távora, a amarga decepção, coisa **não merecida por ninguém**, a derrota. Ele abiscoitou apenas 30% dos votos do país [19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos]
- h. eternidade e tentar conversar com o fantasma de Guilherme Fontes tarefa meritória, até hoje **não realizada por nenhum** de os interlocutores de o ator, mesmo em papéis de vivo [19N:Br:Folha]

4.3.5 não + nome + nem

(5) SÉCULO XIV

- a. NE hũa coussa nõ ficou por dar & renõceu/? a ley dos dinheyros **nõ cõtados në** auudos & porë mãdou & outorgou ã sseu [13:CIPM:HGP13]
- b. Santarem polas ditas herdades. E renûciarõ a toda exçeçõ dos dinheyros nõ cõtados, **nõ auudos NE** reçebudos. [13:CIPM:HGP13]
- c. bem paga & por bem entregua. E renûcio a toda eiceiçõ dos ditos dinheyros **nõ cõtados në** auudos në per mî recebudos & a toda outra eiceiçõ & defensom [13:CIPM:HGP13]

(6) SÉCULO XV

- a. E ysso mesmo os clerigos de ordeës meores **nõ beneficiados nem** casados que viuem honestamëte em auto & tonsura vida de meores clerigos sem [14:Sousa:Bispado]
- b. A primeira, que deve seer voluntaria, e portanto diz: "Vai tu", **nom levado nem** constrangido nem tirado, assi [14:Saxonia:Christi]
- c. que tinha o Infante no serviço de Deos. Quanta foy a omildade deste lfante, **nom prevista nem** prouida ataa o presente, de semelhante Senhor non auemos noticia; [14:CronDFernando]
- d. a excepçom que se diz em djreito de maaõ engano E a excepçom da

pecunja **nom vista** nem contada E Esso meesmo [14:Duarte:ChanPort1]

- e. Ollofernes, afeitando.se por mover o coração dele pera a cobiçar, que era cousa **nom convinavel nem** liçita, sinprizmente falando. E, em estas cousas e outras[14:Calado:Enperial]
- f. Praze me enesto e em outras muitas cousas temperada temperança, assi como limpeza, **nom odiosa nem** muito escooimada, e nom seja fera em todo per negrigencia [14:Boosco]
- g. ho movera; mas os Mouros, como incostantes e nom verdadeiros, principalmente os **nom vizinhos**, **nem** comarquaaõs a Cepta, nom quiseram esperar pela concrusam [14:Pina:Duarte]

(7)

SÉCULO XVI

- a. Fym. Assy foram meus sentidos pólo vosso trabalhados dos cuydados passados **nam despendidos NE** minguados mas creçidos muy dobrados polo qual sem may [15:Resende:Cancioneiro]
- b. e Irmãos em suas terras, e pregar-se nellas a ley de Deos, couza **não conhecida nem** adorada em Japão; pelo que lhe aconselhavão que com toda a brevidade [15:Frois:Japam1]
- c. ley em que viveo tantos annos e toda sua geração e tomar agora outra ley **não conhecida nem** sabida. Dezistio o Padre do negocio assim por lhe parecer impossível[15:Frois:Japam2]
- d. [15:Camoës:Obra] pelejando. Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo, De vós **não conhecido nem** sonhado? Da boca dos pequenos sei, contudo, Que o louvor sai
- e. desprezado; pastor de todos, não seguido, e todo bem de todos, **não visto** nem ouvido. Oh quem vos acompanhara, quem vos conversara, quem vos[15:Jesus:Trabalhos]
- f. começar a servir de novo ao rey de Yamanguchi, homem para nós estranho, **não visto nem** conhecido, pelo que, bem ponderado este cazo, parece que não [15:Frois:Japam3]
- g. os nossos. tirãdo almêdoas que nõ tẽ. De mujtas aruores disserõ a nos **nõ conhecidas nẽ** ouuidas. E por a dificultade do interprete que nõ sabia se nõ [15:Florentim:Nicolao]
- h. vyços estes vyços te criam soberba. a qual te faz buscar vynhos & vyandas **nõ costumadas. nem** cõuynhauées Ca destas es tu emfadada. Mas os teus por te[15:Pisan:Cristina]

- i. a messe he mujta & os obreiros som poucos. E pêra que muytas cousas **nõ ouuidas** nê antre nos acostumbradas as quaes em este liuro sam em muytos lugares recontadas [15:Polo:Livro]
 - j. graça como filhos de obediencia, comprindo os mandamentos de Deus, como obedientes, **nom configurados nem** conformados aos primeiros desejos da vossa ignorancia, [15:Cepeda:Auto]
 - k. sciencia do pintar ou deseagnar he recebida e conservada da catholica egreja romana por causa **não gentilica nem** supersteciosa; mas por muito necessaria e firme em que [15:Holanda:Pintura]
 - l. dos taloës, as mãos dereitas, & não zambras, enxutas & neruosas, **não grossas** nem dalgadas, os trauadouros & quartelhas curtos & pelosos para tras, não [15:Liao:Leis]
 - m. contrairos, estabelecer-vos-am em no conhecimento de Nosso Senhor Jesu Cristo, **nom vazios nem** sem fruto, mas cheos de merescimentos e de galardões. Ca aquele [15:Cepeda:Auto]
- (8) **SÉCULO XVII**
- a. ut ad te iret, hortatus sum." O mesmo me sucedeu com a carta **não esperada nem** merecida, em que V. Ex.^a tanto me honra. O primeiro [16:Vieira:Cartas]
 - b. puderão crescer mais brevemête na força, e interesse, se outros **não esperados, nem** merecidos accidentes, se não opuserão ao curso destas [16:FMMelo:Politica]
 - c. tão avarentos e miseráveis para o que nos convém! Se fora isto um sucesso **não prevenido nem** imaginado, tivera alguma desculpa a desgraça e alguma [16:Vieira:Cartas]
 - d. antes foy criada Só pera esta occasião, com tal grandeza, Misterio fácil, **não alto, nem** profundo, Para quem déu da nada ser, ao mundo. [16:Thomas:Insulana]
 - e. por tantos outros respeitos, se deve conservar e reverenciar, ainda quando pretenda o **não justo nem** possível. [16:Vieira:Cartas]
- (9) **SÉCULO XIX**
- a. que a sua ação fosse alargando-se, aforradamente, pelas terras ignotas, - ainda **não descobertas, nem** discriminadas - estatuíam as instruções: deixar ao cuidado e esmero do [18:Cunha:Peru]
 - b. por uma série de eventos e circunstâncias **não previstas nem**

imagináveis. 3780 - Os validos, por velhacos, [18:Maricá:Máximas]

- c. senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e **não bonita nem** simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno [18:Machado:Alienista]
- d. durante a ausência. Este era um advogado recente, vinte e cinco anos, **não deselegante, nem** feio. Tinha talento, era ativo, instruído, e não [18:Machado:Romualdo]
- e. lado oposto. Era um prédio elegante, levantado no meio de uma chácara, **não extensa nem** esmeradamente tratada. Viana, entretanto, [18:Machado:Ressurreição]
- f. decidir a favor da maior probabilidade. REGRA2.^a Aquellas cousas, que contão testemunhas **não oculares, nem** coevas, ainda sendo dotadas de probidade, e perspicacidade, [18:Ribeiro:Theoria]
- g. e o deixa logo; a sucessão das idéas he irregular, e ligada por **não proximas, nem** communs relações; e por isso nada He menos natural, [18:Ribeiro:Theoria]

(10) **SÉCULO XX**

- a. ao pagamento do crédito que ele favorece; e o geral, todos os bens **não sujeitos** a crédito real nem a privilégio especial. [19Ac:Br:Lac:Misc]
- b. chefe de Estado-Maior das Forças Armadas, general Mohamed Lamari. Uma pequena notícia, **não confirmada nem** desmentida, publicada na imprensa europeia, indicava, a meio da semana [19N:Pt:Expr]
- c. móbil inspirad.o na fortuna dele e na ruína do pai, mas por servidão, **não calculada nem** raciocinada, da alma e do corpo, a quem se lhes impusera [19:Fic:Pt:D'Arcos:Tons]
- d. " RaggaMuffin " e que são os Dread Astaire. Isto em termos de material **não gravado nem** divulgado pela Comunicação Social em termos de grandes parangonas. REGIONALIZAÇÃO JN –[19Or:Pt:Intrv:Jrn]
- e. 26 de novembro de 1988 Ocorrências: Foi a maior missão de um pessoa **não americana nem** soviética no espaço; o francês Chretien permaneceu vinte[19Ac:Br:Enc]
- f. apelo ao consumo multiplica a extracção de recursos naturais: embalagens sofisticadas e produtos descartáveis **não recicláveis nem** biodegradáveis aumentam a quantidade [19Ac:Pt:Enc]
- g. dos projectos e do perfil dos candidatos, com uma argumentação séria e

sólida, **não agressiva nem** irracional, fazendo apelo ao sentido crítico e à ponderação dos eleitores. [19N:Pt:Jornal]

- h. a gangue não pode se dispersar nem mudar pra Conchinchina. A loira, já **não loira nem** espetaculosa. Já tem circulado mais pela noite. O vigoroso partner nem pensa em [19:Fic:Br:Rey:Crimes]

4.4 Trajetória do NÃO referente a nomes no português

O *Corpus do Português* (DAVIES & FERREIRA, 2006-), como vimos, compõe-se de textos do português desde o século XIV até o século XX. O total de palavras em cada século, apresentado anteriormente no quadro 6, corresponde à soma do número de palavras dos textos que compõem cada período da história da língua, conforme apresentam os próprios responsáveis pelo banco de dados. Esse total de palavras, no entanto, não corresponde, exatamente, ao valor que consideramos nessa análise. Durante a coleta e organização dos dados, verificamos a presença de casos repetidos ou presentes em textos que não estão em português. Esses dados foram, então, excluídos do total de dados válidos para a análise e, por isso, o número de palavras dos textos de onde eles vieram também foi retirado do total de palavras do *corpus*.

Feito esse procedimento, o total de palavras de alguns séculos foi alterado. Vejamos:

TABELA 1: TOTAL DE PALAVRAS DO *CORPUS* APRESENTADO NO BANCO DE DADOS E O TOTAL COM ALTERAÇÃO, CONSIDERADO NA ANÁLISE

SÉCULOS	NÚMERO DE PALAVRAS APRESENTADO NO CDP	NÚMERO DE PALAVRAS CONSIDERADO NA ANÁLISE
XIV	1.316.268	1.316.268
XV	2.875.653	2.875.653
XVI	4.435.031	4.132.087
XVII	3.407.741	2.147.240
XVIII	2.234.951	2.234.951
XIX	10.008.622	9.659.332
XX	20.777.725	20.747.712

4.4.1 Análise comparativa da frequência do total de casos de NÃO referente a nomes

Nessa primeira análise, consideraremos o total de casos de **não + nome**, ou seja, a soma das estruturas **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**. Como cada século que compõe o *corpus* apresenta um número de palavras diferente, estabelecemos os percentuais de ocorrência das formações com NÃO considerando o número total de palavras de cada século. Essa ponderação foi feita visando à análise comparativa dos períodos ao longo da história da língua.

Conforme podemos visualizar na tabela 2 a seguir, o primeiro caso de NÃO referente a nomes no português ocorreu no século XIV, e a frequência total desse tipo de estrutura até o século XIX não seguiu uma trajetória em uma só direção, isto é, não ocorreu só aumento ou só diminuição da frequência durante esse intervalo de tempo.

TABELA 2: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO REFERENTE A NOMES EM RELAÇÃO AO NÚMERO TOTAL DE PALAVRAS EM CADA SÉCULO

PERÍODO	TOTAL DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA (%)
SÉC. XIV	1316268	30	0,00228
SÉC. XV	2875653	344	0,01196
SÉC. XVI	4132087	317	0,00767
SÉC. XVII	2147240	221	0,01029
SÉC. XVIII	2234951	131	0,00586
SÉC. XIX	9659332	595	0,00616
SÉC. XX	20747712	4014	0,01935
TOTAL	43113243	5652	0,01311

Optamos por ponderar em dez milhões, pois esse é o número arredondado mais próximo da média de palavras do *corpus*. Para isso fizemos o seguinte cálculo: dividimos o número de ocorrência das formações com NÃO pelo total de palavras que compõe o *corpus* em cada século e multiplicamos esse resultado por 10.000.000. Vejamos a tabela 3:

TABELA 3: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO REFERENTE A NOMES EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	TOTAL DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA PONDERADA ²²
SÉC. XIV	1316268	30	228
SÉC. XV	2875653	344	1196
SÉC. XVI	4132087	317	767
SÉC. XVII	2147240	221	1029
SÉC. XVIII	2234951	131	586
SÉC. XIX	9659332	595	616
SÉC. XX	20747712	4014	1935
TOTAL	43113243	5652	1311

Assim, observamos que, primeiramente, do século XIV para o XV, houve um aumento da frequência dos casos de **não + nome** e, depois, ocorreram sucessivamente diminuições e aumentos até o século XIX. Do século XIX para o XX verificamos um aumento significativo na frequência da estrutura analisada. Vejamos o gráfico 1:



GRÁFICO 1: TRAJETÓRIA DO NÃO REFERENTE A NOMES NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

²² Preferimos trabalhar com números sem casas decimais para facilitar a análise, pois, considerando a quantidade de palavras do *corpus*, a porcentagem só poderia ser visualizada depois de cinco casas decimais. O número que indica a frequência das formações ao longo dos séculos equivale à multiplicação da porcentagem por 10^5 . Esse cálculo será feito sempre que for ponderado o total de palavras do *corpus*, na formulação aqui apresentada.

Conforme os resultados obtidos, podemos ver que, no período que vai do século XIV ao XIX, é no século XV que as formações **não + nome** apresentam maior frequência. Já no século XX registra-se a maior frequência dos casos em análise, o que pode ser indício de que esse século corresponde ao período de maior produtividade do NÃO referente a nomes no português.

É importante ressaltar que mostramos, aqui, um painel geral das formações com o NÃO.

4.4.2 Análise comparativa da frequência dos dados considerando a classe gramatical do nome a que o NÃO refere-se

As formações do tipo **não + nome** foram divididas em 4 casos distintos: **não + participio**, **não + adjetivo**, **não + substantivo** e NÃO OBSTANTE. Primeiramente separamos os casos conforme a classe gramatical do nome a que o NÃO refere-se: participio, adjetivo e substantivo. Em seguida, analisando os casos de **não + adjetivo**, encontramos uma formação que passou a constituir um grupo que será analisado a parte, no capítulo 7: é o caso da expressão NÃO OBSTANTE.

A formação NÃO OBSTANTE foi analisada separadamente porque se trata, hoje, de uma locução conjuntiva com propriedades sintáticas e semânticas específicas que a destacam das demais formações do tipo **não + adjetivo**. Analisamos o NÃO OBSTANTE ao longo de várias épocas do português a fim de verificar o caminho trilhado por essa expressão até se tornar a locução que conhecemos atualmente. Veremos esse estudo com mais detalhes no capítulo 7.

Vejamos, agora, a frequência dos casos de **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo** no português entre os séculos XIV e XX:

TABELA 4: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO + PARTICÍPIO, NÃO + ADJETIVO E NÃO + SUBSTANTIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÃO + PARTICÍPIO		NÃO + ADJETIVO		NÃO + SUBSTANTIVO		TOTAL	
	Ocorr.	Frequência ponderada	Ocorr.	Frequência ponderada	Ocorr.	Frequência ponderada	Ocorr.	Frequência ponderada
SÉC. XIV	18	137	12	91	0	0	30	228
SÉC. XV	121	421	211	734	12	42	344	1196
SÉC. XVI	198	479	116	281	3	7	317	767
SÉC. XVII	115	536	103	480	3	14	221	1029
SÉC. XVIII	77	345	51	228	3	13	131	586
SÉC. XIX	387	401	183	189	25	26	595	616
SÉC. XX	1551	748	1765	851	698	336	4014	1935
TOTAL	2467	572	2441	566	744	173	5652	1311

A tabela 4 revela-nos que as estruturas **não + participio** e **não + adjetivo** parecem ser mais antigas em relação à estrutura **não + substantivo**. Esta começa a ocorrer a partir do século XV, no *corpus* analisado, e mostra-se mais produtiva no século XX. Além disso, verificamos que os casos de **não + participio** e **não + adjetivo** apresentam uma frequência total semelhante – 572 para **não + participio** e 566 para **não + adjetivo**.

Vejamos o gráfico a seguir:

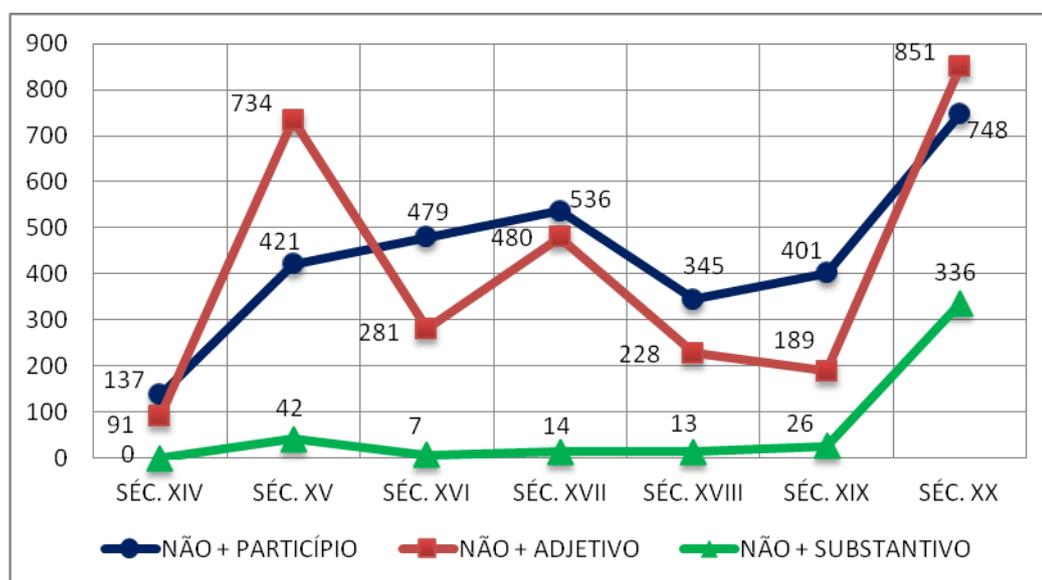


GRÁFICO 2: TRAJETÓRIA DE NÃO + PARTICÍPIO, NÃO + ADJETIVO E NÃO + SUBSTANTIVO, CONSIDERANDO A FREQUÊNCIA PONDERADA EM 10.000.000 DE PALAVRAS.

Podemos observar no gráfico 2 que os três tipos de formação com o NÃO trilham, de modo geral, uma trajetória ascendente do século XIV ao XX. As formações do tipo **não + participio** apresentam-se no século XIV com uma frequência maior que aquela apresentada pelas formações do tipo **não + adjetivo**. Entre esse século e o século XV, a frequência de ocorrência de **não + adjetivo** aumenta, ultrapassando os casos de **não + participio**. Do século XVI até o século XIX os casos de **não + adjetivo** ocorrem com uma frequência sempre inferior aos casos de **não + participio** e, no século XX, a frequência de **não + adjetivo** aumenta, ultrapassando novamente os casos de **não + participio**. Quanto ao **não + substantivo**, observa-se que esse tipo de formação mantém a frequência sempre inferior as outras formações consideradas e, no século XX, verifica-se um aumento bastante significativo dessa forma.

Para aferir se há significância estatística na comparação do número de ocorrências de **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo** nos diferentes séculos, utilizamos, aqui, o teste do *qui-quadrado*.

O objetivo do teste qui-quadrado é verificar, enfim, se podemos afirmar que há diferença estatisticamente significativa entre os períodos. A partir do teste, obteremos como resultado um valor de probabilidade (chamado p-valor) de cometermos um erro ao rejeitarmos a hipótese nula, sendo ela verdadeira. Em ciências sociais, convencionou-se o p-valor de 0,05 (chamado de nível de significância) como limite para probabilidade de cometer tal erro. Valores abaixo de 0,05 não são estatisticamente significativos. (VITRAL, VIEGAS & OLIVEIRA, 2010, p. 215)

Assim, vejamos:

TABELA 5: NÃO + PARTICÍPIO E NÃO + ADJETIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + participio	345	401	748	1494
não + adjetivo	228	189	851	1268
TOTAL	573	590	1599	2762

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,01
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

De acordo com a tabela 5, podemos afirmar que o aumento dos casos de **não + participio** do século XVIII para o XIX e a diminuição dos casos de **não + adjetivo** nesse mesmo período foram proporcionalmente significativos (p-valor = 0,01). E a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + participio** e **não + adjetivo** do século XIX para o século XX também é significativa (p-valor = 0): nesse período, ambas as formas aumentaram, mas o aumento de **não + adjetivo** é proporcionalmente maior que o verificado nos casos de **não + participio**.

TABELA 6: NÃO + PARTICÍPIO E NÃO + SUBSTANTIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + participio	345	401	748	1494
não + substantivo	13	26	336	375
TOTAL	358	427	1084	1869

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,11
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Ao compararmos a frequência de ocorrência de **não + participio** e de **não + substantivo**, verificamos que a diferença da proporção do número de ocorrências dessas formações entre os séculos XVIII e XIX não é significativa (p-valor = 0,11): os dois tipos de formação com o elemento NÃO considerados aumentam do século XVIII para o século XIX, mas esse aumento não ocorreu de forma proporcionalmente significativa. Já a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + participio** e de **não + substantivo** do século XIX para o século XX tem significância (p-valor = 0): as formações do tipo **não + substantivo** cresceram proporcionalmente mais que os casos de **não + participio** no século XX.

TABELA 7: NÃO + ADJETIVO E NÃO + SUBSTANTIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + adjetivo	228	189	851	1268
não + substantivo	13	26	339	375
TOTAL	241	215	1187	1643

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,01
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Considerando, ainda, a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + adjetivo** e **não + substantivo**, podemos observar que os casos de **não + substantivo** duplicaram do século XVIII para o XIX, enquanto os casos de **não + adjetivo** apresentaram uma pequena diminuição. Do século XIX para o XX, ambos os tipos de formação com o NÃO aumentaram: a formação do tipo **não + adjetivo** aumentou de 189 para 851, ou seja, aumentou um pouco mais de quatro vezes; já a formação do tipo **não + substantivo** aumentou de 26 para 339, que corresponde a um aumento em mais de 13 vezes.

Verifica-se, assim, que os casos de **não + substantivo** foram aqueles que, proporcionalmente, mais cresceram no século XX ao compararmos com o crescimento de **não + particípio** e de **não + adjetivo**.

4.5 Análise da estrutura não + nome

Na análise feita até então, vimos que as formações **não + nome** trilharam o seguinte caminho ao longo da história da língua: primeiramente, a partir do século XIV, ocorreram os casos de **não + particípio** e **não + adjetivo**, sendo que a forma **não + particípio** era mais frequente. Em seguida, a partir do século XV, surgem os casos de **não + substantivo**. A frequência de todos esses tipos de formação aumenta especialmente no século XX e, nesse século, as formações **não + adjetivo** tornam-se um pouco mais frequentes que as formações **não + particípio**, e a

estrutura **não + substantivo** apresenta o maior crescimento em relação às demais nesse último século.

Entendemos que esses três tipos de estrutura – **não + particípio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**, assemelham-se pelo seguinte: NÃO DESEJADO, NÃO VERBAL e NÃO SÓCIO, por exemplo, são equivalentes a *que não é desejado*, *que não é verbal* e *que não é sócio*, ou seja, essas formações permitem que se coloque o verbo SER entre o NÃO e o nome.

- (11) a. pela frente e os chefes pela retaguarda levando-os, tangidos a bastonadas, ao combate **não desejado**. Há muitas testemunhas oculares deste fato, definidor do máximo desânimo entre [18:Cunha:Canudos]
- b. Paráfrase: pela frente e os chefes pela retaguarda levando-os, tangidos a bastonadas, ao combate **QUE NÃO É DESEJADO**. Há muitas testemunhas oculares deste fato, definidor do máximo desânimo entre
- (12) a. num ambiente ruidoso (ex. Bolsa de Valores) utilizam um tipo de comunicação **não-verbal** por meio de gestos. No hospital, uma equipa cirúrgica consegue trabalhar em silêncio [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: num ambiente ruidoso (ex. Bolsa de Valores) utilizam um tipo de comunicação **QUE NÃO É VERBAL** por meio de gestos. No hospital, uma equipa cirúrgica consegue trabalhar em silêncio
- (13) a. posteriormente adquiram essa qualidade. Art. 1.061. Se o contrato permitir administradores **não sócios**, a designação deles dependerá de aprovação da [19Ac:Br:Lac:Misc]
- b. Paráfrase: posteriormente adquiram essa qualidade. Art. 1.061. Se o contrato permitir administradores **QUE NÃO SÃO SÓCIOS**, a designação deles dependerá de aprovação da

Por outro lado, encontramos, entre os casos de **não + substantivo**, exemplos como NÃO EMISSÃO e NÃO UNIFORMIDADE que não parecem ter exatamente a mesma estrutura de NÃO DESEJADO, NÃO VERBAL e NÃO SÓCIO: uma paráfrase possível de NÃO EMISSÃO e NÃO UNIFORMIDADE seria uma expressão como *o fato de não haver + substantivo*. Vejamos os exemplos:

- (14) a. Paulo Marques, da gerência do Sportágua, disse à Lusa que a **não emissão** da licença por parte do IND se ficava a dever « a um proforma [19N:Pt:Leira]

- b. Paráfrase: Paulo Marques, da gerência do Sportágua, disse à Lusa que o **FATO DE NÃO HAVER EMISSÃO** da licença por parte do IND se ficava a dever « a um proforma
- (15) a. é a dificuldade de correlacionar os dados obtidos com as condições naturais, além da **não uniformidade** de exposição em diferentes locais da peça, diminuição na emissão de UV com [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: é a dificuldade de correlacionar os dados obtidos com as condições naturais, além **DO FATO DE NÃO HAVER UNIFORMIDADE** de exposição em diferentes locais da peça, diminuição na emissão de UV com

Não poderíamos fazer, para NÃO SÓCIO, a mesma paráfrase feita para NÃO EMISSÃO e NÃO UNIFORMIDADE em (14b) e (15b), da mesma forma não poderíamos fazer para NÃO EMISSÃO e NÃO UNIFORMIDADE a mesma paráfrase feita para NÃO SÓCIO em (13b).

Diante disso, analisamos os dados do *Corpus do Português* considerando o tipo de verbo que estaria elíptico entre o NÃO e o nome; o tipo do substantivo – se deverbal ou não deverbal²³, o tipo de sufixo presente na formação dos substantivos a que o NÃO antepõe-se.

4.5.1 não + particípio

Como foi explicado anteriormente, os dados de **não + particípio** compreendem os casos de NÃO seguido por uma forma nominal do verbo – o particípio passado.

Encontramos casos de particípio flexionado ou não, sempre concordando em gênero e número com o termo a que se refere. E todos os dados com esse tipo de estrutura permitem que se faça uma paráfrase do seguinte tipo que *não + (verbos SER/ESTAR) + particípio*. Observemos, então, os seguintes exemplos:

²³ Entendemos como formas deverbais aquelas com os sufixos formadores de adjetivos ou de substantivos a partir de verbos, e também as derivações regressivas, conforme apresentado em Cunha e Cintra (2001).

- (16) a. troveja, E me abala dos ossos a medula. Vós sois como uma flor **não bafejada** Pelo sopro vital da primavera, [18:Gonçalves:Suspiros]
- b. Paráfrase: troveja, E me abala dos ossos a medula. Vós sois como uma flor **QUE NÃO FOI BAFEJADA** Pelo sopro vital da primavera, [18:Gonçalves:Suspiros]
- (17) a. Enquanto **não aprovadas** as leis complementares relativas ao Ministério Público e à Advocacia-Geral da [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: Enquanto **NÃO SÃO/ESTÃO APROVADAS** as leis complementares relativas ao Ministério Público e à Advocacia-Geral da [19Ac:Br:Enc]

Os verbos que estariam elípticos nesses exemplos são os verbos de ligação SER ou ESTAR, como mostram as paráfrases em (16b) e (17b), e não há a possibilidade de inserirmos outro tipo de verbo entre o NÃO e o participio.

4.5.2 não + adjetivo

Na análise dos dados de **não + adjetivo**, encontramos casos em que o adjetivo constitui-se uma forma sem sufixo, como NÃO BRANCOS e NÃO GRAVES, e, ainda, encontramos diferentes sufixos na formação do adjetivo a que o NÃO antepõe-se.

A estrutura **não + adjetivo** parece permitir, de forma geral, que seja feita uma paráfrase semelhante àquela feita para os casos de **não + participio**. Vejamos alguns exemplos:

- (18) a. quando a célula deixa de receber energia luminosa. Os cromoplastos acumulam pigmentos de cor **não verde**, denominados carotenóides, que são parcialmente responsáveis pela coloração de certas pétala [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: quando a célula deixa de receber energia luminosa. Os cromoplastos acumulam pigmentos de cor **QUE NÃO É VERDE**, denominados carotenóides, que são parcialmente responsáveis pela coloração de certas pétala

- (19) a. A Internet é uma entidade **não-comercial** e seus objetivos principais são a pesquisa e as comunicações em geral, ainda oferecendo [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: A Internet é uma entidade **QUE NÃO É COMERCIAL** e seus objetivos principais são a pesquisa e as comunicações em geral, ainda oferecendo [19Ac:Br:Enc]
- (20) a. Os restantes eram dirigidos para outro trabalho de relevância nacional ou eram integrados nos corpos **não combatentes**. Os que recusassem estas alternativas eram normalmente aprisionados ou destacados para o serviço [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: Os restantes eram dirigidos para outro trabalho de relevância nacional ou eram integrados nos corpos **QUE NÃO SÃO COMBATENTES**. Os que recusassem estas alternativas eram normalmente aprisionados ou destacados para o serviço [19Ac:Pt:Enc]
- (21) a. em cada ano, no exato montante do dispêndio, títulos de dívida pública **não computáveis** para efeito do limite global de endividamento. Art. 34. O sistema [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: em cada ano, no exato montante do dispêndio, títulos de dívida pública **QUE NÃO SÃO COMPUTÁVEIS** para efeito do limite global de endividamento. Art. 34. O sistema
- (22) a. este afirma a possibilidade da consciência alcançar a coisa-em-si, isto é, a realidade **não fenomênica**. Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se experiênciava [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: este afirma a possibilidade da consciência alcançar a coisa-em-si, isto é, a realidade **QUE NÃO É FENOMÊNICA**. Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se experiênciava
- (23) a. O estado epiléptico **não convulsivo** ocorre nas situações de pequeno mal e é caracterizado por um estado me [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: O estado epiléptico **QUE NÃO É CONVULSIVO** ocorre nas situações de pequeno mal e é caracterizado por um estado me
- (24) a. A utilização de séries **não estacionárias** pode levar a regressões espúrias, segundo Harris (1995) [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: A utilização de séries **QUE NÃO SÃO/ESTÃO ESTACIONÁRIAS** pode

levar a regressões espúrias, segundo Harris (1995)

- (25) a. agrupam-se em capítulos solitários na extremidade dos caules, sobre pedúnculos largos rodeados de brácteas **não espinhosas**. É uma espécie cultivada e pensa-se que resulta da domesticação do cardo-do coalho [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: agrupam-se em capítulos solitários na extremidade dos caules, sobre pedúnculos largos rodeados de brácteas **QUE NÃO SÃO ESPINHOSAS**. É uma espécie cultivada e pensa-se que resulta da domesticação do cardo-do coalho
- (26) a. Sublinhou a oposição entre a filosofia **não dualista** advaita do puro monismo da escola sankara com a [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: Sublinhou a oposição entre a filosofia **QUE NÃO É DUALISTA** advaita do puro monismo da escola sankara com a
- (27) a. precedem ou o seguem na sequência de produção. Interações complexas são aquelas de sequências **não familiares**, não planejadas e inesperadas, além de não visíveis e não [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: precedem ou o seguem na sequência de produção. Interações complexas são aquelas de sequências **QUE NÃO SÃO FAMILIARES**, não planejadas e inesperadas, além de não visíveis e não imediatamente compreensíveis [19Ac:Br:Lac:Thes]
- (28) a. era uma forma de cálculo completamente nova, aplicável tanto aos espaços euclidianos como aos **não euclidianos**. Sobretudo, podia ser aplicado aos espaços curvos de Riemann e revelar-se-ia fundamental [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: era uma forma de cálculo completamente nova, aplicável tanto aos espaços euclidianos como aos **QUE NÃO SÃO EUCLIDIANOS**. Sobretudo, podia ser aplicado aos espaços curvos de Riemann e revelar-se-ia fundamental
- (29) a. onde a saída do Estado como ofertante de crédito tem forçado o setor privado **não financeiro** a financiar os agricultores. Estes, pouco capitalizados, muitas vezes dependem de [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: onde a saída do Estado como ofertante de crédito tem forçado o setor privado **QUE NÃO É FINANCEIRO** a financiar os agricultores. Estes, pouco capitalizados, muitas vezes dependem de

- (30) a. como a jararaca, a urutu, a cascavel e a coral-verdadeira e algumas espécies **não peçonhentas**, como a cobra-verde, a falsa-coral e a cobra-d'água. Estas cobras são [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: como a jararaca, a urutu, a cascavel e a coral-verdadeira e algumas espécies **QUE NÃO SÃO PEÇONHENTAS**, como a cobra-verde, a falsa-coral e a cobra-d'água. Estas cobras são
- (31) a. filme galardoado nos prémios Europeus de Cinema de 1999, na categoria de Melhor Filme **Não-Europeu**. A película recebeu ainda o prémio do Círculo de Críticos de Cinema de Nova [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: filme galardoado nos prémios Europeus de Cinema de 1999, na categoria de Melhor Filme **QUE NÃO É EUROPEU**. A película recebeu ainda o prémio do Círculo de Críticos de Cinema de Nova
- (32) a. tem o seu peso e a sua justa medida. E se a homenagem a **não portugueses** fosse um hábito mirandense, que se fazia com o esquecimento indevido dos seus [19N:Pt:Jornal]
- b. Paráfrase: tem o seu peso e a sua justa medida. E se a homenagem aos **QUE NÃO SÃO PORTUGUESES** fosse um hábito mirandense, que se fazia com o esquecimento indevido dos seus
- (33) a. evangelização e da cruzada tendo promovido a quarta cruzada, bem como cruzadas contra os **não cristãos** livonianos, letões e heréticos albigenses do sul da França. [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: evangelização e da cruzada tendo promovido a quarta cruzada, bem como cruzadas contra os **QUE NÃO SÃO CRISTÃOS** livonianos, letões e heréticos albigenses do sul da França.
- (34) a. As patas dianteiras têm cinco dedos, as patas traseiras quatro, apresentando garras **não retrácteis**. A cabeça é pequena e o focinho geralmente alongado mas a forma da [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: As patas dianteiras têm cinco dedos, as patas traseiras quatro, apresentando garras **QUE NÃO SÃO RETRÁCTEIS**. A cabeça é pequena e o focinho geralmente alongado mas a forma da
- (35) a. As plantas monóicas desenvolveram processos para evitar a autofertilização, como por exemplo o aparecimento **não simultâneo** das flores femininas e masculinas. As plantas dióicas são aquelas que

apresentam as [19Ac:Pt:Enc]

- b. Paráfrase: As plantas monóicas desenvolveram processos para evitar a autofertilização, como por exemplo o aparecimento **QUE NÃO É SIMULTÂNEO** das flores femininas e masculinas. As plantas dióicas são aquelas que apresentam as
- (36) a. um bem duradouro situa-se entre o consumo e o investimento. Por oposição a bens **não-duradouros** ou disponíveis, como sacos para caixote do lixo ou papel, que são gastos [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: um bem duradouro situa-se entre o consumo e o investimento. Por oposição a bens **QUE NÃO SÃO DURADOUROS** ou disponíveis, como sacos para caixote do lixo ou papel, que são gastos
- (37) a. útil em certas crises de asma ou em casos de bronquite ou de opressão torácica **não cardíaca**. A imersão dos pés também se considera benéfica[19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: útil em certas crises de asma ou em casos de bronquite ou de opressão torácica **QUE NÃO É CARDÍACA**. A imersão dos pés também se considera benéfica
- (38) a. nome dos israelitas por oposição aos estrangeiros, apesar de ser frequentemente utilizado para designar **não israelitas**. No Novo Testamento, nome dos judeus da Palestina e, também, [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: nome dos israelitas por oposição aos estrangeiros, apesar de ser frequentemente utilizado para designar os **QUE NÃO SÃO ISRAELITAS**. No Novo Testamento, nome dos judeus da Palestina e, também,
- (39) a. à saída é função da diferença de potencial entre a entrada inversora e a entrada **não inversora**. Os amplificadores operacionais são utilizados num largo número de dispositivos e aparelhos. [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: à saída é função da diferença de potencial entre a entrada inversora e a entrada **QUE NÃO É INVERSORA**. Os amplificadores operacionais são utilizados num largo número de dispositivos e aparelhos.

Conforme os exemplos acima, podemos ver que a estrutura **não + adjetivo** corresponde a uma oração iniciada pelo elemento QUE: *que não + (verbo SER/ESTAR)*

+ *adjetivo*, e entre o NÃO e o adjetivo parece ser possível inserir apenas os verbos SER OU ESTAR – trata-se de uma estrutura com verbo de ligação seguido de um predicativo.

4.5.3 não + substantivo

Na análise dos dados de **não + substantivo**, verificamos o processo de formação do substantivo e encontramos nomes com diferentes tipos de sufixos, nomes que passaram por derivação regressiva e, ainda, nomes que não passaram por nenhum desses dois processos de formação. Vejamos os tipos de sufixos encontrados nos dados de **não + substantivo** do *Corpus do Português*:

SUFIXO DO SUBSTANTIVO	TIPO DE FORMAÇÃO	EXEMPLO ²⁴
-ário	Forma substantivo de substantivo	NÃO PROPRIETÁRIOS
-ria	Forma substantivo de adjetivo ou substantivo	NÃO SABEDORIA
-ista		NÃO ACIONISTAS
-cia		NÃO PRUDÊNCIA
-iça	Forma substantivo de adjetivo	NÃO JUSTIÇA
-ez		NÃO FLUIDEZ
-ismo		NÃO FIGURATIVISMO
-dade		NÃO REALIDADE
-mento		NÃO PAGAMENTO
-ção /-são	Forma substantivo de verbo	NÃO REALIZAÇÃO
-ância/-ência		NÃO SIGNIFICÂNCIA
-ura		NÃO ABERTURA
-agem		NÃO BARRAGEM

QUADRO 7: SUFIXOS PRESENTES NO SUBSTANTIVO DA FORMAÇÃO NÃO + SUBSTANTIVO NO CORPUS DO PORTUGUÊS

Vejamos, na tabela a seguir, a ponderação da frequência dos casos de **não + substantivo** encontrados no *Corpus do Português*, considerando a estrutura do substantivo:

²⁴ Exemplos retirados do *Corpus do Português* (Davies & Ferreira, 2006-).

TABELA 8: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO + SUBSTANTIVO, CONSIDERANDO A ESTRUTURA DO SUBSTANTIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS

ESTRUTURA DO SUBSTANTIVO	NÃO + SUBSTANTIVO													
	SÉC. XV		SÉC. XVI		SÉC. XVII		SÉC. XVIII		SÉC. XIX		SÉC. XX		TOTAL	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
sem sufixo	5	17	1	2	1	5	2	9	5	5	147	71	161	37
-ção /-são	0	0	1	2	1	5	0	0	3	3	263	127	268	62
-mento	1	3	0	0	0	0	0	0	3	3	121	58	125	29
-dade	2	7	1	2	0	0	0	0	7	7	46	22	56	13
-ância/-ência	0	0	0	0	0	0	0	0	6	6	48	23	54	13
derivação regressiva	0	0	0	0	1	5	1	4	1	1	49	24	52	12
-ura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	4	8	2
-ismo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	3	7	2
-ário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	3	1
-ista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	3	1
-agem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	2	0
-ria	2	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
-cia	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
-iça	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
-ez	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
TOTAL	12	42	3	7	3	14	3	13	25	26	698	336	744	173

É interessante observar, na tabela 8, que os casos de **não + substantivo** em que esse substantivo não é formado por sufixo nem por derivação regressiva aparecem em todas as épocas analisadas, e essas são formações em que só é possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo. No século XX, período em que se verifica maior ocorrências de **não + substantivo**, as formações com os sufixos *-ção/-são* e *-mento* mostraram-se as mais frequentes. Esse resultado pode estar relacionado à maior produção de tais sufixos nesse período.

Entre os substantivos que compõem a estrutura **não + substantivo** do *Corpus do Português*, podemos listar dois tipos de formação: uma com substantivo deverbal e outra com substantivo não deverbal. As derivações regressivas e as

formações com os sufixos *-mento*, *-ção/-são*, *-ância/-ência*, *-agem* e *-ura* seriam os casos de substantivos deverbais, isto é, nomes que estão relacionados a um determinado verbo e que derivam dele. Assim, substantivos como PROLIFERAÇÃO, PAGAMENTO, BARRAGEM e CONSULTA, por exemplo, por se associarem, respectivamente, aos verbos PROLIFERAR, PAGAR, BARRAR e CONSULTAR foram considerados deverbais. Os demais tipos de sufixos, e também os casos sem sufixo e sem derivação regressiva, seriam de substantivos não deverbais, por exemplo, os nomes FICÇÃO, MEMBROS e SÓCIOS²⁵.

Vejam, na tabela 9 a seguir, uma reorganização da tabela apresentada anteriormente em dois grupos distintos: **não + substantivo** deverbais e **não + substantivo** não deverbais:

TABELA 9: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO + SUBSTANTIVO DEVERBAL E NÃO + SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÃO + SUBSTANTIVO DEVERBAL		NÃO + SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL		TOTAL	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XV	1	3	11	38	12	42
SÉC. XVI	1	2	2	5	3	7
SÉC. XVII	2	9	1	5	3	14
SÉC. XVIII	1	4	2	9	3	13
SÉC. XIX	13	13	12	12	25	26
SÉC. XX	491	237	207	100	698	336
TOTAL	509	118	235	55	744	173

A tabela 9 mostra-nos o seguinte: no século XV, os casos de NÃO seguido por um substantivo deverbais são menos frequentes que os casos de NÃO seguido por um substantivo não deverbais; depois, no século XVI, a frequência de ambos os tipos de substantivo diminui; já no século XVII, os casos de substantivo deverbais aumentam, e os casos de substantivo não deverbais mantêm-se com a mesma frequência do século anterior; no século XVIII, a frequência de ocorrência dos deverbais diminui e a dos não deverbais aumenta; nos séculos XIX e XX, verifica-se um aumento da frequência de ambos os casos e, nesses dois períodos, a frequência de **não + substantivo** deverbais mantêm-se maior.

²⁵ Não entendemos que o substantivo SÓCIO seja uma derivação regressiva de ASSOCIAR, visto que a derivação regressiva não implica a retirada de um prefixo.

TABELA 10: NÃO + SUBSTANTIVO DEVERBAL E NÃO + SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL: TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + substantivo verbal	4	13	237	254
não + substantivo não verbal	9	12	100	121
TOTAL	13	25	337	345

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,21
Séculos XIX a XX	0,06
Séculos XVIII a XX	0,00

Conforme o teste do *qui-quadrado* na tabela 10, podemos ver que tanto os casos de **não + substantivo** verbal quanto o caso de **não + substantivo** não verbal aumentam do século XVIII ao XX, mas só é significativo o aumento verificado entre os séculos XVIII e XX (p -valor = 0). Nesse sentido, podemos afirmar que os casos com substantivo verbal cresceram na história da língua e, no século XX, seu crescimento foi proporcionalmente maior que o verificado em relação aos casos com substantivo não verbal. Esse resultado pode estar relacionado à maior produção de certos sufixos no século XX.

Ainda sobre a estrutura **não + substantivo**, podemos perceber que esse tipo de formação, ao contrário do que vimos sobre as estruturas com participio e adjetivo, nem sempre permite uma paráfrase com a inserção dos verbos SER/ESTAR entre o NÃO e nome. Vejamos:

- (40) a. uma perfeita união aduaneira, a adoção de políticas comerciais preferenciais para países terceiros, **não membros** do mercado comum, torna necessária a especificação da origem do [19Ac:Br:Enc]
- b. Paráfrase: uma perfeita união aduaneira, a adoção de políticas comerciais preferenciais para países terceiros, **QUE NÃO SÃO MEMBROS** do mercado comum, torna necessária a especificação da origem do prod
- (41) a. obras por efeito de contrato, ou de outro título expresso; III - pelo **não uso**, durante dez anos contínuos. Disposições Gerais [19Ac:Br:Lac:Misc]
- b. Paráfrase: obras por efeito de contrato, ou de outro título expresso; III - pelo **FATO DE NÃO HAVER USO**, durante dez anos contínuos.

- (42) a. calcular-se-á o valor de alguns ou de todos para reposição em dinheiro ao cônjuge **não-proprietário**. Parágrafo único. Não se podendo realizar a reposição em dinheiro, serão avaliados [19Ac:Br:Lac:Misc]
- b. Paráfrase: calcular-se-á o valor de alguns ou de todos para reposição em dinheiro ao cônjuge **QUE NÃO É PROPRIETÁRIO**. Parágrafo único. Não se podendo realizar a reposição em dinheiro, serão avaliados
- (43) a. muito exercitado, o qual sculdrinhando as cousas mais altas que si se-lhe tornou é **nõ-sabedoria**. Certamente da unidade da Sancta Trindade e da sinplizidade da devindade nom sinplezmente [14:Sbernardo]
- b. Paráfrase: muito exercitado, o qual sculdrinhando as cousas mais altas que si se-lhe tornou é o **FATO DE NÃO HAVER SABEDORIA**. Certamente da unidade da Sancta Trindade e da sinplizidade da devindade nom sinplezmente
- (44) a. O PSD perdeu as eleições, formou-se o Governo socialista e imediatamente a decisão da **nao-barragem** foi tomada sem mais dados do que os existentes há meses. Em nome da [19N:Pt:Jornal]
- b. Paráfrase: O PSD perdeu as eleições, formou-se o Governo socialista e imediatamente a decisão do **FATO DE NÃO HAVER BARRAGEM** foi tomada sem mais dados do que os existentes há meses. Em nome da
- (45) a. funcionários da Vale (esse o efetivo médio do período), que são assalariados e **nao-acionistas**, recebessem uma participação nos lucros equivalente a 2,47 vezes os dividendos líquidos do principal [19N:Br:Cur]
- b. Paráfrase: funcionários da Vale (esse o efetivo médio do período), que são assalariados e **QUE NÃO SÃO ACIONISTAS**, recebessem uma participação nos lucros equivalente a 2,47 vezes os dividendos líquidos do principal
- (46) a. Estas cousas eu cômigo cuidando e revolvendo temo asi como ayo de repretender a **nõ prudência** de muitos, os quaaes, careçendo de sciência e facundia e trigosos a [14:Sbernardo]
- b. Paráfrase: Estas cousas eu cômigo cuidando e revolvendo temo asi como ayo de repretender a **FATO DE NÃO HAVER PRUDÊNCIA** de muitos, os quaaes, careçendo de sciência e facundia e trigosos a
- (47) a. pësara cõ que fervor de spiritu toda justiça amou e como ouve é odyo toda **nõ-justiça**. Certamête o fiel servo de Christo nõ demãdava algũa cousa

sua: qualquer coisa [14:Sbernardo]

- b. Paráfrase: pësara cõ que fervor de spiritu toda justiça amou e como ouve ã odyo todo **FATO DE NÃO HAVER JUSTIÇA**. Certamête o fiel servo de Christo nõ demãdava algũa coisa sua: qualquer coisa
- (48) a. desequilíbrio ocorre em função de alguns fatores verificados nos mercados, tais como: a **não fluidez** das informações, a dificuldade em interpretar essas informações e ainda a dificuldade em [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: desequilíbrio ocorre em função de alguns fatores verificados nos mercados, tais como: o **FATO DE NÃO HAVER FLUIDEZ** das informações, a dificuldade em interpretar essas informações e ainda a dificuldade e
- (49) a. década de 30, o movimento Abstraction-création instalou uma corrente abstracta, derivada de um **não-figurativismo** a que se aliava o uso de formas geométricas rigorosas. 1945-1990 Após a II [19Ac:Pt:Enc]
- b. Paráfrase: década de 30, o movimento Abstraction-création instalou uma corrente abstracta, derivada do **FATO DE NÃO HAVER FIGURATIVISMO** a que se aliava o uso de formas geométricas rigorosas. 1945-1990 Após a II
- (50) a. opinando pelo pagamento da multa que se impusera a Gazeta, apesar da **não originalidade** do assunto. Resumindo mais: tratava-se de um " conto da autoria " [18:Menezes:Parecer]
- b. Paráfrase: opinando pelo pagamento da multa que se impusera a Gazeta, apesar do **FATO DE NÃO HAVER ORIGINALIDADE** do assunto. Resumindo mais: tratava-se de um " conto da autoria "
- (51) a. do Náutico para o dia 12 de setembro, em virtude de dívidas referentes ao **não pagamento** do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) dos seus funcionários [19N:Br:Recf]
- b. Paráfrase: do Náutico para o dia 12 de setembro, em virtude de dívidas referentes ao **FATO DE NÃO HAVER PAGAMENTO** do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) dos seus funcionários
- (52) a. feliz de apoderar-se da noiva. Esta idéia trouxe-lhe o mal-estar que nos causa a **não realização** de um projeto por muito tempo afagado. [18:Azevedo:Girândola]
- b. Paráfrase: feliz de apoderar-se da noiva. Esta idéia trouxe-lhe o mal-estar

que nos causa o **FATO DE NÃO HAVER REALIZAÇÃO** de um projeto por muito tempo afagado.

- (53) a. para violetas o período encontrado foi de 11 meses, porém não significativo. Esta **não significância** pode sugerir que, de acordo com esta série de dados, não seja [19Ac:Br:Lac:Thes]
- b. Paráfrase: para violetas o período encontrado foi de 11 meses, porém não significativo. Este **FATO DE NÃO HAVER SIGNIFICÂNCIA** pode sugerir que, de acordo com esta série de dados, não seja
- (54) a. um Deus menor ", um artigo de Elisabete Gonçalves onde, a propósito da **não abertura** do sector de internamento masculino da Casa de Saúde Bento Menni, se abordavam [19N:Pt:Beira]
- b. Paráfrase: um Deus menor ", um artigo de Elisabete Gonçalves onde, a propósito do **FATO DE NÃO HAVER ABERTURA** do sector de internamento masculino da Casa de Saúde Bento Menni, se abordavam

Os exemplos anteriores nos mostram que é possível fazer mais de um tipo de paráfrase da estrutura **não + substantivo**, e também inserir outro verbo, além dos verbos SER ou ESTAR, entre o NÃO e o substantivo. Há casos, como em (40), (42) e (45), que a construção **não + substantivo** pode ser substituída pela expressão *(os) que não + (verbo SER) + substantivo*; em outros casos, como em (41), (43), (44), (46) a (54), é possível fazer uma paráfrase como *o fato de não haver + substantivo*. Vejamos o quadro a seguir:

SUBSTANTIVO DEVERBAL		SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL	
Verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo	Verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo	Verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo	Verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo
-	-mento -ção -ância -ura -agem derivação regressiva	sem sufixo -ário -ista	-ria -cia -iça -ez -ismo -dade

QUADRO 8: TIPOS DE FORMAÇÃO NÃO + SUBSTANTIVO

A paráfrase com os verbos SER/ESTAR só é permitida, no *corpus*, quando a estrutura em análise é constituída por um substantivo sem sufixo e que também não é formado por derivação regressiva, ou, ainda, por substantivo formado pelos sufixos *-ário* e *-ista*. Quando o substantivo é formado por derivação regressiva ou pelos demais sufixos listados, a expressão **não + substantivo** só pode ser parafraçada por *o fato de não haver + substantivo*. Assim, podemos afirmar que todas as estruturas com substantivo deverbais permitem a paráfrase *o fato de não haver + substantivo*, e todos os casos de paráfrase com os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome ocorre quando o substantivo não é deverbais.

Vejamos a tabela a seguir:

TABELA 11: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **NÃO + SUBSTANTIVO** CONSIDERANDO O TIPO DE VERBO ENTRE O NÃO E O SUBSTANTIVO DEVERBAL E ENTRE O SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL

PERÍODO	SUBSTANTIVO DEVERBAL				SUBSTANTIVO NÃO DEVERBAL				TOTAL	
	Verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo		Verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo		Verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo		Verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo			
	Ocorrência	Freq. ponderada	Ocorrência	Freq. ponderada	Ocorrência	Freq. ponderada	Ocorrência	Freq. ponderada	Ocorrência	Freq. Ponderada
SÉC. XV	0	0	1	3	5	17	6	21	12	42
SEC. XVI	0	0	1	2	1	2	1	2	3	7
SÉC. XVII	0	0	2	9	1	5	0	0	3	14
SÉC. XVIII	0	0	1	4	2	9	0	0	3	13
SÉC. XIX	0	0	13	13	5	5	7	7	25	26
SÉC. XX	0	0	491	237	153	74	54	26	698	336
TOTAL	0	0	509	118	167	39	68	16	744	173

A tabela 11 mostra-nos que, quanto aos casos de NÃO seguido por um substantivo deverbais, não há ocorrências de formações desse tipo com possibilidade de inserirmos os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo, já os casos com possibilidade de inserirmos o verbo HAVER entre o NÃO o substantivo aumentaram a frequência de ocorrência do século XVIII ao XX. Quanto aos casos de NÃO seguido por um substantivo não deverbais, verificamos um aumento ao longo dos séculos tanto das formações com verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e o substantivo quanto das formações com verbo HAVER elíptico.

TABELA 12: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO + SUBSTANTIVO CONSIDERANDO O TIPO DE VERBO ENTRE O NÃO E O SUBSTANTIVO

PERÍODO	NÃO + SUBSTANTIVO				TOTAL	
	Verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo		Verbo Haver entre o NÃO e o substantivo			
	Ocorr.	Freq. ponderada	Ocorr.	Freq. ponderada	Ocorr.	Freq. ponderada
SÉC. XV	5	17	7	24	12	42
SEC. XVI	1	2	2	5	3	7
SÉC. XVII	1	5	2	9	3	14
SÉC. XVIII	2	9	1	4	3	13
SÉC. XIX	5	5	20	21	25	26
SÉC. XX	153	74	545	263	698	336
TOTAL	167	39	577	134	744	173

Podemos ver na tabela 12 que as formações do tipo **não + substantivo** que permitem os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo apresentaram uma frequência com diminuições e aumentos ao longo dos séculos. De forma geral, podemos dizer que esses casos aumentaram a frequência de ocorrência na história da língua, considerando o período entre os séculos XV e XX. Quanto aos casos de **não + substantivo** que permitem o verbo Haver entre o NÃO e o substantivo, podemos perceber que, em praticamente todos os períodos da história considerados, sua frequência de ocorrência foi maior que os casos que só permitem os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo, com exceção apenas do século XVIII. Além disso, verifica-se que, do século XVIII ao XX, os casos em que só podemos inserir o verbo Haver entre o NÃO e o substantivo apresentam apenas aumento de sua frequência, enquanto que os casos em que só podemos inserir os verbos SER/ESTAR diminuem sua frequência do século XVIII para o XIX e, depois, volta a aumentar sua frequência de ocorrência no século XX. Esse aumento no século XX, no entanto, foi menor que o aumento verificado nos casos com possibilidade de inserirmos o verbo Haver entre o NÃO e o substantivo.

Vejamos o teste do *qui-quadrado* na tabela a seguir:

TABELA 13: NÃO + SUBSTANTIVO COM VERBOS SER/ESTAR ELÍPTICOS E NÃO + SUBSTANTIVO NÃO COM VERBO HAVER ELÍPTICO: TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + substantivo (verbos ser/estar)	9	5	74	88
não + substantivo (verbo haver)	4	21	263	288
TOTAL	13	26	337	376

PERÍODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,00
Séculos XIX a XX	0,74
Séculos XVIII a XX	0,00

A tabela 13 mostra-nos que o aumento dos tipos de formações **não + substantivo** entre os séculos XIX e XX não é significativo, mas podemos dizer que, entre os séculos XVIII e XX, as formações de **não + substantivo** que permitem o verbo HAVER entre o NÃO e o nome cresceram significativamente e proporcionalmente mais que as formações com verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e o substantivo.

Essa diferença estrutural das formações **não + substantivo** implica uma diferença semântica em relação ao NÃO. Nas formações do tipo **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**, embora o NÃO seja um elemento em comum, não podemos afirmar que seu valor semântico é o mesmo para todos os casos. Além do sentido de negação, é possível encontrar o NÃO com valor de exclusão e também de falta/ausência. Em exemplos: o sentido atribuído pelo NÃO em uma formação como NÃO ATENDIDO, que tem os verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e nome, não parece ser o mesmo na formação NÃO PAGAMENTO, que tem o verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo; da mesma forma o sentido do NÃO em NÃO FIEL não parece idêntico ao sentido atribuído pelo NÃO em NÃO FICÇÃO.

No caso de **não + substantivo**, podemos afirmar que, ao ser possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo, a formação com o NÃO está mais próxima do sentido de exclusão, e quando podemos inserir o verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo, a formação com o NÃO está mais próxima do sentido de falta/ausência.

Aprofundaremos nessa questão semântica em estudos posteriores.

4.5.4 não + nome + nem e não + nome + preposição + nenhum

Nos argumentos de Silva e Miotto (2009), o NÃO anteposto a nomes não seria prefixo nem parte de um composto morfológico, já que ele seria capaz de licenciar uma palavra negativa como NINGUÉM, NENHUM ou NADA. Uma frase como “Ele não é sócio de nenhum clube.” pressupõe uma concordância negativa entre o NÃO e o NENHUM que reforça a negação da sentença. Alguns casos envolvendo a estrutura **não + nome** podem apresentar também essa concordância negativa. Nos dados coletados verificamos ocorrências desse tipo. Vejamos alguns exemplos:

- (55) **SÉCULO XVII**
- a. das pazes com este Estado; findas porem até agora **não surtido nenhum** efeito, antes tenho noticias que o Dia[16:Sarzedas:Diario]
- SÉCULO XVIII**
- b. luz a obrigação dos Juizes dos Orfaões, bem conhecida de todos, e atégora **naõ tratada de nenhum**, e por isso de nenhum cabalmente sabida, e sobre [17:Aboym:Escola]
- c. **SÉCULO XIX**
Relativamente à maternidade, Carlos Maria tinha idéias pessoais e singulares, recônditas, **não confiadas a ninguém**. Achava impudica a natureza em fazer da [18:Machado: Borba]
- SÉCULO XX**
- d. eternidade e tentar conversar com o fantasma de Guilherme Fontes tarefa meritória, até hoje **não realizada por nenhum** de os interlocutores de o ator, mesmo em papéis de vivo [19N:Br:Folha]

Na estrutura *não realizada por nenhum* do exemplo (55d), temos, por hipótese, o verbo SER entre o NÃO e o particípio, e esse NÃO seria uma negação verbal que licencia o item NENHUM, por isso temos a concordância negativa.

Verificamos também, em nosso banco de dados, casos de **não + nome** seguido por NEM, como nos exemplos a seguir:

- (56) **SÉCULO XIV**
- a. dito Johã de Santarem polas ditas herdades. E renúciarõ a toda exçeção dos dinheyros nõ cõtados, **nõ auudos NE** recebudos. As quaes mil &

sateëta [13:CIPM:HGP13]

SÉCULO XV

- b. Ollofernes, afeitando.se por mover o coração dele pera a cobiçar, que era cousa **nom convinavel nem** liçita, sinprizmente falando. E, em estas cousas e outras [14:Calado:Enperial]

SÉCULO XVII

- c. antes foy criada Só pera esta occasiaõ, com tal grandeza, Misterio fácil, **não alto, nem** profundo, Para quem déu da nada ser[16:Thomas:Insulana]

SÉCULO XIX

- d. senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e **não bonita nem** simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno [18:Machado:Alienista]

SÉCULO XX

- e. de novembro de 1988 Ocorrências: Foi a maior missão de um pessoa **não americana nem** soviética no espaço; o francês Chretien permaneceu vinte [19Ac:Br:Enc]

No exemplo (56e), a expressão NÃO AMERICANA seguida de NEM SOVIÉTICA pressupõe a existência de um verbo entre o NÃO e o nome AMERICANA para que haja paralelismo sintático com o uso de NEM.

A frequência ponderada de **não + nome + nem** e de **não + nome + preposição + nenhum** no CdP encontra-se sintetizada na tabela seguir:

TABELA 14: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **NÃO + NOME NEM** E DE **NÃO + NOME + PREPOSIÇÃO + NENHUM/NINGUÉM** EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÃO + NOME + NEM		NÃO + NOME + PREPOSIÇÃO + NENHUM/NINGUÉM	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XIV	3	23	0	0
SÉC. XV	7	24	0	0
SÉC. XVI	13	31	0	0
SÉC. XVII	5	23	1	5
SÉC. XVIII	0	0	1	4
SÉC. XIX	7	7	3	3
SÉC. XX	8	4	3	1
TOTAL	43	10	8	2

Observa-se, na tabela 14, que os casos de **não + nome + nem** aparecem no português em quase todos os séculos considerados em nossa análise, exceto no século XVIII. Já os casos de **não + nome + preposição + nenhum** aparecem na língua a partir do século XVII²⁶. E podemos ver que a frequência de ambas as estruturas diminui gradativamente a partir de do século XVIII.

A classe gramatical dos nomes nos casos de **não + nome + preposição + nenhum** encontrados no CdP foi a mesma: **não + particípio**. Já nos casos de **não + nome + nem**, encontramos substantivos, adjetivos e particípios:

TABELA 15: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **NÃO + NOME NEM**, CONSIDERANDO A CLASSE GRAMATICAL DO NOME, EM 10.000.000 DE PALAVRAS

nãO + nome + nem								
PERÍODO	NÃO + SUBSTANTIVO		NÃO + ADJETIVO		NÃO + PARTICÍPIO		TOTAL	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XIV	0	0	0	0	3	23	3	23
SÉC. XV	1	3	2	7	5	17	7	24
SÉC. XVI	0	0	3	7	10	24	13	31
SÉC. XVII	0	0	2	9	0	14	5	23
SÉC. XVIII	0	0	0	0	3	0	0	0
SÉC. XIX	0	0	5	5	3	2	7	7
SÉC. XX	0	0	4	2	8	2	8	4
TOTAL	1	0	16	4	32	7	43	10

Conforme o resultado da tabela 15, os casos de **não + particípio + nem** são os mais frequentes, apenas no século XIX a estrutura **não + adjetivo + nem** mostra-se com uma frequência maior. Quanto aos casos de **não + substantivo + nem**, encontramos apenas uma ocorrência no século XV e em nenhum outro século mais: trata-se de uma formação com um substantivo não deverbais e que não é formado por prefixo. Vejamos esse caso:

- (6) g. ho movera; mas os Mouros, como incostantes e nom verdadeiros, principalmente os **nom vizinhos**, **nem** comarquaaões a Cepta, nom

²⁶ Os casos de concordância negativa envolvendo verbos aparecem em todas as épocas do português disponível no CdP: do século XIV ao XX.

quiseram esperar pela concrusam [14:Pina:Duarte]

Isso nos mostra mais um indício de que a estrutura **não + substantivo** é, de modo geral, diferente daquelas com participio ou adjetivo. Em **não + participio** e **não + adjetivo**, a recuperação de verbos como SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e nome parece ser feita mais facilmente do que nas formações **não + substantivo**: como vimos, nem sempre a estrutura **não + substantivo** permite que sejam inseridos os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome.

4.6 Uso do hífen em formações não + nome

Quando o elemento NÃO refere-se a um nome, ele pode apresentar-se ligado ou não por hífen, como nos exemplos (57) a (62) a seguir:

- (57) Outros assuntos **não abordados** na reunião foram as mudanças na política de preços na agricultura, aa criação [Título: MST nao desiste das invasoes e o governo mantém política fundiária. Tipo de texto: notícia. Data: 19/4/1997]
- (58) palestino e ao processo de paz. Arafat participa da reunião do Movimento dos Países **Nao-Alinhados**. [Título: Bibi diz a Clinton que Israel manterá construção. Tipo de texto: notícia. Data: 8/4/1997]
- (59) As quotas de instrução foram aplicadas aos homens e as de ocupação (activas e **não activas**) às mulheres. [Título: Portugueses nao acreditam na regionalização. Tipo de texto: notícia. Data:31/101997]
- (60) A maior parte dos servidores **nao-estáveis** trabalha em fundações e autarquias federais, como Sudene, Fundação [Título: Demissoes de servidores vao começar em dois meses. Tipo de texto: notícia. Data:11/11/1997]
- (61) um artigo de Elisabete Gonçalves onde, a propóstito da **não abertura** do sector de internamento masculino da Casa de Saúde Bento Menni, se abordavam [Título: Filhos de um Deus menor. Tipo de texto: notícia. Data: 15/5/1997]
- (62) maiores problemas que o país enfrenta são a falta de competitividade e o perigo de **não-sobrevivência** de muitas empresas, especialmente de o ramo de [Título: FOLHA:12463:SEC:pol. Tipo de texto: notícia. Data: 1994]

Encontramos, entre os dados analisados, casos de NÃO anteposto a um mesmo nome com e sem hífen, como mostram os exemplos (63) e (64) a seguir:

- (63) Saddam Hussein, apesar dos ataques aliados, insistiu na sua política de **não cooperação** com a UNSCOM, alegando que só um levantamento total das sanções [Título: Iraque. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]
- (64) Este episódio esteve integrado no movimento de **não-cooperação**, empreendido na Índia, no início da década de 1920, por Gandhi, [Título: movimento do Khilafat. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]

A tabela 16, a seguir, mostra a frequência dos casos de **não + nome** com e sem hífen ao longo da história do português:

TABELA 16: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO REFERENTE A NOMES, CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN, EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	SEM HÍFEN		COM HÍFEN		TOTAL	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XIV	30	228	0	0	30	228
SÉC. XV	340	1182	4	14	344	1196
SÉC. XVI	317	767	0	0	317	767
SÉC. XVII	221	1029	0	0	221	1029
SÉC. XVIII	131	586	0	0	131	586
SÉC. XIX	586	607	9	9	595	616
SÉC. XX	3118	1503	896	432	4014	1935
TOTAL	4743	1100	909	211	5652	1311

Os dados sem hífen são, de fato, mais produtivos em todos os séculos. Encontramos registros com hífen apenas nos séculos XV, XIX e XX, e este último século apresenta um grande aumento na frequência desses casos. Vejamos na tabela a seguir se há significância estatística, através do teste de *qui-quadrado*, em relação ao uso do hífen nos diferentes períodos considerados.

TABELA 17: NÃO REFERENTE A NOMES CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + nome sem hífen	586	607	1503	2696
não + nome com hífen	0	9	432	441
TOTAL	586	616	1935	3137

PERÍODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,00
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Como podemos observar na tabela 17, a diferença entre a proporção das formações **não + nome** com hífen e sem hífen é significativa entre os séculos XIX e XX e entre os séculos XVIII e XX. Ambas as formações, com e sem hífen, aumentam dos séculos XVIII ao XX, mas o aumento das formações com hífen que ocorre entre os séculos XIX e XX (de 9 para 434) é proporcionalmente maior que o aumento das formações sem hífen nesse mesmo período (de 607 para 1503), ou seja, podemos dizer que, no século XX, as formações do tipo **não + nome** com hífen cresceram mais que as formações sem hífen.

Como podemos observar na tabela 16, ocorrem casos com hífen nos séculos XV, XIX e XX. É preciso considerar, no entanto, que o uso do hífen pode não ter o mesmo sentido em todos esses períodos. Vejamos:

1. Quanto à datação e origem da palavra **hífen**, o *Dicionário Houaiss*, por exemplo, estabelece o seu surgimento na língua portuguesa no ano de 1576, especificando-se que o mesmo deriva etimologicamente do «gr. *huphén*, adv. "juntamente", pelo lat. tar. *hyphen*»;

2. No que diz respeito à origem do uso do hífen na ortografia do português e à sua evolução no contexto da língua portuguesa, Rita Marquilhas, num artigo intitulado «O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas» (in Castro, Ivo, *A Demanda da Ortografia Portuguesa*, com Inês Duarte e Isabel Leiria, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987), fornece-nos algumas informações importantes. Segundo a referida autora, «Para os substantivos compostos não entrava ainda qualquer sinal diacrítico no universo gráfico de João de Barros» (p. 109); na verdade, em Portugal, só no séc. XIX é que «se tomou [...] consciência da pertinência da colocação do hífen no interior das formas compostas. Ele fora praticamente esquecido pelos gramáticos anteriores ao século XIX; aparecia nos manuais no capítulo reservado aos sinais de pontuação, geralmente sob o título de *Outros Sinais*, e funcionava quase sistematicamente em relação a três únicos exemplos: *guarda-porta*, *passa-tempo*, *val-verde*; haviam sido dados por Duarte Nunes de Leão, e sob uma diferente morfologia, a de **guarda v porta**, **passa v tempo**» (p. 113). Ainda segundo Rita Marquilhas, «Só em

1739, na *Orthographia* de Madureira Feijó, há o testemunho de o hífen ter sido morfológicamente assimilado à linha de seguimento que, desde os copistas medievais, se traçava no fim da regra (-) [...]» (p. 113). Contudo, «foi necessário que chegassem os sónicos [um dos partidos da disputa ortográfica, em oposição aos etimológicos], e a sua preocupação de retratar fonograficamente a língua falada, para que o hífen ganhasse um papel mais relevante, libertando-se dos seus exemplos clássicos».

3. Quanto à sua utilização atual, Cunha e Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (pp. 66-69), elencam as regras fundamentais: «a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação (...); b) para unir pronomes átonos e verbos (...); c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes». (MATEUS, 2011, disponível em <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=29287>)

É questionável, portanto, o uso do hífen, principalmente no século XV, para marcar as formações com o NÃO como palavras compostas ou prefixais. A princípio, os casos dos séculos XIX e XX em que há a presença do hífen na grafia parecem ter o estatuto de unidade mais evidente que aqueles casos grafados sem hífen. Nesse sentido, temos como hipótese que as formações **não + substantivo** apresentariam, no século XX, proporcionalmente, um aumento maior da grafia com hífen em relação aos casos de **não + participio** e de **não + adjetivo**. Além disso, entre os dois tipos de formação **não + substantivo**, aquelas com o verbo Haver entre o NÃO e o nome apresentariam maior número de casos de hífen.²⁷

Assim, comparando o uso ou não do hífen em relação às estruturas de NÃO anteposto a participio, adjetivo e substantivo, temos o seguinte:

²⁷ É importante lembrar que, com a reforma ortográfica de 2009, o uso do hífen foi abolido em formações do tipo **não + nome**.

TABELA 18: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO REFERENTE A NOMES, CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN E A CLASSE GRAMATICAL DO NOME A QUE O NÃO ANTEPÔE-SE

PERÍODO	NÃO + PARTICÍPIO				NÃO + ADJETIVO				NÃO + SUBSTANTIVO			
	SEM HÍFEN		COM HÍFEN		SEM HÍFEN		COM HÍFEN		SEM HÍFEN		COM HÍFEN	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XIV	18	137	0	0	12	91	0	0	0	0	0	0
SÉC. XV	121	421	0	0	211	734	0	0	8	28	4	14
SÉC. XVI	198	479	0	0	116	281	0	0	3	7	0	0
SÉC. XVII	115	536	0	0	103	480	0	0	3	14	0	0
SÉC. XVIII	77	345	0	0	51	228	0	0	3	13	0	0
SÉC. XIX	386	400	1	1	181	187	2	2	19	20	6	6
SÉC. XX	1450	699	101	49	1239	597	526	254	429	207	269	130
TOTAL	2365	549	102	24	1913	444	528	122	465	108	279	65

A tabela 18 mostra-nos que o uso do hífen começou, primeiramente, com os casos de **não + substantivo** no século XV.

- (65) a. [14:Sbernardo] como pedras preçiosas ornado, o qual presente, toda sanctidade se alegra, toda **nom-piedade** ha vergonha. Açerca daquelo videbunt recti et letabuntur et omitis iniquitas oppilait os
- b. [14:Sbernardo] se pareçia: porque mui de ligeiro retiinha o inpeto della. Certamente maravilhava-se da **nõ-bondade** daquelles homëes, os quaaes, algûas vezes per ventura torvados, ham por agravo
- c. [14:Sbernardo] pësara cõ que fervor de spiritu toda justiça amou e como ouve ã odyo toda **nõ-justiça**. Certamëte o fiel servo de Christo nõ demãdava algûa cousa sua: qualquer cousa

Entre os séculos XVI a XVIII não houve registro de uso do hífen nas formações com o NÃO no CdP. Já no século XIX, aparecem casos com hífen de **não + participio, não + adjetivo e não + substantivo**, mas podemos perceber que o uso do hífen com substantivos é mais frequente nesse período.

Considerando a diferença entre os casos com e sem hífen em relação a cada tipo de formação com o elemento NÃO, temos o seguinte:

TABELA 19: ESTRUTURA NÃO + PARTICÍPIO CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + participio sem hífen	345	400	699	1444
não + participio com hífen	0	1	49	50
TOTAL	345	401	748	1494

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,35
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

A tabela 19 mostra que a diferença entre os casos com e sem hífen em relação à estrutura **não + participio** é significativa entre os séculos XIX e XX, mas não é significativa entre os séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, podemos dizer que os casos com hífen das formações com participio cresceram proporcionalmente mais, no século XX, que as formações sem hífen.

TABELA 20: ESTRUTURA NÃO + ADJETIVO CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + adjetivo sem hífen	228	187	597	1012
não + adjetivo com hífen	0	2	254	256
TOTAL	228	189	851	1268

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,12
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

A tabela 20 também não mostra significância estatística em relação à diferença na proporção dos casos de **não + adjetivo** com e sem hífen entre os séculos XVIII e XIX. É significativo, porém, o aumento verificado entre os séculos XIX e XX, ou seja, os casos de **não + adjetivo** com hífen aumentaram proporcionalmente mais no século XX que os casos sem hífen.

TABELA 21: ESTRUTURA NÃO + SUBSTANTIVO CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não + substantivo sem hífen	13	20	207	240
não + substantivo com hífen	0	6	130	136
TOTAL	13	26	337	376

PERÍODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,06
Séculos XIX a XX	0,11
Séculos XVIII a XX	0,00

Quanto ao resultado do teste de *qui-quadrado* em relação aos casos de **não + substantivo**, podemos ver que não há significância estatística no aumento verificado das formas com e sem hífen entre os séculos XVIII e XIX, e entre os séculos XIX e XX, ou seja, não podemos dizer que formações do tipo **não + substantivo** com hífen cresceram mais, nesses períodos, que as formações sem hífen ou vice-versa. Podemos afirmar, no entanto, que o aumento das formas com hífen entre os séculos XVIII e XX foi maior que o aumento verificado das formas sem hífen nesse período, já que no século XVIII não havia consciência do uso do hífen como no século XX, conforme Mateus (2011).

Os resultados apresentados nas tabelas 19, 20 e 21 mostram, portanto, que as estruturas **não + participio** e **não + adjetivo** não são tratadas da mesma maneira que a estrutura **não + substantivo**. Como vimos, o aumento de **não + participio** e de **não + adjetivo** com hífen entre os séculos XVIII e XIX não é significativo, já o aumento dessas estruturas com hífen entre os séculos XIX e XX foi significativo. Quanto os casos de **não + substantivo**, vimos que apenas foi significativo o aumento com hífen entre os séculos XVIII e XX. Assim, apesar de o uso do hífen nas formações **não + nome** ter crescido, de forma geral, no século XX, ele não mostra significância para os casos com substantivo.

Analisando apenas os casos de **não + substantivo**, considerando as duas estruturas distintas desse tipo de formação com o elemento NÃO, temos o seguinte resultado:

TABELA 22: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS CASOS COM E SEM HÍFEN DAS FORMAÇÕES **NÃO + SUBSTANTIVO** CONSIDERANDO O TIPO DE VERBO QUE ESTARIA ELÍPTICO ENTRE O NÃO E O SUBSTANTIVO

PERÍODO	NÃO + SUBSTANTIVO							
	Verbos SER/ESTAR entre o não e o substantivo				Verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo			
	SEM HÍFEN		COM HÍFEN		SEM HÍFEN		COM HÍFEN	
	Ocorrência	Frequência Ponderada	Ocorrência	Frequência Ponderada	Ocorrência	Frequência Ponderada	Ocorrência	Frequência Ponderada
SÉC. XV	4	14	0	0	4	14	4	14
SÉC. XVI	1	2	0	0	2	5	0	0
SÉC. XVII	1	5	0	0	2	9	0	0
SÉC. XVIII	2	9	0	0	1	4	0	0
SÉC. XIX	4	4	1	1	15	16	5	5
SÉC. XX	38	18	115	55	391	188	154	74
TOTAL	50	12	116	28	415	99	163	39

Conforme os dados expostos na tabela 22, podemos ver que tanto os casos de **não + substantivo** com verbos SER/ESTAR elíptico quanto os casos com verbo HAVER elíptico entre o NÃO e o substantivo apresentam, de forma geral, entre os séculos XV ao XX, um aumento na frequência de ocorrência das formações com e sem hífen. Vejamos o teste do *qui-quadrado* em relação aos casos com e sem hífen de cada tipo de estrutura **não + substantivo**:

TABELA 23: ESTRUTURA **NÃO + SUBSTANTIVO** COM VERBOS SER/ESTAR ELÍPTICOS ENTRE O NÃO E O SUBSTANTIVO CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não (ser/estar) substantivo sem hífen	9	4	18	31
não (ser/estar) substantivo com hífen	0	1	55	56
TOTAL	9	5	73	87

PERIODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,16
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

A estrutura com verbos SER/ESTAR elípticos apresenta um aumento das formas sem hífen de 4 para 18 no século XX, isto é, nesse período a frequência de

ocorrência desse tipo de estrutura sem hífen foi 4,5 vezes a frequência registrada no século XIX. Já o aumento da frequência dessa mesma estrutura com hífen foi de 1 para 55, ou seja, no século XX, a frequência de ocorrência das formações **não + substantivo** com hífen com verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e o nome foi 55 vezes o que havia no século anterior. Podemos ver, pelo teste de *qui-quadrado*, que o aumento com hífen foi significativamente maior que o aumento sem hífen desse tipo de estrutura entre os séculos XIX e XX, ou seja, temos, aqui, um resultado semelhante ao observado em relação às estruturas com participio e com adjetivo: parece que a estrutura com verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e nome, seja esse nome um substantivo, um adjetivo ou um participio, mostram a mesma tendência quanto ao uso do hífen.

TABELA 24: ESTRUTURA **NÃO + SUBSTANTIVO** COM VERBOS HAVER ELÍPTICOS ENTRE O NÃO E O SUBSTANTIVO CONSIDERANDO, SEPARADAMENTE, OS CASOS COM E SEM HÍFEN EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE *QUI-QUADRADO*

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não (haver) substantivo sem hífen	4	16	188	208
não (haver) substantivo com hífen	0	5	74	79
TOTAL	4	21	262	287

PERÍODOS	P-VALOR
Séculos XVIII a XIX	0,27
Séculos XIX a XX	0,66
Séculos XVIII a XX	0,21

Quanto à estrutura **não + substantivo** com verbo HAVER elíptico entre o NÃO e o nome, podemos ver na tabela 24 que não houve significância estatística na diferença da proporção entre os casos com e sem hífen nos três períodos considerados, ou seja, o aumento que se verifica desse tipo de estrutura com hífen não foi maior, proporcionalmente, que o aumento da mesma estrutura sem hífen entre os séculos XVIII, XIX e XX.

O uso do hífen nas formações com o verbo HAVER entre o NÃO e o substantivo parece ser, portanto, diferente do uso do hífen nas formações com os verbos SER/ESTAR elípticos entre o NÃO e o nome.

4.7 Considerações finais

Analizamos as formações de NÃO referente a nomes entre os séculos XIV e XX do português e percebemos que esse tipo de estrutura mostrou maior produção no século XX. Analizamos separadamente os casos de NÃO anteposto a um particípio, a um adjetivo e a um substantivo e constatamos que as formações do tipo **não + substantivo** foram as que apresentaram, proporcionalmente, maior crescimento no século XX.

Considerando a análise feita das estruturas **não + particípio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**, podemos dividir as formações com NÃO em dois grupos distintos. De um lado estão as formações em que é possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome: trata-se de todas as formações com particípio e com adjetivo e, ainda, algumas formações com substantivo. De outro lado estão as formações que apresentam o verbo Haver elíptico entre o NÃO e o nome: apenas determinadas formações de **não + substantivo** podem ser enquadradas nesse segundo grupo.

A estrutura das formações com o NÃO está relacionada, inicialmente, aos verbos SER/ESTAR (**não + particípio** e **não + adjetivo**). Depois, com as formações do tipo **não + substantivo**, aparecem duas estruturas distintas, uma com os verbos SER/ESTAR e outra com o verbo Haver, e observa-se um aumento mais significativo, no século XX, das formações **não + substantivo** com verbo Haver elíptico entre o NÃO e o nome.

5 OS TESTES

Definir o estatuto gramatical do NÃO nas formações do tipo **não + nome** (e.g. NÃO SÓCIO, NÃO FIEL, NÃO FILIADO) não é banal, pois não parece haver critérios inequívocos para caracterizá-lo como uma base, membro de um composto morfológico, ou como um prefixo. Um reflexo disso pode ser visto na falta de consenso entre gramáticos e linguistas na classificação do NÃO nesse tipo de formação. Cunha e Cintra (2001), por exemplo, consideram as formações **não + nome** palavras compostas, por outro lado, autores como Alves (1992;1993) e Campos (2002) afirmam que, nesse tipo de formação, o NÃO seria um afixo. Há, ainda, a caracterização do NÃO como prefixóide, segundo Sandmann (1989). E temos, também, Silva e Miotto (2009) que não o consideram nem prefixo nem composto. O NÃO poderia ser uma negação verbal, e as formações do tipo **não + nome** seriam estruturas sintáticas que apresentariam um verbo elíptico entre o NÃO e o nome.

Nesse trabalho de Silva e Miotto (2009), os autores apresentam os exemplos a seguir e estabelecem conclusões intuitivas sobre a gramaticalidade das frases.

Considero o João **não-fiel** a ninguém.

*Considero o João **infiel** a ninguém. (SILVA & MIOTTO, 2009, p. 11)

Já em nosso trabalho, para encontrarmos indícios de que formações do tipo **não + nome** seriam estruturas sintáticas no português do Brasil, com verbo elíptico entre o NÃO e o nome, selecionamos indivíduos que foram submetidos a testes de aceitabilidade envolvendo formações do tipo **não + nome + preposição + nenhum/ninguém** (e.g. *Os **não sócios de nenhum** clube devem preencher o formulário branco.*).

É importante ressaltar que o resultado desses testes apresenta uma validade relativa, já que se trata de uma situação artificial, e diversos fatores interferem na questão da aceitabilidade das estruturas em análise. Sobre esses fatores, podemos citar as próprias limitações dos testes no que diz respeito a seu

conteúdo, sua estrutura e forma de aplicação e, ainda, devemos considerar as observações feitas por Vitral e Ramos (2010):

sobre o julgamento da gramaticalidade, é preciso estar atento também a outros aspectos cognitivos que interferem nos nossos julgamentos, como por exemplo a memória (ver Chomsky 1995). A compreensibilidade de uma seqüência de palavras pode passar por gramaticalidade e nos levar a crer que tal ocorrência de fato é produzida pela gramática da língua.” (VITRAL & RAMOS, 2010, p. 393).

Ao realizarmos esses testes, porém, temos indícios que, juntamente com a análise dos dados históricos e com a análise dos dados contemporâneos extraídos da internet, somam valor a nossa pesquisa.

5.1 Seleção dos informantes

Para a realização dos testes foram selecionados 16 informantes representativos da população urbana da cidade do Rio de Janeiro. A escolha por essa cidade foi devido à facilidade de acesso aos informantes com as características necessárias para a realização do teste.

Selecionamos, então, indivíduos cariocas de diferentes níveis de escolaridade, faixas etárias e gêneros. Dos 16 informantes, 8 tinham o Ensino Médio completo – doravante EM – e 8 tinham Ensino Superior completo – doravante ES. Quanto ao gênero, os informantes também foram divididos igualmente em dois grupos, sendo um deles composto por 8 pessoas do gênero feminino e 8 do gênero masculino. As faixas etárias selecionadas foram: faixa etária 1 (mais jovens) entre 20 e 35 anos e faixa etária 2 (mais velhos) entre 50 e 65 anos. Em cada faixa etária havia 4 homens e 4 mulheres: dentre os homens, 2 tinham EM e 2 tinham ES; dentre as mulheres, 2 tinham EM e 2 tinham ES. Vejamos, no quadro a seguir, o número e a distribuição dos informantes:

ZONA URBANA DO RIO DE JANEIRO - RJ							
Gênero masculino				Gênero feminino			
Faixa etária 1: 20 a 35 anos (mais jovens)		Faixa etária 2 : 50 a 65 anos (mais velhos)		Faixa etária 1: 20 a 35 anos (mais jovens)		Faixa etária 2 : 50 a 65 anos (mais velhos)	
EM	ES	EM	ES	EM	ES	EM	ES
2	2	2	2	2	2	2	2
4		4		4		4	
informantes masculinos mais jovens		informantes masculinos mais velhos		informantes femininos mais jovens		informantes femininos mais velhos	
8				8			
informantes do gênero masculino				informantes do gênero feminino			
TOTAL: 16 informantes							

QUADRO 9: GÊNERO, FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES

Os resultados dos informantes agrupados de acordo com o nível de escolaridade, a faixa etária e o gênero foram analisados para que fosse possível fornecer um panorama da aceitabilidade das frases envolvendo a estrutura **não + nome** e entender até que ponto essa aceitabilidade estaria relacionada a cada uma dessas variáveis não linguísticas.

5.2 Objetivos e hipóteses

O objetivo principal dos testes de aceitabilidade foi buscar indícios a respeito do estatuto morfológico do elemento NÃO quando anteposto a nomes. Partimos, então, das seguintes possibilidades: (1) a estrutura **não + nome** apresentaria um verbo elíptico entre o NÃO e o nome, isto é, seria equivalente à estrutura **não + verbo + nome** e seriam transparentes, ou seja, poderia apresentar uma estrutura como *não (é) sócio de nenhum dos clubes*, ou (2) apresentaria uma opacidade morfológica assim como as formações prefixais no português (cf. SILVA & MIOTO, 2009). Em outras palavras, a partir dos testes de aceitabilidade buscamos verificar se uma estrutura como NÃO SÓCIO seria semelhante à estrutura *não é sócio* ou se esse NÃO anteposto ao nome SÓCIO teria o mesmo estatuto morfológico de um prefixo como o *in-*, em INFELIZ.

Para isso, os testes tiveram, especificamente, o objetivo de mostrar se o falante do português aceita como uma frase do português, frases em que há a presença dos itens negativos NENHUM/NINGUÉM logo após a estrutura **não + nome** e, no caso de aceitar, como o falante interpreta o enunciado. Consideremos a sentença a seguir:

(66) Os **não sócios de nenhum**²⁸ clube devem preencher o formulário branco.

A aceitabilidade, isto é, o não estranhamento de uma sentença como a (66) acima indicaria que o falante estabelece a concordância negativa, e a interpretação pode nos mostrar indícios de como a formação **não + nome** teria sido interpretada: se como uma estrutura sintática ou como uma formação morfológica. Numa estrutura sintática haveria um verbo entre o NÃO e nome e, como em uma negação verbal, haveria a concordância negativa entre o NÃO e o item NENHUM. Já em uma formação morfológica, o NÃO seria analisado ou como prefixo ou como membro de uma palavra composta, e a concordância negativa não seria estabelecida.

Assim, uma formação do tipo **não + nome**, como NÃO FIEL, seria interpretada como *não é fiel* ou como *infiel*? As pessoas aceitariam a concordância negativa em uma estrutura como *não fiel a ninguém*? Em outras palavras: diante da informação sobre uma pessoa não fiel a ninguém, a conclusão seria que essa pessoa trai ou não trai? Caso se considere que a pessoa trai, pressupõe-se que há concordância negativa na interpretação da estrutura *não fiel a ninguém* (NÃO FIEL = *não é fiel*), por outro lado, caso se considere que a pessoa não trai, conclui-se que a interpretação da estrutura não envolveu concordância negativa entre o NÃO e o item NINGUÉM (NÃO FIEL = *infiel*). Nesse sentido, testamos, ainda, a aceitabilidade da presença dos itens negativos NENHUM/NINGUÉM após uma palavra formada por prefixo negativo (*in-* e *des-*) na busca de evidências que confirmassem a não aceitação de tal estrutura ou a ausência de concordância negativa em sua interpretação. Comparamos, então, esse resultado com a aceitabilidade das formações do tipo **não + nome**.

²⁸ A expressão em destaque nessa frase e em todas as outras ao longo do texto foram feitas apenas para melhor visualização da estrutura analisada. No teste aplicado aos informantes, as frases foram apresentadas sem qualquer tipo de destaque.

Nossa hipótese é a de que a estrutura **não + nome** seja uma estrutura sintática, pois acreditamos que, na formação em que o NÃO é seguido de um nome e depois de itens negativos como NENHUM/NINGUÉM, seja possível a ocorrência da concordância negativa, por isso, não poderíamos analisar esse NÃO como um prefixo, conforme fizeram Alves (1992; 1993), Schwindt (2000), Campos (2002), ou mesmo como parte de um composto morfológico, como foi analisado por Pereira (2006) e Cunha e Cintra (2001). Parece-nos, pois, mais interessante analisar a estrutura como uma negação sintática.

Esperamos, portanto, que as sentenças com **não + nome + preposição + nenhum/ninguém** (e.g.: *Os não sócios de nenhum clube devem preencher o formulário branco.*) sejam aceitáveis na opinião da maioria dos informantes. Esperamos, também, que as sentenças com formações prefixais seguidas de item negativo (e.g.: *A desobediência a nenhuma regra é normal na vida de Felipe.*) causem mais estranhamento em comparação aos casos de **não + nome + preposição + nenhum/ninguém**, o que corroboraria nossa hipótese de análise das formações com NÃO como estruturas sintáticas.

Pretendemos comparar, ainda, a aceitabilidade em relação aos casos de **não + substantivo + preposição + nenhum/ninguém**, **não + adjetivo + preposição nenhum/ninguém** e **não + particípio + preposição + nenhum/ninguém**, para verificar se todas essas estruturas são ou não aceitas da mesma maneira, ou seja, se existe ou não diferença na aceitabilidade das formações do tipo **não + nome** seguidas dos itens NENHUM/NINGUÉM conforme a classe gramatical desse nome (substantivo, adjetivo ou particípio).

Partindo, então, da hipótese de que as formações **não + nome** teriam um verbo elíptico entre o NÃO e o nome, testamos também a estrutura **não + nome + nem** a fim de buscarmos mais um indício dessa elipse verbal. Consideramos o uso do NEM como conjunção coordenativa aditiva, conforme apresentam Cunha e Cintra (2001):

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [=e não]:

Leonor voltou-se **e** desfaleceu
(G. Ramos, *l*, 81)

Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
(F. Botelho, X, 41)

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 580)

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:
1. COORDENADAS SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu.**/
(G. Ramos, SB, 29)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza./
(A. Gil, LJ, 24.)

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 596-7)

O NEM, quando usando como conjunção coordenada aditiva, pode ser interpretado como *e não* ou como *e não + verbo da oração anterior*. Vejamos os exemplos a seguir:

- (67) a. Ele não é sócio **nem** é fundador dos clubes.
b. Ele não é sócio **nem** fundador dos clubes.

Veja que o NEM, em (67a), significa exatamente *e não* (*Ele não é sócio e não é fundador dos clubes.*), já em (67b), o NEM retoma o verbo SER da oração anterior e significa *e não é*, mantendo, portanto, o paralelismo sintático entre as orações coordenadas aditivas (*Ele não é sócio e não é fundador dos clubes.*).

Quando se usa a conjunção NEM juntamente com a estrutura **não + nome**, para que se mantenham o paralelismo sintático e a coerência do enunciado, é preciso recuperar uma estrutura sintática relacionada ao elemento NÃO. Vejamos:

- (68) Os **não sócios nem** fundadores dos clubes devem assinar a ficha verde.

No exemplo (68), a expressão NEM FUNDADORES, segundo nossa hipótese, deveria ser interpretada como *e que não são fundadores*, recuperando uma estrutura verbal anterior. Essa estrutura verbal estaria presente na expressão NÃO SÓCIOS, que, no caso, seria interpretada como *que não são sócios*, ou seja, haveria um verbo elíptico entre o NÃO e o nome. Assim, entendemos que a aceitabilidade

dos casos de **não + nome + nem** consiste em mais um indício a favor de nossa análise das formações em NÃO como estruturas sintáticas.

5.3 Elaboração e aplicação dos testes

A fim de analisar a aceitabilidade da estrutura **não + nome + preposição + nenhum/ninguém** e a maneira como ela é interpretada, foram desenvolvidos dois testes²⁹. O primeiro deles foi um teste de comandos, em que o informante deveria ler instruções e fazer o que era indicado. O segundo teste foi composto por 20 frases apresentadas em um programa de computador. Cada informante deveria avaliar as frases quanto à sua aceitabilidade e, depois, resolver atividades relacionadas à interpretação das sentenças.

Tanto um teste quanto o outro apresentaram as seguintes estruturas³⁰:

[1] não + substantivo (A) + preposição + nenhum/ninguém

[1a] Os **não sócios de nenhum** clube devem preencher o formulário laranja.

[1b] O **não pagamento de nenhuma** mensalidade está registrado no computador.

[2] não + adjetivo (A) + preposição + nenhum/ninguém

[2a] Aqueles **não contrários a nenhuma** norma estabelecida pelo concurso devem levantar a mão.

[2b] Os candidatos **não praticantes de nenhum** esporte precisam preencher o formulário verde.

[2c] A pessoa **não praticante de nenhum** desses esportes deve pegar o cartão com o número 3.

²⁹ Optamos por realizar dois testes distintos para conseguirmos mostrar maior consistência nos dados, tendo em vista a validade relativa de testes.

³⁰ Todas as frases que exemplificam as estruturas [1] a [12] foram utilizadas ora no teste de comandos, ora no teste de avaliação e interpretação de frases. Não separamos, aqui, cada frase conforme o teste em que ela foi utilizada.

[3] não + particípio (A) + preposição + nenhum/ninguém

[3a] Os rapazes **não envolvidos em nenhum** assalto devem assinar o papel verde.

[3b] A pessoa **não filiada a nenhum** partido político deve preencher a ficha azul.

[3c] Se você é uma pessoa **não filiada a nenhum** partido político, levante a placa vermelha.

Veja que as estruturas acima são compostas por substantivo, adjetivo e particípio que, para fim de organização, optamos por classificá-los como sendo do tipo (A), caracterizando os nomes que não serviriam de base para formações com prefixos negativos, ou seja, não há *INSÓCIO ou *DESPAGAMENTO por exemplo. As estruturas [4], [5], [8] e [9] abaixo são compostas por substantivo e adjetivo classificados como sendo do tipo (B): essa classificação indica nomes que serviriam de base para uma formação com prefixo negativo, especificamente uma formação com o prefixo *in-*. E as estruturas [6], [7], [10] e [11] são compostas por substantivo e particípio classificados como sendo do tipo (C), indicando nomes que também serviriam de base para uma formação com prefixo negativo e, nesse caso, especificamente uma formação com o prefixo *des-*.

[4] não + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém

[4a] A **não existência de nenhuma vaga** no estacionamento pode ser vista naquela foto

[4b] Pegue a foto em que você pode verificar a **não existência de nenhuma vaga** no estacionamento.

[5] in- + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém

[5a] A **inexistência de nenhuma vaga** no estacionamento pode ser vista naquela imagem.

[5b] Pegue a foto em que você pode verificar a **inexistência de nenhuma flor amarela**.

[6] **não + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[6a] A **não obediência a nenhuma** regra de trânsito é normal na vida de Marcelo.

[6b] Pegue aquela em que se verifica a **não obediência a nenhuma** dessas regras de trânsito.

[7] **des- + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[7a] A **desobediência a nenhuma** regra de trânsito é normal na vida de Felipe.

[7b] É possível verificar, na imagem, a **desobediência a nenhuma** dessas regras de trânsito?

[8] **não + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[8a] A **personagem não fiel a ninguém** será representada pela atriz Elisa Alencar.

[8b] Pegue a foto em que há uma pessoa considerada **não fiel a ninguém**.

[9] **in- + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[9a] A **personagem infiel a ninguém** será representada pela atriz Débora Dias.

[9b] Se uma pessoa diz que é **infiel a ninguém**, ela trai?

[10] **não + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[10a] O candidato **não preparado para nenhuma** prova do concurso assistiu à aula do professor Marcos.

[10b] Considerando apenas a roupa das pessoas em cada imagem, pegue aquela em que se verifica uma garota **não preparada para nenhuma** atividade na piscina.

[11] **des- + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[11a] A pessoa **despreparada para nenhuma** prova do concurso assistiu à aula do professor Fábio.

[11b] *Considerando essas informações, pegue a foto em que se verifica a pessoa **despreparada para nenhuma** das atividades mencionadas.*

É importante observar que, entre as estruturas [4] e [5], a única diferença significativa está na troca da formação **não + substantivo** (NÃO EXISTÊNCIA) pela palavra formada por prefixo de valor negativo que mantém a mesma base do substantivo acima citado (INEXISTÊNCIA). Isso foi feito para que possamos estabelecer, de fato, a comparação da aceitabilidade entre as formações com NÃO e as formações prefixais. O mesmo ocorre entre as estruturas [6] e [7], [8] e [9] e entre as estruturas [10] e [11].

Veja, também, que os nomes do tipo (B) serviriam de base para formações com o prefixo *in-*, mas não com o prefixo *des-*, assim não poderíamos ter *DESEXISTÊNCIA nem *DESFIEL. Da mesma forma, os nomes do tipo (C) serviriam de base para formações com o prefixo *des-*, mas não com o prefixo *in-*, assim, não poderíamos ter *INOBEDIÊNCIA ou *IMPREPARADO. Os prefixos *des-* e *in-* são, portanto, diferentes, pois selecionam bases distintas, mas têm em comum o fato de atribuírem um valor negativo.

Além das estruturas **não + nome + preposição + nenhum/ninguém**, testamos, ainda, os casos em que o NÃO é seguido pela palavra NEM.

[12] **não + nome + nem**

[12a] *Robson foi o primeiro atleta **não americano nem** europeu a ganhar uma medalha de ouro olímpica.*

[12b] *Trabalhos **não estáveis nem** prazerosos foram encontrados em São Paulo.*

[12c] *Os **não sócios nem** fundadores do Esporte Clube Vitória devem assinar a ficha verde.*

Os testes foram aplicados em dois dias distintos entre 01 a 15 de junho de 2011. No primeiro dia, cada informante realizou 6 comandos e avaliou as 20 frases pelo computador. No segundo dia, mais 6 comandos foram aplicados, e o informante resolveu, ainda, as atividades relacionadas às frases avaliadas anteriormente. Foi

importante que, em um dia, os informantes apenas avaliassem a aceitabilidade das 20 frases pelo computador e, em outro dia, fizessem as atividades relacionadas a essa avaliação, pois tais atividades poderiam interferir na avaliação da aceitabilidade das frases em teste e comprometer bastante a validade dos dados obtidos. Assim, optamos por aplicar os testes em dois dias diferentes e, com isso, também diminuimos a quantidade de tarefas realizada pelos informantes em cada dia, tornando, assim, os testes menos exaustivos.

Vejam os detalhes da elaboração desses dois testes e de sua aplicação.

5.3.1 Teste de comandos

No teste de comandos desenvolvido, as estruturas **não + nome + preposição nenhum/nenhum** e **prefixo + nome + preposição + nenhum/ninguém** foram inseridas em diferentes instruções para o indivíduo ler e seguir exatamente o que estava sendo pedido. Em cada instrução o informante deveria levantar uma foto, um cartão, uma placa ou preencher uma ficha ou um formulário conforme o que estava sendo pedido.

Cada informante foi filmado individualmente durante a realização do teste, mediante consentimento prévio, conforme formulário do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP, em anexo, para que pudéssemos registrar todas as reações dos indivíduos perante as instruções e o cumprimento ou não do comando. Utilizamos para isso uma câmera de vídeo da marca Sony, modelo DCR-SR80, que grava imagens em formato de vídeo digital (MPEG) e som, também digital, no padrão MP3. Com a filmagem da aplicação desse teste pudemos verificar se existe algum padrão comportamental relacionado à leitura das estruturas em análise.

Foram elaborados doze comandos, cada um contendo uma das estruturas listadas na seção anterior. Esses comandos foram divididos em dois grupos para que a aplicação fosse feita em dias diferentes. Optamos, como dissemos, por aplicar esse teste em dois momentos para que as estruturas com nomes idênticos não

fossem apresentadas aos indivíduos em um mesmo dia, pois isso poderia influenciar a aceitabilidade e/ou interpretação dessas estruturas. Assim, se o comando com a estrutura [4] **não + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém** – *não existência de nenhuma*, por exemplo, fosse apresentado em um dia, o comando com a estrutura [5] **in- + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém** – *inexistência de nenhuma*, não deveria ser apresentado nesse mesmo momento, mas sim em outro dia.

Vejamos, então, cada um dos comandos:

- Comandos aplicados no primeiro dia de teste:

O primeiro comando apresentou a estrutura [2] **não + adjetivo (A) + preposição + nenhum/ninguém**. Disponibilizamos ao informante três cartões: um cartão contendo o número 1, outro contendo o número 2 e outro cartão contendo o número 3. Em seguida entregamos ao informante, por escrito, o seguinte:

Leia as instruções a seguir e faça o que se pede, considerando sua própria relação com os esportes mencionados.

- *A pessoa praticante de esgrima deve pegar o cartão com o número 1.*
- *A pessoa praticante de hóquei no gelo deve pegar o cartão com o número 2.*
- *A pessoa não praticante de nenhum desses esportes deve pegar o cartão com o número 3.*

O segundo comando apresentou a estrutura [5] **in- + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**. Apresentamos três fotos ao informante: uma contendo apenas flores amarelas, outra contendo flores variadas e de diferentes cores e outra foto contendo flores de diferentes cores, mas nessa última não havia flor amarela. Entregamos, então, o seguinte comando:

Observe as fotos, leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Pegue a foto em que você pode verificar a inexistência de nenhuma flor amarela.*

O terceiro comando apresentou a estrutura [6] **não + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**. Foram apresentadas duas fotos ao informante: em uma foto havia uma mulher dirigindo sem o cinto de segurança e falando ao telefone, em outra foto havia uma mulher que estava dirigindo com o cinto de segurança e não estava falando ao telefone. Depois, o informante recebeu uma folha com o seguinte:

Considere as seguintes regras de trânsito:

1. *O uso do cinto de segurança é obrigatório.*
2. *É proibido usar o telefone enquanto se está dirigindo.*

- *Com base nessas informações e nas imagens apresentada: Pegue aquela em que se verifica a não obediência a nenhuma dessas regras de trânsito.*

O quarto comando apresentou a estrutura [11] **des- + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém**. Mostramos três fotos de pessoas ao informante: em uma foto estava escrito o nome Marcos, em outra estava escrito o nome João e em outra foto estava escrito o nome Pedro. Em seguida, entregamos a instrução:

Leia as seguintes informações:

1. *João é uma pessoa que está preparada para jogar futebol e também para nadar.*
2. *Marcos é uma pessoa que está preparada para jogar futebol, mas não está preparada para nadar.*
3. *Pedro é uma pessoa que não está preparada para jogar futebol nem para nadar.*

- *Considerando essas informações, pegue a foto em que se verifica a pessoa despreparada para nenhuma das atividades mencionadas.*

O quinto comando apresentou a estrutura [12] **não + nome + nem**. Foram disponibilizadas três fichas ao informante (uma branca, uma laranja e uma verde), cada uma com um lugar indicado para assinatura. Entregamos, então, o comando:

Leia as instruções a seguir e faça o que se pede, considerando sua própria relação com o clube de futebol mencionado.

- *Os sócios do Esporte Clube Vitória devem assinar a ficha branca.*
- *Os fundadores do Esporte Clube Vitória devem assinar a ficha laranja.*
- *Os não sócios nem fundadores do Esporte Clube Vitória devem assinar a ficha verde.*

O sexto e último comando desse primeiro de teste apresentou a estrutura [8] **não + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**. Foram apresentadas duas fotos de pessoas ao informante: em uma foto havia o rosto de um homem e a frase “Sempre trai.”, em outra foto havia o rosto de outro homem e a frase “Nunca trai.” O informante recebeu, então, o seguinte:

Observe as fotos, leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Pegue a foto em que há uma pessoa considerada não fiel a ninguém.*

- Comandos aplicados no segundo dia de teste:

Iniciamos o segundo dia de testes aplicando o comando com a estrutura [1] **não + substantivo (A) + preposição + nenhum/ninguém**. Foram disponibilizados

três formulários coloridos ao informante: um formulário azul, um verde e um laranja. Cada formulário apresentava campos para preenchimento de informações pessoais, como nome, endereço e telefone. O informante recebeu, então, o comando:

Leia as instruções a seguir e faça o que se pede, considerando sua própria relação com os clubes de futebol mencionados.

- *Os sócios do Avaí Futebol Clube devem preencher o formulário azul.*
- *Os sócios do Palmeiras devem preencher o formulário verde.*
- *Os não sócios de nenhum desses clubes devem preencher o formulário laranja.*

O comando seguinte apresentou a estrutura [4] **não + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**. Apresentamos três fotos de estacionamentos ao informante: em uma foto o estacionamento estava totalmente vazio, em outra foto o estacionamento estava totalmente cheio, não apresentando uma vaga sequer e em outra foto o estacionamento estava parcialmente cheio, apresentado nitidamente várias vagas. Em seguida, entregamos a instrução:

Observe as fotos, leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Pegue a foto em que você pode verificar a não existência de nenhuma vaga no estacionamento.*

O terceiro comando desse segundo dia de teste apresentou a estrutura [7] **des- + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**. Foi apresentada ao informante uma foto de uma mulher dirigindo um carro sem o cinto de segurança e falando ao telefone. Em seguida, disponibilizamos três cartões: um com a palavra “sim”, outro com a palavra “não” e outro com a frase “Não sei dizer, pois a pergunta está confusa.”. Entregamos, depois, o comando:

Observe a imagem apresentada e considere as duas regras de trânsito a seguir:

1. O uso do cinto de segurança é obrigatório.
 2. É proibido usar o telefone enquanto se está dirigindo.
- Com base nessas regras de trânsito e na imagem apresentada, pegue o cartão que apresenta a resposta para seguinte pergunta:

É possível verificar, na imagem, a desobediência a nenhuma dessas regras de trânsito?

O quarto comando apresentou a estrutura [3] **não + particípio (A) + preposição + nenhum/ninguém**. Foram disponibilizadas duas placas, uma verde e outra vermelha. O informante recebeu, então, o seguinte:

Leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Se você é uma pessoa não filiada a nenhum partido político, levante a placa vermelha.*

O quinto comando apresentou a estrutura [9] **in- + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**. Disponibilizamos novamente os três cartões com a palavra “sim”, “não” e com a frase “Não sei dizer, pois a pergunta está confusa.”. Depois, o informante recebeu o seguinte comando:

Leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Pegue o cartão que responde a seguinte pergunta:
Se uma pessoa diz que é infiel a ninguém, ela trai?*

O sexto e último comando desse teste apresentou a estrutura [10] **não + participio (C) + preposição + nenhum/ninguém**. Foram apresentadas duas fotos ao informante: em uma foto havia uma garota vestida com roupa de banho e com touca própria para natação, em outra foto havia uma garota vestida de noiva. Após a apresentação das fotos, foi entregue o comando:

Observe as fotos, leia a instrução a seguir e faça o que se pede:

- *Considerando apenas a roupa das pessoas em cada imagem, pegue aquela em que se verifica uma garota não preparada para nenhuma atividade na piscina.*

5.3.2 Teste de avaliação e interpretação de frases

Para a elaboração desse segundo teste, selecionamos 20 frases, entre elas, 16 das que foram apresentadas como exemplo das estruturas [1] a [12]. Vejamos novamente:

[1] **não + substantivo (A) + preposição + nenhum/ninguém**

[1a] Os **não sócios de nenhum** clube devem preencher o formulário laranja.

[1b] O **não pagamento de nenhuma** mensalidade está registrado no computador.

[2] **não + adjetivo (A) + preposição + nenhum/ninguém**

[2a] Aqueles **não contrários a nenhuma** norma estabelecida pelo concurso devem levantar a mão.

[2b] Os candidatos **não praticantes de nenhum** esporte precisam preencher o formulário verde.

[3] **não + participio (A) + preposição + nenhum/ninguém**

[3a] Os rapazes **não envolvidos em nenhum** assalto devem assinar o papel verde.

[3b] A pessoa **não filiada a nenhum** partido político deve preencher a ficha azul.

[4] **não + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[4a] A **não existência de nenhuma vaga** no estacionamento pode ser vista naquela foto

[5] **in- + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[5a] A **inexistência de nenhuma** vaga no estacionamento pode ser vista naquela imagem.

[6] **não + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[6a] A **não obediência a nenhuma** regra de trânsito é normal na vida de Marcelo.

[7] **des- + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[7a] A **desobediência a nenhuma** regra de trânsito é normal na vida de Felipe.

[8] **não + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[8a] A **personagem não fiel** a ninguém será representada pela atriz Elisa Alencar.

[9] **in- + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém**

[9a] A **personagem infiel a ninguém** será representada pela atriz Débora Dias.

[10] **não + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[10a] O candidato **não preparado para nenhuma** prova do concurso assistiu à aula do professor Marcos.

[11] **des- + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém**

[11a] *A pessoa **despreparada para nenhuma** prova do concurso assistiu à aula do professor Fábio.*

[12] **não + nome + nem**

[12a] *Robson foi o primeiro atleta **não americano nem** europeu a ganhar uma medalha de ouro olímpica.*

[12b] *Trabalhos **não estáveis nem** prazerosos foram encontrados em São Paulo.*

Acrescentamos, então, 4 frases denominadas distratoras, isto é, frases que não apresentam exatamente uma estrutura relacionada aos objetivos do teste, mas que servem para distrair o informante, desviando sua atenção e dificultando que o objeto de análise seja exatamente identificado. Como a maioria das frases apresenta na estrutura o NÃO anteposto a nomes, escolhemos para compor as frases distratoras formações do tipo **não + nome** sem a presença do item negativo após o nome, pois acreditamos que elas sejam facilmente aceitas pelos informantes, já que são comumente veiculadas na mídia. Também escolhemos uma frase com a estrutura **não + verbo + nenhum/ninguém**, isto é, uma estrutura usada pelo falante do português (cf. RONCARATI, 2006; VITRAL, 1999; SOUSA, 2007). Vejamos essas frases distratoras:

[13] **não + substantivo**

[13a] *A **não emissão** de poluentes é uma característica do carro 100% elétrico.*

[14] **não + adjetivo**

[14a] *Apenas a linguagem **não verbal** pode ser usada naquela tarefa.*

[15] **não + particípio**

[15a] *A empresa Matec abriu inscrição somente para estágio **não remunerado**.*

[16] **não + verbo + nenhum/ninguém**

[16a] *Quem não torce por nenhum dos times deve ficar na fila da esquerda.*

Essas vinte frases que compõem o teste foram apresentadas por escrito aos informantes, que, em um primeiro momento, responderam se foi possível entender o que estava escrito ou se o enunciado estava confuso, estranho. A ordem com que as frases foram apresentadas seguiu uma organização feita com o propósito de misturar todas as estruturas em análise, de forma que as sentenças semelhantes ficassem o mais distante possível uma da outra. No segundo dia de aplicação dos testes, o informante resolveu atividades sobre as vinte frases apresentadas e, nesse momento, era possível ler cada frase novamente. Essas atividades foram elaboradas a fim de verificarmos, no caso de entendimento da frase, como o informante a interpretou e, no caso de não entendimento, o motivo de a frase ter sido considerada estranha, confusa.

Esse teste foi aplicado através de um programa de computador desenvolvido pelo programador de sistemas Rodolfo Alves Pereira especificamente para este trabalho e disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://linguistica.phinpho.net>. Todo o programa foi desenvolvido na linguagem de programação Python, usando um *framework* para *web* denominado Django. Assim, cada informação apresentada pelos informantes durante a realização do teste preenche de forma automática uma base de dados previamente organizada conforme os interesses da pesquisa. Um programa elaborado dessa forma permite, ainda, que o pesquisador tenha acesso à base de dados facilmente através de uma interface administrativa, disponível em <http://linguistica.phinpho.net/admin>. Nessa interface administrativa, o pesquisador pode, também, cadastrar novas informações, possibilitando, assim, que o programa desenvolvido para este trabalho seja usado também em outras pesquisas.

Primeiramente, o programa desenvolvido para este trabalho apresenta um formulário para ser preenchido com informações sobre o informante, tais como nome, gênero, data de nascimento, escolaridade e profissão. Além disso, há um texto com informações gerais sobre o teste para que o informante possa ler e optar por realizá-lo ou não³¹.

³¹ Apesar do texto presente na tela inicial do programa do teste de aceitabilidade, como mostra a figura 4, cada informante leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme exigência do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP.

Teste de aceitabilidade

Solicito sua especial colaboração em realizar um teste em que você deverá avaliar a aceitabilidade de algumas frases. É muito importante que você considere apenas sua real avaliação dos enunciados e que siga corretamente as instruções a serem apresentadas.

Todos os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Os resultados do estudo serão apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

Sua participação é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar, ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades.

Formulário de Cadastro

Nome:

Gênero:

Nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Li e aceito participar deste teste

Li e não aceito participar deste teste

Já sou cadastrado

Código do cadastro:

FIGURA 4: FORMULÁRIO DE CADASTRO DO PROGRAMA PARA APLICAÇÃO DO TESTE DE ACEITABILIDADE

Após o preenchimento do formulário indicado na figura 4, o programa informa um código (veja a figura 5 a seguir) para que, no segundo dia de testes, o indivíduo possa acessar novamente seu cadastro e continuar as atividades exatamente de onde havia parado no primeiro dia.

Teste de aceitabilidade

Olá Nome do Informante, seu código de acesso é **9**, guarde-o para as próximas etapas.

FIGURA 5: CÓDIGO PARA FUTURO ACESSO AO PROGRAMA DO TESTE DE ACEITABILIDADE

O informante clica no botão “Iniciar” da tela apresentada na figura 5, lê as instruções sobre como devem ser avaliadas as frases, conforme apresentado na figura 6 a seguir, e começa o teste.

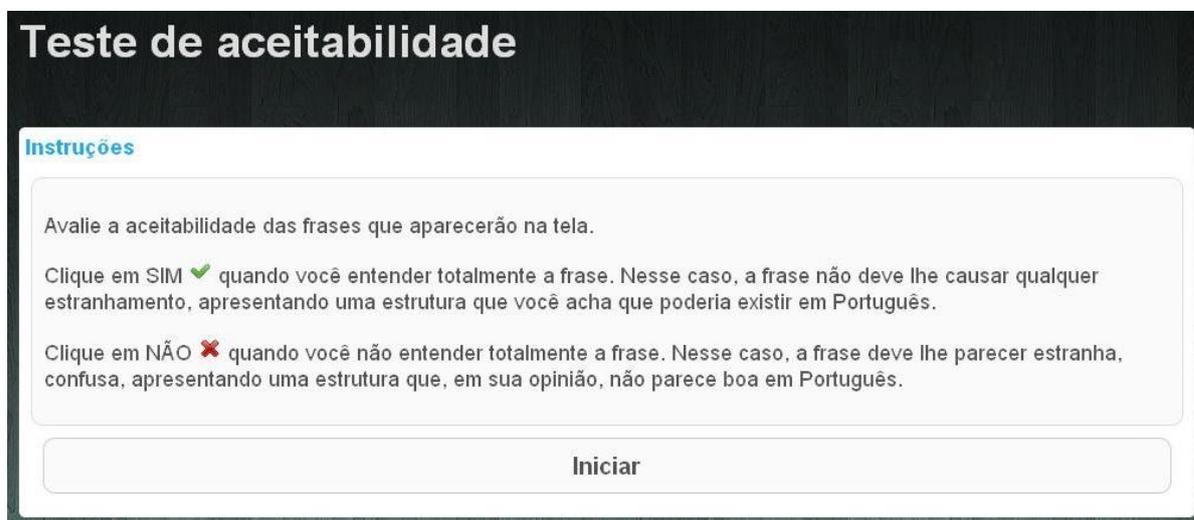


FIGURA 6: INSTRUÇÕES DO TESTE DE ACEITABILIDADE

Após clicar no botão “iniciar” da tela apresentada na figura 6, aparecem, uma a uma, as vinte frases para que o informante leia e responda, clicando em “sim”, se a sentença foi bem entendida, ou em “não”, caso a sentença não tenha sido bem entendida. Veja um exemplo:

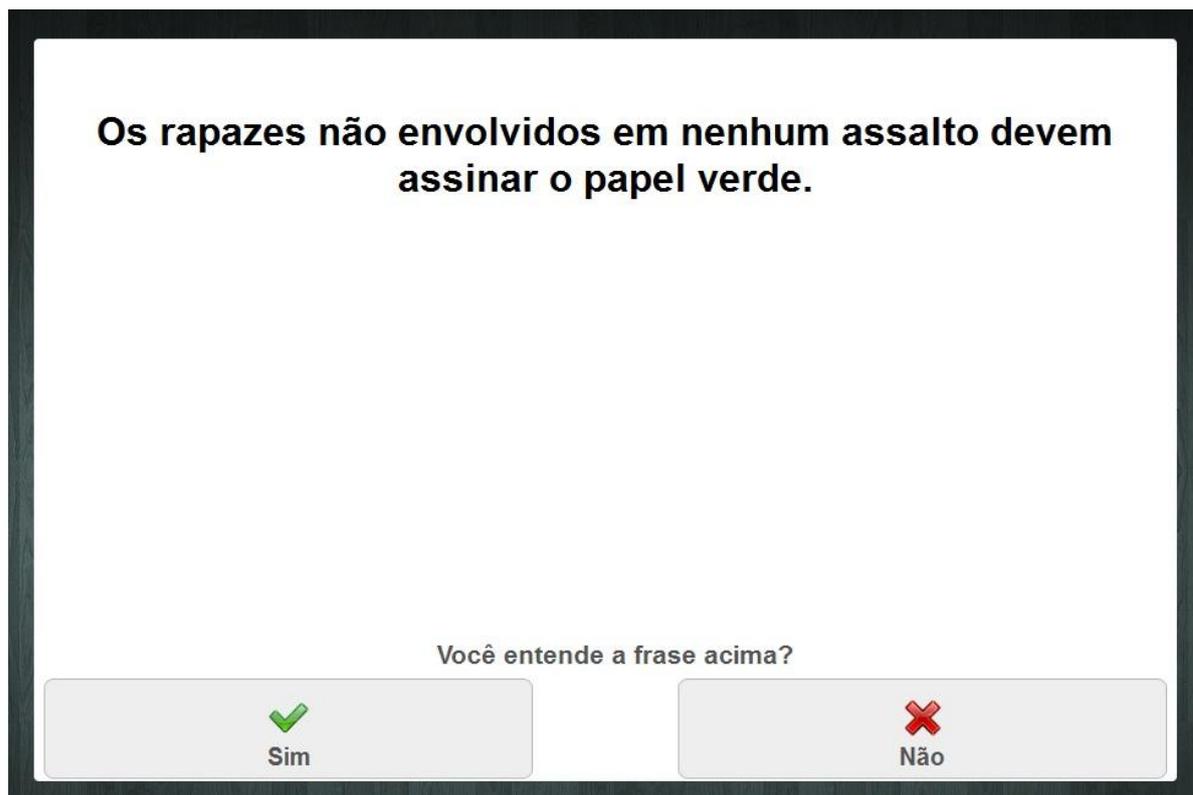


FIGURA 7: AVALIAÇÃO DA FRASE NO PROGRAMA DO TESTE DE ACEITABILIDADE

A ordem com que cada frase aparece no programa para aplicação desse teste de aceitabilidade é a seguinte:

ORDEM	ESTRUTURA	FRASE
1 ^a	[15a] distratora: não + particípio	A empresa Matec abriu inscrição somente para estágio não remunerado .
2 ^a	[3a] não + particípio (A) + preposição + nenhum/ninguém	Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde.
3 ^a	[8a] não + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém	A personagem não fiel a ninguém será representada pela atriz Elisa Alencar.
4 ^a	[1b] não + substantivo (A) + preposição + nenhum/ninguém	O não pagamento de nenhuma mensalidade está registrado no computador.
5 ^a	[12a] não + adjetivo (A) + nem	Robson foi o primeiro atleta não americano nem europeu a ganhar uma medalha de ouro olímpica.
6 ^a	[10a] não + particípio (C) +	O candidato não preparado para

	preposição + nenhum/ninguém	nenhuma prova do concurso assistiu à aula do professor Marcos.
7 ^a	[4a] não + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém	A não existência de nenhuma vaga no estacionamento pode ser vista naquela foto.
8 ^a	[7a] des- + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém	A desobediência a nenhuma regra de trânsito é normal na vida de Felipe.
9 ^a	[16a] distratora: não + verbo + nenhum/ninguém	Quem não torce por nenhum dos times deve ficar na fila da esquerda.
10 ^a	[2a] não + adjetivo (A) + preposição + nenhum/ninguém	Aqueles não contrários a nenhuma norma estabelecida pelo concurso devem levantar a mão.
11 ^a	[2b] não + adjetivo (A) + preposição + nenhum/ninguém	Os candidatos não praticantes de nenhum esporte precisam preencher o formulário verde.
12 ^a	[14a] distratora: não + adjetivo	Apenas a linguagem não verbal pode ser usada naquela tarefa.
13 ^a	[12b] não + adjetivo (B) + nem	Trabalhos não estáveis nem prazerosos foram encontrados em São Paulo.
14 ^a	[5a] in- + substantivo (B) + preposição + nenhum/ninguém	A inexistência de nenhuma vaga no estacionamento pode ser vista naquela imagem.
15 ^a	[3b] não + particípio (A) + preposição + nenhum/ninguém	A pessoa não filiada a nenhum partido político deve preencher a ficha azul.
16 ^a	[6a] não + substantivo (C) + preposição + nenhum/ninguém	A não obediência a nenhuma regra de trânsito é normal na vida de Marcelo.
17 ^a	[11a] des- + particípio (C) + preposição + nenhum/ninguém	A pessoa despreparada para nenhuma prova do concurso assistiu à aula do professor Fábio.
18 ^a	[13a] distratora: não + substantivo	A não emissão de poluentes é uma característica do carro 100% elétrico.
19 ^a	[1a] não + substantivo (A) + preposição + nenhum/ninguém	Os não sócios de nenhum clube devem preencher o formulário laranja.
20 ^a	[9a] in- + adjetivo (B) + preposição + nenhum/ninguém	A personagem infiel a ninguém será representada pela atriz Débora Dias.

QUADRO 10: ORDEM DAS FRASES DO TESTE DE ACEITABILIDADE

Para o segundo dia de testes, o programa apresenta as atividades relacionadas a cada uma das frases acima. Utilizando o código de acesso apresentado no primeiro dia, o informante entra em seu cadastro e, em seguida, vê a seguinte informação:



FIGURA 8: TELA INICIAL DAS ATIVIDADES SOBRE AS FRASES AVALIADAS NO PROGRAMA DO TESTE DE ACEITABILIDADE

Ao clicar em “Iniciar teste”, conforme mostra a figura 8, surge novamente na tela cada frase avaliada, e aparece uma pergunta sobre essa frase com três opções de resposta. Essa pergunta pode ser de dois tipos: um para o caso de o indivíduo ter entendido a sentença e outro para o caso de o indivíduo não a ter entendido.

Quando o informante avalia uma frase como clara/aceitável, clicando em “sim”, na figura 7 mostrada anteriormente, como resposta à pergunta sobre o entendimento da sentença, a atividade a ser feita no segundo dia de teste constitui-se de uma questão com o objetivo de confirmar o entendimento da frase. Veja o exemplo:

Atividade de interpretação

Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde.

João se envolveu em um assalto. Ele deve assinar o papel verde?

Sim

Não

Não sei dizer

FIGURA 9: ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO DA FRASE AVALIADA COMO ACEITÁVEL

Ao avaliarmos a resposta dada pelo informante, podemos verificar qual foi o real entendimento da frase. No caso da pergunta feita a respeito da sentença *Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde*, conforme mostra a figura 9, se o informante respondeu “não”, isso indica que sua interpretação considerou a concordância negativa, isto é, a expressão *não envolvidos em nenhum assalto* teria sido interpretada como *os que não estão envolvidos em um assalto*. Essa interpretação corroboraria nossa hipótese de análise das formações do tipo **não + nome** como estruturas sintáticas. Mas se o indivíduo respondeu “sim” à pergunta feita sobre a sentença (cf. figura 9), isso pode ser um indício de que, na interpretação do informante, a presença dos itens NÃO e NENHUM não acarretou em concordância negativa, e o resultado disso seria uma ideia positiva, ou seja, a expressão *não envolvidos em nenhum assalto* teria sido interpretada como *envolvidos em todos os assaltos*. Essa outra possível interpretação pode nos mostrar que, apesar de aceita, a estrutura não foi interpretada pelo informante conforme nossa hipótese. E se o informante respondeu “não sei dizer”, concluímos que ele não aceitou realmente a estrutura apresentada.

Quando o informante avalia uma frase como confusa/estranha, clicando em “não” na figura 7 apresentada anteriormente como resposta à pergunta sobre o entendimento da sentença, a atividade a ser feita no segundo dia de teste constitui-se de uma questão sobre o motivo do não entendimento da sentença. Veja um exemplo na figura 10 a seguir:

Atividade de interpretação

Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde.

O que torna essa frase estranha?

A informação sobre os rapazes que devem assinar um papel.

A informação sobre a assinatura em um papel de cor verde.

Não sei dizer. / Outro.

FIGURA 10: ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO DA FRASE AVALIADA COM NÃO ACEITÁVEL

Nesse tipo de atividade há sempre a seguinte pergunta: “O que torna essa frase estranha?” São apresentadas três opções de resposta, que variam conforme o conteúdo da sentença. O objetivo dessa atividade é nos fornecer uma informação mais clara a respeito do não entendimento das frases, pois, conforme a opção escolhida, podemos saber se o motivo de a frase ter sido considerada estranha foi realmente a estrutura em teste presente na sentença ou se foi devido ao contexto do enunciado. Assim, no caso da sentença *Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde*, considerando a figura 10, se o informante optou pela primeira resposta – “A informação sobre os rapazes que devem assinar um papel”, interpretamos que não houve aceitação da estrutura *não envolvidos em*

nenhum, isto é, não houve concordância negativa e a presença de dois itens de valor negativo tornou a sentença confusa, de difícil interpretação. Se o informante optou pela segunda resposta – “A informação sobre a assinatura em um papel de cor verde”, entendemos que a não aceitação da sentença pode ter sido em decorrência do contexto, e não exatamente pelo estranhamento da estrutura **não + participio (A) + preposição + nenhum**. E, por fim, se o informante optou pela terceira resposta – “Não sei dizer”, concluímos que realmente não houve aceitação da estrutura em teste, embora o informante não tenha indicado claramente o motivo.³²

5.4 Análise dos testes

Na elaboração dos testes, selecionamos 12 estruturas distintas com o propósito de verificar (a) se o falante do português aceita a concordância negativa nas formações do tipo **não + nome**, (b) se há diferença na aceitabilidade da concordância negativa entre os casos de **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**, (c) se as formações com o elemento NÃO seguido de nomes que também servem de base para palavras com prefixos negativos como *in-* ou *des-* são analisadas da mesma maneira que as formações prefixais e (d) se a estrutura **não + nome + nem** são interpretadas/aceitas pelos falantes da língua.

5.4.1 Análise dos resultados do teste de comandos

No teste de comandos avaliamos, inicialmente, a aceitabilidade a partir das atitudes dos informantes ao receberem as instruções. Evitamos informar sobre o conteúdo exato das tarefas ou dos objetos disponibilizados durante a aplicação do

³² Confira em anexo todas as atividades relacionadas a cada frase desse teste de aceitabilidade.

teste para não influenciar a compreensão dos enunciados nem interferir na avaliação do indivíduo. Assim, tivemos como resultado as seguintes atitudes:

- O informante lê as instruções e prontamente faz o que se pede sem hesitar.
- O informante lê as instruções mais de uma vez para entender o que se pede e realiza a tarefa com receio.
- O informante lê as instruções e manifesta o estranhamento ou a não compreensão exata do enunciado.

Consideramos que o informante aceitou a estrutura em teste apenas quando se registrou a primeira atitude diante do comando, os demais comportamentos foram interpretados como sendo de não aceitação. É importante ressaltar que nem sempre o informante estabeleceu, na aceitação e interpretação da sentença, a concordância negativa. Em algumas situações, a resposta dada ao comando indicou que não foi feita essa concordância entre o NÃO e os itens NENHUM/NINGUÉM ou, ainda, entre prefixos *in-* ou *des-* e os itens negativos NENHUM/NINGUÉM. Nesses casos, quando o informante reagiu prontamente ao comando, entendemos que a estrutura foi aceita, mesmo sem haver concordância negativa na interpretação da sentença. Assim, vejamos o resultado na tabela seguir:

TABELA 25: RESULTADO DO TESTE DE COMANDOS

ESTRUTURA	ACEITAÇÃO COM CN		ACEITAÇÃO SEM CN		NÃO ACEITAÇÃO	
	n	%	n	%	n	%
NÃO SÓCIOS DE NENHUM	14	87,5	0	0,0	2	12,5
NÃO PRATICANTES DE NENHUM	16	100,0	0	0,0	0	0,0
NÃO FILIADA A NENHUM	16	100,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	10	62,5	2	12,5	4	25,0
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	13	81,3	0	0,0	3	18,8
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	11	68,8	0	0,0	5	31,3
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	3	18,8	2	12,5	11	68,8
NÃO FIEL A NINGUÉM	13	81,3	0	0,0	3	18,8
INFIEL A NINGUÉM	2	12,5	4	25,0	10	62,5
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	13	81,3	0	0,0	3	18,8
DESPREPARADO PARA NENHUMA	4	25,0	1	6,3	11	68,8
NÃO SÓCIOS NEM PROPRIETÁRIOS	16	100,0	-	-	0	0,0

Vejamos, primeiramente, que a estrutura **não + nome + nem** (*não sócios nem proprietários*) teve 100% de aceitação no teste de comandos. Isso pode nos indicar que a formação NÃO SÓCIOS foi interpretada como sendo *os que não são sócios*, pois, assim, o NEM, em *nem proprietários*, como conjunção coordenada aditiva, teria recuperado a estrutura *e que não são* para manter o paralelismo sintático da sentença: *os não sócios nem proprietários* seria equivalente a *os que não sócios e que não são proprietários*.

Quanto aos demais casos, faremos um corte arbitrário, considerando a aceitabilidade da estrutura com o elemento NÃO quando superiores a 80% de aceitação com concordância negativa, conforme resultado apresentado na tabela 28. Os casos com aceitação inferior a 80% serão analisados como sendo de menor aceitabilidade entre as estruturas testadas. Assim, podemos observar que é maior a aceitabilidade com concordância negativa das seguintes estruturas: *não sócio de nenhum* (87,5%), *não praticantes de nenhum* (100%), *não filiada a nenhum* (100%), *inexistência de nenhuma* (81,3%), *não fiel a ninguém* (81,3%) e *não preparado para nenhuma* (81,3%). Já as estruturas menos aceitas pelos informantes foram: *infiel a ninguém* (12,5%), *desobediência a nenhuma* (18,8%), *despreparado para nenhuma* (25%), *não existência de nenhuma* (62,5%) e *não obediência a nenhuma* (68,8%).

Diante desse resultado, vamos separar os casos de *não existência de nenhuma* e *inexistência de nenhuma*: parece-nos que as formações com o substantivo EXISTÊNCIA constituem casos à parte. A formação NÃO EXISTÊNCIA não parece ter o mesmo tipo de estrutura de outras formações do tipo **não + substantivo**, como NÃO OBEDIÊNCIA ou NÃO SÓCIO, por exemplo: em NÃO OBEDIÊNCIA, temos a possibilidade de parafrasearmos a formação como *o fato de não haver obediência*, em NÃO SÓCIO, podemos fazer uma paráfrase do tipo *que não é sócio*, já em NÃO EXISTÊNCIA, nenhuma dessas paráfrases parece possível (**o fato de não haver existência* e **que não é existência*). Temos, portanto, a estrutura diferenciada de NÃO EXISTÊNCIA e também de INEXISTÊNCIA. Ambos os testes, tanto o de comandos como o de avaliação e interpretação de frases, serviram para nos mostrar essa particularidade das formações com o substantivo EXISTÊNCIA. Observamos que a concordância da forma com prefixo (INEXISTÊNCIA) foi bastante aceita, tanto quanto

os casos de *não existência de nenhum*, por isso esse resultado deve ser avaliado em estudos posteriores.

Quanto aos demais casos avaliados no teste de comandos, podemos destacar as estruturas **não + particípio** e **não + adjetivo**, em que o particípio e o adjetivo não servem de base para formações prefixais: os casos com tais estruturas apresentaram 100% de aceitação com concordância negativa – *não filiada a nenhum* e *não praticantes de nenhum*. Em seguida, com 87,5% de aceitação com concordância negativa, temos o caso com a estrutura **não + substantivo**, em que o substantivo não serve de base para a formação prefixal – *não sócios de nenhum*. E com 81,3% de aceitação com concordância negativa estão os casos com as estruturas **não + adjetivo** e **não + particípio**, em que o adjetivo e o particípio também servem de base para formações prefixais – *não fiel a ninguém* e *não preparado para nenhuma*. Todos esses casos com aceitabilidade acima de 80% têm em comum o fato de apresentarem estruturas semelhantes: em NÃO PRATICANTES, NÃO FILIADA, NÃO SÓCIOS, NÃO FIEL e NÃO PREPARADO temos a possibilidade de inserirmos entre o NÃO e o nome os verbos SER OU ESTAR (verbos de ligação) – *não são praticantes*, *não é filiada*, *não são sócios*, *não é fiel* e *não está preparado*.

Entre os casos de menor aceitação com concordância negativa no teste de comandos estão as estruturas com os prefixos *in-* e *des-* (*infiel a ninguém*, *desobediência a nenhuma* e *despreparado para nenhum*), e também o caso envolvendo a formação NÃO OBEDIÊNCIA (*não obediência a nenhuma*). Diferentemente das demais formações com o elemento NÃO, em NÃO OBEDIÊNCIA não há a possibilidade de se inserir os verbos SER OU ESTAR entre o NÃO e o nome, mas sim o verbo HAVER (NÃO OBEDIÊNCIA = *o fato de não haver obediência*).

Comparando os casos de formações com o elemento NÃO e formações com *des-* ou *in-* que compartilham a mesma base, podemos verificar que a aceitação da concordância negativa envolvendo as estruturas com o NÃO foi maior que a aceitação com concordância negativa das estruturas com prefixo, com exceção do caso de *inexistência de nenhuma*, que teve uma aceitação maior que a estrutura *não existência de nenhuma*. Podemos concluir, portanto, que as formações prefixais são mais opacas, de modo geral, que as formações com o elemento NÃO.

A menor aceitabilidade da concordância negativa na estrutura *não obediência a nenhuma* em relação às demais formações com o NÃO pode ser entendida, então, como um indício de que as formações **não + substantivo** com verbo HAVER entre o NÃO e o nome seriam, também, mais opacas.

O resultado exposto na tabela 25 mostra-nos, ainda, que houve maior aceitação com concordância negativa das estruturas contendo formações do tipo **não + nome** em que o nome não serve de base para formações prefixais em comparação com a aceitabilidade das estruturas que apresentam formações **não + nome** em que o nome também serve de base para formações com prefixo. O fato de o nome a que o NÃO antepõe-se também ser base para formações prefixais pode ter influenciado a menor aceitação de *não preparado para nenhuma* e *não fiel a ninguém* em comparação à aceitabilidade da concordância negativa de *não sócios de nenhum*, *não praticantes de nenhum* e *não filiada a nenhum*.

5.4.2 Gênero, faixa etária e escolaridade no teste de comandos

O teste foi aplicado em informantes masculinos e femininos para que pudéssemos verificar se a aceitabilidade ou não das estruturas em análise têm alguma relação com gênero. Vejamos:

TABELA 26: RESULTADO DO TESTE DE COMANDOS CONSIDERANDO O GÊNERO DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Masculino				Feminino				Masculino		Feminino	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN		n	%	n	%
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO SÓCIOS DE NENHUM	7	87,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
NÃO PRATICANTE DE NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	4	50,0	2	25,0	6	75,0	0	0,0	2	25,0	2	25,0
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	5	62,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	3	37,5	2	25,0
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	1	12,5	0	0,0	2	25,0	2	25,0	7	87,5	4	50,0
NÃO FIEL A NINGUÉM	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
INFIEL A NINGUÉM	2	25,0	1	12,5	0	0,0	3	37,5	5	62,5	5	62,5
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	5	62,5	0	0,0	8	100,0	0	0,0	3	37,5	0	0,0
DESPREPARADO PARA NENHUMA	1	12,5	1	12,5	3	37,5	0	0,0	6	75,0	5	62,5
NÃO SÓCIOS NEM PROPRIETÁRIOS	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0

O que nos interessa, aqui, é observar os casos com CN considerados aceitáveis pelos informantes. Conforme fizemos anteriormente, estabelecemos para a análise da tabela 26 um corte arbitrário considerando 80% de aceitação ou mais.

Assim, conforme o resultado obtido, podemos ver que a construção **não + nome + nem** (*não sócios nem proprietários*) foi aceita por 100% dos informantes masculinos e femininos, ou seja, o gênero não parece interferir na aceitabilidade desse tipo de estrutura.

Quanto à aceitabilidade da concordância negativa, a tabela 26 mostra-nos que mais de 80% dos informantes femininos aceitaram 6 das 11 estruturas testadas: *não filiada a nenhum*, *não praticantes de nenhum* e *não preparado para nenhuma*, com 100% de aceitação; *não sócios de nenhum*, *inexistência de nenhuma* e *não fiel a ninguém*, com 87,5% de aceitação. Excluindo *inexistência de nenhuma*, o número de estruturas com mais 80% de aceitação pelas mulheres muda para 5. Já a

aceitabilidade da concordância negativa por mais 80% dos informantes masculinos ocorreu apenas em 3 estruturas: *não filiada a nenhum* e *não praticantes de nenhum*, com 100% de aceitação e *não sócios de nenhum*, com 87,5% de aceitação.

Observa-se, portanto, que todas as estruturas mais aceitas, seja por informante masculino seja por informante feminino, são formadas pelo elemento NÃO anteposto a um nome. E a diferença na aceitabilidade da concordância negativa entre homens e mulheres é grande, o que significa que as mulheres parecem aceitar mais a concordância negativa envolvendo formações de NÃO referente a nomes do que os homens.

A tabela a seguir apresenta os resultados dos testes de comandos em relação à faixa etária dos informantes. Vejamos:

TABELA 27: RESULTADO DO TESTE DE COMANDOS CONSIDERANDO A FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Mais jovens				Mais velhos				Mais jovens		Mais velhos	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN		Mais jovens		Mais velhos	
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO SÓCIOS DE NENHUM	7	87,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
NÃO PRATICANTES DE NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	5	62,5	1	12,5	5	62,5	1	12,5	2	25,0	2	25,0
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	5	62,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	3	37,5	2	25,0
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	0	0,0	2	25,0	3	37,5	0	0,0	6	75,0	5	62,5
NÃO FIEL A NINGUÉM	5	62,5	0	0,0	8	100,0	0	0,0	3	37,5	0	0,0
INFIEL A NINGUÉM	1	12,5	2	25,0	1	12,5	2	25,0	5	62,5	5	62,5
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	7	87,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	1	12,5	2	25,0
DESPREPARADO PARA NENHUMA	3	37,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5	5	62,5	6	75,0
NÃO SÓCIOS NEM PROPRIETÁRIOS	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0

Da mesma forma como na análise das tabelas anteriores, nessa tabela 27 também fizemos um corte arbitrário considerando os casos em que há 80% ou mais de aceitação com concordância negativa.

Primeiramente, podemos verificar, assim como na análise quanto ao gênero, que 100% dos informantes mais velhos e mais jovens aceitaram a estrutura **não + nome + nem**, ou seja, a faixa etária também não parece interferir na aceitabilidade de tal estrutura.

Em relação à concordância negativa, vimos que mais de 80% dos informantes mais velhos aceitaram 5 das 11 estruturas: *não filiada a nenhum*, *não praticantes de nenhum* e *não fiel a ninguém*, com 100% de aceitação, *não sócios de nenhum* e *inexistência de nenhuma*, com 87,5% de aceitação. Excluindo *inexistência de nenhuma*, podemos dizer que os informantes mais velhos aceitaram 4 estruturas de concordância negativa. Os informantes mais jovens aceitaram a concordância negativa também em 4 estruturas testadas: *não filiada a nenhum* e *não praticantes de nenhum*, com 100%, *não sócios de nenhum* e *não preparado para nenhuma*, com 87,5% de aceitação.

Esse resultado indica que não há diferença significativa na aceitação da concordância negativa envolvendo as formações com o NÃO quanto à faixa etária dos informantes.

A tabela a seguir mostra os resultados do teste de comandos, considerando a escolaridade dos indivíduos:

TABELA 28: RESULTADO DO TESTE DE COMANDOS CONSIDERANDO A ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Ensino Médio				Ensino Superior				Ensino Médio		Ensino Superior	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN		n	%	n	%
	n	%	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO SÓCIOS DE NENHUM	7	87,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
NÃO PRATICANTES DE NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	5	62,5	1	12,5	5	62,5	1	12,5	2	25,0	2	25,0
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	5	62,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	3	37,5	2	25,0
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	1	12,5	0	0,0	2	25,0	2	25,0	7	87,5	4	50,0
NÃO FIEL A NINGUÉM	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
INFIEL A NINGUÉM	1	12,5	1	12,5	1	12,5	3	37,5	6	75,0	4	50,0
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
DESPREPARADO PARA NENHUMA	2	25,0	0	0,0	3	37,5	0	0,0	6	75,0	5	62,5
NÃO SÓCIOS NEM PROPRIETÁRIOS	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Os resultados da tabela 28 mostram também que a estrutura **não + nome + nem** foi aceita por 100% dos informantes com ensino médio e com ensino superior. Quanto aos casos de concordância negativa, excluindo as estruturas com a base EXISTÊNCIA, temos o seguinte resultado: mais de 80% dos informantes com ensino superior aceitaram a concordância negativa em 5 das 11 estruturas testadas, e mais de 80% dos informantes com ensino médio aceitaram a concordância negativa em apenas 3 estruturas. Os informantes com ensino superior completo, portanto, parecem aceitar mais a concordância negativa das estruturas em que o NÃO antecede um nome.

5.4.3 Análise dos resultados do teste de avaliação e interpretação de frases

O teste de avaliação e interpretação de frases, aplicado por meio do computador, teve o objetivo de testar diferentes aspectos relacionados às formações com NÃO. Vejamos o resultado na tabela a seguir:

TABELA 29: RESULTADO DO TESTE DE AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE FRASES

ESTRUTURAS	ACEITÁVEL COM CN		ACEITÁVEL SEM CN		NÃO ACEITÁVEL	
	n	%	n	%	n	%
NÃO PAGAMENTO DE NENHUMA	12	75,0	0	0,0	4	25,0
NÃO SÓCIO DE NENHUM	12	75,0	0	0,0	4	25,0
NÃO CONTRÁRIO A NENHUM	10	62,5	1	6,3	5	31,3
NÃO PRATICANTE DE NENHUM	14	87,5	0	0,0	2	12,5
NÃO ENVOLVIDO EM NENHUM	13	81,3	1	6,3	2	12,5
NÃO FILIADA A NENHUM	16	100,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	13	81,3	0	0,0	3	18,8
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	9	56,3	0	0,0	7	43,8
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	10	62,5	2	12,5	4	25,0
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	1	6,3	6	37,5	9	56,3
NÃO FIEL A NINGUÉM	9	56,3	1	6,3	6	37,5
INFIEL A NINGUÉM	1	6,3	8	50,0	7	43,8
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	13	81,3	1	6,3	2	12,5
DESPREPARADO PARA NENHUMA	3	18,8	0	0,0	13	81,3
NÃO AMERICANO NEM EUROPEU	14	87,5	-	-	2	12,5
NÃO ESTÁVEL NEM PRAZEROSO	14	87,5	-	-	2	12,5
DISTRATORA - NÃO TORCE POR NENHUM	16	100,0	-	-	0	0,0
DISTRATORA - NÃO EMISSÃO	16	100,0	-	-	0	0,0
DISTRATORA - NÃO VERBAL	16	100,0	-	-	0	0,0
DISTRATORA - NÃO REMUNERADO	16	100,0	-	-	0	0,0

Podemos ver, primeiramente, que todas as frases distratoras foram aceitas por 100% dos informantes, indicando, portanto, a aceitabilidade das formações com o elemento NÃO pelos indivíduos e, ainda, da concordância negativa em uma estrutura com verbo explícito.

Quanto às estruturas **não + nome + nem**, vemos que ambas as construções testadas tiveram 87,5% de aceitação³³, e a interpretação feita pelos informantes durante o teste mostrou-nos que a expressão *não americano nem europeu* foi entendida como *não é americano nem é europeu* ou *não é americano e não é europeu*. A expressão *não estáveis nem prazerosos* também foi interpretada como tendo um verbo entre o NÃO e o adjetivo ESTÁVEL, assim, a estrutura *não estável nem prazeroso* teria sido entendida como *não é estável nem é prazeroso* ou *não é estável e não é prazeroso*.

Em relação às demais estruturas testadas, a mais aceita pelos indivíduos foi *não filiado a nenhum*. O fato de o nome ser uma forma no particípio e não ser base para formações com prefixos negativos pode ter influenciado os 100% de aceitação. E entre as estruturas menos aceitas nesse teste de avaliação e interpretação de frases estão aquelas que apresentam o prefixo *des-*: temos, portanto, um resultado semelhante ao observado no teste de comandos.

Das estruturas com mais de 80% de aceitação com concordância negativa³⁴ nesse teste de avaliação e interpretação de frases, podemos apontar as seguintes: *não filiada a nenhum* (100%), *não praticante de nenhum* (87,5%), *não envolvido em nenhum*, *não existência de nenhum* e *não preparado para nenhuma* (81,3%). Com exceção da estrutura com a formação NÃO EXISTÊNCIA que, como já foi mencionado, trata-se de um caso à parte que requer um estudo além dos testes aqui realizados, esses casos com mais de 80% de aceitação com concordância negativa apresentam uma estrutura semelhante quanto ao tipo de verbo que é possível inserir entre o NÃO e o nome: os verbos de ligação SER ou ESTAR. Veja: *não é filiada*, *não é praticante*, *não está envolvido* e *não está preparado*.

Em relação às estruturas com menos de 80% de aceitação com concordância negativa, temos o seguinte: *infiel a ninguém* e *desobediência a nenhuma* (6,3%), *despreparado para nenhuma* (18,8), *não fiel a ninguém* e *inexistência de nenhuma* (56,6%), *não obediência a nenhuma* e *não contrário a nenhum* (62,5%), *não pagamento de nenhuma* e *não sócio de nenhum* (75%). Entre

³³ Consideraremos também o critério de que os valores acima de 80% razoável aceitação, e abaixo de 80% são de menor aceitação.

³⁴ Não consideraremos, aqui, as frases distratoras e as estruturas do tipo **não + nome + nem**, já que elas não envolvem concordância negativa.

essas estruturas, veja que a menor porcentagem de aceitação foi em relação às aquelas com os prefixos *in-* e *des-*. Além disso, todos os casos em que não é possível inserir os verbos SER ou ESTAR entre o NÃO e o nome também estão entre esses casos com aceitação abaixo de 80%: NÃO OBEDIÊNCIA e NÃO PAGAMENTO, que poderiam ser parafraseados como *o fato de haver obediência* e *o fato de não haver pagamento*.

Diante dos resultados desse teste de avaliação e interpretação de frases, podemos concluir que, na comparação da aceitabilidade da concordância negativa com substantivo, adjetivo e particípio, a estrutura **não + particípio + preposição + nenhum** foi a que teve maior aceitação, seguida da estrutura **não + adjetivo + preposição + nenhum**. A menos aceita foi a que apresenta o NÃO anteposto a um substantivo.

A menor aceitação dos casos com o prefixo *des-* e *in-* indica que, de fato, a concordância negativa envolvendo formações com prefixos negativos gera maior estranhamento. É possível afirmar, também, que o fato de uma palavra servir de base para formações com prefixos negativos e também para formações com o NÃO pode interferir na aceitabilidade da concordância negativa envolvendo a estrutura com o NÃO: a pouca aceitação de *não fiel a ninguém* em comparação à grande aceitação de *não praticante de nenhum*, por exemplo, parece mostrar isso. Pode haver, também, influência do tipo de sufixo, interferindo na aceitabilidade da estrutura.

Além disso, diante do resultado de ambos os testes realizados, podemos concluir, a princípio, que as formações com NÃO que apresentariam os verbos de ligação SER ou ESTAR entre o NÃO e nome seriam, por hipótese, mais transparentes do que as formações que teriam o verbo Haver entre o NÃO e o nome, já que nenhuma das estruturas com o verbo Haver está entre aquelas com mais de 80% de aceitação da concordância negativa. Essa conclusão, no entanto, deverá ser corroborada na análise dos dados contemporâneos extraídos da internet, para que possamos analisar essa questão com dados reais da língua em uso, e não apenas com dados provenientes de testes que, como já mencionamos, apresenta suas limitações e, por isso, uma validade relativa.

5.4.4 Gênero, faixa etária e escolaridade no teste de avaliação e interpretação de frases

Vejam os resultados quanto ao gênero da aceitabilidade das estruturas envolvidas no teste de avaliação e interpretação de frases:

TABELA 30: RESULTADO DO TESTE DE AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE FRASES CONSIDERANDO O GÊNERO DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Masculino				Feminino				Masculino		Feminino	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN		n	%	n	%
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO PAGAMENTO DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	6	75,0	0	0,0	2	25	2	25,0
NÃO SÓCIO DE NENHUM	5	62,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	3	37,5	1	12,5
NÃO CONTRÁRIO A NENHUM	6	75,0	0	0,0	4	50,0	1	12,5	2	25	3	37,5
NÃO PRATICANTE DE NENHUM	7	87,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
NÃO ENVOLVIDO EM NENHUM	5	62,5	1	12,5	8	100,0	0	0,0	2	25	0	0,0
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25	1	12,5
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	4	50,0	0	0,0	5	62,5	0	0,0	4	50	3	37,5
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	4	50,0	1	12,5	6	75,0	1	12,5	3	37,5	1	12,5
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	1	12,5	4	50,0	0	0,0	2	25,0	3	37,5	6	75,0
NÃO FIEL A NINGUÉM	4	50,0	1	12,5	5	62,5	0	0,0	3	37,5	3	37,5
INFIEL A NINGUÉM	1	12,5	4	50,0	0	0,0	4	50,0	3	37,5	4	50,0
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	7	87,5	1	12,5	6	75,0	0	0,0	0	0	2	25,0
DESPREPARADO PARA NENHUMA	1	12,5	0	0,0	2	25,0	0	0,0	7	87,5	6	75,0
NÃO AMERICANO NEM EUROPEU	7	87,5	-	-	7	87,5	-	-	1	12,5	1	12,5
NÃO ESTÁVEL NEM PRAZEROSO	7	87,5	-	-	7	87,5	-	-	1	12,5	1	12,5
DISTR. - NÃO TORCE POR NENHUM	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0	0	0,0
DISTR. - NÃO EMISSÃO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0	0	0,0
DISTR. - NÃO VERBAL	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0	0	0,0
DISTR. - NÃO REMUNERADO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0	0	0,0

Em relação às frases distratoras, não houve diferença quanto a aceitabilidade das estruturas em teste entre os indivíduos do gênero masculino e feminino. Também não houve diferença da aceitabilidade das estruturas do tipo **não + nome + nem** em relação ao gênero: 87,5% dos homens e das mulheres aceitaram as frases com tais estruturas e interpretaram *não americano nem europeu* como sendo *não é americano nem europeu* ou *não é americano e não é europeu*, e *não estáveis nem prazerosos* como sendo *não são estáveis nem prazerosos* ou *não são estáveis e não são prazerosos*.

Quanto às demais estruturas, mais de 80% dos homens aceitaram a concordância negativa em 3 das 12 estruturas testadas³⁵: *não filiada a nenhum*, com 100% de aceitação, *não praticante de nenhum* e *não preparado para nenhum*, ambas com 87,5% de aceitação. Veja que as três estruturas mais aceitas pelos homens constituem casos de NÃO referente a partícipio e a adjetivo. Já em relação às mulheres, mais 80% das informantes do gênero feminino aceitaram a concordância negativa em 4 das 12 estruturas testadas: *não filiada a nenhum* e *não envolvido em nenhum* com 100% de aceitação, *não praticante de nenhum* e *não sócio de nenhum* com 87,5% de aceitação. Esse resultado mostra-nos que o gênero não interfere significativamente na aceitabilidade da concordância negativa.

Em relação à faixa etária, temos o seguinte resultado:

³⁵ Excluímos da análise da concordância negativa os casos de NÃO EXISTÊNCIA e INEXISTÊNCIA.

TABELA 31: RESULTADO DO TESTE DE AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE FRASES CONSIDERANDO A FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Mais jovens				Mais velhos				Mais jovens		Mais velhos	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN		n	%	n	%
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO PAGAMENTO DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	6	75,0	0	0,0	2	25,0	2	25,0
NÃO SOCIO DE NENHUM	6	75,0	0	0,0	6	75,0	0	0,0	2	25,0	2	25,0
NÃO CONTRÁRIO A NENHUM	4	50,0	0	0,0	6	75,0	1	12,5	4	50,0	1	12,5
NÃO PRATICANTE DE NENHUM	6	75,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	2	25,0	0	0,0
NÃO ENVOLVIDO EM NENHUM	7	87,5	0	0,0	6	75,0	1	12,5	1	12,5	1	12,5
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	3	37,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	5	62,5	2	25,0
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	4	50,0	1	12,5	6	75,0	1	12,5	3	37,5	1	12,5
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	0	0,0	4	50,0	1	12,5	2	25,0	4	50,0	5	62,5
NÃO FIEL A [NINGUÉM	3	37,5	0	0,0	6	75,0	1	12,5	5	62,5	1	12,5
INFIEL A NINGUÉM	1	12,5	3	37,5	0	0,0	5	62,5	4	50,0	3	37,5
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	6	75,0	1	12,5	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
DESPREPARADO PARA NENHUMA	0	0,0	0	0,0	3	37,5	0	0,0	8	100,0	5	62,5
NÃO AMERICANO NEM EUROPEU	7	87,5	-	-	7	87,5	-	-	1	12,5	1	12,5
NÃO ESTÁVEL NEM PRAZEROSO	6	75,0	-	-	8	100,0	-	-	2	25,0	0	0,0
DISTR. - NÃO TORCE POR NENHUM	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO EMISSÃO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO VERBAL	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO REMUNERADO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0

Assim como em relação ao gênero, a avaliação das frases distratoras não apresentou diferença entre os indivíduos mais jovens e mais velhos: todos aceitaram as estruturas em teste. Em relação à estrutura **não + nome + nem**, a frase com *não*

estável nem prazeroso foi avaliada como aceitável por 75% dos informantes com idade entre 20 e 35 anos e por 100% dos informantes com idade entre 50 e 65 anos, ou seja, os indivíduos mais velhos aceitam mais a estrutura **não + nome + nem** do que os indivíduos mais jovens. Já a frase com a estrutura *não americano nem europeu* não apresentou diferença na aceitabilidade: tanto os informantes mais jovens quanto os mais velhos mostraram 87,5% de aceitação.

Em relação às estruturas de concordância negativa, observa-se que mais de 80% dos indivíduos mais jovens aceitaram a concordância negativa em apenas 2 estruturas: *não filiada a nenhum*, com 100% de aceitação, e *não envolvido em nenhum*, com 87,5% de aceitação. Já em relação aos informantes com idade entre 50 e 65 anos, vimos que mais 80% desses informantes mais velhos aceitaram a concordância negativa em 3 estruturas: *não filiada a nenhum* e *não praticante de nenhum*, com 100% de aceitação, e *não preparado para nenhum*, com 87,5% de aceitação. Esse resultado mostra, assim como nos testes de comandos, que a aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações com NÃO não mostrou diferença quanto à faixa etária.

Vejamos na tabela a seguir o resultado do teste de avaliação e interpretação de frases, considerando o fator escolaridade:

TABELA 32: RESULTADO DO TESTE DE AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE FRASES CONSIDERANDO A ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES

ESTRUTURA	ACEITÁVEL								NÃO ACEITÁVEL			
	Ensino Médio				Ensino Superior				Ensino Médio		Ensino Superior	
	COM CN		SEM CN		COM CN		SEM CN					
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
NÃO PAGAMENTO DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	6	75,0	0	0,0	2	25,0	2	25,0
NÃO SOCIO DE NENHUM	8	100,0	0	0,0	4	50,0	0	0,0	0	0,0	4	50,0
NÃO CONTRÁRIO A NENHUM	4	50,0	0	0,0	6	75,0	1	12,5	4	50,0	1	12,5
NÃO PRATICANTE DE NENHUM	7	87,5	0	0,0	7	87,5	0	0,0	1	12,5	1	12,5
NÃO ENVOLVIDO EM NENHUM	7	87,5	1	12,5	6	75,0	0	0,0	0	0,0	2	25,0
NÃO FILIADA A NENHUM	8	100,0	0	0,0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
NÃO EXISTÊNCIA DE NENHUMA	6	75,0	0	0,0	7	87,5	0	0,0	2	25,0	1	12,5
INEXISTÊNCIA DE NENHUMA	3	37,5	0	0,0	6	75,0	0	0,0	5	62,5	2	25,0
NÃO OBEDIÊNCIA A NENHUMA	5	62,5	0	0,0	5	62,5	2	25,0	3	37,5	1	12,5
DESOBEDIÊNCIA A NENHUMA	1	12,5	2	25,0	0	0,0	4	50,0	5	62,5	4	50,0
NÃO FIEL A NINGUÉM	5	62,5	0	0,0	4	50,0	1	12,5	3	37,5	3	37,5
INFIEL A NINGUÉM	0	0,0	5	62,5	1	12,5	3	37,5	3	37,5	4	50,0
NÃO PREPARADO PARA NENHUMA	7	87,5	0	0,0	6	75,0	1	12,5	1	12,5	1	12,5
DESPREPARADO PARA NENHUMA	2	25,0	0	0,0	1	12,5	0	0,0	6	75,0	7	87,5
NÃO AMERICANO NEM EUROPEU	6	75,0	-	-	8	100,0	-	-	2	25,0	0	0,0
NÃO ESTÁVEL NEM PRAZEROSO	7	87,5	-	-	7	87,5	-	-	1	12,5	1	12,5
DISTR. - NÃO TORCE POR NENHUM	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO EMISSÃO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO VERBAL	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0
DISTR. - NÃO REMUNERADO	8	100,0	-	-	8	100,0	-	-	0	0,0	0	0,0

A tabela 32 mostra-nos que não há diferença na avaliação dos indivíduos com ensino médio e com ensino superior em relação às frases distratoras (100% de aceitação em todos os casos). Em relação à estrutura *não estável nem prazeroso*,

verificam-se 87,5% de aceitação tanto por indivíduos com ensino médio quanto por indivíduo com ensino superior, mas em relação à estrutura *não americano nem europeu*, vimos que 100% dos informantes com ensino superior aceitaram a estrutura, enquanto a aceitação por informantes com ensino médio foi de 75%. O fator escolaridade, portanto, mostrou diferença na aceitabilidade da estrutura **não + nome + nem**.

Quanto à concordância negativa, temos o seguinte resultado considerando a aceitação das estruturas por informantes com ensino médio e com ensino superior: mais de 80% dos informantes com ensino médio aceitaram 5 das estruturas testadas, e mais de 80% dos informantes com ensino superior aceitaram apenas 2 das estruturas. Esse resultado mostra-se, portanto, diferente do resultado obtido no teste de comandos: nesse teste de avaliação e interpretação de frases, os indivíduos com ensino médio aceitaram mais a concordância negativa que os indivíduos com ensino superior.

5.5 Considerações finais

Na análise feita no capítulo anterior, distinguimos dois grupos distintos das formações **não + nome**: um com a possibilidade de se inserir os verbos SER ou ESTAR entre o NÃO e o nome, outro com a possibilidade de se inserir o verbo Haver entre o NÃO e o nome. Em relação a esses dois grupos, o teste de comandos envolvendo a aceitabilidade da concordância negativa com tais formações mostrou-nos que os casos de **não + nome** com os verbos SER/ESTAR elípticos parecem ser mais transparentes que os casos de **não + nome** com verbo Haver elíptico. No teste de avaliação e interpretação de frases, vimos que as formações **não + particípio** e **não + adjetivo**, ambas permitem os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome, mostraram maior transparência ao fazerem parte de estruturas com concordância negativa mais aceitas pelos informantes. Em relação às formações **não + substantivo**, vimos nesse segundo teste que não houve diferença na aceitabilidade da concordância negativa envolvendo estruturas com verbos SER/ESTAR ou com

verbo Haver entre o NÃO e o substantivo: tanto a estrutura *não pagamento de nenhum* (verbo Haver), quanto a estrutura *não sócio de nenhum* (verbo SER) apresentaram 75% de aceitação da concordância negativa. Parece que há atuação de outros fatores, além do tipo de verbo, na concordância negativa envolvendo as formações com NÃO.

Os testes mostraram, também, que as formações com prefixo são, de fato mais opacas morfológicamente, e parece que, em alguns casos, os prefixos interferem na aceitação da concordância negativa das formações com o NÃO.

Os testes não mostraram consistência quanto ao gênero e à escolaridade. Em relação à faixa etária, ambos os testes não mostraram sua relevância para a aceitação da concordância negativa.

Podemos concluir, então, que as formações com particípio e com adjetivo são mais transparentes e, portanto, poderiam ser localizadas no nível pós-lexical: trata-se de estruturas sintáticas que aceitam a concordância negativa. Já as formações com substantivos parecem ser estruturas diferentes, a começar pelas duas possibilidades de paráfrases, conforme vimos no capítulo anterior: uma com os verbos SER/ESTAR e outra com o verbo Haver. Vimos, também, na análise de diferentes épocas do português, que tais formações com o verbo Haver elíptico estão aumentando na língua. Os testes mostraram-nos alguns indícios para analisarmos as formações do tipo **não + substantivo** com possibilidade de inserirmos o verbo Haver entre o NÃO e o substantivo como sendo mais opacas, mas parece haver outros fatores atuando na aceitabilidade da concordância negativa. Assim, no próximo capítulo, analisaremos a concordância negativa em dados da contemporaneidade coletados da internet.

6 ANÁLISE DE DADOS CONTEMPORÂNEOS COLETADOS DA INTERNET

Na análise dos dados de diferentes períodos do português, coletados no *Corpus do Português*, vimos que as formações com participio e com adjetivo apresentam uma estrutura em que só é possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome, já as formações com substantivo podem ser dos dois tipos, isto é, com elipse dos verbos SER/ESTAR ou com elipse do verbo Haver. Entre as formações com substantivo, não encontramos no CdP um caso sequer da estrutura **não + substantivo + preposição + nenhum**, mas encontramos casos de concordância negativa com as formações com adjetivo e com participio.

Testamos, então, a aceitabilidade dessas estruturas de concordância negativa envolvendo as formações **não + nome** e observamos, no resultado dos testes aplicados na contemporaneidade, indícios de que as formações do tipo **não + substantivo** com possibilidade de inserirmos o verbo Haver entre o NÃO e o substantivo seriam mais opacas. Observamos que parecem existir, no entanto, outros fatores atuando na aceitabilidade da concordância negativa. No teste de avaliação e interpretação de frases, verificamos a pouca aceitação da concordância negativa em *não fiel a ninguém* em comparação à grande aceitação de *não praticante de nenhum*, mostrando-nos que apenas os verbos SER/ESTAR elípticos não explicariam suficientemente essa questão. O sufixo e a nominalização resultante podem ter relação com a maior transparência de algumas formações com NÃO.

Assim, a constituição de um *corpus* com dados contemporâneos extraídos da internet (*Google*) justifica-se na medida em que nos possibilita uma análise de como essas construções estão ocorrendo no século XXI. A análise desses dados pode nos fornecer indícios de quais fatores estariam influenciando a maior opacidade de certas formações do tipo **não + nome**. Especialmente trataremos, neste capítulo, das formações **não + substantivo**.

6.1 – Formações não + substantivo

Conforme vimos no capítulo 4, as formações em que o elemento NÃO antepõe-se a um substantivo podem ser de dois tipos: com elipse dos verbos SER/ESTAR ou com elipse do verbo HAVER. Vejamos novamente exemplos extraídos do *Corpus do Português* com uma possível paráfrase:

- (40) a. a adoção de políticas comerciais preferenciais para países terceiros, **não membros** do mercado comum, [19Ac:Br:Enc]
 b. Paráfrase: a adoção de políticas comerciais preferenciais para países terceiros, **QUE NÃO SÃO MEMBROS** do mercado comum,
- (41) a. obras por efeito de contrato, ou de outro título expresso; III - pelo **não uso**, durante dez anos contínuos. [19Ac:Br:Lac:Misc]
 b. Paráfrase: obras por efeito de contrato, ou de outro título expresso; III - pelo **FATO DE NÃO HAVER USO**, durante dez anos contínuos.

Encontramos nos dados do CdP substantivos com diversas estruturas. Vejamos novamente o quadro 7 a seguir:

SUFIXO DO SUBSTANTIVO	TIPO DE FORMAÇÃO	EXEMPLO
-ário	Forma substantivo de substantivo	NÃO PROPRIETÁRIOS
-ria	Forma substantivo de adjetivo ou substantivo	NÃO SABEDORIA
-ista		NÃO ACIONISTAS
-cia		NÃO PRUDÊNCIA
-iça	Forma substantivo de adjetivo	NÃO JUSTIÇA
-ez		NÃO FLUIDEZ
-ismo		NÃO FIGURATIVISMO
-dade		NÃO REALIDADE
-mento		NÃO PAGAMENTO
-ção /-são	Forma substantivo de verbo	NÃO REALIZAÇÃO
-ância/-ência		NÃO SIGNIFICÂNCIA
-ura		NÃO ABERTURA
-agem		NÃO BARRAGEM

QUADRO 7: SUFIXOS PRESENTES NO SUBSTANTIVO DA FORMAÇÃO NÃO + SUBSTANTIVO NO *CORPUS DO PORTUGUÊS*

Há casos de substantivos formados por diferentes sufixos, há substantivos formados por derivação regressiva (cf. exemplo 41a) e há casos de substantivos que não são formados por sufixos nem por derivação regressiva (cf. exemplo 40a).

Os substantivos formados pelos sufixos *-ário*, *-ista* e os que não são formados por sufixo nem por derivação regressiva, quando em uma formação do tipo **não + substantivo**, constituem uma estrutura em que só é possível inserir os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o substantivo. Todos esses casos são de substantivos não deverbais. Já os demais tipos de substantivo só permitem o verbo Haver elíptico, e nesses casos há substantivos deverbais e não deverbais. Consideramos, aqui, os critérios de Cunha e Cintra (2001) quanto à formação de palavras no português: são deverbais apenas os substantivos originados de verbos por acréscimo de um sufixo ou substantivos formados por derivação regressiva.

Assim, entre os substantivos deverbais³⁶, observamos vários tipos de nominalização. Vejamos:

- A. [1] pagar (verbo) > [2] pagamento (substantivo)
- B. [1] real (adjetivo) > [2] realizar (verbo) > [3] realização (substantivo)
- C. [1] abrir (verbo) > [2] aberto (particípio) > [3] abertura (substantivo)
- D. [1] aumentar (verbo) > [2] aumento Ø (substantivo)

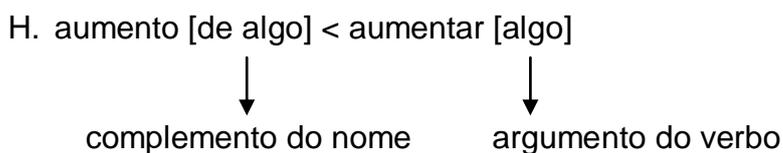
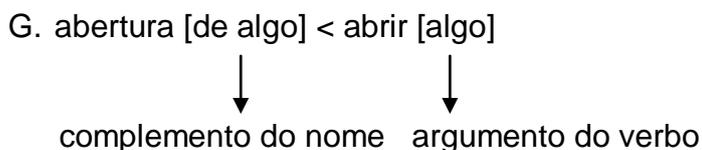
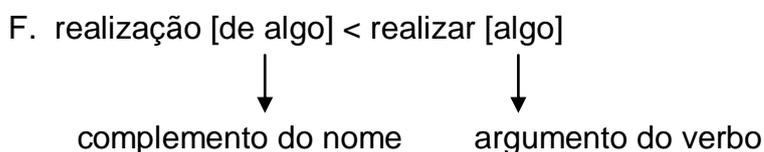
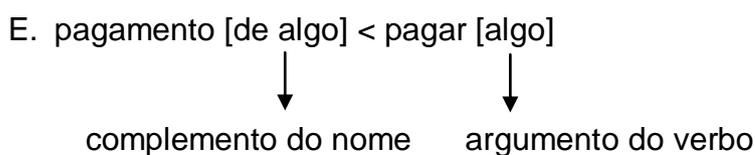
Nos processos mostrados em A e B, temos a formação de um substantivo imediatamente a partir do verbo por acréscimo de um sufixo (*-mento* e *-ção*). Já, em C, temos também uma derivação sufixal, mas a relação verbo-substantivo não é imediata: veja que entre o verbo ABRIR e o substantivo ABERTURA há uma formação de particípio (ABERTO). Em D, temos uma derivação regressiva, processo de formação de palavras distinto dos demais, já que não temos acréscimo de sufixo, mas a supressão de um morfema verbal na formação do substantivo. Consideramos, então, esses três tipos de substantivos deverbais na análise: formação sufixal diretamente da forma base do verbo (sufixos *-mento* e *-ção*), formação sufixal em que a relação verbo-substantivo não é imediata (sufixo *-ura*), isto é, entre o verbo e o

³⁶ Optamos por analisar apenas as estruturas com substantivos deverbais e pretendemos aprofundar os estudos das demais estruturas posteriormente.

substantivo há uma formação nominal do verbo ou um adjetivo, e formação por derivação regressiva.

Nossa hipótese é a de que, na formação dos substantivos deverbais, quanto mais distante o nome encontra-se do verbo na sua forma base, menos se aceita a concordância negativa. Além disso, uma vez que a derivação regressiva não é um processo de formação de nomes deverbais do mesmo tipo das formações com o sufixo, isso pode interferir na aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações **não + substantivo**. Nesse sentido, por hipótese, *não pagamento* e *não realização* apresentariam maior número de ocorrências da concordância negativa do que *não abertura* e *não aumento*.

Além do tipo de formação dos nomes deverbais, observamos também que o substantivo pode apresentar um complemento iniciado por preposição, e esse complemento tem relação com a forma verbal que originou o substantivo. Vejamos:



A seguir, encontram-se alguns exemplos extraídos do bando de dados *Google* de formações **não + substantivo** que ilustram esse tipo de complemento na nominalização:

- (69) a. Verificada a deserção do Recurso de Revista, ante o **não-pagamento de nenhum** valor a título de depósito recursal,... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. A Delegação defendeu, ainda, a **não realização de nenhum** tipo de pesquisa, intervenção, internamento ou procedimento médico sem a autorização da pessoa (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Dos 13 vereadores, sete votaram pela **não abertura de nenhum** processo de investigação, cinco votaram favoráveis e um se absteve da ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

Assim, analisaremos neste capítulo estruturas em que o elemento NÃO é seguido pelos substantivos PAGAMENTO, REALIZAÇÃO, ABERTURA e AUMENTO, já que esses nomes representam os tipos de nominalização que pretendemos testar em uma estrutura de concordância negativa.

6.2 – Constituição de um *corpus* com dados da internet

Mesmo não sendo uma base de dados específica para estudos linguísticos e do pouco controle dos dados, entendemos que a internet seja uma fonte válida de dados para esta pesquisa, pois grande parte de seu conteúdo representa o uso real da língua nos dias atuais. Fletcher (2005) defende o uso da internet em pesquisa linguística e explica:

The abundant online texts both tantalize and challenge linguists and other language professionals: the Web's self-renewing machine-readable body of documents in scores of languages is easy to access, but difficult to evaluate and exploit efficiently. Yet there are powerful reasons to supplement existing corpora or create new ones with online materials.

- **Freshness and spontaneity:** the content of compiled corpora ages quickly, while texts on contemporary issues and authentic examples of current, non-standard, or emerging language usage thrive online.
- **Completeness and scope:** existing corpora may lack a text genre or content domain of interest, or else may not provide sufficient examples of an expression or construction easily located online; some very productive contemporary genres (blogs, wikis, discussion forums...) exist only on the Net.
- **Linguistic diversity:** languages and language varieties for which no corpora have been compiled are found online.
- **Cost and convenience:** the Web is virtually free, and desktop computers to retrieve and process webpages are available to researchers and students alike.
- **Representativeness:** as the proportion of information, communication and entertainment delivered via the Net grows, language on and of the Web increasingly reflects and enriches our tongue. (FLETCHER, 2005, p. 4)

Assim, utilizamos a internet como fonte direta de consulta e optamos pela coleta de dados da língua portuguesa disponíveis no site de busca *Google*: <http://www.google.com>.

Para a coleta e seleção dos dados, realizamos uma busca por formações do tipo **não + substantivo**, considerando especificamente os três tipos de formação do substantivo vistos anteriormente: formação sufixal diretamente da forma base do verbo (sufixos *-mento* e *-ção*), formação sufixal em que a relação verbo-substantivo não é imediata (sufixo *-ura*), isto é, entre o verbo e o substantivo há uma formação nominal do verbo ou um adjetivo, e formação por derivação regressiva. Foram feitas pesquisas das seguintes estruturas:

- **não pagamento de**
- (70) a. A União assegurou na Justiça o **não pagamento de** pensão à viúva de suposto ex-combatente da Segunda Guerra Mundial. A viúva alega que ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. Exemplo: multa por não emissão de documento fiscal, multa por **não pagamento de** tributo. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. ... número ilimitado de tentativas de transações não autorizadas, bloqueio automático ou não dos serviços, a partir do **não pagamento de**

uma das cobranças ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- d. O **não pagamento de** alguma destas quantias resultará [...] (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não pagamento de nenhum(a)**

- (71) a. A maioria das demissões tem sido seguida pelo **não-pagamento de nenhum** dos direitos trabalhistas. Os operários da Fábrica Confiança vivem essa situação desde novembro do ano passado. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. Soma-se a isso, o **não pagamento de nenhum** precatório por parte da atual administração ferrazense, o que para o TCE, esse fato em si “força suficiente para comprometer as contas do Prefeito do Município de Ferraz de Vasconcelos, exercício 2006”. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. fiz o cadastro, ciente que estava acoplado ao um plano combo, mas que poderia cancelar a qualquer momento, não consigo efetuar o cancelamento, gostaria de auxilio quanto ao cancelamento e o **não pagamento de nenhuma** despesas, pois estou no período de "Test Drive"... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- d. As taxas a serem pagas para o Registro .br serão cobradas diretamente ao cliente. O **não pagamento de nenhuma** taxa em 30 dias, o domínio será excluído das configurações nos servidores. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não realização de**

- (72) a. Fatores associados à **não realização de** exame citopatológico de colo uterino no (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. A **não realização de** prescrições de enfermagem está relacionada ao processo de trabalho” (Enfermeira 25). Prova disso é que. “trabalhamos em um hospital, ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Domingos Alves reafirma a posição da Betesda no Ceará sobre a **não realização de** casamento entre homoafetivos e pontua sobre a fé. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- d. Foi realizada uma moção de repúdio, à situação do HC Pernambuco,

relativa a **não realização de** concurso público e descaso com a TO. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não realização de nenhum(a)**

- (73) a. ... as escolhas empreendidas por nossos semelhantes não resultem em frustração de algum desejo nosso, ou a **não realização de nenhum** de nossos planos. ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. Compararam os resultados do tratamento com adesivo com a **não realização de nenhum** tratamento. Após sete dias, o tamanho da úlcera no grupo com o ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Considerando tratar-se de cota de consórcio cujo consorciado foi excluído em função da **não realização de nenhum** pagamento, o cheque será ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- d. A maior defesa da advogada, no entanto, foi em torno da **não realização de nenhum** processo licitatório, o que ficaria mais fácil para a maioria (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não abertura de**

- (74) a. Deputados decidem pela **não abertura de** ação penal contra ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. A **não-abertura de** conta bancária específica, para a movimentação dos recursos financeiros da campanha, obstaculiza o efetivo controle dos gastos eleitorais. ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Vereador lamenta pela **não abertura de** canteiro na Via de Acesso Sebastião Fiorezi... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- d. Quer dizer, a OM defender a **não abertura de** um novo curso de medicina não é novidade. O que é novidade, é a OM estar preocupada com a ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não abertura de nenhum(a)**

- (75) a. Pela **não abertura de nenhum** outro curso de Graduação, Especialização, Pós-Graduação, Mestrados ou Doutorados. E não aumento do número de ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. Dos 13 vereadores, sete votaram pela **não abertura de nenhum** processo de investigação, cinco votaram favoráveis e um se absteve da ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Em alguns servidores, ele pode não executar a expressão citada acima corretamente, isto causa a **não abertura de nenhum** arquivo do ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- d. O PS considera que a **não abertura de nenhuma** Loja do Emprego e Qualificação em S. João da Madeira até à data constitui um sinal da “clara ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- e. a quem é debitada a culpa pela **não abertura de nenhuma** nova escola profissionalizante. Concluindo: “vem de público repudiar as ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- f. Isso pode justificar a **não abertura de nenhuma** manufatura entre os anos de 1875 e 1889, quando houve um expressivo aumento das exportações de fumo e cacau. (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- g. **Não abertura de nenhuma** ocorrência da Qualidade (RNC) no período de 12 meses,. Media dos Monitoramentos de Serviços Prestados deve estar acima de ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não aumento de**

- (76) a. Câmara de Paiçandu volta atrás e decide pelo **não aumento de vagas**. Houve uma reviravolta na questão do aumento de vagas para ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- b. Há quem defenda o **não aumento de** vereadores com o argumento de que, segundo pesquisas, o povo não quer. Pois que se pesquise se o ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- c. Essa possibilidade passará, segundo Louçã, pelo compromisso de **não aumento de** impostos. "A posição do Bloco é sempre de não aceitar

aumentos (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- d. A finança baseada em Wall Street estaria protegida pelo **não aumento de** despesas fiscais graças à inflexibilidade do partido Republicano no (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)

- **não aumento de nenhum(a)**

(não foram encontrados dados com essa estrutura)

Fizemos a coleta dos dados da seguinte maneira: entre aspas, colocamos cada expressão listada acima no campo de busca do *Google* e o resultado foi cuidadosamente selecionado. Verificamos cada ocorrência, selecionamos os casos que realmente apresentavam a estrutura pesquisada em português e excluímos os dados repetidos. Optamos por descartar diversas ocorrências que não necessariamente consistiam um dado distinto, já que vinham de um mesmo texto divulgado na internet e copiado por diferentes *sites*. Assim, constituímos um *corpus* com 1395 dados contemporâneos de formações com NÃO.

Comparamos as ocorrências de **não + substantivo + preposição + nenhum** com as ocorrências de **não + substantivo + preposição**. Verificamos o número de casos de *não pagamento de nenhum* e *não abertura de nenhum*, por exemplo, e comparamos com o número de casos de *não pagamento de* e *não abertura de* com o objetivo de observar qual tipo de substantivo apresenta, proporcionalmente, mais casos de concordância negativa.

Com essa coleta de dados de **não + substantivo**, buscamos indícios de uma possível influência do tipo de formação do substantivo no uso da concordância negativa.

6.3 Análise dos dados

Quantificamos as ocorrências de cada estrutura extraída na base de dados *Google* e analisamos os resultados. Vejamos, primeiramente, o resultado obtido em relação ao tipo de formação do substantivo:

TABELA 33: OCORRÊNCIAS DE NÃO + SUBSTANTIVO + DE E NÃO + SUBSTANTIVO + DE NENHUM(A)

TIPO DE FORMAÇÃO DO SUBSTANTIVO	ESTRUTURA	
	não + substantivo + de + nenhum(a)	não + substantivo + de
Formações com o sufixo <i>-mento</i> (NÃO PAGAMENTO DE NENHUM / NÃO PAGAMENTO DE)	36	268
Formações com o sufixo <i>-ção</i> (NÃO REALIZAÇÃO DE NENHUM / NÃO REALIZAÇÃO DE)	80	343
Formação com o sufixo <i>-ura</i> (NÃO ABERTURA DE NENHUM / NÃO ABERTURA DE)	7	308
Formação por derivação regressiva (NÃO AUMENTO DE NENHUM / NÃO AUMENTO DE)	0	168

Todos os casos da tabela acima compreendem substantivos deverbiais, e entre o NÃO e tais substantivos só é possível inserir o verbo HAVER. Podemos ver que a estrutura *não realização de nenhum* foi a que apresentou maior número de ocorrências, seguida da estrutura *não pagamento de nenhum*. Esses casos compreendem estruturas formadas por nominalizações cuja relação verbo-substantivo é imediata, conforme vimos anteriormente.

Vejamos, a seguir, o teste *qui-quadrado* a fim de observar a significância dos valores da tabela anterior:

TABELA 34: CONCORDÂNCIA NEGATIVA EM RELAÇÃO ÀS NOMINALIZAÇÃO COM *-MENTO*, *-URA* E DERIVAÇÃO REGRESSIVA – TESTE *QUI-QUADRADO*

	TIPO DA NOMINALIZAÇÃO			TOTAL
	<i>-mento</i>	<i>-ura</i>	derivação regressiva	
não + substantivo + de nenhum	36	7	0	43
não + substantivo + de	268	308	168	744
TOTAL	304	315	168	787

TIPO DA NOMINALIZAÇÃO	P-VALOR
Sufixo <i>-mento</i> e sufixo <i>-ura</i>	0,00
Sufixo <i>-ura</i> e derivação regressiva	0,51
Sufixo <i>-mento</i> e derivação regressiva	0,00

TABELA 35: CONCORDÂNCIA NEGATIVA EM RELAÇÃO ÀS NOMINALIZAÇÃO COM *-ÇÃO*, *-URA* E DERIVAÇÃO REGRESSIVA – TESTE *QUI-QUADRADO*

	TIPO DA NOMINALIZAÇÃO			TOTAL
	<i>-ção</i>	<i>-ura</i>	derivação regressiva	
não + substantivo + de nenhum	80	7	0	87
não + substantivo + de	343	308	168	819
TOTAL	423	315	168	906

TIPO DA NOMINALIZAÇÃO	P-VALOR
Sufixo <i>-ção</i> e sufixo <i>-ura</i>	0,00
Sufixo <i>-ura</i> e derivação regressiva	0,51
Sufixo <i>-mento</i> e derivação regressiva	0,00

As tabelas 34 e 35 mostram-nos que entre a formação com o sufixo *-ura* e a derivação regressiva não há significância na proporção de uso da concordância negativa. Nas formações com os sufixos *-mento* e *-ção*, a proporção de uso da concordância negativa é significativamente diferente (maior) em relação aos casos com o sufixo *-ura* e derivação regressiva. Essa diferença pode estar relacionada ao tipo do verbo: AUMENTAR e ABRIR são verbos de mudança de estado (cf. FILLMORE, 1968).

A relação verbo-substantivo parece influenciar também a aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações do tipo **não + substantivo**. Quanto mais imediata a relação do verbo em sua forma base com o nome, mais ocorre a

concordância negativa. Observa-se na tabela 33 que a formação com o substantivo ABERTURA apresentou poucos casos de concordância negativa em relação às formações com PAGAMENTO e REALIZAÇÃO. A grande diferença entre as ocorrências de *não abertura de nenhum* e as ocorrências de *não pagamento de nenhum e não realização de nenhum* pode ser consequência da menor aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações em que o elemento NÃO é seguido de uma nominalização cuja relação verbo-substantivo não é imediata.

É importante ressaltar que todos os verbos envolvidos na formação dos substantivos da tabela 33 aceitam concordância negativa, conforme uma pesquisa feita também no site de busca Google por *não paga/pagou/pagará nenhum(a)*, *não realiza/realizou/realizará nenhum(a)*, *não abre/abriu/abrirá nenhum(a)* e *não aumenta/aumentou/aumentará nenhum(a)*. Vejamos alguns exemplos:

- (77) a. Há dois anos tenho um inquilino em minha casa porém nos últimos oito meses ele **não paga nenhum** aluguel, ele diz que não tem recebido e ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- b. Secretário ainda **não pagou nenhuma** das duas multas que recebeu por crime ambiental. Aguarde, carregando áudio. ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- c. ... e funciona da seguinte maneira: o cliente **não pagará nenhum** custo para que a BBSshop desenvolva seu site com a mais alta qualidade e rapidez, (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- d. Sindicato pelego **não realiza nenhuma** luta e aposta em conchavos com o governo. O sindicato dos servidores da UnB (Sintfub) aposta em ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- e. Equipe titular do Flamengo **não realizou nenhum** treino durante a semana de clássico. Elenco rubro-negro pode sentir semana com viagens e ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- f. A Prefeitura Municipal **não realizará nenhuma** obra urbana em discordância com o Plano Diretor. § 1º - Não serão consideradas em discordância com o ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- g. o Limewere **não abre nenhum** programa, está sempre pedindo uma licença, o que estou fazendo de errado? (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)

- h. instalou porém **não abriu nenhum** dos meus pdfs da mesma forma que o adobe, ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- i. a Câmara Municipal de Alto Paraguai (218 quilômetros de Cuiabá) **não abrirá nenhum** procedimento contra os cinco vereadores acusados de ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- j. Ela **não aumenta nenhuma** probabilidade de dano mágico. @ Tópico: Creio que seja apenas por questão de preferência. ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)
- k. O Governo de 99/02 baixou pra 17% e **nao aumentou nenhuma** aliquota nem criou novo tributo. E pagou em dia os 4 anos, fez concurso e o Estado ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em outubro de 2011)
- l. Pré-candidato diz que, se eleito, **não aumentará nenhum** imposto no estado. (25 - 05 - 10) Na última segunda-feira (24/05), o pré-candidato ao governo do ... (Fonte: <http://www.google.com> – acesso em novembro de 2011)

Podemos afirmar que todos esses casos ocorrem em número elevado, conforme o resultado geral apresentado na busca:

TABELA 36: OCORRÊNCIAS DE NÃO + (VERBO) + NENHUM(A)

ESTRUTURA	OCORRÊNCIA
não paga/pagou/pagará nenhum(a)	2379
não realiza/realizou/realizará nenhum(a)	2090
não abre/abriu/abrirá nenhum(a)	1617
não aumenta/aumentou/aumentará nenhum(a)	434

Quanto à estrutura *não aumento de nenhum*, verifica-se na tabela 33 que não foi encontrado uma ocorrência sequer. Esse resultado mostra-nos que a formação do substantivo por derivação regressiva não aceita a concordância negativa da mesma forma que as formações sufixais. Mesmo que o verbo AUMENTAR aceite concordância negativa, conforme o resultado da tabela 36, isso não implica em aceitação da concordância negativa envolvendo a formação NÃO AUMENTO. Indício de morfologização desse tipo de formação.

Podemos afirmar, portanto, que as formações **não + substantivo**, em que esse substantivo constitui uma nominalização por derivação regressiva, são, por hipótese, mais opacas. E podemos dizer, também, que uma formação como NÃO ABERTURA, por exemplo, parece ser mais opaca que formações como NÃO PAGAMENTO e NÃO REALIZAÇÃO: em NÃO ABERTURA, o NÃO é seguido por um substantivo deverbal, formado por sufixo, e a relação verbo na forma base - substantivo não é direta; já em NÃO PAGAMENTO e NÃO REALIZAÇÃO, a nominalização também é feita por sufixo, mas a relação verbo na forma base - substantivo é imediata.

6.4 Considerações finais

Considerando o critério da concordância negativa, analisamos dados de **não + substantivo** extraídos da base de dados *Google*. Partimos do pressuposto que a ocorrência de concordância negativa envolvendo as formações com o elemento NÃO testadas na internet seria uma evidência de que essas formações não estariam exatamente no componente morfológico, já que a concordância negativa consiste em uma relação sintática que não está visível para estruturas morfológicas.

Realizamos testes, conforme mostra o capítulo 5, utilizando também esse critério da concordância negativa, e o resultado indicou-nos que a concordância negativa envolvendo uma formação do tipo **não + substantivo** que apresentaria o verbo Haver elíptico seria menos aceita pelos informantes do que com os verbos SER/ESTAR. Assim, a partir desse resultado, analisamos dados extraídos da internet a fim de verificarmos se o tipo de estrutura da formação **não + nome** interferiria em sua maior opacidade. Nossa hipótese foi a de que outros fatores estariam relacionados à menor ocorrência de concordância negativa envolvendo as formações do tipo **não + nome**. Testamos, então, o tipo de nominalização.

A análise dos dados contemporâneos extraídos da base de dados *Google* mostrou-nos que a proximidade da relação verbo-nome acarreta no maior uso da concordância negativa, tendo em vista o grande número de ocorrências apresentado

para as estruturas *não pagamento de nenhum* e *não realização de nenhum*, em comparação com as poucas ocorrências de *não abertura de nenhum*: PAGAMENTO e REALIZAÇÃO são formados pelos sufixos *-mento* e *-ção*, respectivamente, e a relação verbo-nome, nesses casos, é imediata; já o substantivo ABERTURA é formado pelo sufixo *-ura*, mas a relação verbo-nome nesse caso não é imediata, pois o nome deriva da forma do particípio (ABERTO) que, por sua vez, deriva de ABRIR.

Vimos, também, que uma estrutura do tipo **não + nome** em que esse nome constitui uma nominalização formada por derivação regressiva, configura um caso mais opaco do que as estruturas com substantivos formados pelos sufixos *-mento* e *-ção*: não encontramos um caso sequer de concordância negativa envolvendo a formação em que o NÃO é seguido por um substantivo formado por derivação regressiva.

Essa análise indica-nos, portanto, que nem toda formação **não + nome** apresenta transparência para descrições e operações sintáticas, já que certas estruturas seriam mais opacas. Poderíamos falar em morfologização, já que as formações que estariam no componente morfológico passariam a ser objeto da morfologia, e o NÃO, nesses casos, teria o estatuto de membro de uma formação morfológica, ou seja, não seria exatamente uma negação sintática. Os casos em que há transparência e aceitam concordância negativa seriam formações no componente sintático.

Esse processo de morfologização envolvendo as formações **não + nome** não implica em um processo de gramaticalização, já que não podemos afirmar que as formações **não + nome** mais opacas seriam também mais gramaticais, uma vez que o NÃO, ao fazer parte de uma estrutura morfológica, não adquire características mais gramaticais, mas, ao contrário, ganha um caráter mais lexical em relação à negação sintática.

7 A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE: GRAMATICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS

Durante a pesquisa das formações com NÃO, verificamos nos dados coletados a ocorrência da expressão NÃO OBSTANTE que, a princípio, compunha os casos em que a partícula NÃO antepõe-se a um adjetivo. No entanto, reconhecemos o NÃO OBSTANTE nos dias atuais como uma locução que não apresenta exatamente as mesmas características de outras formações do tipo **não + adjetivo**. O NÃO OBSTANTE é uma forma fixa na língua, sem flexão, que pode desempenhar diferentes funções e, ainda, apresenta dois sentidos distintos, a saber, concessão e adversidade. Diante disso, este capítulo tem como objetivo a análise da expressão *não obstante* no português, tendo em vista sua trajetória ao longo da história da língua e a proposta de gramaticalização, conforme Hopper & Traugott (1993). Nas palavras dos autores:

If grammaticalization is defined broadly so as to encompass the motivations for and development of grammatical structures in general, then processes of clause combining clearly fall squarely within its domains" (HOPPER E TRAUGOTT, [1993] 2006, p. 176)

Entre as funções do NÃO OBSTANTE, podemos destacar seu papel, na atualidade, de conector de orações numa estrutura denominada hipotaxe (cf. item 3.1.5 desta tese). Nesse sentido, a presente proposta de análise do NÃO OBSTANTE situa-se entre os estudos de gramaticalização que se relacionam aos processos de combinação de orações, considerando a proposta apresentada em Hopper e Traugott (1993) a respeito da organização das orações complexas em parataxe > hipotaxe > subordinação e do *cline* que estabelece ser mais gramatical o padrão oracional mais à direita do que o outro à esquerda.

Foram coletados dados do *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael Ferreira (2006-), disponível em <http://www.corpusdoportugues.org> (acessado em 05 de junho de 2009). Realizou-se, nesse *corpus*, a pesquisa da palavra OBSTANTE para, a partir daí, analisarem-se as ocorrências em que o NÃO aparecesse antecedendo essa palavra. Foram encontrados dados de NÃO OBSTANTE do século

XV ao XX, e esses dados foram analisados a partir da hipótese de que a expressão estaria envolvida em um processo de gramaticalização.

7.1 A expressão NÃO OBSTANTE

A partícula NÃO, no português, é classificada segundo a tradição gramatical como um advérbio de negação e, como tal, nega o sentido expresso pelo verbo, pelo adjetivo, por outro advérbio ou, ainda, por uma declaração inteira. Assim temos:

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.

(...)

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira. (BECHARA, 2001, p.287)

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

Logo depois, recomeçara a chover.

(O. Lins, *FP*, 63.)

Você **compreendeu-me mal.**

(Amada Negreiros, *NG*, 61.)

O almoço **decorria agora lentamente.**

(A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.

Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:

a) de um adjetivo

Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**

(Guimarães Rosa, *S*, 346.)

Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...

(Luandino Vieira, *NM*, 105.)

Ficara **completamente imóvel.**

(Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio

- Mas passei a noite mal! **bem mal!**
(J. Régio, *JA*, 102.)

Já **bem pertinho** estavam Masseur e Ângelo.
(L. Jardim. *AMCA*, 49.)

O homem caminhava **muito devagar**.
(S de Mello Breynem Andresen, *CE*, 156.)

3. Salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer.
(M. Torzo, *NCM*, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(V. Ferreira, *A*, 137.)

- Eu me recuso, **simplesmente**.
(F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

(...)

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

- a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente, etc.*;
- b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, etc.*;
- c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão, etc.*;
- d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.*;
- e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, de balde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente*: *fielmente, levemente, etc.*;
- f) **ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: não**; [grifo meu]
- g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde, etc.* (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 542-3)

Vitral (1999), no entanto, apresenta os seguintes casos:

- (25) a. A não demonstração do teorema por parte do professor levou o governo a prendê-lo.
b. José considera o caseiro não condizente com o emprego.

Como se vê, a partícula negativa aparece num constituinte nominal, precedendo um verbal, em (25a), e anteposto em relação ao núcleo adjetival da mini oração (small clause) em (25b). A negação pode ainda incidir sobre outros constituintes da oração. Em (26), é um quantificador que é negado e, em (27), um advérbio:

- (26) a. Os alunos fizeram não muitos trabalhos.

b. *Os alunos fizeram não trabalhos.

(27) Ele falou não claramente. (VITRAL, 1999, p.5)

Assim, poderíamos talvez enquadrar no exemplo (25b) acima uma expressão como NÃO OBSTANTE, em que o elemento NÃO refere-se a um adjetivo. A palavra OBSTANTE, no português contemporâneo, é classificada como adjetivo com sentido de aquele que obsta, assim como é classificada como adjetivo a palavra CONDIZENTE, do exemplo de Vitral.

OBSTANTE adj. 2g. (1593 cf. Pavei) que obsta, impede; obstativo. ■ **nada o.** m.q. NÃO OBSTANTE. **não o.** 1. apesar de, a despeito de, nada obstante <não o. a doença, trabalhava diariamente> <não o. ser uma pessoa culta, era bastante autoritário> 2. apesar disso; entretanto, contudo, nada obstante <enriqueceu-se, não o. continuou a defender as classes mais desfavorecidas>” (HOUAISS, 2001, p. 2044)

CONDIZENTE adj. 2g. (1836 cf. SC) que condiz, que está em harmonia, em proporção ou de acordo; condicente, concordante, harmônico <suas maneiras são c. com sua educação> <o edifício não está c. com os demais prédios da praia> <testemunhos c.> (HOUAISS, 2001, p.792)

No verbete da palavra OBSTANTE, observa-se que, além da definição do adjetivo, há a citação de NÃO OBSTANTE como uma locução que apresenta dois sentidos distintos: apesar de e no entanto. Além disso, o uso do adjetivo OBSTANTE sem a presença do NÃO antecedendo-o não é tão comum como o uso da expressão NÃO OBSTANTE no português, já que foi encontrado apenas um caso de OBSTANTE sozinho na pesquisa feita no CdP e muitos casos de NÃO OBSTANTE. Esse único caso encontrado trata-se do uso da palavra OBSTANTE para exemplificar a pronúncia de sua sílaba inicial, sem haver qualquer referência ao sentido do adjetivo ou à aplicação desse em uma frase. Vejamos este caso:

(78) deve conservar senão naqueles nomes que especialmente a têm na pronúncia, como obstaculo, **obstante** etc, mas naqueles que hoje se pronunciam sem ela parece-me escrupulo demasiado. [Título: Verdadeiro Método de Estudar. Autor: Luís António Vernei. Data: 1765]

Ao se fazer uma pesquisa no CdP da palavra CONDIZENTE, foram encontradas 23 ocorrências, sendo 4 no século XIX e 19 ocorrências no século XX.

Entre todos os casos de CONDIZENTE, nenhum possui a partícula NÃO anteposta ao adjetivo, isto é, há apenas casos de CONDIZENTE sendo usado como adjetivo conforme definição apresentada pelo dicionário.

Além disso, retornando aos exemplos apresentados por Vitral (1999, p.5) e observando o exemplo (79) a seguir, verifica-se que o elemento NÃO não parece se referir ao adjetivo OBSTANTE da mesma maneira como ocorre com o NÃO e o adjetivo CONDIZENTE no exemplo (25b) de Vitral (1999).

- (79) os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **não obstante** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida [Anjo. Século XX]

É possível notar em (79) que a partícula NÃO não apresenta somente a função de negar o sentido expresso pelo adjetivo OBSTANTE como em NÃO IMPEDIDOR. Nesse exemplo, o NÃO forma, juntamente com o adjetivo, uma locução conjuntiva, cujo significado vai além do sentido de cada elemento separadamente. Observa-se, ainda, que o NÃO OBSTANTE funciona como uma locução de valor concessivo e permite a paráfrase, nos dias atuais, com uma única palavra – *embora*, como no exemplo (80) a seguir:

- (80) os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **embora** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida.

Interessante é notar que esse uso concessivo de NÃO OBSTANTE mais um verbo no subjuntivo não está explícito em Houaiss (2001, p. 2044) anteriormente citado.

7.1.1 OBSTANTE

Segundo o dicionário etimológico (CUNHA, 1982), a palavra OBSTANTE surgiu, no português, no século XVI e originou-se do Latim:

obstar vb. 'causar embaraço, impedir' XVIII. Do lat. *obstāre* || **obstáculo** XIX. Do lat. *obstācŭlum – i* || **obstância** 1844 || **obstante** XVI. Do lat. *obstāns – āntis* || **obstativo** XX. (CUNHA, 1982, p.555)

Verifica-se, de início, uma divergência em relação à época apresentada no dicionário etimológico e o resultado desta pesquisa: no dicionário consta que a palavra OBSTANTE surgiu no século XVI, e na coleta de dados para este trabalho foi encontrado um caso de NÃO OBSTANTE no século XV, apresentado em (81).

- (81) foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, [Título: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443]

No mesmo dicionário, e também na *Gramática Histórica* de Coutinho (1976), foi verificado o que há sobre a forma *-ante*, presente na formação do adjetivo OBSTANTE:

-ante suf. nom., do lat. *-āns – āntis*, que forma adjetivos oriundos de verbos, com a noção de 'ação, qualidade, estado': *desconcertante, enervante* etc.; alguns desses adjetivos podem ocorrer também substantivos: *declarante, feirante.*' (CUNHA, 1982: 52)
“-ante, -ente, inte <vogal temática dos verbos mais o sufixo *-nte* do particípio presente. Expressam agente, qualidade ou estado, servindo para formar substantivos e adjetivos: *tratante, despachante, estudante, ajudante; crente, escrevente, lente, delinqüente; pedinte, ouvinte.* (COUTINHO, 1976, p. 170)

OBSTANTE parece ter sua origem nas formas latinas de particípio presente. Segundo Melo (1981:113), dentre os particípios do Latim, só dois se mantiveram na linguagem dos povos romanizados, a saber, o particípio presente, de sentido ativo, e o particípio passado, de sentido passivo.

O particípio presente se usou na antiga língua cada vez menos, até o século XV, ora com valor adverbial, ora com valor adjetivo verbal, ora como simples adjetivo. Na língua moderna perdeu-se, passando a ser substituído, na função de adjetivo verbal e na adverbial, pelo gerúndio. Manteve-se então como mero adjetivo, substativando-se em muitos casos e, em poucos mais, tornando-se preposição. (MELO, 1981, p.113)

Também Said Ali (2001), na *Gramática história da língua portuguesa*, confirma que as formas originadas do particípio presente do Latim (substantivos e adjetivos propriamente ditos) “*poucos vestígios deixaram da antiga função verbal.*” (p. 113). Oliveira (2003), em seu trabalho intitulado *As formas em –nte no português contemporâneo*, analisa essa origem e explica:

Dentre as formas verbo-nominais latinas, o particípio presente em –ns, -ntis era um adjetivo verbal, ou seja, exercia, ao mesmo tempo, função de verbo e de nome (adjetivo). No percurso para a língua portuguesa, esses particípios conservaram a forma do acusativo singular –nte(m) e do plural –ntes, porém, foi enfatizando o seu valor nominal em detrimento do verbal, e recategorizando-se em adjetivos e substantivos. (OLIVEIRA, 2003)

Vale ressaltar, então, o que Oliveira (op. cit.) também apresenta sobre a recategorização da forma do particípio:

Mattos e Silva (1993); Williams (1961) e Said Ali (1964), entre outros, quando tratam da reestruturação do sistema verbal da língua portuguesa, face à língua latina, retomam ao século XVI o emprego das formas em –nte como particípio, afirmando, ainda, Said Ali que este uso se deve mais a latinismos do que à linguagem espontânea e natural própria da época; portanto, podemos inferir que, desde o período arcaico, a grande maioria das formas em –nte se recategorizavam em adjetivos, substantivos e outras classes gramaticais. O certo é que no decorrer do tempo, o particípio presente (em –nte) tem incorporado mudanças, dentre elas destaca-se, sem dúvida, a sua recategorização em preposição, conjunção e advérbio, considerada por Neves (1999) como as instâncias prototípicas da gramaticalização, observando-se mudança categorial em sentido unidirecional.

Quanto à sua gramaticalização em preposição, Neves (1999, p. 6) assegura que essas funcionam fora do sistema de transitividade, isto é, não introduzem complemento, mas estabelecem relação semântica. Coutinho (1982, p.169) afirma que o número de preposições aumentou na língua portuguesa em decorrência do emprego de particípios presentes com este valor como: durante, mediante, salvante, tirante, não obstante, consoante, embargante. Nesse mesmo caso temos o advérbio bastante. (OLIVEIRA, 2003)

Assim, tendo em vista as observações citadas por Oliveira (2003) sobre as mudanças que estão sendo incorporadas pelas formas originadas do particípio presente do Latim, verifica-se que a expressão NÃO OBSTANTE poderia ser colocada entre o conjunto de palavras que se recategorizaram em preposição, conjunção ou

advérbio. Podemos ver a classificação do NÃO OBSTANTE como locução conjuntiva em:

[A oração subordinada adverbial concessiva] “É iniciada por conjunção subordinativa concessiva ou por locução conjuntiva subordinativa concessiva. As principais são: **embora, conquanto, inobstante, não obstante** [grifo meu], **apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.**” (CANTARINO, Gramática On-line – www.gramaticaonline.com.br - acesso em 14/06/2009)

Pode-se concluir que, quando unida ao NÃO, a palavra OBSTANTE no português contemporâneo não funciona, exatamente, como um adjetivo, como foi visto no confronto feito com a palavra CONDIZENTE.

A expressão NÃO OBSTANTE apresenta certas particularidades, como o fato de ser significativamente mais frequente em relação ao uso do adjetivo OBSTANTE sem a partícula NÃO anteposta, apresentar diferentes valores semânticos – concessivo e adversativo e não apresentar flexão. Tais particularidades levam-nos à hipótese de gramaticalização da construção constituída pelo NÃO seguido do particípio presente do verbo OBSTAR em locução conjuntiva. Não analisaremos, aqui, a etapa que envolve a forma do particípio presente de fato, pois, como vimos, “desde o período arcaico, a grande maioria das formas em *-nte* se recategorizavam em adjetivos, substantivos e outras classes gramaticais.” (OLIVEIRA, 2003).

7.1.2 Proposta de gramaticalização da expressão NÃO OBSTANTE

O processo de gramaticalização do NÃO OBSTANTE aqui estudado apresentaria a partícula NÃO seguida do adjetivo OBSTANTE – forma originada do particípio presente do verbo OBSTAR – que teria o sentido de impedor, segundo a definição apresentada em Houaiss (2001). Na formação da locução NÃO OBSTANTE, temos significados distintos da expressão – concessão e adversidade, e diferentes contextos sintáticos em que a expressão pode ocorrer.

A questão que surge é se se trata de um processo de gramaticalização, isto é, um processo diferente do que foi estudado nos capítulos anteriores. Considerado

os critérios formais, pertencem à categoria lexical da língua os nomes, os verbos, os adjetivos e as preposições, já à categoria gramatical (ou funcional), pertencem os complementizadores, as flexões, os determinantes e os auxiliares. Adotando essa divisão a respeito do NÃO OBSTANTE, não podemos dizer que a locução conjuntiva concessiva tem uma função gramatical.

Vitral (2006, p.157), ao apresentar uma versão estendida do esquema que representa o processo de gramaticalização, mostra uma gradação dentro da categoria gramatical, como podemos rever abaixo:

- A. a. Lexical > b. Gramatical
- B. a1. p. máxima > b1. p. máxima > b2. núcleo > b3. clítico > b4. Afixo

Nesse sentido, poderíamos dizer que um afixo (b4) é mais gramatical que um clítico (b3) e este, por sua vez, é mais gramatical que um núcleo (b2).

A questão que se coloca é se haveria essa mesma gradação dentro da categoria lexical. Uma locução conjuntiva seria menos lexical que um adjetivo? Como locução conjuntiva concessiva, a expressão NÃO OBSTANTE pode reger o modo verbal, não apresenta flexão e tem função de estabelecer uma relação de hipotaxe entre orações. Assim, a passagem de um item de uma categoria mais lexical para outra menos lexical poderia ser chamada de gramaticalização?

7.2 Coleta e organização dos dados de NÃO OBSTANTE

A busca no CdP foi feita a partir da sintaxe de consulta *obstante*/obstãte**, que significa que procuramos por todos os casos da palavra OBSTANTE, independente da grafia, com ou sem flexão. Essa pesquisa resultou em 822 ocorrências válidas³⁷ desta palavra. Além desse número, constam ainda 1 caso da

³⁷ Foram consideradas ocorrências válidas aquelas que estavam em textos de língua portuguesa. Excluimos, ainda, dados que se repetiam no resultado da busca.

palavra OBSTANTE sem a presença do elemento NÃO anteposto e 1 ocorrência de NADA OBSTANTE. Todos os demais casos são da expressão NÃO OBSTANTE³⁸.

- (82) deve conservar senão naqueles nomes que especialmente a têm na pronúncia, como obstaculo, **obstante** etc, mas naqueles que hoje se pronunciam sem ela parece-me escrúpulo demasiado. [Título: Verdadeiro Método de Estudar. Autor: Luís António Vernei. Data: 1765]
- (83) execução dos serviços contratados. Nada **obstante**, entendemos caber determinações ao responsável no sentido de coibir os desvios verificados [Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]

Para este estudo, consideramos apenas os casos de NÃO OBSTANTE, e o total de ocorrências encontradas está dividido entre os séculos XV ao XX, ou seja, dos períodos da história do português disponíveis no CdP, apenas o século XIV não apresenta ocorrências da palavra OBSTANTE. Vejamos as tabelas a seguir:

TABELA 37: FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DA EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE AO LONGO DOS SÉCULOS XV AO XX

PERÍODO	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM EM RELAÇÃO AO TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE NÃO OBSTANTE
SÉC. XV	2/822	0,24%
SÉC. XVI	10/822	1,22%
SÉC. XVII	30/822	3,66%
SÉC. XVIII	63/822	7,68%
SÉC. XIX	444/822	54,15%
SÉC. XX	273/822	33,29%
Total	822/822	100,00%

³⁸A expressão NÃO OBSTANTE foi encontrada com diferentes grafias, tais como *naõ obstante*, *nõ obstante/obstâte*, *nam obstante* e *nã obstâte*.

TABELA 38: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	TOTAL DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE EM 10 MILHÕES DE PALAVRAS
SÉC. XV	2.875.653	2	7
SÉC. XVI	4.132.087	10	24
SÉC. XVII	2.147.240	30	140
SÉC. XVIII	2.234.951	63	282
SÉC. XIX	9.659.332	444	460
SÉC. XX	20.747.712	273	132
Total	41.796.975	822	197

Analisando as tabelas acima, podemos dizer, inicialmente, que os percentuais de NÃO OBSTANTE aumentam, gradativamente, do século XV ao século XIX, sendo esse século o mais produtivo quanto ao uso da expressão em análise. Já no século XX ocorre um decréscimo no percentual de NÃO OBSTANTE.

Os dados obtidos no CdP foram separados por século e analisados conforme critérios sintáticos, semânticos e de frequência. Foi possível distinguir dois grupos de significados distintos: um caracteriza-se por englobar as ocorrências da expressão NÃO OBSTANTE com um sentido concessivo, e o outro grupo caracteriza-se por englobar as ocorrências de NÃO OBSTANTE com um sentido adversativo. É importante ressaltar que essa análise semântica a partir de paráfrases foi feita considerando uma interpretação contemporânea sob os dados históricos do português. Há, de fato, uma limitação para se estabelecer um critério semântico quando se trabalha com textos de diferentes épocas. Sintaticamente, foram distinguidos vários contextos em que a expressão NÃO OBSTANTE pode ocorrer e, ainda, foi observada a frequência de NÃO OBSTANTE ao longo da história do português, isto é, do século XV ao século XX.

7.2.1 Critério semântico

Além do sentido de não impedidor inicial (cf. HOUAISS, 2001), para a interpretação do sentido de concessão, determinou-se a possibilidade de paráfrase

da expressão NÃO OBSTANTE com *apesar de* ou com *embora*. Essas duas expressões (APESAR DE e EMBORA) podem ser interpretadas como locução e conjunção, respectivamente, ambas de mesmo valor concessivo.

CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: ainda que, embora, posto que, se bem que, apesar de que, etc. (BECHARA, 2001:327)

CONCESSIVAS: (indicam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que, que, etc. (CUNHA & CINTRA, 2001:586)

O sentido de adversidade da expressão NÃO OBSTANTE foi determinado pela possibilidade de substituição dessa expressão por *no entanto*. Na gramática de Cunha e Cintra (2001) há o seguinte sobre as conjunções coordenativas:

ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 580)

Bechara (2001, p.322), por outro lado, não considera o NO ENTANTO como conjunções coordenativas.

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levadas pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. É o caso de pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante. Assim, (...) teríamos as explicativas (pois, porquanto, etc.) e conclusivas (pois [posposto], logo, portanto, então, assim, por conseguinte, etc.) sem contar contudo, entretanto, todavia que alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua Gramática [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel de conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas. (BECHARA, 2001, p.322)³⁹

³⁹ As referências [ED.1] e [MMa.1] da citação de Bechara (2001:322) dizem respeito, respectivamente, à *Gramática Portuguesa Elementar*, 12^a ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905 e à *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr Alves, 1923.

Verifica-se que o autor cita o NÃO OBSTANTE entre o que ele considera advérbio e afirma preferir essa classificação, apesar da tradição gramatical incluir tais expressões nas conjunções coordenativas.

Confirma-se a polissemia do NÃO OBSTANTE hoje: a expressão pode ter sentido concessivo e funcionar como conectivo, ou pode ter sentido adversativo, em que é questionável o seu funcionamento como conectivo. Conforme apresenta Bechara (2001, p.332), o NÃO OBSTANTE está entre as expressões que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais.

Perini (2010) distingue conjunções e coordenadores: “os coordenadores não alteram o potencial funcional das orações que combinam, ao passo que a conjunções fazem de uma oração um sintagma nominal ou adverbial.” (PERINI, 2010, p. 162).

Essa divisão semântica dos dados pode ser esquematizada conforme o quadro a seguir:

SENTIDOS DE NÃO OBSTANTE	PARÁFRASES
Concessão	apesar de
	embora
Adversidade	no entanto
	apesar disso

QUADRO 11: ESQUEMA DO CRITÉRIO SEMÂNTICO PARA ANÁLISE DA EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE.

Vejamos exemplos, extraídos do CdP, de cada caso do quadro acima:

7.2.1.1 NÃO OBSTANTE com sentido concessivo

- (84) **SÉCULO XV**
- a. Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os [Título: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443]

SÉCULO XVI

- b. e credito do mundo os apartava de seguirem a verdade da ley de Deos. Ainda que, não **obstante** isto, se fizerão christãos alguns filhos e parentes de Reoquei, e elle dalli a dous annos recebeo o baptismo” [Japam 1. Autor: Frois. Data: 1560-1580]
- c. porque morava perto donde a capella se fazia. E não **obstante** isto foi por diante e em breves dias se acabou, e o corpo da capella se tomou de huma grande camara em [Japam 2. Autor: Frois. Data: 1560-1580]
- d. e sendo delles convidado a jugar, o fez não **obstante** o juramento que tinha feito, quazi envergonhado de lhes responder (por elles serem gentios) que tinha jurado de não [Japam 1. Autor: Frois. Data: 1560-1580]

SÉCULO XVII

- e. a quem naquele mesmo dia um parente seu revelara muitas cousas que D. Antão de Almada lhe havia dito acerca do negócio, e não **obstante** que o tal fidalgo se queria unir aos confederados, com animo de [Título: Relação de tudo que passou na Felice aclamação do mui alto e mui poderoso Rei Dom João o IV, nossosenhôr. Data: 1638]
- f. Vemos que não **obstante** tantos desenganos, os Principes se acomodão a menear suas expediencias, e negocios, antes por mão dos especulativos, que dos práticos, não fazendo algum caso dos exemplos [Título: Epanaphora política primeira. Autor: Francisco Manuel de Melo. Data: 1637]
- g. E não **obstante** que matar a um homem que não pode fazer resistência parece acção indigna, contudo, quando em uma república tão grande como esta, os zelosos, comovidos do amor da Pátria, a [Título: Relação de tudo que passou na Felice aclamação do mui alto e mui poderoso Rei Dom João o IV, nossosenhôr. Data: 1638]

SÉCULO XVIII

- h. procurando com punhadas e afrontas repelir de si os ag,ressores; porém, nao **obstante** que voluntariamente os provocava para que antes lhe tirassem a vida, houve [Título: Academia Universal. Autor: Manuel Consciência. Data: 1732]
- i. para a mesma Cidade, e deixar a alegria destes montes, onde, nao **obstante** as visinhanças da guerra, eu sentia o espírito em paz; e se houvesse [Título: Aventuras de Diófanês. Autor: Teresa Margarida da Silva e Orta. Data: 1752]
- j. pelos caminhos da virtude para fugir aos rigores da contrária fortuna, e que nao **obstante** os defeitos, que teve, foi pasmo de toda a Asia; pelo que [Título: Aventuras de Diófanês. Data: 1752]

SÉCULO XIX

- k. que lhe fizeraõ finalmente perder a razaõ. A sua Jerusalem restaurada, naõ **obstante** o que della tem dito Boiló, he tida por hum Chefe de obra. [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- l. grosseira, que se naõ costuma empregar commumente senaõ nos Edificios rusticos; porém naõ **obstante** esse mais soberbo resto da magnificencia Romana, qual he a columna de Trajano [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- m. Este Tumulo tem passado tambem por huma das sete maravilhas do mundo, naõ **obstante** o que delle disse o Philosopho Anaxagoras de Clasomenes, quando [Título: Compendio. Data: século XIX]

SÉCULO XX

- n. os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, naõ **obstante** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida. [Título: Anjo. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]
- o. disseram sim à decisão de que houvesse a prorrogação do meu mandato. Não **obstante** à articulação de setores governistas, apenas 6 presidentes não votaram. [Título: Paes de Andrade. Data: 05-24-1997]
- p. tem essa corrosao inflacionária, o que representa uma melhoria no seu salário, naõ **obstante** o salário baixo. OP - E quanto às reformas.. IG - As reformas [Título: Ives Gandra. Tipo de texto: oral. Data: 05-26-1997]

7.2.1.2 NÃO OBSTANTE com sentido adversativo

- (85) a. **SÉCULO XVII**
Bem sei que é coisa mui odiosa a que vou dizer; mas, naõ **obstante**, hei-de dizê-la. Entre tantos milhares de pessoas, naõ pode haver um cento que se salve, e até destes duvido." [Título: Nova Floresta. Autor: Manuel Bernardes. Data: 1688]
- b. Por ser nova de grãde alegria para este Reyno se poz nesta Gazeta, naõ **obstante** pertence á do mes de Abril. [Título: Gazeta, em que se relatam as novas todas. Autor: Manuel de Galhegos. Data: 1642]
- c. me satisfaço com a permissão de casar ao duque meu filho donde convenha". Não **obstante** cresciam com as assistências de Lisboa os inconvenientes fomentados do grande poder dos émulos que [Título: Tacito. Autor: F. Manuel de Melo. Data: 1646]

d. **SÉCULO XVIII**

que esta falta sucedia, quando totalmente tinha acalmado o vento, o que não **obstante**, se resolveram a demorarem-se ali aquela noite, para se certificarem se fora ilusão [Teresa Margarida da Silva e Orta. Data: 1752]

e. e que por isso eu, não **obstante**, que ainda não mostrei (como espero, que mostrarei adiante) que injustamente [José de Macedo Fonseca. século XVIII]

f. discurso de sua vida se podia regular por hum só acto de oração, não **obstante** tinha para esta muytas horas deputadas, em que logrou excessos taõ subidos, que [Maria do Ceu. Data: 1721]

g. **SÉCULO XIX**

para o uso continuo, que dellas se póde fazer, ainda, não **obstante**, que esta dê huma [6,1] pequena noção, pelo que sómente permite a brevidade [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva]

h. ouvidos, como a longínqua música de uma batalha de estrangeiros. Ambrosina, não **obstante**, insistia na sua idéia de dar uma festa. O Rêgo [Título: A condessa Vésper. Autor: Aluísio Azevedo. Data: século XIX]

i. Não; porque muitos a consideravaõ como huma chimera, á qual, não **obstante**, elles pareciaõ assentir, por se não exporem ao furor do povo offendendolhe as [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]

j. **SÉCULO XX**

que eles obtinham. O vôo prosseguiu sem mais novidades naquele dia. Não **obstante**, quando pousaram em Marabá, Gil estava mais calmo e esperançoso. O subgrupo [Título: Xambioá: Guerrilha no Araguaia. Autor: Cabral, Pedro Corrêa. Data: 1993]

k. não seriam capazes de lhes dar o conhecimento que a experiência prática proporcionava. Não **obstante**, os " senhores da guerra ", os generais do poder, pouco inteligente-mente" [Título: Xambioá: Guerrilha no Araguaia. Autor: Cabral, Pedro Corrêa. Data: 1993]

l. no entanto, já estava feito. Ainda bem que não havia mortos. Não **obstante**, um soldado da Pato Bravo Três fora atingido por uma bala na panturrilha da [Título: Xambioá: Guerrilha no Araguaia. Autor: Cabral, Pedro Corrêa. Data: 1993]

Analisando os dados em relação à expansão semântica, percebe-se que o sentido inicial de não impedor, citado nos estudos históricos, passa a apesar de (concessão) e, só depois, para no entanto (adversidade).

7.2.2 Critério sintático

Para análise dos dados no âmbito sintático, foram identificadas as seguintes situações⁴⁰:

- A expressão NÃO OBSTANTE seguida por um SN simples. Nessa situação, o NÃO OBSTANTE pode ser parafraseado por *apesar de*.
- A expressão NÃO OBSTANTE seguida por uma oração (sem o elemento QUE) com verbo na forma infinitiva. Essa situação permite que o NÃO OBSTANTE seja parafraseado apenas por *apesar de*.
- A expressão NÃO OBSTANTE seguida imediatamente pelo elemento QUE. Nesses casos o NÃO OBSTANTE também só pode ser substituído por *apesar de*.
- A expressão NÃO OBSTANTE seguida por uma oração (sem o elemento QUE) com verbo no modo subjuntivo. Essa situação permite que o NÃO OBSTANTE seja parafraseado apenas por *embora*.
- A expressão NÃO OBSTANTE em uma posição destacada na frase, geralmente entre vírgulas, com possível mobilidade na sentença. Nesses casos, é possível a paráfrase com *no entanto*.
- A expressão NÃO OBSTANTE antecedida por um SN simples, especificamente as palavras *ISSO* ou *ISTO*. Nesse caso temos um sentido adversativo e a possibilidade de paráfrase da expressão *isso/isto não obstante* por *apesar disso*.

⁴⁰ Além das seis situações listadas a seguir, há casos em que a expressão *não obstante* aparece em uma lista de conjunções e locuções conjuntivas do Português, seja com sentido concessivo, seja com sentido adversativo. No século XVII há o seguinte exemplo: “*Tametsi, conj. || Aindaque, postoque, nam obstante. 1.b. Cic. * Tamia,ae,f.g. || A disppenseira, administradora da casa. 1.b.p.ac*”. (BPereira:Pros8). E, no século XX, foi encontrado o seguinte dado: “*As Conjunções adversativas, taes como: Mas, porém, comtudo, não obstante, ainda que, todavia, &c. servem para marcar opposição; como*” (Ribeiro:Theoria).

Essa divisão sintática dos dados pode se esquematizada, juntamente com a divisão semântica, conforme o quadro a seguir:

SENTIDOS DE NÃO OBSTANTE	PARÁFRASES	CONTEXTOS SINTÁTICOS
Concessão	apesar de	<i>não obstante</i> seguido por um SN simples (com flexão ou não)
		<i>não obstante</i> imediatamente seguido pelo elemento <i>que</i>
		<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo na forma infinitiva
	embora	<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo no modo subjuntivo
Adversidade	no entanto	<i>não obstante</i> em posição destacada, geralmente entre vírgulas, com possível mobilidade na sentença.
	apesar disso	<i>não obstante</i> antecedido por <i>isso</i> ou <i>isto</i>

QUADRO 12 ESQUEMA DO CRITÉRIO SINTÁTICO RELACIONADO AO CRITÉRIO SEMÂNTICO PARA ANÁLISE DA EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE.

Vejamos exemplos de cada contexto sintático esquematizado no quadro acima:

7.2.2.1 NÃO OBSTANTE seguido por SN simples (apesar de)

(86) a. **SÉCULO XV**
 Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os [Título: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443]

SÉCULO XVI

b. e credito do mundo os apartava de seguirem a verdade da ley de Deos. Ainda que, naõ **obstante** isto, se fizerão christãos alguns filhos e parentes de Reoquei, e [Título: Japam 1. Autor: Frois. Data: 1560-1580]

c. porque morava perto donde a capella se fazia. E naõ **obstante** isto foi por diante e em breves dias se acabou, e o corpo da capella se tomou de huma grande camara em [Título: Japam 2. Autor: Frois. Data: 1560-1580]

d. e sendo delles convidado a jugar, o fez naõ **obstante** o juramento que

tinha feito, quazi envergonhado de lhes responder (por elles serem gentios) que tinha jura [Título: Japam 1. Autor: Frois. Data: 1560-1580]

SÉCULO XVII

- e. Porém, nao **obstante** toda esta doutrina, nem os índios, nem os Filósofos, nem a experiência, parece satisfazem bastantemente porque padece as instanci [Título: Crônica de companhia de Jesus. Autor: Simão de Vasconcelos. Data: 1663]
- f. E não **obstante** esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarnição [Título: Arte de Furtar. Autor: Manuel da Costa. Data: 1645]
- g. os Reis no sertão não podem ser poderosos no mar é porque ainda que concedamos, que não **obstante** a ausência dos Reis, se façam as armadas necess [Título: Discursos Vários Políticos. Autor: Manuel Severim de Faria. Data: 1631]

SÉCULO XVIII

- h. a resolveu El-Rei com maior facilidade que uma jornada das Caldas; porém, não **obstante** aquela resolução, sempre votaram que era ditada pelo espírito da soberba e da ambição [Título: Cartas. Autor: Alexandre Gusmão. Data: 1735]
- i. pedra, nem nos sacrificios diminuiu o valor de mais abertos olhos chorosos. Não **obstante** estas duvidas, vendo-a o Padre ainda que indeterminada como [Título: Rellação da Vida e Morte da Serva. Autor: Maria do Ceu. Data: 1721]
- j. namoraram todos com os seus discursos; e, não **obstante** a repugnância de Catão e de alguns outros, os estudos das Belas-Letras se introduziram [Vernei. Data: 1765]

SÉCULO XIX

- k. nobre entusiasmo, feliz presagio dos mais gloriosos resultados. §. 3. Não **obstante** o que fica dito, de todos os autores antigos, que escrevêrão sobre a [Título: Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]
- l. contra a sua própria obra; mas é tudo o que fica. E não **obstante** isso, assim se fez sempre, assim se há-de sempre fazer, porque o [Título: Arco de Sanct'Anna. Autor: Almeida Garrett. Data: século XIX]
- m. nós diríamos sem duvida, que este homem pensou mal, que errou, não **obstante** a verdade do seu juizo: logo a verdade dos nossos conhecimentos deve ter outro [Título: Theoria. Autor: António Leite Ribeiro. Data: século XIX]

SÉCULO XX

- n. meta que há anos se impusera mas da qual jamais se aproximara, não **obstante** insinuações e reverências aos poderosos e solicitações de indicação de amigos influentes na área do [Título: A Greve dos Desempregados. Autor: Beltrão, Luiz. Data: 1984]
- o. dos membros é reservista de terceira categoria.. Sei de muitas empresas que, não **obstante** as obrigações fiscais, incluindo a sua participação significativa no sistema de previdência [Autor: Beltrão, Luiz. Data: 1984]
- p. A um sinal de Kiner, o Gordo levantou-se e assumiu a plataforma. Não **obstante** a gravidade da reunião, Ambrósio não conseguia esconder seu ar jovial e brincalhão [Título: Xambioá: Guerrilha no Araguaia. Autor: Cabral, Pedro Corrêa. Data:1993]

7.2.2.2 NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no infinitivo (apesar de)

- (87) a. **SÉCULO XVI**
contradisoens. v. g. Nam **obstante** confesar, que todas as linguas tem uma ordem natural e necessaria, que conresponde esencialmente à ordem Logica; (30) e que a Gramatica deve dar [Título: Introdução à Gramatica latina. Autor: Verney. Data: século XVI]
- b. E nam **obstante** distinguir a Sintaxe (que é coiza que somente pertence à ordem natural das linguas) do Estilo (que somente pertence ao uzo elegante da Lingua) declarando que a Sintaxe nam se [Título: Introdução à Gramatica latina. Autor: Verney. Data: século XVI]
- c. Bispo de Avranches, e segundo Mestre do Delfim de Fransa, que nam **obstante** ser bem versado na dita Filozofia, contudo nas suas obras mais mimosas, como sam as [Título: Introdução à Gramatica latina. Autor: Verney. Data: século XVI]
- d. porque o intento e alvo do pintor é representar uma ação de Hércules, ou de Aquiles, não **obstante** uma e outra ação ter consigo por necessária consequência outra figura, sem a qual se não deixaria [Título: Poesia e Pintura. Autor: Manuel Pires de Almeida. Data: 1635]
- e. se ele sem companhia alguma pelejasse com dez, ou com cem homens, não **obstante** pedir a representação de tal ação, além da pessoa de Aquiles, mais dez, ou [Título: Poesia e Pintura. Autor: Manuel Pires de Almeida. Data: 1635]
- f. suas pinturas dignas de louvor e de admiração, em que se entende mais

do que se mostra, não **obstante** a arte por si mesma ser grande, contudo a delicadeza e a sutileza a excede; e tais se conta serem as obras de [Título: Poesia e Pintura. Autor: Manuel Pires de Almeida. Data: 1635]

g. **SÉCULO XVIII**

A Senhora Maria do Nascimento, não **obstante** ser quem me entregou a carta de Vossa Mercê, não me falou no memorial” [Título: Cartas. Autor: Alexandre Gusmão. Data: 1735]

h. quem as execute de sorte que se dá por satisfeito o dito virtuoso, não **obstante** tê-las ouvido ao seu autor. Acuda-me Vossa Mercê depressa, a fazer-nos completo [Título: Cartas. Autor: Alexandre Gusmão. Data: 1735]

i. a grande dificuldade que os estrangeiros têm em pronunciar bem a nossa língua, não **obstante** ser labial, porque, não tendo eles ouvido tão esperto para [Título: Verdadeiro Método de Estudar. Data: 1765]

j. **SÉCULO XIX**

ao intendimento aonde se forma o escrupulo, este se despreza pela malícia, não **obstante** conhecer-se digno de suspender a vontade. O da s [Título: Enfermidades. Autor: Manuel José de Paiva. Data: século XIX]

k. chegando até o ponto de fazer crer, que todo o discurso, não **obstante** ser meditado e escripto em casa é feito de repente; por se ver [Título: Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]

l. e no repeito dos outros " §. 3. Advirta-se que, não **obstante** o ser a Allegoria em regra geral uma Metaphora continuada, por ser co [Título: Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]

m. **SÉCULO XX**

não tivesse outras, só aquelas. Mariana nada bebera durante o jantar, não **obstante** Lindolfo ter pedido o vinho alemão da preferência dela, de [Título: Vila Nova da Rainha Doida. Autor: Guerra, Guido Data: 1998]

n. uma redução em seus futuros proventos, escreveu a Geraldo agradecendo a ceia, não **obstante** sentir-se farto do hotel e suspirar por uma atmosfera doméstica. Para tirar o máximo [Título: O Fiel e a Pedra. Autor: Lins, Osman. Data: 1961]

o. Ela olhava para aquêle homem que, não **obstante** estar em mangas de camisa e sem [Título: Rua Augusta. Data: 1962]

7.2.2.3 NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE (apesar de)

(88) **SÉCULO XVII**

- a. ouve quem vio dos muros de Elvas muitos carros de la Mancha; e nao **obstante**, que a maior parte da nossa gente estava repartida pelas otras fronteiras [Autor: Manuel de Galhegos. Data: 1642]
- b. viram ao longe dous batedores a cavallo, em cujo alcance foram: e não **obstante** que elles fugião para Badajós cõ grande vilocidade, os siguiram até que dentro na [Autor: Manuel de Galhegos. Data: 1642]
- c. de que o governador das armas tratava de mandar gente a campanha, e não **obstante** que Manoel de Mello ao prezente se achava na cama sangrado algumas vezes [Autor: Manuel de Galhegos. Data: 1642]

SÉCULO XVIII

- d. pejo foi, em todos os tempos, muito mais arriscada. Sigo, não **obstante** que se não consiga a valedora do amigo Zénon; e melhor se acaso se [Título: Cartas. Autor: Alexandre Gusmão. Data: 1735]
- e. Direi sòmente o que pertence ao meu argumento. Não **obstante** que eu há muitos anos viva nesta opinião que a Ortografia comum é muito má [Título: Verdadeiro Método de Estudar. Data: 1765]
- f. um tritongo, vg Cea, Vea, que pronunciam Ceia, Veia, não **obstante** que na escritura comumente não ponham o i. E nisto merecem riso alguns Portugueses [Título: Verdadeiro Método de Estudar. Autor: Luís António Vernei. Data: 1765]

7.2.2.4 NÃO OBSTANTE seguido por uma oração com verbo no subjuntivo (embora)

(89) a. **SÉCULO XVIII**

que se pudera fazer outro Dictionario. Temos tambem muitas outras palavras, que não **obstante** sejam oriundas da lingua Latina, não as achamos nos Autores Latinos como Conformidade [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo – assinado por Antonio Melo da Fonseca. Data: século XVIII]

b. **SÉCULO XIX**

para instar e intimar o, que se diz; de maneira que, não **obstante** uma tal Figura pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta, isso [Título:

Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]

c. **SÉCULO XX**

importância de todo o sector de a imprensa falar a uma só voz, não **obstante** se saiba como tem sido patente em este congresso que nem sempre é fácil compagnar [Título: PUBLICO:7394:SEC:CLT. Data: 1998]

d. redes de transportes de Lisboa e do Porto tenha vindo a diminuir, não **obstante** a rede se tenha expandido de forma consistente durante décadas. Em Coimbra existe também [Título: eléctrico. Data: século XX]

e. de uma relação social estar em posição de executar a sua própria vontade, não **obstante** haja resistência a [Título: poder.Data: século XX]

7.2.2.5 **NÃO OBSTANTE em posição destacada e com possível mobilidade (no entanto)**

(90) a. **SÉCULO XVII**

Quantos vos parece haverá nesta nossa cidade que se salvem? Bem sei que é coisa mui odiosa a que vou dizer; mas, não **obstante**, hei-de dizê-la. Entre tantos milhares de pessoas, não pode haver um cento que se salve, e até destes duvido. [Título: Nova Floresta. Autor: Manuel Bernardes. Data: 1688]

b. Por ser nova de grãde alegria para este Reyno se poz nesta Gazeta, não **obstante** pertence á do mes de Abril. Cõ todas as licenças. Na Officina de [Título: Gazeta, em que se relatam as novas todas. Autor: Manuel de Galhegos. Data: 1642]

c. me satisfaço com a permissão de casar ao duque meu filho donde convenha". Não **obstante** cresciam com as assistências de Lisboa os inconvenientes fomentados do grande poder dos émulos que [Manuel de Melo. Data: 1646]

d. **SÉCULO XVIII**

que esta falta sucedia, quando totalmente tinha acalmado o vento, o que nao **obstante**, se resolveram a demorarem-se ali aquela noite, para se certificarem se fora ilusão” [Título: Aventuras de Diófames. Autor: Teresa e Orta. Data: 1752]

e. e que por isso eu, não **obstante**, que ainda não mostrei (como espero, que mostrarei adiante) que injustamente [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo. Data: século XVIII)

- f. discurso de sua vida se podia regular por hum só acto de oração, não **obstante** tinha para esta muytas horas deputadas, em que logrou excessos taõ subidos, que [Título: Rellação da Vida e Morte da Serva. Autor: Maria do Ceu. Data: 1721]
- g. **SÉCULO XIX**
Ignorase quem fosse o primeiro. Porém crêmos, não **obstante**, que a Arca de Noé, em que se salvou do Diluvio o Genero [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- h. mas muito ignorante na sua Arte, porém não **obstante** com a sua elegancia, expoz excellentemente os seus designios, e allucinou extremamente o [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- i. O grande Bossuet, não **obstante**, tem delineado o primeiro debuxo de huma Historia Univerversal, na qual elle mostra [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- j. **SÉCULO XX**
e no entanto mais difíceis de fazer: resoluções me-nos importantes e definitivas e não **obstante** mais difíceis de tomar. Apagou a luz e estendeu-se na cama. [Título: O Resto é Silêncio. Autor: Erico Verissimo. Tipo de texto: ficção. Data: 1943]
- k. galope de cavalo. Havia mais belezas de igual quilate e outras originalidades. Não **obstante**, quando apareceu, foi um louco sucesso de riso muito parecido [Título: Os Bruzundangas. Autor: Lima Barreto. Tipo de texto: ficção. Data: século XX]
- l. sua única razão de existir - e também esse pensava em a deixar, não **obstante** vivo.. Ah! que crueldade reserva a sorte às velhas mães viúvas, que [Título: A Luta. Autor: Bandeira de Melo. Data: 1911]

7.2.2.6 NÃO OBSTANTE antecedido por ISSO ou ISTO (apesar disso)

- (91) **SÉCULO XIX**
- a. Advertencia, que precede a este Capitulo I. §. 3. Isto não **obstante**, não deixaremos de convir em que, de todos os assumptos do discurso [Título: Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]
- b. As Figuras mais proprias para recrear são indubitavelmente as de palavras; isto não **obstante** alguns rhetoricos mencionão duas especies de Figuras de pensamento, causadoras de recreio na Elocução [Título:

Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]

- c. e perdas imensas que tive, que me será penoso fazê-lo já. Isto não **obstante**, poder quando quiseres mandar com a tua cautela buscá-lo a esta tua casa. [Título: Letters. Autor: Almeida Garrett. Data: 1835]
- d. **SÉCULO XX**
no extremo mais fino do madeiro, o que diminuiu os movimentos. Isso não **obstante**, a ascensão foi lenta e penosa. Quando o gruneiro apareceu, oscilando sobre [Título: Maria Dusá. Autor: Lindolfo Rocha. Data: 1980]

7.2.3 Critério de frequência

Para a análise da frequência de ocorrência da expressão NÃO OBSTANTE, considerando a hipótese da gramaticalização, foi necessário determinar quais casos teriam uma função mais lexical e quais teriam uma função mais gramatical para podermos estabelecer a frequência de cada forma ao longo dos séculos.

Como estamos diante de uma expressão que, na perspectiva formal, não é considerada, de fato, uma estrutura gramatical da língua, estabelecemos, então, o que seria a forma mais lexical (f.Lex+) e a forma menos lexical (f.Lex-) de NÃO OBSTANTE.

Os casos em que a palavra OBSTANTE apresenta o sentido de impedor foram considerados os mais lexicais, tendo em vista que se trata do sentido primeiro do adjetivo e considerado, assim, o mais concreto. Os casos de NÃO OBSTANTE seguido por um SN simples podem ser considerados como tendo o sentido mais lexical, já que poderiam ser parafraseados por *não impedor*. Os casos de NÃO OBSTANTE seguido por SN poderiam, também, ter a paráfrase com *apesar de*.

Já os casos considerados menos lexicais são, por hipótese, aqueles que apresentam a expressão NÃO OBSTANTE iniciando uma oração com verbo especificamente flexionado no modo subjuntivo e permitindo a paráfrase apenas com o conectivo *embora*. Podemos dizer que estamos diante da forma menos lexical do NÃO OBSTANTE porque, nesses casos, a expressão desempenha um papel nítido de locução conjuntiva concessiva que rege o modo subjuntivo, ou seja, nessa função o NÃO OBSTANTE apresenta maior limitação sintática.

Além disso, é importante considerar o papel de conectivo em uma estrutura de hipotaxe desempenhado pela expressão NÃO OBSTANTE. Considerando a trajetória parataxe > hipotaxe > subordinação e o fato de que quanto maior a integração sintática e a dependência entre as orações, maior o grau de gramaticalização da construção, na análise do NÃO OBSTANTE, podemos afirmar que a forma que parece apresentar maior grau de gramaticalização é aquela que desempenha a função de conectivo subordinativo concessivo (hipotaxe), isto é, o NÃO OBSTANTE concessivo com possibilidade de paráfrase com *embora*.

Até chegarmos a essa etapa menos lexical do NÃO OBSTANTE, podemos falar em, pelo menos, duas etapas intermediárias. A primeira etapa diz respeito aos casos em que a expressão concessiva é seguida por um SN oracional ou não, permitindo a paráfrase com *apesar de*. Outra etapa é aquela em que o NÃO OBSTANTE é imediatamente seguido pela partícula QUE, permitindo também a paráfrase com *apesar de*: trata-se de um uso da expressão que poderia ser caracterizado como locução mais conjunção, ou seja, uso do NÃO OBSTANTE como parte de uma locução conjuntiva, já que a expressão encontra-se unida a uma conjunção, como ocorre com outras locuções conjuntivas do português, como APESAR DE QUE, AINDA QUE.

Paiva (2001) analisou o deslocamento do sintagma preposicional POR CAUSA DE, no âmbito da Gramática de Construções, para a locução conjuntiva POR CAUSA (DE) QUE e constatou que esse deslocamento pode constituir um processo incipiente de gramaticalização de um novo conector de causalidade.

Esse movimento tem seu ponto de partida em um conjunto de propriedades semânticas compartilhadas pelo conector porque e pelo sintagma preposicional que vai culminar na perda de algumas características prototípicas do sintagma preposicional em favor do desenvolvimento de uma função mais sintática de demarcador de cláusulas. Simultaneamente, a locução por causa incorpora características das construções causais com porque e se afasta do seu uso prototípico como constituinte oracional. À medida que adquire uma função mais sintática, o sintagma preposicional vai perdendo sua transparência semântico-pragmática. Essa perda pode ser constatada, por exemplo, no enfraquecimento da noção de agentividade inerente ao item lexical *causa*, assim como da sua força argumentativa, o que pode ser interpretado como um esmaecimento da significação pragmática desse item. Como conector de orações, a locução estende seu uso para diferentes formas de conexão causal e adquire uma posição mais fixa no período. (PAIVA, 2001, p.45)

A partir dessa análise de Paiva (op. cit.), podemos verificar sobre o NÃO OBSTANTE que o caminho trilhado por essa expressão em direção a uma função mais sintática de conector de orações, com posição mais fixa no início período, inicia-se em seu valor concessivo⁴¹, com possibilidade de paráfrase com a locução prepositiva *apesar de*, em seguida, o uso da expressão NÃO OBSTANTE expande-se, e passam a ocorrer os casos de NÃO OBSTANTE seguido de oração sem o QUE (SN oracional) e, depois, seguido de oração introduzida imediatamente pelo QUE. Por fim, chega-se ao uso de NÃO OBSTANTE, ainda com valor concessivo, com possibilidade de paráfrase com *embora* e apresentando as mesmas restrições sintáticas dessa conjunção.

Em suma, tendo em vista os dados coletados e considerando a possibilidade de uma gradualidade dentro do nível lexical, determinamos o seguinte:

- f.lex+ → NÃO OBSTANTE concessivo seguido ou antecedido por SN
- f.lex- → NÃO OBSTANTE concessivo que permite paráfrase com *embora*

Para aferirmos a frequência de ocorrência de NÃO OBSTANTE, consideramos a proposta de Vitral (2006, p. 155). Os procedimentos são os seguintes:

- a) Estabelecemos a frequência de NÃO OBSTANTE em f.lex+ e f.lex- em relação ao número de palavras que compõe o *corpus* de cada século e comparamos os valores encontrados nos vários períodos;
- b) verificamos a frequência de NÃO OBSTANTE em sua forma menos lexical (f.lex-) em relação à soma de NÃO OBSTANTE f.lex+ e f.lex- e comparamos os valores nos vários períodos;
- c) verificamos a frequência de NÃO OBSTANTE em sua forma mais lexical (f.lex+) em relação à soma de NÃO OBSTANTE f.lex+ e f.lex- e comparamos os valores nos vários períodos;

⁴¹ Entendemos, aqui, o sentido de não impedor como concessivo.

Essa análise, segundo Vitral (2006, p.155), pode mostrar o que o autor chama de percurso prototípico de gramaticalização, isto é, o aumento gradativo da frequência de um item em sua função gramatical e a queda gradativa do item em sua função lexical relativamente. No caso de NÃO OBSTANTE, a hipótese é que a frequência da expressão em sua forma menos lexical, com sentido de embora, deve aumentar ao longo dos séculos em relação à forma f.Lex+.

Além disso, será aferida a frequência da expressão NÃO OBSTANTE com sentido de no entanto ao longo dos séculos analisados e verificaremos, assim, em que momento a estrutura NÃO OBSTANTE adquire um valor adversativo e como ocorre a trajetória desse tipo de NÃO OBSTANTE em relação ao NÃO OBSTANTE concessivo.

7.2.4 Critério morfofonético

Como essa parte do estudo é voltada para análise de dados escritos, os aspectos fonético-fonológicos que podem estar relacionados ao processo de gramaticalização não foram considerados.

7.3 Análise dos dados

Para a análise da expressão NÃO OBSTANTE na perspectiva da gramaticalização, é preciso estabelecer o suposto “caminho” pelo qual passa o processo. Ao lançarmos mão da hipótese de que existem itens mais lexicais e outros menos lexicais dentro da categoria lexical da língua, consideramos que o percurso de f.Lex+ para f.Lex- possa ser, também, uma das etapas do processo de gramaticalização. Nesse sentido, segue a análise do NÃO OBSTANTE a partir de critérios sintáticos, semânticos e de frequência da expressão ao longo dos séculos XV ao XX do português.

7.3.1 Aspectos semânticos

Em um primeiro momento, os dados foram analisados conforme um critério semântico. Verificou-se que o sentido inicial de impedor da palavra OBSTANTE passou a dois sentidos distintos ao longo dos séculos quando forma a expressão NÃO OBSTANTE. A partir da paráfrase, os dados de cada período foram organizados de acordo com o sentido da expressão: concessão (quando o NÃO OBSTANTE pode ser parafraseado por *apesar de/embora*) e adversidade (quando o NÃO OBSTANTE pode ser parafraseado por *no entanto/apesar disso*). Vejamos as tabelas a seguir:

TABELA 39: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE CONCESSIVO E ADVERSATIVO EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÚMERO DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	CONCESSÃO		ADVERSIDADE	
		Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XV	2875653	2	7	0	0
SÉC. XVI	4132087	10	24	0	0
SÉC. XVII	2147240	27	126	3	14
SÉC. XVIII	2234951	55	246	8	36
SÉC. XIX	9659332	221	229	223	231
SÉC. XX	20747712	172	83	101	49
Total	41796975	487	117	335	80

TABELA 40: COMPARAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE NÃO OBSTANTE CONCESSIVO E ADVERSATIVO AO LONGO DOS SÉCULOS.

	SEC. XV	SEC. XVI	SEC. XVII	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX
não obstante concessivo	2/2	10/10	24/27	55/63	221/444	172/273
%	100%	100%	89%	87%	50%	63%
não obstante adversativo	0/2	0/10	3/27	8/63	223/444	101/273
%	0%	0%	11%	13%	50%	37%

Como se observa nas tabelas acima e no gráfico a seguir, o sentido concessivo ocorre antes do sentido adversativo:

- NÃO OBSTANTE concessivo: inicia a partir do século XV.
- NÃO OBSTANTE adversativo: inicia a partir do século XVII.

Diante disso podemos afirmar que sentido adversativo da expressão NÃO OBSTANTE é mais recente que o sentido concessivo. E a frequência de NÃO OBSTANTE com ambos os sentidos cresce ao longo da história da língua até determinado período – NÃO OBSTANTE com sentido concessivo cresce do século XV ao século XVIII e NÃO OBSTANTE adversativo cresce do século XVII ao século XIX. Ambos caem no século XX.

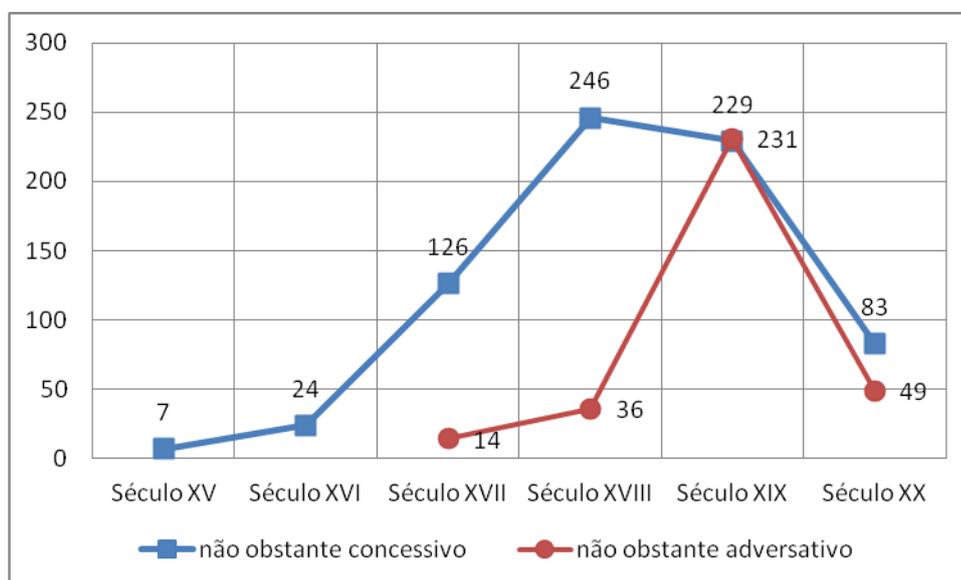


GRÁFICO 3: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE CONCESSIVO E ADVERSATIVO AO LONGO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Observamos que a expressão NÃO OBSTANTE com sentido concessivo apresenta uma pequena queda em sua frequência entre os séculos XVIII e XIX e uma diminuição significativa da frequência de ocorrências entre os séculos XIX e XX. Já o NÃO OBSTANTE com sentido adversativo apresenta um aumento da frequência bastante significativo entre os séculos XVIII e XIX, mas no século XX registra-se uma grande queda em sua frequência.

Assim, de acordo com os dados numéricos obtidos, podemos fazer as seguintes afirmações:

- O sentido adversativo da expressão NÃO OBSTANTE é mais recente que o sentido concessivo.
- O NÃO OBSTANTE com sentido concessivo começou a diminuir sua frequência antes do sentido adversativo. E a queda de um ocorreu exatamente na época em que houve um aumento significativo do outro.

Considerando a proposta de que a combinação de orações em si pode ser tratada no âmbito da gramaticalização, teríamos um *cline* de mudança seguindo a trajetória parataxe > hipotaxe > subordinação, em que o padrão oracional à direita (subordinação) seria mais gramatical que o padrão oracional à esquerda (parataxe). Nesse sentido, conforme a hipótese de unidirecionalidade da gramaticalização, uma estrutura de hipotaxe seria mais gramatical e viria depois de uma estrutura de parataxe. Nossa análise da construção NÃO OBSTANTE mostra que o NÃO OBSTANTE concessivo (hipotaxe) ocorre paralelamente ao NÃO OBSTANTE adversativo (parataxe).

7.3.2 Aspectos sintáticos

Seguindo à organização semântica dos dados, foi feita uma análise através de critérios sintáticos, estabelecendo os contextos em que a expressão NÃO OBSTANTE ocorre. A tabela a seguir mostra a frequência de NÃO OBSTANTE conforme essa análise:

TABELA 41: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE EM 10.000.000 PALAVRAS CONSIDERANDO ASPECTOS SINTÁTICOS

		<i>não obstante</i> seguido por um SN simples	<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo no modo infinitivo	<i>não obstante</i> imediatamente seguido pelo elemento “que”	<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo no modo subjuntivo	<i>não obstante</i> em posição destacada, geralmente entre vírgulas, com certa mobilidade na sentença	<i>não obstante</i> antecedido por <i>isso</i> ou <i>isto</i>
PERÍODO		SENTIDO CONCESSIVO				SENTIDO ADVERSATIVO	
SÉCULO XV	Ocorrência	2	0	0	0	0	0
	Frequência ponderada	7,0	0	0	0	0	0
SÉCULO XVI	Ocorrência	6	4	0	0	0	0
	Frequência ponderada	14,5	9,7	0	0	0	0
SÉCULO XVII	Ocorrência	13	6	8	0	3	0
	Frequência ponderada	60,5	27,9	37,3	0	14,0	0
SÉCULO XVIII	Ocorrência	32	12	10	1	8	0
	Frequência ponderada	143,2	53,7	44,7	4,5	35,8	0
SÉCULO XIX	Ocorrência	139	81	0	1	219	4
	Frequência ponderada	143,9	83,9	0	1,0	226,7	4,1
SÉCULO XX	Ocorrência	126	40	0	6	100	1
	Frequência ponderada	60,7	19,3	0	2,9	48,2	0,5
TOTAL	Ocorrência	318	143	18	8	330	5
	Frequência ponderada	76,1	34,2	4,3	1,9	7,9	1,2

7.3.2.1 NÃO OBSTANTE seguido por SN simples

O gráfico a seguir mostra o percurso da frequência de NÃO OBSTANTE seguido por um SN simples ao longo da história da língua:

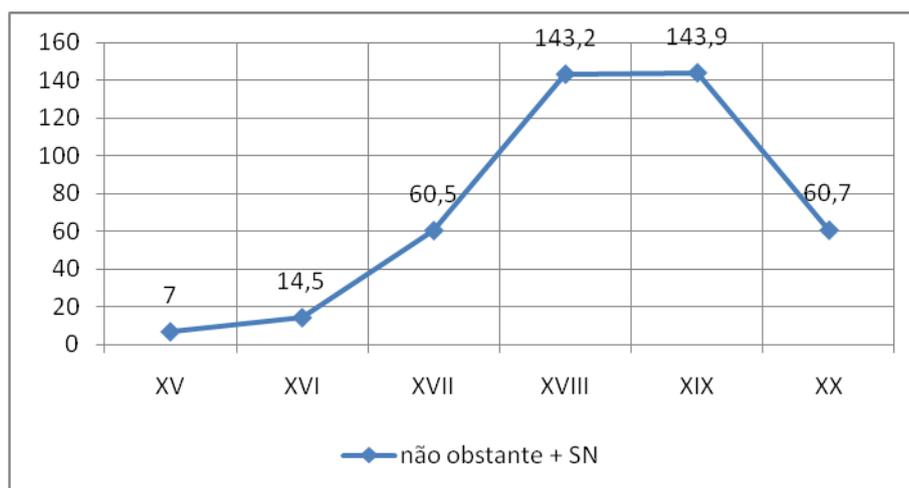


GRÁFICO 4: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE SEGUIDO POR UM SN SIMPLES AO LONGO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Esses casos de NÃO OBSTANTE apresentam apenas o sentido de concessão e podem ser parafraseados por *apesar de*. Observe o exemplo (81) a seguir e a paráfrase feita em (92):

- (81) Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ [Título: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443]

Possível paráfrase do exemplo (81):

- (92) Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e **apesar [d]isto**, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, aquillo naõ

É importante ressaltar que esse SN a que o NÃO OBSTANTE faz referência pode apresentar-se no singular ou no plural. No *corpus* analisado, foram encontrados casos em que o adjetivo OBSTANTE estabelece a concordância de

número com o SN no plural a que se refere, e casos em que esse tipo de concordância não ocorre. Vejamos os exemplos:

- (93) pronûciarẽ A qual constituiã queremos que se cumpre & se pratique nas nosas audiências nõ **obstãte** as ditas constituições de nossos predeçessores abseruãcia dellas de que como dissemos se siguiã gastos [14:Sousa:Bispado]
- (94) o erro derradeiro mayor muito que o primeiro.Como dezia Jesu Christo nosso senhor: Nam **obstantes** estas rezões outros tem o feito por licito & meritorio: porque se os senhores [Autor: Antonio Pinheiro. Data: 1551]

Assim, a expressão NÃO OBSTANTE seguida por um SN simples seria a forma mais lexical que temos registro no *corpus* analisado. Esses casos seriam mais lexicais, pois mantêm a referência a um SN, e a palavra OBSTANTE apresenta, em alguns casos, flexão de número, estabelecendo a concordância entre o adjetivo e o SN a que faz referência. Além disso, trata-se das primeiras ocorrências da construção NÃO OBSTANTE que encontramos, conforme a pesquisa realizada no CdP.

Vale ressaltar que, no século XV, primeiro período em que aparecem casos da expressão NÃO OBSTANTE, há apenas um caso com SN no plural e, neste único caso, o NÃO OBSTANTE não apresenta flexão de número, conforme ilustra o exemplo (93) anterior. No século XVI aparecem os primeiros casos de NÃO OBSTANTE no plural, concordando com o SN a que faz referência, conforme o exemplo (94). Esses casos ocorrem, porém, apenas nos séculos XVI e XVII, e juntamente ocorrem também casos de NÃO OBSTANTE no singular com SN no plural nesses períodos. A partir do século XVIII não há mais flexão do NÃO OBSTANTE no *Corpus do Português*.

7.3.2.2 NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no infinitivo

A partir do século XVI começam a aparecer casos da expressão NÃO OBSTANTE seguida por oração com verbo no infinitivo: seriam casos de SNs em forma de oração nominal com sentido concessivo e que permitem a paráfrase com

apesar de. O gráfico a seguir mostra o percurso da frequência desses casos na história da língua:

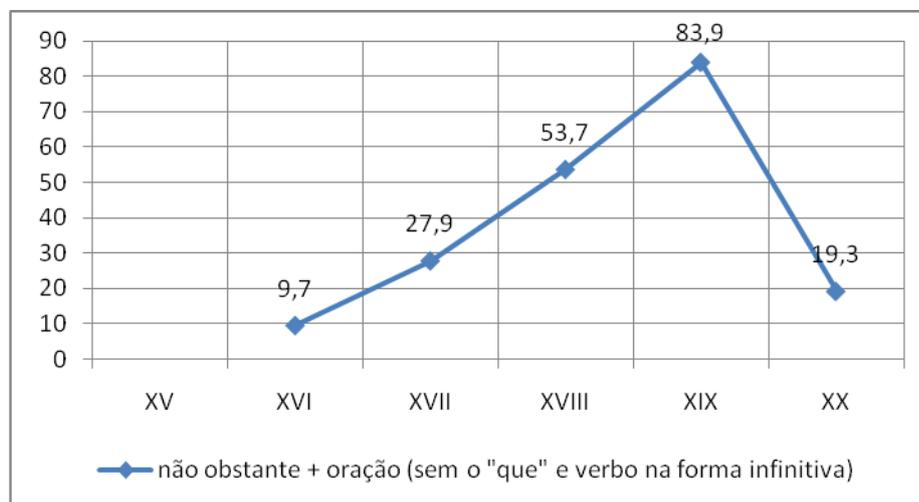


GRÁFICO 5: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE SEGUIDO POR ORAÇÃO (SEM O ELEMENTO QUE) COM VERBO NO INFINITIVO AO LONGO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Vejamos a possibilidade de paráfrase com esse caso de NÃO OBSTANTE:

- (95) E daqui sem dúvida procedia que os Romanos, que não **obstante** ser a língua Latina a sua língua vulgar, aprendiam a Gramática dela (Título: Regras da Língua Portuguesa. Autor: Jerónimo Contador de Argote. Data: 1724)

Possível paráfrase do exemplo (95):

- (96) E daqui sem dúvida procedia que os Romanos, que **apesar de** ser a língua Latina a sua língua vulgar, aprendiam a Gramática dela

Esses casos de NÃO OBSTANTE mostram o início do uso da expressão encabeçando uma oração. O adjetivo OBSTANTE, nesses casos, perde a flexão, mas mantém a referência a um SN oracional, caracterizado por apresentar verbos no infinitivo. Trata-se, assim, de um caso intermediário entre a forma mais lexical e menos lexical da expressão.

7.3.2.3 NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE

Há, ainda, os casos em que o NÃO OBSTANTE é imediatamente seguido pela partícula QUE. Trata-se de um uso da expressão que contribui para o estatuto de locução conjuntiva do NÃO OBSTANTE, já que esta se encontra unida a uma conjunção, como ocorre com outras locuções conjuntivas do português, como: APESAR DE QUE, MESMO QUE, AINDA QUE etc. O uso de NÃO OBSTANTE QUE iniciou no século XVII, aumentou sua frequência no século XVIII e, a partir daí, não mais se teve registro desses casos no *Corpus do Português*.

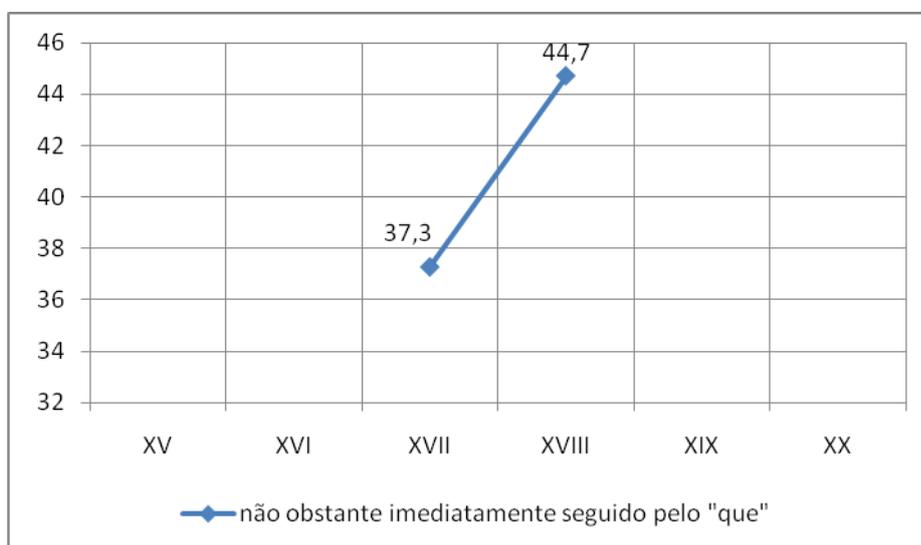


GRÁFICO 6: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE IMEDIATAMENTE SEGUIDO PELO ELEMENTO QUE AO LONGO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

A possibilidade de paráfrase desse caso de NÃO OBSTANTE pode ser vista seguir:

- (97) cuja inabilidade para tudo pode ter bem conhecido V. P. Rev.ma Não **obstante** que a singular honra que S. M. se digna fazer à Companhia não [Título: Cartas. Autor: Padre Antônio Vieira. Data: 1626-1692]

Possível paráfrase do exemplo (97):

- (98) cuja inabilidade para tudo pode ter bem conhecido V. P. Rev.ma **Apesar de** que a singular honra que S. M. se digna fazer à Companhia não

Os casos de NÃO OBSTANTE QUE verificados no século XVII introduzem orações com verbos flexionados apenas no modo indicativo. No século XVIII, porém, registramos 10 (dez) ocorrências de NÃO OBSTANTE QUE, e apenas 2 (duas) introduzem orações com verbos flexionados no modo indicativo, nas outras 8 (oito) ocorrências, o NÃO OBSTANTE QUE inicia uma oração com verbo flexionado no modo subjuntivo. Vejamos, nos exemplos a seguir, casos de NÃO OBSTANTE imediatamente seguido pelo elemento QUE e o uso do verbo no indicativo e no subjuntivo:

- (84e) que D. Antão de Almada lhe havia dito acerca do negócio, e não **obstante** que o tal fidalgo se queria unir aos confederados, com animo de (16:AclamaJoao)
- (97) cuja inabilidade para tudo pode ser bem conhecido V.P.Rev.ma Não **obstante** que a singular honra que S.M. se digna fazer à Companhia (16:Vieira:Cartas)
- (99) que não hesempre infallivel esta doutrina, deprehendendo e vendo, que não **obstante** que nelle não signifiquem algum som as duas Letras P e T, que os [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca). Data: século XVIII]
- (100) devemos entender relativo eos as turbas, e não os Fariseos e Doutores, não **obstante** que esteja mais remoto o substantivo Turbac, e não seja do [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca). Data: século XVIII]

Esses casos de NÃO OBSTANTE QUE parecem compor mais um estágio intermediário entre as formas mais lexicais, isto é, NÃO OBSTANTE seguido por um SN, e menos lexicais, pois o NÃO OBSTANTE seguido pela partícula QUE não flexiona e introduz o uso do verbo no modo subjuntivo, contribuindo para o estabelecimento do caráter de locução conjuntiva da expressão em análise. Não tratamos esses casos como sendo os menos lexicais, já que o NÃO OBSTANTE não constitui, sozinho, a locução conjuntiva, mas apenas a integra.

7.3.2.4 NÃO OBSTANTE seguido por oração com verbo no modo subjuntivo

O uso de NÃO OBSTANTE diante de uma oração com verbo no modo subjuntivo parece ser o emprego menos lexical da expressão, uma vez que temos as seguintes características: trata-se de uma locução que inicia uma oração subordinada concessiva, apresenta uma posição sintática fixa; nesses casos a paráfrase só é permitida com a conjunção *embora* e há uma restrição quanto ao modo verbal, ou seja, a expressão NÃO OBSTANTE rege, nesses casos, o modo subjuntivo do verbo da oração a que introduz, isto é, apresenta mais uma especificação gramatical, tornando-a, por hipótese, menos lexical em relação aos casos citados anteriormente. Conforme vimos, o NÃO OBSTANTE QUE, com o verbo opcionalmente no subjuntivo, foi o gatilho para esses casos de NÃO OBSTANTE com valor de *embora*.

- (79) os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **não obstante** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida [Título: Anjo sec XX]

Possível paráfrase do exemplo (79):

- (80) os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **embora** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida.

Vejamos o gráfico a seguir que mostra a trajetória da frequência dessa forma de *não obstante* ao longo dos séculos:

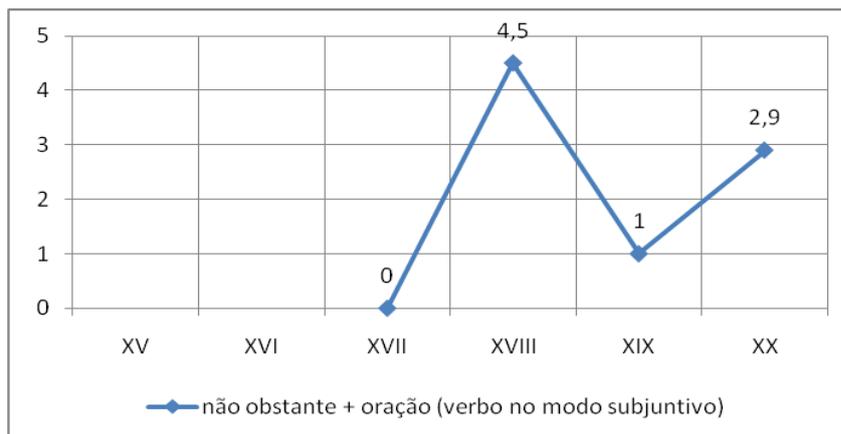


GRÁFICO 7: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE SEGUIDO POR ORAÇÃO (SEM O ELEMENTO QUE) COM VERBO NO MODO SUBJUNTIVO AO LONGO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Assim, no percurso da gramaticalização do NÃO OBSTANTE teríamos:

(1) particípio presente > adjetivo



(2a) NÃO OBSTANTE + SN (apesar de)

SÉCULO XV



(2b) NÃO OBSTANTE + SN oracional (apesar de)

SÉCULO XVI



(2c) NÃO OBSTANTE seguido pelo QUE (apesar de)

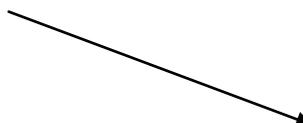
(início do uso de NÃO OBSTANTE com verbo no subjuntivo)

SÉCULO XVII



(3) NÃO OBSTANTE + oração com verbo no subjuntivo (apesar de que / embora)

SÉCULO XVIII



(4) NÃO OBSTANTE com possível mobilidade na sentença (apesar disso / no entanto)

SÉCULO XVII

Nesse percurso, a etapa mais lexical seria a (2a) – NÃO OBSTANTE + SN, considerando-se o primeiro registro da construção em análise que encontramos no CdP (século XV). A etapa menos lexical da expressão teria iniciado no século XVIII, quando a expressão NÃO OBSTANTE passa a desempenhar uma função de conectivo concessivo com maior limitação sintática. Essa forma f.Lex- do NÃO OBSTANTE parece englobar a conjunção QUE a que nos referimos anteriormente nos casos de NÃO OBSTANTE QUE: veja que o NÃO OBSTANTE com valor de embora constitui a própria locução conjuntiva. Assim, poderíamos falar que houve reanálise da construção NÃO OBSTANTE associada ao processo da metonímia.

7.3.2.5 NÃO OBSTANTE com mobilidade na sentença

Esses casos de NÃO OBSTANTE apresentam certa mobilidade, avaliada na contemporaneidade, o que indica um uso diferenciado em relação aos casos anteriores. Observe os exemplos a seguir:

- (90g) Ignorase quem fosse o primeiro. Porém crêmos, naõ **obstante**, que a Arca de Noé, em que se salvou do Diluvio o Genero [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- (90i) O grande Bossuet, naõ **obstante**, tem delineado o primeiro debuxo de huma Historia Univerversal, na qual elle mostra [Título: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Data: século XIX]
- (101) Muitos organismos usam a intensa e variável energia física como subsídio. Não **obstante**, todas estas mudanças impõem “stress” considerável nos organismos estuarinos como [Título: Estuário. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]

Nos exemplos acima, temos a expressão NÃO OBSTANTE com sentido adversativo de no entanto, mas em cada caso ela encontra-se em uma posição diferente na frase: em (90g), a expressão está entre o verbo e seu complemento, em (90i), o NÃO OBSTANTE encontra-se entre o sujeito e o predicado da frase e, em (101), a expressão inicia o período. Veja nos exemplos (102) a (104) a seguir que, em

todos os casos acima, a locução NÃO OBSTANTE poderia ter sua posição alterada na sentença sem que houvesse alteração de sentido hoje:

- (102) **não obstante** cremos que a Arca de Noé, em que se salvou do Dilúvio o Genero...
- (103) O grande Bossuet tem, **não obstante**, delineado o primeiro debuxo de huma Historia Univerversal...
- (104) Muitos organismos usam a intensa e variável energia física como subsídio. Todas estas mudanças, **não obstante**, impõem “stress” considerável nos organismos estuarinos como

A trajetória dessa forma do NÃO OBSTANTE pode ser visualizada no gráfico a seguir:

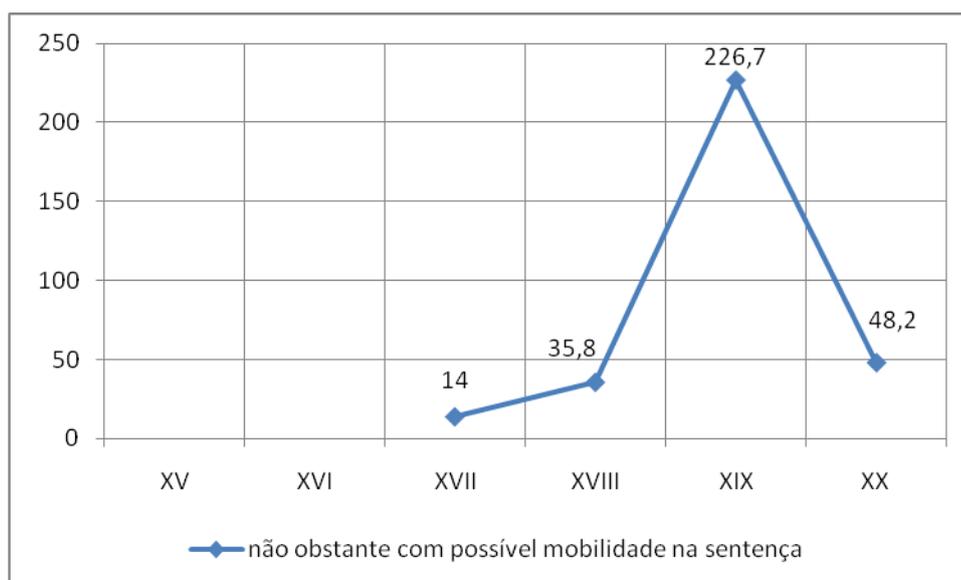


GRÁFICO 8: PERCURSO DE NÃO OBSTANTE EM POSIÇÃO DESTACADA, COM POSSÍVEL MOBILIDADE NA SENTENÇA, AO LONGO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Nesses casos, a expressão NÃO OBSTANTE parece significar o mesmo que *apesar disso/disto*, ou seja, a própria expressão engloba o sentido do SN simples ou oracional a que se refere no contexto. Vejamos os exemplos a seguir:

- (90j) resoluções me-nos importantes e definitivas e não **obstante** mais difíceis de tomar. Apagou a luz e estendeu-se na cama. Lá fora [Título: O Resto é Silêncio. Autor: Érico Veríssimo. Tipo de texto: ficção. Data: 1943]

- (85a) Bem sei que é coisa mui odiosa a que vou dizer; mas, não **obstante**, hei-de dizê-la. Entre tantos milhares de pessoas, não pode haver um cento que se salve, e até destes duvido.” [Título: Nova Floresta. Autor: Manuel Bernardes. Data: 1688]

Nos exemplos (90j) e (85a), podemos perceber que o SN ISSO a que a expressão APESAR DE faria referência na sentença pode ser inferido na própria locução NÃO OBSTANTE.

Poderíamos, talvez, falar que, nesses casos, também temos a reanálise da expressão NÃO OBSTANTE associada ao processo cognitivo da metonímia. Tais casos, porém, não fazem parte do percurso da gramaticalização em que a forma adquire características mais gramaticais ao longo do tempo. Conforme tal percurso, a expressão trilharia um caminho em direção a uma maior limitação sintática, ao passo que esses casos de NÃO OBSTANTE com valor de no entanto mostram uma característica oposta: uma maior mobilidade na sentença. Trata-se, conforme apresenta Bechara (2001, p.322) de uma locução com valor adverbial que marca uma relação textual e não desempenha o papel de conector.

7.3.2.6 NÃO OBSTANTE antecedido por ISSO ou ISTO

Quando o NÃO OBSTANTE é antecedido por ISSO ou ISTO, não conseguimos fazer uma paráfrase com o mesmo critério usado nos demais dados. Nesse tipo de ocorrência, o NÃO OBSTANTE, juntamente com os pronomes ISSO ou ISTO, parece formar uma expressão adversativa que poderia ser parafraseada por *apesar disso*. Vejamos:

- (91d) no extremo mais fino do madeiro, o que diminuiu os movimentos. Isso não **obstante**, a ascensão foi lenta e penosa. Quando o gruneiro apareceu, oscilando sobre [Título: Maria Dusá. Autor: Lindolfo Rocha. Data: 1980]

Possível paráfrase do exemplo (91d):

(105) no extremo mais fino do madeiro, o que diminuiu os movimentos. **Apesar disso**, a ascensão foi lenta e penosa. Quando o gruneiro apareceu, oscilando sobre

Veja que a paráfrase não é feita apenas com o NÃO OBSTANTE, mas sim com toda a expressão constituída pelos pronomes ISSO ou ISTO seguidos do NÃO OBSTANTE.

No *corpus* encontramos quatro ocorrências desses casos no século XIX e apenas uma ocorrência no século XX. Nos demais séculos não apareceu a expressão NÃO OBSTANTE antecedida por ISSO ou ISTO.

7.3.3 Reanálise de NÃO OBSTANTE

O processo de mudança a que a expressão NÃO OBSTANTE parece ter-se envolvido no português pode ser analisado sob o ponto de vista da reanálise. Nesse sentido, a estrutura NÃO OBSTANTE, ao ser reanalisada como locução conjuntiva concessiva, recebe uma nova interpretação sintática: a palavra OBSTANTE deixa de fazer parte do grupo de adjetivos da língua e passa a integrar uma locução invariável com a função de estabelecer uma relação semântica entre orações. Poderíamos dizer que ocorre, nesse caso, a junção de duas palavras (NÃO + OBSTANTE) na constituição de uma estrutura indissociável com a função de uma conjunção concessiva.

Conforme vimos na fundamentação teórica desta tese (cf. tópico 3.2.1), a reanálise não acarreta necessariamente mudança na estrutura superficial, assim, é possível que, em algum momento do processo de mudança, duas estruturas subjacentes distintas coexistam e gerem ambiguidade de interpretação. Em relação ao NÃO OBSTANTE, podemos apontar os dois extremos do processo de mudança: de um lado, os casos de NÃO OBSTANTE seguidos por SN simples, de outro lado, os casos de NÃO OBSTANTE com valor de embora. E há, também, os casos intermediários que podem nos mostrar essa ambiguidade de interpretação gerada no processo de reanálise da estrutura. Vejamos em exemplos:

- (106) Pedia-se o feitio dos benefícios que se lhe fazião. Não **obstantes** estes impedimentos prosseguia o Irmão diante com suas pregações, e o príncipe continuava em (15:Frois:Japam13)
- (90b) para instar e intimar o, que se diz; de maneira que, não **obstante** uma tal Figura pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta, isso todavia não [Título: Eloquencia. Autor: Francisco Freire de Carvalho. Data: século XIX]

No exemplo (106), temos a estrutura **não + adjetivo**, em que o adjetivo OBSTANTE concorda em número com o SN a que se refere, e podemos interpretar essa estrutura como *não* (verbo *ser*) *obstante*, como em (107) a seguir:

- (107) Pedia-se o feitio dos benefícios que se lhe fazião. **Não sendo obstantes** estes impedimentos prosseguia o Irmão diante com suas pregações, e o príncipe continuava em

Já em (90b), temos a construção NÃO OBSTANTE com valor de locução conjuntiva concessiva, e podemos interpretá-la como *embora*, como em (108) a seguir:

- (108) para instar e intimar o, que se diz; de maneira que, **embora** uma tal Figura pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta, isso todavia não

Vejamos, agora, que não podemos inserir o verbo SER entre o NÃO e o adjetivo OBSTANTE no exemplo (109), mostrando, assim, o caráter mais de locução conjuntiva do NÃO OBSTANTE com valor de *embora* e, por isso, menos lexical:

- (109) para instar e intimar o, que se diz; de maneira que, **não *sendo obstante** uma tal Figura pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta, isso todavia não

Já os casos intermediários, constituídos pela estrutura NÃO OBSTANTE QUE, permitiriam duas interpretações do NÃO OBSTANTE na sentença, ora com a possibilidade de inserirmos o verbo SER entre o NÃO e o adjetivo, ora com a possibilidade de análise da construção como locução conjuntiva concessiva. Vejamos, novamente, o exemplo (100):

- (100) devemos entender relativo eos as turbas, e não os Fariseos e Doutores, não **obstante** que esteja mais remoto o substantivo Turbac, e não seja do [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca). Data: século XVIII]

A expressão NÃO OBSTANTE QUE, no exemplo (100), pode ser interpretada de duas maneiras:

- (110) devemos entender relativo eos as turbas, e não os Fariseos e Doutores, **não sendo obstante** que esteja mais remoto o substantivo Turbac, e não seja do
- (111) devemos entender relativo eos as turbas, e não os Fariseos e Doutores, **embora** esteja mais remoto o substantivo Turbac, e não seja do

Essas possíveis interpretações mostram não só a ambiguidade gerada por um processo de reanálise em curso, mas também a gradualidade do processo.

O NÃO OBSTANTE se torna mais fixo encabeçando uma oração com verbo no subjuntivo. Teria ocorrido, então, a reanálise do NÃO OBSTANTE (apesar de), que parece englobar o QUE da locução NÃO OBSTANTE QUE, constituindo, assim, a própria locução conjuntiva concessiva (com valor de embora) que seleciona apenas verbos no subjuntivo. Teríamos, então, a parte (NÃO OBSTANTE) pelo todo (NÃO OBSTANTE QUE).

Além dessa mudança de **não + adjetivo** para locução conjuntiva concessiva, o NÃO OBSTANTE também adquire, ao longo de seu processo de mudança, uma função textual, conforme Bechara (2001), quando se apresenta com o sentido de no entanto. Podemos observar nessa reanálise o processo de metonímia, já que a interpretação desse sentido adversativo é feita acionando mecanismos de entendimentos que envolvem mais aspectos do que está sendo referido.

os conceitos metonímicos não são arbitrários, são sistematizados, fazem parte de pensamos, ações de fala, e podem ser exemplificados, principalmente, através de relações de substituição 'da parte pelo todo', 'do produtor pelo produto', 'do objeto usado pelo usuário', 'do controlador pelo controlado', 'da instituição pela pessoa responsável', 'do lugar pela instituição', e assim por diante (GONÇALVES et al, 2007, p.46)

Em NÃO OBSTANTE, temos uma extensão do significado da expressão quando ela começa a ser usada com sentido adversativo, e esse valor semântico pode ser interpretado a partir da relação “parte pelo todo”, um caso de metonímia: o NÃO OBSTANTE pode ser interpretado como *apesar de*, mas no caso em que ele adquire o valor de *no entanto*, o NÃO OBSTANTE passa a ser interpretado como *apesar disso*, ou seja, ele traz mais informações do que o que está escrito.

Assim, a expressão NÃO OBSTANTE com valor concessivo também parece ter passado por um processo de reanálise ao poder ser interpretada como uma locução de valor adversativo. Em um determinado momento, a estrutura NÃO OBSTANTE tem o sentido concessivo de *apesar de* e faz referência a um SN:

- (81) Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, aquillo naõ podia ser outra cousa, se naõ que o Infante se tornara Mouro na vontade. [Título: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443]

Depois, parece ocorrer um processo de reanálise, mas não gramaticalização, em que a expressão NÃO OBSTANTE passa a englobar o SN a que faz referência, adquirindo, assim, o valor de adversidade. Veja no exemplo a seguir que o NÃO OBSTANTE adversativo pode ser interpretado como NÃO OBSTANTE ISSO ou APESAR DISSO:

- (85a) Bem sei que é coisa mui odiosa a que vou dizer; mas, naõ **obstante**, hei-de dizê-la. Entre tantos milhares de pessoas, não pode haver um cento que se salve, e até destes duvido.” [Título: Nova Floresta. Autor: Manuel Bernardes. Data: 1688]

Com essa mudança, o NÃO OBSTANTE não só adquire o sentido de adversidade, como também ganha mobilidade na sentença e, ainda, um valor textual, conforme Bechara, 2001.

7.3.4 Frequência

A respeito da frequência da expressão NÃO OBSTANTE na história do português, seguimos a proposta de Vitral (2006), analisando a frequência do NÃO OBSTANTE tendo em vista os casos em que a expressão encontra-se em sua forma mais lexical (f.Lex+) e em sua forma menos lexical (f.lex-).

- f.lex+ → NÃO OBSTANTE concessivo seguido ou antecedido por SN
- f.lex- → NÃO OBSTANTE concessivo que permite paráfrase com *embora*

Verificamos, então, a frequência de NÃO OBSTANTE em f.Lex+, e de NÃO OBSTANTE em f.Lex- em relação à soma de NÃO OBSTANTE f.Lex+ e f.Lex-. Vejamos:

TABELA 42: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE F.LEX+ E F.LEX- EM 10.000.000 DE PALAVRAS.

PERÍODO	NÚMERO DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	NÃO OBSTANTE EM F.LEX+		NÃO OBSTANTE EM F.LEX-	
		Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XV	2.875.653	2	7	0	0
SÉC. XVI	4.132.087	6	15	0	0
SÉC. XVII	2.147.240	13	61	0	0
SÉC. XVIII	2.234.951	32	143	1	4
SÉC. XIX	9.659.332	139	144	1	1
SÉC. XX	20.747.712	126	61	6	3
Total	41.796.975	318	76	8	2

Para aferir se há significância estatística em relação à diferença na frequência de NÃO OBSTANTE em cada período, utilizamos o teste do *qui-quadrado*. Esse teste, como já foi mencionado, tem como princípio básico a comparação das proporções entre as frequências observadas e esperadas de certo fato. No nosso caso, estamos trabalhando com a ocorrência de NÃO OBSTANTE em f.Lex+ e f.Lex- ao longo dos séculos. Quando as frequências observadas não são diferentes das frequências esperadas, temos, então, a hipótese nula. Quando as frequências observadas são diferentes das frequências esperadas, temos a hipótese alternativa.

A respeito da análise do NÃO OBSTANTE, a hipótese é nula se não há diferença significativa na ocorrência da expressão entre um século e outro. Assim, a partir desse teste, chega-se a um valor, também chamado de p-valor, que nos fornece o risco de estarmos errados ao declarar falsa a hipótese nula, ou seja, ao entendermos que existe diferença significativa na ocorrência de NÃO OBSTANTE entre um século e outro. Por convenção, se o p-valor é menor que 0,05, então ele é estatisticamente significativo, se for maior, ele não mostra significância estatística.

Vejamos a aplicação do teste do *qui-quadrado* considerando os dados de frequência de NÃO OBSTANTE em relação ao total de ocorrências da expressão em f.Lex+ e f.Lex-:

TABELA 43: NÃO OBSTANTE EM F.LEX+ E F.LEX-. VALOR PONDERADO EM 10.000.000 DE PALAVRAS –TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
não obstante f.Lex+	143	144	61	348
não obstante f.Lex-	4	1	3	8
TOTAL	147	145	64	356

PERÍODO	P-VALOR
Séculos XVIII e XIX	0,18
Séculos XIX e XX	0,051

Em relação ao total de ocorrências de NÃO OBSTANTE, a forma f.Lex+ da expressão apresenta um pequeno aumento no século XIX, enquanto a forma f.Lex- diminui bastante neste mesmo período. Já em relação período que vai do século XIX ao XX, a forma f.Lex- aumenta, enquanto a forma f.Lex+ diminui. O total das formas também diminui do século XVIII para o XIX e do século XIX para o XX. O que se verifica, a partir do teste do *qui-quadrado*, é que o p-valor obtido na relação entre os séculos XVIII e XX e entre os séculos XIX e XX é maior que 0,05, ou seja, a diferença na frequência de NÃO OBSTANTE f.Lex+ e f.Lex- não é significativa nesses períodos.

Considerando os valores obtidos a respeito da frequências das formas de NÃO OBSTANTE, a princípio, não poderíamos falar em um processo prototípico de gramaticalização, conforme propõe Vitral (2006), já que não há um aumento

contínuo da f.Lex- ao longo do tempo. O NÃO OBSTANTE f.Lex- surge no século XVIII, mas, no século XIX, sua frequência de ocorrência diminui, depois cresce no século XX. Se compararmos os séculos XVIII e XX, no entanto, não verificamos um aumento na frequência da expressão ao longo desse período: veja que a frequência de NÃO OBSTANTE f.Lex- no século XX é menor que a frequência registrada no século XVIII.

É possível que tenha ocorrido interferência de um processo de variação entre o NÃO OBSTANTE f.Lex- e outro item com mesma função e valor semântico. A competição entre essas formas pode ter influenciado essa queda na frequência do NÃO OBSTANTE menos lexical no século XIX.

Como vimos, entre os estágios que caracterizam um processo de gramaticalização, encontra-se o princípio da estratificação. Segundo esse princípio, uma nova forma pode surgir a partir de outra, por gramaticalização, sem que outras formas, com mesma função, deixem de existir. Assim, teríamos formas distintas desempenhando a mesma função num mesmo contexto, ou seja, poderia ocorrer, a partir daí, um processo de variação linguística.

Nesse sentido, analisamos a produtividade de NÃO OBSTANTE em sua forma menos lexical verificando sua frequência comparativamente ao item EMBORA como locução conjuntiva concessiva, isto é, um item que desempenha o mesmo valor de NÃO OBSTANTE em f.Lex-.

Ali (1964) e Câmara (1979) observaram que a locução *em boa hora* passou a comportar-se como conjunção, por um processo de aglutinação, e começou a ser utilizada para subordinar orações concessivas. Porém, foi Ali (1964) que resgatou o valor semântico da locução adverbial que deu origem a essa concessiva.

Conforme o autor, no século XV, a locução adverbial *em boa hora* era utilizada para desejar bom augúrio, uma vez que, de acordo com a crença da época, o sucesso das ações dependia da hora em que elas eram realizadas. Esse uso pode ser verificado nos seguintes exemplos dados pelo autor:

(01) Vaamos *em boa hora* nosso caminho (Zurara, *Guiné* 337)

(02) Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (*ib.* 186)

Com o passar do tempo, segundo Ali, a locução sofreu uma aglutinação e passou a ter a forma *embora*, sendo utilizada com os verbos de movimento *ir* e *vir*. Além disso, o gramático afirma que, no século XVII, o advérbio passou a ser utilizado em frases optativas para marcar que o falante não se opunha a alguma ação. Esse contexto linguístico, segundo ele, foi o

responsável pelo surgimento do valor concessivo presente hoje no português, conforme exemplo dado por ele:

(03) Respondeu por vezes que morressem muito *embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, *Cartas* 1, 118)

(FELÍCIO, 2008, p. 10)

Para essa análise, realizamos uma coleta dos dados de EMBORA como conjunção concessiva no português. Buscamos no CdP pelo item EMBORA e selecionamos apenas os casos que nos interessavam: como a palavra EMBORA passou por um provável processo de gramaticalização na língua (cf. FELÍCIO, 2008), foi necessário observar cada caso e considerar apenas aqueles em que o item desempenha o papel de conjunção concessiva. Excluimos, assim, qualquer outra função apresentada por EMBORA ao longo da história da língua. Encontramos, então, ocorrências dessa conjunção concessiva nos séculos XIX e XX. Vejamos:

TABELA 44: PONDERAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE NÃO OBSTANTE F.LEX- E O ITEM EMBORA EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÚMERO DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	NÃO OBSTANTE EM F.LEX-		ITEM EMBORA COMO CONJUNÇÃO CONCESSIVA	
		Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XVII	2.147.240	0	0	0	0
SÉC. XVIII	2.234.951	1	4	0	0
SÉC. XIX	9.659.332	1	1	608	629
SÉC. XX	20.747.712	6	3	4.187	2.018
Total	34.789.235	8	2	4.795	1.378

TABELA 45: NÃO OBSTANTE EM F.LEX- E O ITEM EMBORA. VALOR PONDERADO EM 10.000.000 DE PALAVRAS – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
<i>não obstante</i> f.Lex-	4	1	3	8
item <i>embora</i>	0	629	2.018	2.647
TOTAL	4	630	2.021	2.655

PERÍODO	P-VALOR
Séculos XVIII e XIX	0,00
Séculos XIX e XX	0,95
Séculos XVIII e XX	0,00

Diante do que se observa nas tabelas 44 e 45, podemos dizer que, no século XIX, há um aumento significativo do item EMBORA como locução conjuntiva concessiva, enquanto o NÃO OBSTANTE f.Lex- não apresenta alterações. Na comparação dos séculos XVIII e XIX, observamos que há significância estatística (p-valor menos que 0,05) na nas ocorrências de NÃO OBSTANTE f.Lex- e EMBORA, ou seja, um indício de que havia variação entre essas formas, e que o item EMBORA estivesse ganhado a competição nesse período. Isso explicaria a queda observada na produtividade do NÃO OBSTANTE f.Lex- no século XIX em relação ao embora.

Quando comparamos os séculos XIX e XX, observamos que o p-valor é 0,95, indicando que não há significância estatística na variação entre NÃO OBSTANTE f.Lex- e o item EMBORA nesse período. De acordo com esse dado, é possível dizer que, no século XX, a expressão NÃO OBSTANTE menos lexical e o item EMBORA encontram-se em um processo de competição, e que o EMBORA ainda não pode ser considerado “vencedor”, ou seja, talvez possamos falar de uma variação estável.

Na análise da frequência do NÃO OBSTANTE ao longo da história da língua, observamos que, mesmo diante do surgimento da forma menos lexical do NÃO OBSTANTE no século XVIII, a forma mais lexical manteve-se em ascensão até o século XIX. De forma geral, os casos de NÃO OBSTANTE apresentam uma queda no século XX, e isso não parece acontecer por acaso. Esse fato pode estar relacionado à concorrência do NÃO OBSTANTE com outras expressões de mesmo valor semântico que cresceram no português principalmente nos séculos XIX e XX. Entre essas expressões, podemos citar, exatamente, a conjunção EMBORA e as locuções APESAR DE e NO ENTANTO.

Como vimos, existe variação entre a forma menos lexical do NÃO OBSTANTE e a conjunção EMBORA. Segue, então, a análise do NÃO OBSTANTE em relação às locuções APESAR DE e NO ENTANTO.

Primeiramente, é importante ressaltar que essas expressões (APESAR DE e NO ENTANTO) parecem já ter passado por um processo de gramaticalização no português. A locução prepositiva APESAR DE, como conhecemos hoje, tem origem na expressão formada pelo substantivo *pesar*: *a pesar de*. (cf. NEVES, 2001). E a locução conjuntiva NO ENTANTO forma-se da preposição *em* + indefinido TANTO (do indefinido latino *tantu-*) e, depois, NO ENTANTO. Trata-se de uma expressão, hoje,

com valor adversativo, que também passou por um processo de gramaticalização na língua, segundo Rocha, 2006

Os itens *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto* e *entretanto* foram selecionados para representar as conjunções adversativas porque, como já foi dito anteriormente, são tradicionalmente englobados no mesmo conjunto e também porque têm origens etimológicas semelhantes. (...)

(...) *mas* provém do advérbio latino *magis*; *porém* origina-se da preposição latina *per* + *em*, forma apocopada do advérbio latino *ende*; *contudo* forma-se da preposição *com* (do latim *cum*) + indefinido *tudo* (do latim *totu-*); *todavia* constitui-se de *toda* (do latim *tuta-*) + *via* (do latim *via*); *entretanto* forma-se da preposição *entre* (do latim *inter*) + *tanto* (do latim *tantu-*); *entanto* forma-se da preposição *em* + indefinido *tanto* (do indefinido latino *tantu-*).

(...) tanto quanto *mas* guardou de sua origem etimológica o sentido de comparação, herança do sentido de inclusão, os pronomes indefinidos anafóricos e o núcleo nominal *via* se abstratizaram, perdendo a referência textualmente localizada e assumindo sentidos mais expressivos no texto. Assim, ao longo do tempo, vêm se especializando em contextos contrajuntivos, opacificando seus sentidos originais e passando a ligar-se, para o falante, à própria idéia de contrajunção.

A possibilidade de serem analisados pelo mesmo modelo revela por que algumas gramáticas bem como a intuição do falante os agrupam conjuntamente. Fica assim justificado por que, na tese, não se excluiu o termo gramaticalização para se referir ao assunto em pauta, por mais que alguns princípios gerais da gramaticalização não se apliquem aqui. Os itens *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* cumpriram uma trajetória de mudança semântica semelhante às que se observam no estudo de itens incontestavelmente gramaticalizados. (ROCHA, 2006, p. 24-122)

Consideramos, aqui, a forma APESAR DE, exatamente com essa grafia, e realizamos a pesquisa no CdP a partir da seguinte sintaxe de busca: apesar d*. Assim, encontramos casos dessa locução prepositiva desde o século XIV até o século XX, como mostra o gráfico o seguir:

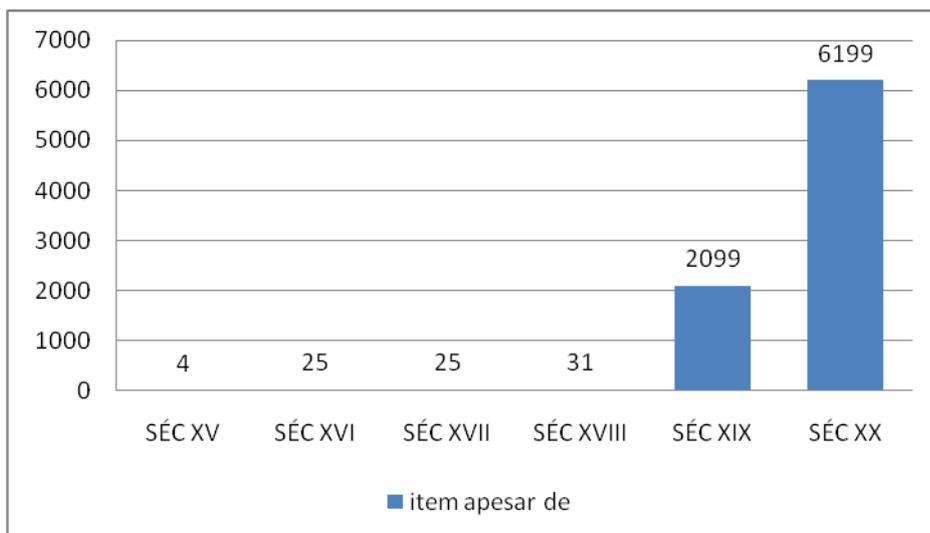


GRÁFICO 9: OCORRÊNCIAS DO ITEM APESAR DE AO LONGO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Ao analisarmos cada caso de APESAR DE ao longo dos séculos, verificamos que em todos os períodos da história da língua a expressão apresentou um valor concessivo, da mesma maneira como a interpretamos na contemporaneidade.

Vejamos, então, a comparação entre o item APESAR DE e a forma NÃO OBSTANTE com sentido concessivo de apesar:

TABELA 46: FREQUÊNCIA PONDERADA DE NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE APESAR DE E DA EXPRESSÃO APESAR DE EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÚMERO DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE APESAR DE		ITEM APESAR DE	
		Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XV	2.875.653	2	7	4	14
SÉC. XVI	4.132.087	10	24	25	61
SÉC. XVII	2.147.240	27	126	25	116
SÉC. XVIII	2.234.951	54	242	31	139
SÉC. XIX	9.659.332	221	229	2.099	2.173
SÉC. XX	20.747.712	172	83	6.199	2.988
Total	41.796.975	486	116	8.356	1.999

TABELA 47: NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE APESAR DE E O ITEM APESAR DE. VALOR PONDERADO EM 10.000.000 DE PALAVRAS. – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
<i>não obstante</i> (apesar de)	242	229	83	554
item <i>apesar de</i>	116	2.173	2.988	5.277
TOTAL	358	2.402	3.071	5.831

PERÍODO	P-VALOR
Séculos XVIII e XIX	0,0000
Séculos XIX e XX	0,0000
Séculos XVIII e XX	0,0000

As ocorrências da expressão NÃO OBSTANTE com o mesmo sentido de apesar de aumentam até o século XIX e caem no século XX. Já a locução APESAR DE apresenta um aumento significativo no século XIX e mantém o aumento em suas ocorrências no século XX. Pelo teste de *qui-quadrado* da tabela 54, verificamos que há relevância significativa nos números de ocorrências das formas em questão entre cada século considerado. Podemos afirmar, portanto, que a locução APESAR DE está ganhando, no século XX, a competição com a expressão NÃO OBSTANTE.

Pesquisamos, ainda, o item NO ENTANTO no CdP e encontramos ocorrências dessa expressão apenas nos séculos XIX e XX, todas com sentido adversativo. Vejamos:

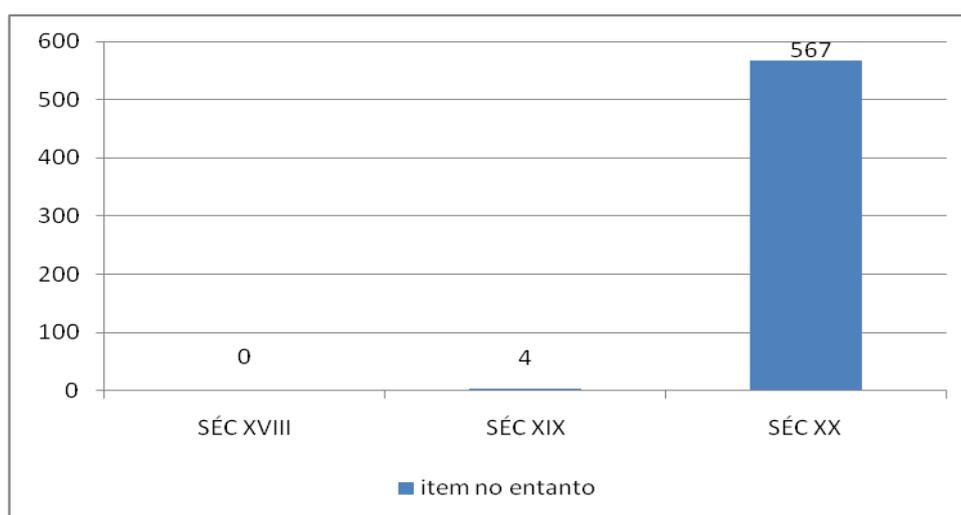


GRÁFICO 10: OCORRÊNCIAS DO ITEM NO ENTANTO AO LONGO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Vejamos, então, a comparação entre o item NO ENTANTO e a forma NÃO OBSTANTE com sentido adversativo no entanto:

TABELA 48: FREQUÊNCIA PONDERADA DE NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE NO ENTANTO E DA EXPRESSÃO NO ENTANTO EM 10.000.000 DE PALAVRAS

PERÍODO	NÚMERO DE PALAVRAS DO CORPUS EM CADA SÉCULO	NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE NO ENTANTO		ITEM NO ENTANTO	
		Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
SÉC. XVII	2.147.240	3	14	0	0
SÉC. XVIII	2.234.951	8	36	4	18
SÉC. XIX	9.659.332	219	227	567	587
SÉC. XX	20.747.712	100	48	4.725	2.277
Total	34.789.235	330	95	5.296	1.522

TABELA 49: NÃO OBSTANTE COM SENTIDO DE NO ENTANTO E O ITEM NO ENTANTO. VALOR PONDERADO EM 10.000.000 DE PALAVRAS. – TESTE QUI-QUADRADO

	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	TOTAL
<i>não obstante (no entanto)</i>	38	227	48	311
<i>item no entanto</i>	18	587	2.277	2.882
TOTAL	54	814	2.325	3.193

PERÍODO	P-VALOR
Séculos XVIII e XIX	0,0000
Séculos XIX e XX	0,0000
Séculos XVIII e XX	0,0000

A respeito da análise do NÃO OBSTANTE com sentido adversativo em comparação com a locução NO ENTANTO, verificamos que há significância na diferença da proporção do número de ocorrências das formas em questão entre todos os séculos. Como o NÃO OBSTANTE apresenta uma queda no século XX, enquanto o NO ENTANTO aumenta o número de ocorrências nesse mesmo período, podemos afirmar que o NÃO OBSTANTE está perdendo a competição nesse caso.

Observamos, portanto, que, na possível variação entre o NÃO OBSTANTE e as locuções APESAR DE e NO ENTANTO, tais locuções estão, atualmente, vencendo a competição, determinando, assim, uma queda na frequência de NÃO OBSTANTE no

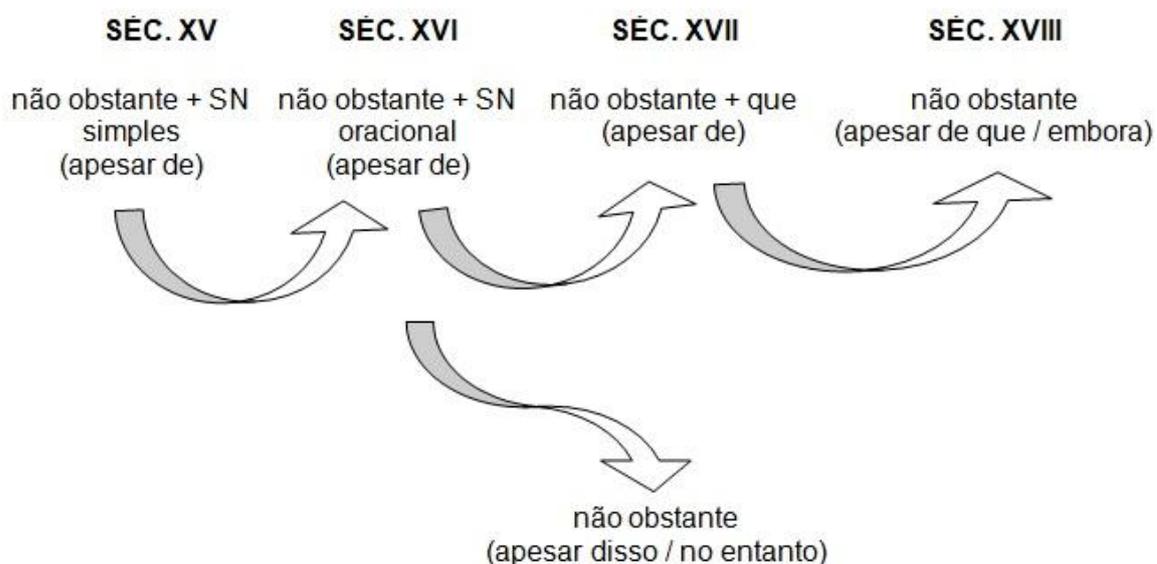
século XX. Quanto à competição com o conetivo EMBORA, vimos que há, ainda, um processo de variação no século XX.

É interessante perceber que a f.Lex- foi a única que não perdeu a concorrência com outro item de mesma função e valor semântico: isso mostra que o NÃO OBSTANTE com sentido de embora é, de fato, mais gramatical e, por isso, mais resistente à variação.

7.4 Considerações finais

Quando um item torna-se mais gramatical, uma das consequências é a alteração em sua distribuição sintática, que passa a ser mais restrita, e essa restrição aumenta à medida que o item torna-se ainda mais gramatical. Outra questão é a alteração no significado: a gramaticalização também traz consequências em relação ao conteúdo do item. Assim, se estamos diante de um processo em que uma forma passa a apresentar alterações no significado (polissemia) e, além disso, adquire certas restrições sintáticas, por que não chamar esse processo de gramaticalização? Mesmo que essa forma mantenha-se dentro da categoria lexical, poderíamos dizer que houve, ao longo de um processo, alterações em direção a sua maior gramaticalidade, determinado, portanto, o surgimento de um item menos lexical.

Determinamos o processo de gramaticalização do NÃO OBSTANTE tendo em vista o fato de que a expressão torna-se menos lexical, ressaltando, principalmente, a questão da limitação sintática. Assim, a trajetória do NÃO OBSTANTE ao longo da história da língua pode ser ilustrada a partir do seguinte esquema:



Poderíamos afirmar que a expressão NÃO OBSTANTE, após o século XVI, trilha caminhos distintos: em um ela adquire um sentido adversativo ao englobar o SN a que se refere (NÃO OBSTANTE = *no entanto* ou *apesar disso*); em outro, num caminho paralelo, da referência à oração com verbo em sua forma infinitiva, o NÃO OBSTANTE aparece imediatamente seguido pelo elemento QUE e passa a iniciar uma oração com verbo ora no modo indicativo ora no modo subjuntivo, mais tarde, ainda nesse caminho, o NÃO OBSTANTE engloba o QUE e passa a selecionar verbos exclusivamente no modo subjuntivo, determinando, assim, uma locução conjuntiva concessiva com maior limitação sintática.

Considerando o *cline* parataxe > hipotaxe > subordinação e as mudanças ocorridas na expressão NÃO OBSTANTE ao longo de diferentes períodos do português, percebemos que o NÃO OBSTANTE aparece em uma estrutura de hipotaxe (apesar de) e, paralelamente, passa a funcionar em uma estrutura de parataxe (no entanto), ou seja, a unidirecionalidade apresentada na literatura de parataxe > hipotaxe não se confirma em nossa análise do NÃO OBSTANTE.

É importante ressaltar que à medida que o NÃO OBSTANTE passa a ser empregado de uma maneira distinta, os contextos sintáticos anteriores não deixaram de existir. De maneira geral, porém, a frequência de ocorrência da expressão caiu no século XX, e esse fato pode estar relacionado a uma possível concorrência do

NÃO OBSTANTE com outras formas de mesmo valor semântico e função: o NÃO OBSTANTE parece ter perdido essa concorrência no século XX em certos casos.

Sobre o NÃO OBSTANTE f.Lex-, verificamos uma queda em sua frequência no século XIX e aumento no século XX, o que vai de encontro ao que Vitral (2006) chama de processo prototípico da gramaticalização, já que não registramos um aumento contínuo da f.Lex- do NÃO OBSTANTE ao longo da história da língua. A variação com o item EMBORA parece ter influenciado a produtividade do NÃO OBSTANTE. Assim, temos um indício de que a gramaticalização de uma forma pode sofrer alguma interferência de um processo de variação, como já apresentado em Vitral, Viegas e Oliveira, 2010.

8 CONCLUSÃO

Realizamos, neste trabalho, uma análise das formações em que o NÃO antepõe-se a um nome no português. Verificamos a trajetória desse tipo de formação em várias etapas da língua, utilizando o banco de dados de Davies e Ferreira (2006-) – *O Corpus do Português*. Realizamos testes e fizemos, ainda, análises de dados contemporâneos oriundos da internet, mais especificamente, da base de dados *Google*.

Na análise histórica, mostramos que as formações do tipo **não + nome** existem, no português, desde o século XIV, mas é no século XX que essas formações mostram-se mais produtivas. Considerando a classe gramatical do nome a que o NÃO antepõe-se, vimos que as estruturas **não + participio** e **não + adjetivo** parecem ser mais antigas que a estrutura **não + substantivo**, e todas aumentam ao longo dos séculos, mas os casos de **não + substantivo** foram os que, proporcionalmente, mais cresceram no século XX.

Vimos que nem toda formação de NÃO anteposto a um nome apresenta a mesma estrutura. As formações **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo** assemelham-se por permitirem que se coloquem os verbos SER/ESTAR entre o NÃO e o nome, como em NÃO ALINHADO, NÃO VERBAL e NÃO SÓCIO, por exemplo, que seriam equivalentes a *que não é/está alinhado*, *que não é verbal* e *que não é sócio*. As formações **não + substantivo**, no entanto, podem apresentar, também, outra estrutura, em que o verbo elíptico seria HAVER, como em NÃO EMISSÃO e NÃO UNIFORMIDADE, que seriam equivalentes a *o fato de não haver emissão* e *o fato de não haver uniformidade*.

Encontramos, no *Corpus do Português*, casos de **não + nome + nem** e de **não + nome + preposição + nenhum/ninguém**, e a classe gramatical do nome nessas estruturas que se mostrou mais frequente foi o participio. As formações em que o NÃO antepõe-se a um participio parecem ser, portanto, as que mais facilmente são interpretadas como estruturas sintáticas, e o NÃO seria, nesses casos, uma negação verbal, e não um prefixo ou membro de um composto morfológico. Quanto aos casos com substantivo, encontramos apenas uma ocorrência de **não +**

substantivo + nem em todo o *corpus* e várias de **não + adjetivo + nem** e **não + participio + nem**. Trata-se de mais um indício de que a estrutura **não + substantivo** é diferente daquelas com participio ou adjetivo.

Quanto ao uso do hífen, vimos que o primeiro registro, no CdP, de uma formação em que o NÃO antepõe-se a um nome no português e é grafado com hífen foi um caso de **não + substantivo** no século XV. A interpretação do uso do hífen nesse século, no entanto, pode não ser exatamente como a interpretação que fazemos hoje. No século XIX, aparecem casos com hífen de **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo**, mas o uso do hífen com substantivos é mais frequente nesse período em relação ao uso sem hífen comparando as diferentes épocas. Já no século XX, registra-se um aumento em relação aos casos com hífen de **não + adjetivo** maior que o aumento verificado em relação aos demais casos nesse mesmo período, não confirmando, portanto, nossa hipótese inicial de que as formações com substantivo apresentariam mais ocorrências com hífen.

Considerando a proposta de Silva e Miotto (2009) para a identificação do prefixo (cf. quadro 1) e, ainda, a questão da concordância negativa envolvendo as formações com o NÃO – que não permitiria a classificação do NÃO como prefixo nem como membro de um composto morfológico, realizamos dois testes com 16 informantes cariocas de diferentes níveis de escolaridade, faixas etárias e gêneros. No primeiro teste, os indivíduos realizaram comandos que envolviam estruturas do tipo **não + nome + preposição + nenhum/ ninguém**, **des-/in- + nome + preposição + nenhum/ninguém** e do tipo **não + nome + nem**. No segundo teste, os indivíduos avaliaram a aceitabilidade de frases envolvendo essas mesmas estruturas.

A partir do resultado de ambos os testes, podemos fazer as seguintes observações:

- A estrutura **não + nome + nem** teve alta porcentagem de aceitação, e uma formação como NÃO SÓCIOS, por exemplo, é interpretada como sendo *os que não são sócios*. Trata-se de um indício da presença do verbo SER entre o NÃO e o nome.

- A concordância negativa envolvendo as estruturas **não + participio** e **não + adjetivo** tiveram maior aceitabilidade do que a concordância negativa envolvendo a estrutura **não + substantivo**. A menor aceitabilidade dos casos de **não + substantivo** pode ser um indício de que esse tipo de formação não é, de fato, o mesmo que **não + adjetivo** e **não + participio**.
- Entre os casos de menor aceitação com concordância negativa estão as estruturas com os prefixos *in-* e *des-*, o que nos indica que as formações prefixais são mais opacas morfologicamente que as formações com o NÃO, como esperado.

Considerando o critério da concordância negativa, analisamos dados de **não + substantivo** extraídos da base de dados *Google*. Nossa hipótese foi a de que outros fatores, além do tipo do verbo elíptico entre o NÃO e nome, estariam relacionados à menor ocorrência de concordância negativa envolvendo as formações com NÃO. Testamos, então, o tipo de nominalização: se sufixal com relação verbo-nome imediata, sufixal com relação verbo-nome não imediata e derivação regressiva.

A análise dos dados contemporâneos extraídos da internet mostrou-nos que, na estrutura **não + substantivo**, a proximidade do substantivo com o verbo que o origina acarreta maior aceitação da concordância negativa. Vimos também que uma estrutura do tipo **não + nome**, e que esse nome constitui uma nominalização formada por derivação regressiva, configura um caso mais opaco do que as estruturas com substantivos formados pelos sufixos. Confirmamos, assim, que nem toda formação **não + nome** são do mesmo tipo: algumas apresentam transparência para descrições e operações sintáticas, outras estruturas são mais opacas. Parece que fatores como a relação verbo-nome, o tipo da nominalização e verbos de mudança de estado interferem na maior opacidade da estrutura. Para esses casos mais opacos, poderíamos falar em morfologização, já que essas formações estariam no componente morfológico e seriam, portanto, objeto da morfologia. O NÃO, nesses casos, teria o estatuto de membro de uma formação morfológica.

Esse processo de morfologização não implica um processo de gramaticalização, já que não podemos afirmar que as formações **não + nome** mais opacas seriam também mais gramaticais, uma vez que o NÃO, ao fazer parte de uma estrutura morfológica, não adquire características mais gramaticais, mas, ao contrário, ganha um caráter mais lexical em relação à negação sintática.

No estudo específico da expressão NÃO OBSTANTE vimos um processo de reanálise relacionado à gramaticalização da construção: a estrutura constituída pelo NÃO seguido do particípio presente do verbo OBSTAR passou por um processo de mudança ao longo da história da língua, assumindo a função de locução conjuntiva concessiva com maior limitação sintática.

Realizamos uma análise do NÃO OBSTANTE em diferentes períodos do português e encontramos dados dessa expressão a partir do século XV. Verificamos que o NÃO OBSTANTE começa a ocorrer com sentido concessivo de apesar de, fazendo referência a um SN e apresentando flexão de número: essa seria a forma mais lexical da expressão. No século XVII, o NÃO OBSTANTE adquire o sentido adversativo de no entanto ou apesar disso ao englobar o SN a que se refere. Nesse mesmo século, paralelamente, a expressão passa a integrar a locução conjuntiva NÃO OBSTANTE QUE e inicia uma oração ora com verbo no modo indicativo ora com verbo no modo subjuntivo. No século XVIII, o NÃO OBSTANTE parece englobar esse QUE, funcionando como locução conjuntiva concessiva com o mesmo valor de EMBORA e iniciando uma oração com verbo flexionado exclusivamente no modo subjuntivo: nesse momento a expressão NÃO OBSTANTE encontra-se em sua forma menos lexical devido à maior limitação sintática.

Assim, ao longo dos diferentes séculos analisados, vimos que a expressão NÃO OBSTANTE aparece em uma estrutura de hipotaxe (NÃO OBSTANTE = *apesar de*) e, paralelamente, passa a funcionar em uma estrutura de parataxe (NÃO OBSTANTE = *no entanto*), ou seja, a unidirecionalidade apresentada na literatura de parataxe > hipotaxe não se confirma em nossa análise do NÃO OBSTANTE.

Essa análise do NÃO OBSTANTE confirmou nossa hipótese de que esse processo de gramaticalização esteja sofrendo interferência de um processo de variação. Verificamos que a forma menos lexical do NÃO OBSTANTE encontra-se em

variação com o item EMBORA, e a competição entre essas formas parece ter influenciado a produtividade do NÃO OBSTANTE.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, M. Estruturas negativas em Anúncios de Jornais do século XIX, In: ALKMIN, Tânia Maria, (org.) *Para a história do português brasileiro*, vol. III: Novos Estudos, Humanitas/Fapesp: São Paulo. 2002, p.177-195.

ALVES, I.M. *Neologismo - Criação lexical*. São Paulo: Ática. 1990

_____, Ieda Maria. Prefixos negativos do português falado. In: ILARI, Rodolfo (org.) 1002. *Gramática do português falado*, vol. II. Campinas: UNICAMP. 1992, p.101-109.

_____. Formações prefixais no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) 1993. *Gramática do português falado*, vol. III. São Paulo: UNICAMP/FAPEESP. 1993, p. 383-398.

ANTONIO, J. D. Expressão da relação retórica de concessão em elocuições formais e entrevistas orais. In: *Revista Estudos da Linguagem*. 19.1. 2011

BASÍLIO, M. Operacionalização do Conceito de Raiz. *Cadernos da PUC*. 1974, 15:89-94p.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática. 1989

_____. Produtividade, Função e Fronteiras Lexicais. *Anais da ANPOLL* 5. 1991, p. 70-3.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2001

BESSA, J. R. F. *Para um Estudo sobre Nomes Compostos no Português Atual*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Dissertação de mestrado inédita. 1978

_____. *A Composição Nominal e a Adjetival: Problemas e Métodos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de doutorado inédita. 1986

BLOOMFIELD, L. A set of postulates of the science of language. In: JOOS, ed. 1957. 1926, p. 26-31.

BRAGA, M.L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. In: *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, nº 9, p. 23-34, 2º sem.2001.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In B. D. Joseph and J. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2001, p. 602-623.

BYBEE & PABLIUCA Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIÁK, Jacek (ed.) *Historical Semantic and Historical Word Formation*. Berlin: de Gruyter. 1985, p. 55-83

CÂMARA JR. *Problemas de lingüística descritiva*. 19 ed., Petrópolis: Vozes. 1971.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão. 1976, p. 211-232

_____. *Dicionário de Lingüística e gramática referente à língua portuguesa*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes Ltda. 1977.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 15 ed. S. Paulo: Vozes. 1991

CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1998.

CAMPOS, L.S. *A gramaticalização do “não” como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Salvador: UFBA, Dissertação de Mestrado em Letras e Lingüística. 2002

CANTARINO. *Gramática On-line*. Disponível em www.gramaticaonline.com.br - acesso em 14/06/2009.

CASTILHO, A. T de. Análise multissistêmica das minissentenças. In: RIBEIRO, S. S. C, COSTA, S. B. B. & CARDOSO, S. A. M. (orgs.) *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFABA, 2009.

COELHO. S.M. *Estudo Diacrônico do Processo de Expansão Gramatical e Leixcal dos Itens Ter, Haver, Ser, Estar e Ir na Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2006

COHEN, M. A. A. de M. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e a reanálise de mente. In: VITRAL & COELHO (orgs.) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas-SP: Mercado das Letras. 2010, p. 57-74

COUTINHO. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico S/A. 1976

CUNHA. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Lexikon. 1982.

CUNHA C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

DAVIES, M. & FERREIRA, M. J. *O corpus do Português* [online] Disponível na internet via URL: <http://www.corpusdoportugues.org>. (2006-)

ECKARDT, R. *Meaning chane in grammaticalization: na enquiry into semantic reanalysis*. United States: Oxford University Press, 2006.

DUARTE, P.M.T. O não formador de palavras em português? In: *Revista GELNE*, Ano 1, nº 2, 1999, p. 67-70

_____. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 15, nº 2, 1999b, p. 343-345.

FELICIO, C.P. *A gramaticalização da conjunção concessiva embora*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto:UNESP. 2008

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

FLETCHER, W. H. Concordancing the Web: problems and problems, tools and techniques. In: HUNDT, MARIANNE, NADJA, NESSELHAUF & BIEWER, C. (eds.) *Corpus Linguistics and the Web*. Amsterdam: Rodopi. 2005
<http://kwicfinder.com/FletcherConcordancingWeb2005.pdf>

GONÇALVES, S. et. al. (orgs.) *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

GOOGLE. Site de busca. Disponível em www.google.com.br. Acesso em setembro de 2011.

HEINE et. al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (ed). *Approches to Grammaticalization I*. Amsterdã: John Benjamins. 1991, p. 17-35

HOPPER, P. & E. TRAUGOTT. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

HOUAISS, Antônio, Mauro, Villar. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001

JOSEPH, B.D. Morphologization from syntax. In: *Handbook of Historical Linguistic* (ed. by B. Joseph & R. Janda), Blackwell Publishers. 2001

KIPARSKY, P. Word-formation and the lexicon. In: F. Ingerman (ed.) *Proceedings of the Mid America Linguistics Conference*. University of Kansas. 1983.

_____. Lexical Morphology and Phonology. In: I.-S. Yang (ed.) *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin. Seoul. 1982, p. 3-91

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. (trad.) BAGNO, M.; SCHERRE, M.M.P. & CARDOSO, C.R. São Paulo: Parábola Editorial. 2001.

LASS, R. *Historical linguistics and language change*. Cambridge University Press. 1997.

LEE, S.-H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP. 1995.

LEHMANN, C. Thought on Grammaticalization. A Programmatic Sketch. Unpublished MS. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982.

LEMLE, M. & PERDENEIRA, I.L. Como criamos novas palavras: considerações sobre dois processos de reanálise. *Revel*, vol. 7, nº 12, 2009.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. In: *Veredas: revista Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora, vol. 2: nº 3, p. 37 a 56. 2004

MATEUS, P. A origem do uso do hífen na ortografia. *Ciberdúvidas da Língua portuguesa*. 2011. Acesso em outubro de 2011. Disponível em <http://www.ciberduvida.pt/pergunta.php?id=29287>

MATTHEWS, P. H. *Morphology*. 2nd. Ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

MIOTO; SILVA & LOPES *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular. 2000.

MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003, p. 9-14

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 2^a ed. Fortaleza: EDUFC. 1987, p. 127-8

MORENO, C. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS. 1997.

NAMIUTI, C. *Haverá gramaticalização da palavra “não” no português brasileiro?* Resumo publicado no Caderno de Resumos do Workshop Internacional sobre gramaticalização. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte. 2010.

NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

_____. A gramaticalização e a organização dos enunciados. In: *SCRIPTA*. Belo Horizonte. v. 5. n.9. p.13-22, 2001.

NICOLAU, E & LEE, S. H. O estatuto da morfologia nos estudos gramaticais In: *Organon: estudos de fonologia e morfologia*, vol. 18, no. 36. Porto Alegre: UFRGS. 2004.

OLIVEIRA, J.O.N. *As formas em -nte no Português contemporâneo*. 2003.

PAIVA, M.C. Gramaticalização de conectores no Português do Brasil. In: *SCRIPTA*. Belo Horizonte. v. 5. n. 9. p. 35-46. 2001.

PANTE, M. R. *O aspecto semântico na formação de palavras: divergências entre o ensino e a realidade no português*. Revista Philologus, Rio de Janeiro, v. 9, n. 27, p. 96-10. 2003.

PANTE, M. R. & MENEZES, A. C. O prefixo “não-“: polissemia e produtividade no processo de formação de palavras. In: *Acta Scientiarum: human and social sciences*, Maringá, v. 25, n. 1 p 51-57. 2003.

PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será “não-composto” um composto ou um derivado?* Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de mestrado em Linguística. 2006

PEREIRA, P. A. & VIEGAS, M. do C. A expressão não obstante: gramaticalização no português. In: *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2011.

_____. Análise do *não* em formações nominais do português. In: *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2011.

PEREIRA, M.H.; BRAGA, M.L. & PAIVA, M.C. Gramaticalização das construções (PREP1)+(DET)+N+(PREP2)+QUE. In: VITRAL, L. & COELHO, S. (orgs). *Estudos de processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas-SP: Mercado das Letras. 2010, p. 173-200

PERINI, M.A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial. 2010.

RAMOS, J. *A alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística*. Ms., UFMG. 2996.

_____. A alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, M.A.A.M.& RAMOS, J.M. *Dialeto Mineiro e outras falas – estudo de variação e mudança lingüística*. BH: Editora da UFMG. 2002, p. 155-167

ROCHA, A.P. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RJ. 2006.

SAID ALI. *Gramática história da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 2001.

SANDMANN, A. J. *A Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone Editora. 1989.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no Português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC. 2000.

_____. Produtividade, transparência e estatuto prosódico de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro e espanhol peninsular. In: *Organon: estudos de fonologia e morfologia*, vol. 18, no. 36. Porto Alegre: UFRGS. 2004.

SILVA, F.C.P. *O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG. 2008.

SILVA, M. C. F & MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, vol. 7, n. 12. [www.revel.inf.br]. 2009.

SOUSA, L. *Formas reduzidas na negação do português brasileiro*. Dissertação de mestrado, UFMG. 2007.

SOUSA, L. & VITRAL, L. Formas reduzidas do item “não” no Português brasileiro. In: VITRAL, L. & COELHO, S. (orgs). *Estudos de processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas-SP: Mercado das Letras. 2010. p. 229-254

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática. 1990.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

VIEGAS, M. do C. (org.) *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2011.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas – unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.

_____. Palavras complexas complicadas. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

_____. A categoria “particípio” e questões adjacentes. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional da Abralín, realizado em João Pessoa, Brasil. 2009.

VITRAL, L. A Negação: teoria da checagem e mudança lingüística, D.E.L.T.A.,15,1. 1999.

_____ Negação: teoria da checagem e mudança lingüística. In: _____ & RAMOS (2006). *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/FALE-UFMG. 2006.

_____ O Papel da Frequência na Identificação de Processos de Gramaticalização. SCRIPTA 9,18 2006b.

_____ Inovação versus mudança: a interseção Gramaticalização e Teoria da Variação e Mudança. In: Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. p. 68-69.

VITRAL, L. & RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG. 2006.

_____ Réplica a Petersen (2008). A Tripartição pronominal e o estatuto das proformas Cê, Ocê e Você. Delta 24.2: 283-308, 2008. São Paulo: PUC-SP. 2010.

VITRAL, L. & COELHO, S. (orgs) *Estudos de processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas-SP:Mercado das Letras. 2010.

VITRAL, L.; VIEGAS,M.C. & OLIVEIRA, A.J. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, L. e COELHO, S. (orgs). *Estudos de processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas-SP:Mercado das Letras. 2010, p. 201-228

WEINHEICH, U.; LABOV, W.; & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (trad.) BAGNO, M. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

ANEXOS⁴²

ANEXO I	Questionário apresentado aos informantes para aplicação dos testes	272
ANEXO II	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	273
ANEXO III	Frases e atividades aplicadas pelo computador no teste de avaliação e interpretação de frases	277
ANEXO IV	Dados de formações em NÃO: século XIV	
ANEXO V	Dados de formações em NÃO: século XV	
ANEXO VI	Dados de formações em NÃO: século XVI	
ANEXO VII	Dados de formações em NÃO: século XVII	
ANEXO VIII	Dados de formações em NÃO: século XVIII	
ANEXO IX	Dados de formações em NÃO: século XIX	
ANEXO X	Dados de formações em NÃO: século XIX	
ANEXO XI	Dados de NÃO OBSTANTE: séculos XV ao XX	
ANEXO XII	Dados de EMBORA: séculos XIX e XX	
ANEXO XIII	Dados de APESAR DE: séculos XV ao XX	
ANEXO XIV	Dados de NO ENTANTO: séculos XVIII ao XX	
ANEXO XV	Dados de não + substantivo extraídos da base de dados <i>Google</i>	

⁴² Os anexos IV a XV encontram-se gravados em um CD que acompanha a tese.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Nome completo: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Escolaridade:

Ensino Superior Completo

Ensino Médio Completo

Endereço:

Sempre morou nesta cidade?

Sim

Não

Se não, onde mais? Durante quanto tempo?

De onde são seus pais?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa com o objetivo de verificar a aceitabilidade de formações do elemento não diante de nomes no Português do Brasil. Você foi selecionado porque se encaixa nos critérios exigidos para esta pesquisa: ser pessoa moradora do Rio de Janeiro, ter a escolaridade exigida (Ensino Médio Completo ou Ensino Superior Completo) e pertencer à faixa etária de 20 a 35 anos ou de 50 a 65 anos. Sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em realizar um teste de aceitabilidade envolvendo o elemento não diante de nomes. O teste será aplicado em dois dias, e serão utilizados os seguintes recursos: uma câmera filmadora para registro de imagens e sons do momento da aplicação de uma parte do teste e um programa de computador para a aplicação da outra parte. Todo o material necessário será disponibilizado pelo pesquisador.

3) Riscos e Desconfortos

Consideramos que a metodologia utilizada para coleta de dados não oferece riscos ou desconfortos.

4) Benefícios

Consideramos que essa pesquisa não trará benefícios diretos para você.

5) Custos e Reembolso

Você não terá gasto com a sua participação no estudo e também não receberá qualquer pagamento.

6) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de benefícios ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar o pesquisador e/ou a pessoa de sua equipe que esteja atendendo-o.

8) Informações

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone (31) 3499-4592, por e-mail coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço:

Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005, 2º andar.
Pampulha. CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço ou telefone:

Nome do pesquisador: Pâmella Alves Pereira

Endereço: Praia do Flamengo, 64/407. Flamengo. Rio de Janeiro, RJ. CEP – 22210-030

Telefone: (21) 2225-3405 – (21) 8285-3995

E-mail: pamellaalavespereira@gmail.com

9) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento.

Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, se for de minha vontade, além de quaisquer esclarecimentos adicionais que eu necessite.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

ANEXO III

1ª frase: *A empresa Matec abriu inscrição somente para estágio não remunerado.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Tiago conseguiu um estágio na empresa Matec. Esse estágio será remunerado?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o tipo de estágio.*
- A informação sobre a abertura de inscrição somente para esse tipo de estágio.*
- Não sei dizer. / Outro.*

2ª frase: *Os rapazes não envolvidos em nenhum assalto devem assinar o papel verde.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *João se envolveu em um assalto. Ele deve assinar o papel verde?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre os rapazes que devem assinar um papel.*
- A informação sobre a assinatura em um papel de cor verde.*
- Não sei dizer. / Outro.*

3ª frase: *A personagem não fiel a ninguém será representada pela atriz Elisa Alencar.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *A personagem representada pela atriz Elisa Alencar trai?*

- Sim.*
- Não.*

Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a fidelidade ou não da personagem.
- A informação sobre esse tipo de personagem ser representado pela atriz Elisa Alencar.
- Não sei dizer. / Outro.

4ª frase: *O não pagamento de nenhuma mensalidade está registrado no computador.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Eu não paguei as mensalidades. Isso está registrado no computador?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o que está registrado no computador.
- A informação sobre o registro estar em um computador.
- Não sei dizer. / Outro.

5ª frase: *Robson foi o primeiro atleta não americano nem europeu a ganhar uma medalha de ouro olímpica.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Robson era um atleta europeu?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a nacionalidade do atleta.
- A informação sobre um atleta que não é americano nem europeu ganhar uma medalha de ouro olímpica.
- Não sei dizer. / Outro.

6ª frase: *O candidato não preparado para nenhuma prova do concurso assistiu à aula do professor Marcos.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Carlos não é um candidato preparado para a prova. Ele assistiu à aula do professor Marcos?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o preparo ou não dos candidatos.*
- A informação sobre o tipo de prova.*
- Não sei dizer. / Outro.*

7ª frase: *A não existência de nenhuma vaga no estacionamento pode ser vista naquela foto.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Maria viu aquela foto. Ela conseguiu encontrar alguma vaga no estacionamento?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a existência ou não de vaga no estacionamento.*
- A informação sobre a possibilidade de se ver algo naquela foto.*
- Não sei dizer. / Outro.*

8ª frase: *A desobediência a nenhuma regra de trânsito é normal na vida de Felipe.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *É normal Felipe obedecer às regras de trânsito?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a obediência ou não às regras de trânsito.*
- A informação sobre algo que não pode ser normal na vida de alguém.*
- Não sei dizer. / Outro.*

9ª frase: *Quem não torce por nenhum dos times deve ficar na fila da esquerda.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Paulo torce por um dos times. Ele deve ficar na fila da esquerda?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre quem deve ficar na fila da esquerda.*
- A informação sobre o fato de alguém ter que ficar em uma fila no lado esquerdo.*
- Não sei dizer. / Outro.*

10ª frase: *Aqueles não contrários a nenhuma norma estabelecida pelo concurso devem levantar a mão.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Fernando é contra as normas estabelecidas pelo concurso. Ele deve levantar a mão?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre quem deve levantar a mão.*
- A informação sobre quem estabeleceu as normas.*
- Não sei dizer. / Outro.*

11ª frase: *Os candidatos não praticantes de nenhum esporte precisam preencher o formulário verde.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Guilherme é um candidato que pratica esportes. Ele deve preencher o formulário verde?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre quem deve preencher o formulário.*
- A informação sobre o preenchimento de um formulário de cor verde.*
- Não sei dizer. / Outro.*

12ª frase: *Apenas a linguagem não verbal pode ser usada naquela tarefa.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Se Fabiana usou a linguagem verbal, ela realizou a tarefa corretamente?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o tipo de linguagem que pode ser usado na tarefa.*
- A informação sobre a impossibilidade de se usar outro tipo de linguagem.*
- Não sei dizer. / Outro.*

13ª frase: *Trabalhos não estáveis nem prazerosos foram encontrados em São Paulo.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Os trabalhos encontrados em São Paulo são prazerosos?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o que foi encontrado em São Paulo.
- A informação sobre o fato de ter sido encontrado algum trabalho em São Paulo.
- Não sei dizer. / Outro.

14ª frase: *A inexistência de nenhuma vaga no estacionamento pode ser vista naquela imagem.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *José viu aquela imagem. Ele conseguiu encontrar alguma vaga no estacionamento?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a existência ou não de vaga no estacionamento.
- A informação sobre a possibilidade de se ver algo naquela imagem.
- Não sei dizer. / Outro.

15ª frase: *A pessoa não filiada a nenhum partido político deve preencher a ficha azul.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Roberto não é filiado a um partido político. Ele deve preencher a ficha azul?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre quem deve preencher a ficha.
- A informação sobre o preenchimento de uma ficha de cor azul.
- Não sei dizer. / Outro.

16ª frase: *A não obediência a nenhuma regra de trânsito é normal na vida de Marcelo.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *É normal Marcelo obedecer às regras de trânsito?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a obediência ou não às regras de trânsito.
- A informação sobre algo que não pode ser normal na vida de alguém.
- Não sei dizer. / Outro.

17ª frase: *A pessoa despreparada para nenhuma prova do concurso assistiu à aula do professor Fábio.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Renata não está preparada para a prova do concurso. Ela assistiu à aula do professor Fábio?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre o preparo ou não das pessoas.
- A informação sobre o tipo de prova.
- Não sei dizer. / Outro.

18ª frase: *A não emissão de poluentes é uma característica do carro 100% elétrico.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *O carro de Juliana é 100% elétrico. Ele emite poluentes?*

- Sim.
- Não.
- Não sei dizer.

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a característica do carro 100% elétrico.*
- A informação sobre a existência de um carro 100% elétrico.*
- Não sei dizer. / Outro*

19ª frase: *Os não sócios de nenhum clube devem preencher o formulário laranja.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *Márcio é sócio de um clube. Ele deve preencher o formulário laranja?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre quem deve preencher o formulário.*
- A informação sobre o preenchimento de um formulário de cor laranja.*
- Não sei dizer. / Outro.*

20ª frase: *A personagem infiel a ninguém será representada pela atriz Débora Dias.*

Atividade para quando a frase for aceitável: *A personagem representada pela atriz Débora Dias trai?*

- Sim.*
- Não.*
- Não sei dizer.*

Atividade para quando a frase não for aceitável: *O que torna essa frase estranha?*

- A informação sobre a fidelidade ou não da personagem.*
- A informação sobre esse tipo de personagem ser representado pela atriz Débora Dias.*
- Não sei dizer. / Outro.*